UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO



LEONARDO FELTRIN FOLETTO

UM MOSAICO DE PARCIALIDADES NA NUVEM COLETIVA: RASTREANDO A MÍDIA NINJA (2013 - 2016)

PORTO ALEGRE
2017

LEONARDO FELTRIN FOLETTO

UM MOSAICO DE PARCIALIDADES NA NUVEM COLETIVA: RASTREANDO A MÍDIA NINJA (2013 - 2016)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof. Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

PORTO ALEGRE
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Foletto, Leonardo Feltrin
Um Mosaico de Parcialidades na Nuvem Coletiva: Rastreando a Mídia Ninja (2013 - 2016) / Leonardo Feltrin Foletto. -- 2017.
224 f.

Orientadora: Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Tecnologia. 4. Ativismo. 5. Brasil. I. Fonseca, Virgínia Pradelina da Silveira, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LEONARDO FELTRIN FOLETTO

Um mosaico de parcialidades na nuvem coletiva: rastreando a Mídia Ninja (2013 - 2016)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Informação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca - UFRGS

(Orientadora)

Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo - UFRGS

Profª Dr. Suely Daldalti Fragoso - UFRGS

Prof. Dr. Ronaldo César Henn - Unisinos

Prof. Dr. Fábio Malini - UFES

Prof. Dr. Marcelo Ruschel Träsel - UFRGS

(suplente)

AGRADECIMENTOS

Uma tese é um processo longo de pesquisa, transformações, vidas, aberturas, fechamentos, alargamentos, estreitamentos, mais aberturas e cada vez mais fechamentos até chegar a este arquivo que, por fim, é defendido perante uma banca. Muitas pessoas passam nesse processo, e agradecer a todos aqui seria, no perdão do clichê, impossível: sempre faltará alguém ou algo que transformou o caminho com uma fala, um olhar, uma leitura, uma presença, que poderia ser lembrado como fundamental para o trabalho finalizado. Mas eis alguns desses que lembro de agradecer, em fevereiro de 2017:

À UFRGS, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação e à CAPES, por fornecer as bases - materiais, intelectuais e financeiras - para a realização do doutorado com dedicação exclusiva, um privilégio raro em tempos de assalto do patrimônio público por uma parcela significativa da política institucional brasileira.

À minha orientadora Virgínia Fonseca, por acolher uma proposta de investigação fora de sua área habitual, por me dar autonomia para seguir e testar os limites dessa proposta, pela atenção e empenho no período final de produção da tese e, sobretudo, pelo cuidado durante o processo de orientação, ajudando a deixar mais leve esses últimos anos.

Aos colegas e amig@s feitos ou fortalecidos no PPGCOM, Jamer Guterres, Márcia Veiga, Gisele Dotto Reginatto, Laura Wottrich, Silvana Dalmaso, Alciane Baccin, Cadré Dominguez, Luciano Alfonso e Juliana Loureiro. Em especial, à Willian Araújo, parceiro constante de dúvidas, reflexões e argumentações acadêmicas desde 2013, entre os co-autores mais frequentes desta tese. Aos alun@s e orientand@s da UFRGS, PUCRS, UnoChapecó, Unisinos, por me fazerem aprender na docência e orientação.

A amig@s e colegas de outras universidades, como Moreno Osório, Lívia Vieira e Maria Elisa Máximo pelas conversas ator-rede, antropologia e jornalismo; Xenya Bucchioni pelas dúvidas existenciais e reflexões sobre jornalismo alternativo; Caru Schwingel pela parceria intelectual e de muitas ideias sobre jornalismo e midiativismo; Elias Machado, pelas indicações de leituras e pelos comentários (discordantes ou não) ao meu trabalho; Ben-Hur Demeneck, companheiro de trajetória acadêmica desde os tempos de UFSC. Aos ninjas que

me receberam em suas casas coletivas, no Rio de Janeiro e em São Paulo, pela confiança e pelo trabalho transformador e necessário que desempenham.

Aos professores da UFRGS Suely Fragoso e Alex Primo por suas aulas, potencializadoras de discussões que de alguma forma estão presentes nesta tese. Jean Segata e Theophilos Rifiotis pelos apontamentos no XI Reunião de Antropologia do Mercosul, uma quase-banca de qualificação. Fabíola Rohden e @s alun@s da disciplina de "Antropologia da Ciência" pela convivência e debates em 2016/1, transformadores de minha visão sobre antropologia, objetos, conhecimento, objetividade, metodologia, ciência.

Aos amig@s-parceir@s André Villagran, Leonardo Roat (xará), Thiago Buzatto, Augusto Paim, Douglas Freitas, Lívia Ascava, Calixto Bento, Leonardo Palma; Luciana Trëulieb, Ana Cássia Pandolfo Flores, Sérgio Alberto Righi, Michael Zeppenfeld e amigues da turma de Comunicação da UFSM 2007; André Deak, Rodrigo Savazoni e a CCD SP; Janaína Spode, Carolina Dalla Chiesa e a CCD POA; Pedro Belasco, Pedro Markun, Guilherme Flynn e o Ônibus Hacker; Lucas Pretti, Francele Cocco, Ana Maria Chaer, Evelyn Gomes e o BaixoCentro; Mariel Zasso, Gabriel Galli, Nanda Barreto e o FISL/Conexões Globais; Mariana Fossati, Jorge Gemeto, Santiago García Gago e as redes de cultura livre desde o Sul. Aos Matehackers, pelo companheirismo de muitas trocas livres de conhecimento e pelas ajudas em algumas questões "técnicas" de transmissão ao vivo. À Biblioteca da PUCRS pelo ambiente de Porto Alegre mais propício ao trabalho focado, e a FM Cultura pela trilha sonora desse período, em especial os "Cantos do Sul da Terra" e o "Sessão Jazz". À Giuliana Matiuzzi, pela revisão amiga e atenta do texto. À minha família, pai, mãe e irmão (s), pelo apoio desde sempre a uma vida algo incerta. À Ada e seu amor canino, aos pés (ou no colo) em uns 30% das linhas escritas desta tese. Por fim, à Sheila, companheira de vida, conspirações e enfrentamentos cotidianos do *status quo*, pela paciência nesse longo período de pesquisa, pelo carinho e amor de todo dia.

"De vez em quando vocês não escutam uns barulhos estranhos,
powtractritiprapowpatrum, por aí?
Sabe o que são estes barulhos? Os paradigmas velhos caindo.
Sabe por que caem os paradigmas? Pra gente levantar os novos."

Hélio Leites, Artesão Universitário (no documentário "Tarja Branca", Maria Farinha Produtora, 2013)

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo sobre o processo de produção da Mídia Ninja tendo por guia teórico-metodológico a Teoria Ator-Rede (TAR). A investigação procurou compreender as redes de mediação e o papel dos objetos técnicos na ação do coletivo, bem como relacionar o tipo de trabalho realizado pela Mídia Ninja com os estudos de comunicação e jornalismo. O método de pesquisa utilizado foi inspirado na etnografia, aplicando a técnica da observação participante em dois momentos distintos (maio e junho de 2015, fevereiro de 2016), aliado à documentação em texto, vídeos, fotos e entrevistas de momentos significativos do coletivo em 2013. Em sua primeira parte, a tese apresenta algumas das principais noções da TAR, como a relação de simetria entre sujeitos e objetos, e as aproxima com a mídia e jornalismo. Na sequência, foi descrito o início da Mídia Ninja como coletivo de mídia estabelecido a partir do Fora do Eixo, uma rede de produção cultural com diversos pontos espalhados pelo país, e tornado mundialmente conhecido a partir da cobertura das manifestações de junho de 2013 no Brasil. Na segunda parte, a análise rastreou três momentos entre junho e julho de 2013 para acompanhar o processo de início do uso de um *software* de transmissão ao vivo, o *TwitCasting,* e perceber quais foram os deslocamentos produzidos na produção de narrativas ao vivo no coletivo. Depois, a descrição focou nos fluxos de produção da redação Ninja, realçando os espaços, os modos de convivência e a organização ao mesmo tempo fixa e volátil de seus participantes. Por fim, foi possível perceber alguns objetos técnicos como mediadores determinantes no processo de produção de informação da Mídia Ninja, e a dificuldade de definir previamente o "mosaico de parcialidades" da ação Ninja enquanto jornalismo ou ativismo, já que tudo é *performado* de acordo com a situação envolvida e o movimento realizado pelos atores.

Palavras-chave: Comunicação; tecnologia; jornalismo; Teoria Ator-Rede; Mídia Ninja.

ABSTRACT

This thesis presents a study about the production process of the *Mídia Ninja* having Actor-Network Theory (ANT) as a theoretical-methodological guide. The investigation sought to understand mediation networks and the role of technical objects in the collective action, as well as to relate the kind of work done by the *Mídia Ninja* with the studies of communication and journalism. The research method used was inspired by ethnography, applying the technique of participant observation in two different moments (May and June 2015, February 2016), allied with documentation in text, videos, photos and interviews of significant moments of the collective in 2013. In first part, the thesis presents some of the main notions of ANT, such as the relation of symmetry between subjects and objects, and approaches them with media and journalism. In the sequence, the beginning of the *Mídia Ninja* was described as a media collective established from Fora do Eixo, a cultural production network with several points spread throughout the country, and made known worldwide from the coverage of the manifestations of June 2013 in Brazil. In the second part, the analysis tracked three moments between June and July 2013 to follow the process of beginning to use a live streaming software, TwitCasting, and to perceive the displacements produced in the production of live narratives into the collective. Then, the description focused on the production flows of the Ninja newsroom highlighting the spaces, the ways of living together, and the organization that is both fixed and volatile of its participants. Finally, it was possible to perceive some technical objects as determining mediators in the production process of the Mídia Ninja information, and the difficulty to define previously the "mosaic of partialities" of the Ninja action as journalism or activism, since everything is *performed* according to the situation involved and the movement carried out by the actors.

Keywords: Media Studies; technology; journalism; Actor-Network Theory; *Mídia Ninja*.

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

1. PROCURANDO UMA ENTRADA

Segunda-feira, 22 de julho de 2013, Rio de Janeiro.

O recém-empossado Papa Francisco chega ao Brasil para participar das atividades da Jornada Mundial da Juventude, que começam no dia seguinte, na capital fluminense. O líder da Igreja Católica desembarcou no aeroporto Galeão por volta das 17h e é esperado para uma cerimônia de boas vindas no Palácio Guanabara, no bairro de Laranjeiras, zona sul da cidade, no fim da tarde. As emissoras de televisão, em especial a Rede Globo e seu canal de notícias na TV paga, Globonews, estão preparados para entrar ao vivo a qualquer momento durante o trajeto do pontífice pela cidade. Enquanto isso, um coletivo de mídia que se tornou conhecido no mês anterior - junho de 2013 - prepara a sua cobertura do acontecimento, chamada #Missãofrancisco. Às 15h40 o vídeo começa, na conta Mídia Ninja da plataforma *TwitCasting*[1]. São mostradas imagens de uma rua com policiais em frente a um prédio de moradia enquanto uma voz em *off*, masculina, fala.

> *Estamos aqui, direto das Laranjeiras, em frente ao Palácio da Guanabara. Vamos iniciar a transmissão, nosso link tá valendo, já temos 20 pessoas aqui entrando. Hoje é um dia especial, um dia de chegada do Papa Francisco aqui ao Brasil. Dentro de algumas horas, ele vai chegar aqui no Palácio Guanabara, e a gente veio aqui mostrar quem veio aqui, quem chegou antes do papa, um alto contingente de oficiais que estão aqui na rua do Palácio Guanabara. A gente vem aí numa cobertura especial da Mídia Ninja aqui pra vinda do líder da Igreja Católica, do líder do Estado do Vaticano que chega aqui no Brasil por volta das quatro horas da tarde. Ele vai dar uma volta pelas ruas do centro do Rio de Janeiro num carro aberto, ele que não quis usar o papa móvel, e depois vem aqui, pro Palácio Guanabara. (MÍDIA NINJA, 2013g, online)*

É o primeiro vídeo de uma cobertura especial anunciada no dia anterior no perfil da Mídia Ninja no site de rede social Facebook:

---

1 *TwitCasting* é uma aplicação que possibilita a transmissão ao vivo (*streaming*) pela internet. Para o seu funcionamento, é necessário baixar o programa para algum sistema operacional de *smartphone* (*Android* e *iOS* são os que disponibilizam em sua loja de aplicativos), conectar-se a uma conta no Twitter (ou Facebook) e ligar a função "gravação" no *smartphone*; será publicado um *post* na rede social conectada com o link da transmissão, que será ajustada de acordo com a qualidade da rede utilizada. Há um espaço para comentários e capacidade de até cinco transmissões simultâneas na mesma tela. Em janeiro de 2015, possuía de 10 milhões de usuários (Fonte: http://about.moi.st/en/2015/04/09/servico-de-transmissao-de-videos-ao-vivo-atraves-de-smartphones-twitcasting-atinge-10-milhoes-de-usuarios/ Acesso em: 15. mar. 2016)

> *O Papa é BOPE. Estamos montando a equipe e o esquema de cobertura para a visita do Papa ao Brasil. Os protestos, os peregrinos, a disputa midiática e política entre evangélicos e católicos. O colossal desfile de fé, de contradições, vista grossa e hipocrisia. Aqui, pedimos ajuda a todos que queiram contribuir. Mandem suas ideias de pautas, textos, ângulos, informações, opiniões, imagens e dicas que possam nos ajudar a fazer uma cobertura ampla e distante da subserviência narrativa da imprensa e do Estado que, nesse ponto, são tudo menos laicos. Amén? (MÍDIA NINJA, 2013f, online)*

A gravação dura 1min51s e é registrada de um celular *iPhone 4*. A segunda, de 1h1min27s[2], acompanha a movimentação da rua Pinheiro Machado, em frente ao Palácio Guanabara, e conversa com quem está em frente ao prédio, guardado por grades e por integrantes da polícia militar carioca. Podemos notar no vídeo pessoas à espera do Papa, brasileiros e estrangeiros, alguns com roupas e assessórios que remetem à Jornada Mundial da Juventude, moradores locais curiosos com a movimentação e outros, ainda, são personagens popularizados nas manifestações de junho de 2013, como o Batman Pobre, que aparece no quarto vídeo, iniciado às 16h53, e que protagoniza uma situação curiosa: uma senhora de cabelos brancos dá uma bala para que ele ofereça como propina para um manifestante baixar um cartaz. Enquanto a câmera do celular acompanha sem edição o que acontece, duas vozes de pessoas que não aparecem se alternam na conversa com as pessoas à espera do Papa e na divulgação de informações sobre a situação. "O Papa vai atrasar porque está engarrafado no trânsito do centro da cidade", informam em um momento do vídeo.

Como a conexão à internet 3G deixa de funcionar em alguns momentos, são produzidos vários vídeos da transmissão. O quinto inicia às 17h06 e dura duas horas e 41 minutos; continuam as conversas, agora mais pessoas se encontram em frente ao Palácio, o qual se vê todo iluminado e destacado na noite que se inicia. Às 19h47, a ação policial começa a ser mais efetiva. Não é possível ver ao certo por qual motivo, mas pessoas começam a caminhar apressadas e correr pela rua, fugindo de alguma coisa.

O sétimo e último vídeo tem início às 19h57[3] com a câmera do celular acompanhando, a uma distância de alguns metros, integrantes da polícia militar do Rio de Janeiro a caminhar

2 Disponível em: http://twitcasting.tv/midianinja/movie/15934970 Acesso em: 13 mar. 2016
3 Disponível em: http://twitcasting.tv/midianinja/movie/15937654 Acesso em: 13 mar. 2016

por uma rua do bairro do Largo do Machado, à noite. Organizados em filas de até seis integrantes, vestem roupas cinza escuro, capacetes pretos com máscaras de gás e viseira transparente; quando param, seguram com as duas mãos escudos pretos que, apoiados no chão, vão até as suas cinturas. A câmera anda ao lado e mostra os policiais alternarem os movimentos de caminhar, marchar e correr pelo asfalto, enquanto carros e ônibus passam entre a pessoa que segura o celular e faz a transmissão (chamada aqui, a partir de agora, de ninja) e os policiais. A mesma voz do ninja narra:

> *A gente está na Missão Francisco acompanhando a ação truculenta do Bope, já bateram no meu celular aqui, tentaram quebrar nosso único armamento que é a câmera, e que mostra como é feita a ação da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro aqui na Capital, depois da vinda do Papa Francisco. A gente acompanhou desde cedo as manifestações, a gente está em diversos links transmitindo tudo em tempo real, sem edição. Vocês que estavam acompanhando viram a forma que eles criaram pânico nas pessoas atirando e encurralando elas dentro de uma ruela, partindo pra cima com caminhonete, atirando à queima roupa. E agora o Choque circunda o trânsito e aqui no Rio de Janeiro sai à caça dos manifestantes." (MÍDIA NINJA, 2013h, online)*

A câmera segue ao lado dos policiais nos próximos 12 minutos. Ora se aproxima do batalhão a ponto de o ninja que a segura quase esbarrar no policial, ora se afasta, para desviar dos carros que cruzam normalmente; às vezes o ninja pára de andar para conversar com pessoas que encontra no caminho, algumas que também acompanham os protestos, outras que estão passando na rua sem saber o que está acontecendo.

Aos 16 minutos do vídeo, 20h03min no horário de Brasília, o ninja chega ao Largo do Machado, onde encontra milhares de pessoas protestando contra a polícia do Rio do Janeiro em frente à escadaria da Igreja Nossa Senhora da Glória. Nesse momento, cinco mil pessoas estão acompanhando a transmissão pela plataforma *TwitCasting*. Os comentários, localizados em uma janela ao lado da tela de transmissão da imagem, são postados em intervalos de três ou cinco segundos e fazem do espaço uma conversação coletiva: há comentários sobre a transmissão em si, alguns indicando em quais outros locais da cidade estão ocorrendo manifestações com essa mesma causa, vários criticando o Papa e o governador do stado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Gritos de protestos são ouvidos ao fundo do vídeo enquanto o ninja conversa com algumas pessoas na multidão:

> *você tava no corre também, como foi a ação com a polícia? Cara, como sempre de forma violenta, a galera já recuando porque eles tavam tacando a bomba, vindo atrás próximos dos carros, atirando bala de borracha à queima-roupa praticamente (MÍDIA NINJA, 2013h, online).*

Nos 29 minutos do vídeo, às 20h26, a transmissão deixa as proximidades da escadaria da Igreja e passa para o outro lado da rua, onde a cerca de 50 metros centenas de policiais estão enfileirados acompanhando a movimentação dos manifestantes. A câmera percorre os policiais, vira para a Igreja e mostra, agora do outro lado da rua, a aglomeração em frente às escadarias. Logo chegam três viaturas da polícia com a sirene ligada no trecho da rua em frente ao ninja. Segundos depois, a imagem pende para um lado e exibe uma mulher de cabelos curtos, vestida de blusa preta, que conversa sobre um manifestante com o ninja: "*ele tava fugindo lá da praça São Salvador, e ele foi atingido na perna esquerda por uma bala letal. Além disso, eles estão simplesmente encurralando as pessoas e estão dando vários tiros - teve um menino que foi atingido por quatro tiros de borracha nas costas (MÍDIA NINJA, 2013h, online)*. O ninja pergunta se há outra concentração de pessoas em volta: "*tem a galera dispersada, que ainda não achou essa área aqui, tem muita gente andando*, *tem muita gente que tá dentro* dos *prédios que..."* (MÍDIA NINJA, 2013h, *online*)

Nesse momento, uma outra voz atrás da mulher chama o ninja e interrompe a fala: "*vem falar aqui comigo rapidinho"*. Ele responde: "*pode falar, pode falar"* e a imagem o acompanha caminhando junto a um homem alto de camiseta azul, cabelos curtos, falando ao telefone. Eles andam juntos pela rua alguns metros até que, segundos depois, a imagem de um policial aparece no vídeo: "*Abre a bolsa por favor".* O ninja responde*: "Opa, pera aí, vou abrir, vou abrir, mas qual é o indicativo? Eu fiz alguma coisa? Pode revistar, pode revistar, vou acompanhar a revista, tem mais 5 mil pessoas acompanhando também"* (MÍDIA NINJA, 2013h, *online*)*,* ele enfatiza enquanto mantém a câmera entre os dois policiais revistando sua mochila e uma aglomeração de pessoas localizada atrás da situação. Ao lado dos policiais está o homem de camiseta azul, que continua falando ao telefone. O ninja pergunta a ele: "Q*uem é você? Você queria me entrevistar? Você faz parte da imprensa? Você disse que queria me entrevistar. Você é de que veículo, meu irmão? Daonde que você veio que você queria me entrevistar aqui junto com os caras? Fala aí, mano!"* (MÍDIA NINJA, 2013h, *online*)

A imagem abre e surge um outro homem carregando uma câmera. Segue a narração: "*Quem é você pra colocar a mão no meu bolso? Quem é você mano?".* A fala é direta do ninja com homem de camiseta azul, que continua com uma das mãos segurando um celular junto ao ouvido. "*Um oficial com nome na farda ainda me revista, mas você não"*. Surgem mais policias na imagem, ouvem-se várias vozes indistinguíveis. O celular se movimenta rapidamente borrando luzes e figuras do vídeo. O ninja vira-se para o homem de camiseta azul: "V*ocê que está sem uniforme aqui, você é civil? Você é só um civil ou você trabalha? Tô acompanhando, tô acompanhando, tá aqui minha identidade".* O policial olha por alguns segundos para a identidade do ninja, enquanto muitas vozes ao fundo são ouvidas. A multidão em frente à Igreja começa a gritar: "*Identificação, identificação!"*. A imagem vira para as pessoas, e é possível ver algumas com celulares e câmeras maiores: "*e aí, fala com essa galera aqui então"*, diz o ninja.

Segundos depois, os policiais começam a levá-lo para um carro da polícia. A imagem mostra o homem de camiseta azul na frente ainda com o celular ao ouvido. O ninja fala: "*Por que motivo vocês vão me levar para a delegacia, hein? Estou com pouca bateria, 6%, ela pode acabar a qualquer momento*. *Eu preciso de um smartphone! Minha bateria está acabando! Eu preciso de um smartphone!"* (MÍDIA NINJA, 2013h, *online*)*.* Uma das pessoas em volta dá um *smartphone* ao ninja, que agradece e começa a usá-lo para fazer uma ligação. A imagem da transmissão ao vivo, no *TwitCasting*, neste momento aponta seis mil pessoas. Os comentários ao lado dizem "*estão levando o Ninja!", "Ninja, diz que o Brasil está de olho em tudo*!*".*

Aos 34 minutos 26 segundos, pela primeira vez no sétimo e último vídeo de transmissão da noite, o rosto do ninja se mostra: em uma das mãos ele carrega o celular que está fazendo a transmissão, na outra fala ao telefone emprestado da multidão: "*Eu tô sendo preso aqui, cara. Qual o motivo?".* Há muitas outras vozes e pessoas na volta, policiais, outros manifestantes e o homem da camiseta azul na frente do ninja, sempre com celular na mão. A voz do ninja é em tom de súplica: "*Mas pra onde que eu vou, cara? Mas por quê? Por quê? Mas por quê? Mas por quê? Por que, cara? Qual é motivo? Pode me revistar aqui, cara, eu não tô fazendo nada. Eu sou um veículo independente, mano. Um veículo independente"* (MÍDIA NINJA, 2013h, *online*)*.* Enquanto o ninja é empurrado na aglomeração de pessoas para dentro de um carro da polícia, é possível escutá-lo falando: "*os caras tão me colocando*

à força na porra desse camburão!". A imagem se torna escura, com algumas luzes borrando: nota-se o interior de um carro. As últimas frases que se ouvem são do ninja: "*sai daqui o quê, meu irmão? sai daqui o quê?".*

A transmissão se encerra às 20h33, mas os comentários continuam: "*Aguarda aí ninja, a OAB jah foi avisada*" (20h33). "*Ninja 1 tá sendo preso pelo BOPE no Largo do Machado*" (20h33). "*O que tá pegando com a transmissão? O cara que tava filmando foi preso? (20h38)*. "PARECE Q ELE TA DENTRO DO CAMBURAO" (20h38). "*Ninja tá indo pra 9ª DP-Rua Pedro Américo, 1, Catete"* (20h40).

*

Filipe Peçanha, conhecido como "Carioca", foi preso para averiguação no dia 22 de julho de 2013 na 9º Delegacia de Polícia, no Catete, Rio de Janeiro. Ficou algumas horas detido, mas no final da noite do mesmo dia saiu da DP, abraçado por dois advogados da OAB, cercado de cinegrafistas, repórteres, fotógrafos e cerca de 300 pessoas que faziam plantão do lado de fora para que ele, outro ninja (Filipe Gonçalves) e um ativista (Bruno Teles) preso nas manifestações do dia 22, fossem soltos. Na saída, a multidão entoava como uma torcida de futebol: *Olê Olê Olá, Ninja, Ninja*[4], enquanto Peçanha, com o semblante sério, a mesma camiseta xadrez, calça jeans e o boné do dia inteiro, tentava avançar. Em poucos minutos, ele foi levantado por um homem de alta estatura vestindo uma camiseta do Brasil, e com um megafone em mãos, passou a falar, com a multidão repetindo em jogral, também conhecido como microfone humano:

> Valeu galera que ta aí. Tem mais 10 pessoas que tão aqui na DP também. Hoje foi o exemplo claro da falta de habilidade e de sensibilidade que tem a polícia militar do estado do Rio de Janeiro para com os manifestantes. A Mídia Ninja foi impedida de filmar, fazer foto e transmitir ao vivo. Este é o exemplo claro de ditadura velada no Brasil (MÍDIA NINJA, 2013h, *online*).

Naquele 22 de julho de 2013, a Mídia Ninja já era conhecida no país por conta da cobertura dos protestos que tomaram as cidades brasileiras no mês anterior, em junho. Uma dessas transmissões ao vivo, de 17 de junho, com um celular conectado a uma internet 3G,

4 O vídeo produzido pelo ativista Felipe Buarque mostra esse momento: https://www.youtube.com/watch?v=aDO6tr6kgAk&feature=player_embedded Acesso em: 12 out. 2016

alcançou 80 mil acessos, o equivalente a pouco mais de um ponto no IBOPE, o principal medidor de audiência de televisão no Brasil. *The New York Times*, *The Guardian*, *Wall Street Journal*, entre outras publicações internacionais, fizeram matérias sobre a Ninja a partir de então, mas a visibilidade ocorrida com a prisão de um de seus integrantes foi ainda maior: o vídeo que mostra o momento em que Peçanha foi preso, descrito acima, teve 23 mil espectadores e mais de mil comentários. A imagem dele sendo libertado da delegacia circulou por diversos veículos jornalísticos brasileiros, entre eles o Jornal Nacional[5], telejornal de maior audiência no país, transmitido pela TV Globo, na edição do dia seguinte.

Com a visibilidade obtida, o caráter de *novidade*[6] atribuído à ação dos ninjas fez com que a ideia se espalhasse pelo Brasil, com a criação de diversos núcleos Mídia Ninja em cidades como Porto Alegre, Vitória, Belo Horizonte, além de São Paulo e Rio de Janeiro. A rede de coletivos culturais que deu origem a ideia da Ninja e que fornecia sua estrutura pessoal e física, o Fora do Eixo, tornava suas sedes em diferentes estados do Brasil em sedes também da Mídia Ninja. Em semanas, a rede passou a produzir relatos de acontecimentos de diferentes locais do país em texto, foto e vídeo, e divulgar na internet, naquele momento perfis nos sites das redes sociais Facebook e Twitter. A denominação ninja deixava de ser uma denominação de um grupo específico e virava sinônimo de transmissão *online* da rua via *smartphone*, com diversas pessoas Brasil afora, sem nenhuma relação com o núcleo embrionário do coletivo, a se denominarem ninja, criarem seus canais e passarem a transmitir ao vivo manifestações e outros acontecimentos nas ruas das cidades do país.

Entre os muitos que passaram a tentar entender o que era a Mídia Ninja estavam pesquisadores do campo da comunicação no Brasil. Investigadores interessados em diferentes temáticas - jornalismo, movimentos sociais, ativismo, fotografia, vídeo, produção cultural, tecnologia - se debruçaram sobre a ação dos ninjas para tentar compreender de que modo eram feitas as coberturas das manifestações, como e em qual plataforma eram realizadas as transmissões ao vivo, que tipo de organização era empregada para cobrir os

---

5 Disponível em: http://globoplay.globo.com/v/2711401/. Acesso: 15 out. 2015

6 Novidade, aqui, não quer dizer que tenham sido os primeiros a fazerem este tipo de coberturas de manifestações, mas sim que sua cobertura tenha ganhado um público que até então não estava acostumado a este tipo de ação. O *Indymedia* e o Centro de Mídia Independente (ver mais adiante nesta tese), pode ser considerado sim um pioneiro nesse tipo de transmissão ao vivo de manifestações nas ruas. Ver: http://glo.bo/2lTohLN Acesso em: 12 jun. 2015

acontecimentos e publicar nos sites de redes sociais da internet, quais equipamentos eram levados a campo para realizar o registro dos fatos, quem eram aqueles que faziam as fotos e narravam as transmissões ao vivo e ainda publicavam relatos em sites na internet, como - e se - se diferenciavam do jornalismo produzido pelos veículos tradicionais. Inúmeras perguntas se concentravam no fato de a Mídia Ninja estar sempre em mutação, o que é uma dificuldade de pesquisa considerável: como estudar aquilo que está em constante transformação e que hoje já não é mais igual ao que era no ano passado?

Em 2013, quando iniciei o doutorado, acompanhava a Mídia Ninja com interesse mais como jornalista do que como pesquisador vinculado a um programa de pós-graduação em Comunicação. Minha investigação não era sobre o coletivo, mas sobre aproximação da cultura hacker ao jornalismo a partir de núcleos de trabalho, práticas e processos em torno do jornalismo de dados (também conhecido no Brasil como jornalismo guiado por dados), tema pelo qual me sentia próximo nos anos de envolvimento nas Casas de Cultura Digital São Paulo e Porto Alegre[7]. Trabalhando nesses espaços, como jornalista, produtor cultural e ativista, conheci de perto alguns dos integrantes que depois formariam a Mídia Ninja, já que ambas as Casas de Cultura Digital trabalhavam junto com a rede Fora do Eixo[8] com frequência.

---

7 A Casa de Cultura Digital São Paulo foi um espaço em São Paulo que abrigou uma série de iniciativas igadas à cultura digital entre 2009 e 2013, como o Produção Cultural no Brasil, Fórum e Festival de Cultura Digital, rede Transparência Hacker, Festival BaixoCentro, Ônibus Hacker, Garoa *Hackerspace*, entre outros. Em 2012, a ideia de Casas da Cultura Digital (CCD) se espalhou por algumas cidades brasileiras como Porto Alegre, Fortaleza, Belém, Campinas, Vila Velha (ES), cada uma se organizando de forma diferente do espaço inicial em São Paulo. Apesar de algumas empresas que fizeram parte da Casa ainda estarem com suas sedes no mesmo local (Vitorino Carmilo, 457, Santa Cecília/Barra Funda, São Paulo), não existe mais a ideia coletiva de Casa em São Paulo; em dezembro de 2016, apenas a de Porto Alegre mantinha atividades com alguma regularidade (site: http://ccdpoa.com.br). Fiz parte da Casa de Cultura Digital em São Paulo entre agosto de 2010 e janeiro de 2013, primeiro trabalhando com a empresa de comunicação Fli Multimídia, que organizou o Fórum da Cultura Digital 2010 e o Festival Cultura Digital.br em 2011 (e que já encerrou suas atividades), depois como uma das muitas pessoas (chamados "volantes") que circularam pelo espaço sem ter relação fixa de trabalho com algumas da empresas da casa. De março de 2013 a julho de 2015 foi um dos integrantes da CCD de Porto Alegre, que se organizava enquanto um coletivo que trabalhava com produção cultural, ciberativismo e cultura livre, sediado inicialmente numa sala da Casa de Cultura Mário Quintana.

8 O Fora do Eixo (FdE) é uma rede político cultural que começou a se articular em 2006 nos estados fora do circuito principal da cultura brasileira, centrado no sudeste. Está presente em mais de 100 municípios, articulando pessoas e coletivos em processos de criação, produção e articulação com foco na transformação social. Os integrantes do FdE vivem em casas coletivas, onde compartilham suas vidas. Muitos dos integrantes da Mídia Ninja integram o Fora do Eixo, mas nem todos da Mídia Ninja fazem parte do Fora do Eixo. Detalho a história e as (in) definições do Fora do Eixo e da Mídia Ninja no Capítulo Quatro desta tese.

No segundo ano de doutorado, o projeto com que entrei no PPGCOM estava em processo de reformulação: o tema do jornalismo de dados e da cultura hacker cedia espaço ao da mídia considerada alternativa ou independente[9], assunto que sempre esteve presente em minha trajetória acadêmica até 2013, mas nunca com a prioridade que passaria a ganhar então. Com as manifestações ocorridas em junho desse ano, reforcei meu interesse pela ação da Mídia Ninja, tendo curiosidade em tentar compreender sistematicamente seu processo de produção inicialmente a partir de algumas questões consideradas "técnicas", como o uso dos aparelhos usados na transmissão ao vivo pelo coletivo. Essa curiosidade pelos objetos originou-se de minha relação com a cultura hacker[10] e seus princípios de liberdade de informação e abertura dos códigos (não só informáticos), e também por considerar que muitos dos estudos realizados na comunicação, e em especial no jornalismo, tendiam a ignorar o papel ativo que a tecnologia, os objetos técnicos, podem ter no processo de produção de uma determinada narrativa. Nesse período, uma disciplina cursada junto ao PPGCOM da UFRGS, chamada Artefatos da Cultura Digital[11,] me apresentou a Teoria Ator-Rede (chamada a partir de agora também de TAR), um arcabouço teórico que, ao questionar a ideia de mediação tipicamente moderna e purificadora, pareceu um caminho intelectual poderoso para compreender o mundo, a comunicação e a relação do ser humano com a tecnologia. E muito interessante para estudar o processo de produção da Mídia Ninja.

Inspirado pela TAR, reconstruí o projeto de investigação de doutorado para estudar a Mídia Ninja. A partir da leitura de Hemmingway (2007), comecei a me perguntar: se você não sabe como funciona o processo de produção, como pode partir para explicações de "contexto" ou de "estruturas", entidades vagas que passam a fornecer todas as explicações, tornando tudo racional com demasiada rapidez (LATOUR, 2012, p.210).? Não está claro hoje, com a tecnologia digital e a internet, que a tecnologia é crucial para o processo de produção de informações? Não residiriam nas relações entre os atores (sejam eles humanos

9 Para uma discussão sobre estes termos, ver o Interlúdio Dois desta tese.
10 Um dos principais estudiosos dos hackers no Brasil, o sociólogo Sérgio Amadeu da Silveira resume o pensamento hacker da seguinte forma: “na matriz está enraizada a ideia de que as informações, inclusive o conhecimento, não devem ser propriedade de ninguém, e, mesmo se forem, a cópia de informações não agride ninguém dada a natureza intangível dos dados” (SILVEIRA, 2010, p.25). A antropóloga Gabriela Coleman (2013), outra referência nos estudos sobre hackers, aponta como principais características do grupo a subscrição a ideais de liberdade de acesso à informação, que levam a uma ética de compartilhamento, e a apropriação de tecnologias, no sentido de compreender seu funcionamento e desenvolver a capacidade de modificá-las, para benefício próprio ou coletivo.
11 Disciplina que discute o papel das materialidades na comunicação, ministrada pela professora Dra. Suely Fragoso (UFRGS).

ou não humanos, também essa uma diferença a ser problematizada) elementos para compreender algumas questões que estão postas no mundo e, em especial, na comunicação e no jornalismo?

Com as leituras realizadas na TAR, passei a considerar então a mediação como um processo híbrido, instável e constituído de diversos elementos estabelecidos em uma rede de significados (LATOUR, 1994b). A partir daí, busquei seguir o conselho que Hemmingway dá em seu trabalho etnográfico em uma redação jornalística do norte da Inglaterra. A autora escreve usando o referencial citado como lente para observar os processos de produção:

> Nós precisamos concentrar nossos esforços não apenas no papel que as tecnologias desempenham, mas, mais importante, nas associações que nós descobriremos entre os atores humanos e os tecnológicos. São as relações, as alianças e as ligações entre estes seres aparentemente distintos que que vão nos ajudar a melhorar a compreensão dos processos de notícias[12] (HEMMINGWAY, 2007, p.8).

A partir dessas ideias, comecei a me fazer perguntas especificamente sobre a produção de informações da Mídia Ninja. Quais seriam as mediações nas diferentes etapas de produção do grupo, seja na hora de transmissões de eventos ao vivo, pela internet, como a chegada do Papa Francisco ao Rio de Janeiro, seja na produção de textos e fotos realizadas de forma urgente, no calor da hora, como nas manifestações de junho e julho de 2013? Quem fez (ou faz) parte nestes processos? Quem atua interferindo - com provas! - na realidade relatada e quem "apenas" descreve esta mesma realidade? É possível relatar sem interferir? Os chamados objetos técnicos participam desses processos tão ativamente quanto os humanos envolvidos? Se sim, como comprovar? Seria possível, por fim, mobilizar-se de modo efêmero em redes de mediações sem *transformar* estas próprias redes, e, assim, produzir outras?

Essas primeiras questões passaram a chamar inúmeras outras. Algumas, por exemplo, relacionadas a questões práticas relativas ao fato de eu ser jornalista e também ter participado de manifestações nas ruas, assim como de ter me questionado inúmeras vezes

12 No original, "We need to concentrate our efforts on understanding not just the role that technologies play, but more importantly, the associations that we discover between human and technological actors. It is the relationships, the alliances and the linkages that we will discover between these seemingly disparate constituents that help us to gain a fuller understanding of news processes" (HEMMINGWAY, 2007, p.8). Tradução desta, como de todas outras citações em línguas que não o português, minha.

se o relato que produzi destes momentos poderiam ser considerados *relatos jornalísticos* a partir dos cânones da profissão. Acompanhando os *streamings* da Mídia Ninja, em um vídeo feito de dentro da manifestação como o citado na abertura desse texto, observei o momento exato em que um policial abordou um manifestante e o questionou sobre o que havia em sua mochila. Lendo os comentários de outras pessoas que assistiam ao *streaming* na janela ao lado do vídeo, no computador, percebi que muitos estavam dizendo "ele está sendo preso sem motivo algum!", e, acompanhando o mesmo vídeo, não havia como eu não concordar. Seria possível *fugir* da parcialidade ao relatar o que acontecia nessa situação? Eu me perguntava isso enquanto assistia, no Jornal Nacional da TV Globo, um jornalista fazer o seu relato sobre esses mesmos fatos valendo-se de imagens mais próximas dos policiais do que dos manifestantes, com a fala da polícia emitindo sua justificativa da prisão, realizada com mais tempo que a do manifestante preso, e com uma apresentadora, em uma bancada a alguns quilômetros do local do ocorrido, lendo em um *teleprompter*: "A manifestação começou pacífica, mas terminou em confronto". Seria esse, então, um *relato jornalístico*, imparcial e objetivo?

Outras questões vinham do interesse pelos objetos técnicos envolvidos na ação da Mídia Ninja. Interessava-me saber qual o *software* usado para a transmissão ao vivo, como ele funcionava e por que ele cortava a transmissão em diversos momentos, por exemplo. Ou então conhecer o modo como são transmitidas as fotos de um dado acontecimento nas ruas de uma cidade, que em questão de poucos minutos ganham várias páginas de sites de redes sociais, acompanhadas de textos, e que passam a circular rapidamente por diversas *timelines* ao redor do mundo. Ou, ainda, interessava-me saber como se dava a organização de frentes de trabalho e coberturas de fatos em diferentes locais. Circulando por grupos ativistas da cultura e do conhecimento livre, com frequência me encontrava em situações nas quais conversávamos sobre o *modus operandi* da Mídia Ninja e do Fora do Eixo, às vezes emitindo opiniões regadas a cervejas sem saber, de fato, como ocorria determinada coisa, "quem fazia o quê", e como eles estavam em tão diferentes lugares quase ao mesmo tempo.

A partir de questões como essas, de origem prática, teórica e afetiva, é que, principalmente, se origina esta tese, que começa a ser apresentada a seguir.

1.1. O quê? O problema de pesquisa e os objetivos

A pergunta que guia a pesquisa para esta tese pode ser enunciada da seguinte forma: **como se estabelece a rede de mediações mobilizadas na produção das informações da Mídia Ninja ?**

Como as mediações são efêmeras, instáveis, vale ressaltar que os relatos dessas redes são a representação de momentos específicos, selecionados a partir de critérios como a pertinência do que circula/circulou nesses períodos para a discussão teórica que faço aqui; a importância desses momentos para a própria Mídia Ninja, segundo o que seus integrantes apontaram em conversas realizadas no âmbito desta pesquisa; e pelo valor historicamente atribuído a alguns momentos, como as manifestações de junho e julho de 2013, no Brasil, valor este que pode ser entendido também como um atestado de quão duráveis foram os efeitos das estabilizações criadas nessas situações, para usar o vocabulário da TAR; e a prioridade aos momentos observados no trabalho de campo, realizada em dois períodos (maio/junho de 2015 e fevereiro de 2016), o que trouxe maior possibilidade de descrição fidedigna dos acontecimentos.

Como já dito, a questão que guia esta pesquisa é compreender como se dá o processo de mediação na produção de informações da Mídia Ninja. Para respondê-la, o meu trabalho, enquanto pesquisador, consiste em me deslocar pelas fronteiras que as redes envolvidas na Mídia Ninja atravessam para seguir os atores, mapeando os seus rastros, em uma busca contínua para identificar as associações criadas pelos e entre os atores. O caminho para isso foi o da descrição detalhada desses atores e dos rastros que eles deixam (ou deixaram) nos momentos específicos já apresentados. Assim se dá o objetivo principal da tese: **descrever a rede de mediações mobilizadas na ação da Mídia Ninja**. Para, então, conseguir analisar e compreender quem faz parte dessas redes, quem nelas faz o quê e quem *faz o outro fazer* nelas - sejam esses atores humanos ou não humanos.

Um trabalho de descrição de redes, ao contrário do que talvez possa se imaginar, não é uma tarefa simples. Latour (2012, p.209) entende que a descrição completa, observar um estado de coisas concreto, descobrir o único relato adequado a uma situação, se revela uma

tarefa muito desgastante: "o simples ato de registrar alguma coisa no papel já representa uma imensa transformação que requer tanta habilidade e artifício quanto pintar uma paisagem ou provocar uma complicada reação química (LATOUR, 2012, p.199)". Em diversos momentos, o caráter maçante de uma descrição pode nos fazer substituí-la por explicações trazidas por entidades vagas como "Sociedade, Capitalismo, Império, Normas, Individualismo, Campos" (LATOUR, 2012, p.199), o que faz com que o social escape por entre as mãos. Como diz o pesquisador francês:

> Ou as redes que tornam possível um estado de coisas são plenamente desdobradas - e, nesse caso, acrescentar uma explicação seria supérfluo - ou "acrescentamos uma explicação" declarando que outro ator ou fator deve ser levado em conta, de sorte que a descrição avance mais um passo (LATOUR, 2012, p.200).

Para alcançar o objetivo principal de descrição do "estado das coisas" das redes de mediação na Mídia Ninja, alguns objetivos específicos precisam ser atingidos: **a)** a identificação dos actantes[13] mobilizados nas redes de mediação nos períodos selecionados; **b)** a descrição dos objetos técnicos identificados como *mediadores* nessas redes; **c)** o mapeamento do fluxo dos processos de produção de informação nas redes sociotécnicas pela Mídia Ninja nos períodos analisados.

Um dos desafios deste trabalho é o de articular a descrição com a reflexão teórica. A partir disso, persigo objetivos complementares ao já apresentados, tais como: **d)** relatar a discussão trazida pela Teoria Ator-Rede (TAR) no âmbito dos estudos de ciência e tecnologia e da antropologia; **e)** apontar algumas diferenças entre o referencial teórico da TAR e aqueles utilizados pelos estudos de comunicação e do jornalismo; **f)** entender as diferenças entre jornalismo e midiativismo, prática identificada pela Mídia Ninja como a principal de sua ação nas redes sociotécnicas, e designações correlatas, como mídia alternativa, mídia radical e mídia tática.

---

13 O conceito de "actante", na TAR, significa "tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença. Ele é o mediador, o articulador que fará a conexão e montará a rede nele mesmo e fora dele em associação com outros" (LEMOS, 2013, p.42). É tanto os cientistas quanto o tema pesquisado, o *software* que usam para tabular os dados, o laboratório, aquele que fornece a bolsa para a pesquisa, humanos e não-humanos. O termo vem emprestado da semiótica do lituano Greimas.

1.2. Por quê? Justificativas e hipóteses

Como já se antecipou, esta pesquisa parte da ideia de que a ação humana – portanto, também a ação comunicativa - não pode ser compreendida sem levar em conta as materialidades e as tecnologias. Esta perspectiva, identificada principalmente a partir do que se chama *virada ontológica* na antropologia, não está dizendo que importam somente os objetos, como apontam alguns críticos da Teoria Ator-Rede, mas que *também* importam os objetos. Em outros termos, é possível dizer que a agência, entendida aqui como capacidade de ação**,** está distribuída entre os seres humanos, os lugares onde ocorrem os acontecimentos narrados e os objetos técnicos, como os *smartphones* e as plataformas de redes sociais, no exemplo nas situações analisadas da Mídia Ninja.

Reconhecer que a agência é distribuída não implica, porém, negar que haja relações de dominação entre elas, e que " algumas delas são capazes de impor formas de agenciamento sobre outras agências, ou de excluir outras agências ou formas de agenciamento (CALLON, 2008, p.312). Para buscar distinguir essas agências mais ou menos atuantes na ação é que introduzo os conceitos de mediador e intermediário, tratados por Latour (2012). Um intermediário seria aquele que transporta significado ou força sem transformá-lo: definir o que entra já define o que sai" (LATOUR, 2012, p.65). Com mediadores, "o que entra nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes" (LATOUR, 2012, p.65). Os mediadores, portanto, *traduzem* os elementos que veiculam e, ao traduzir, modificam o significado desses elementos, deixando *rastros* dos grupos que formam. A tarefa dessa pesquisa é, precisamente, traçar essas redes a partir dos rastros deixados pelos mediadores, discussão que amplio na seção metodológica (próximo item)**.**

A partir dessas concepções, trabalho como uma primeira hipótese de pesquisa: a de que **os objetos técnicos são constitutivos da ação da Mídia Ninja**, e, portanto, devem ser levados em conta no processo de investigação das múltiplas mediações que ocorrem na sua ação de produção de informações. A hipótese é reforçada também pelo trabalho de Milan (2015), que, em estudo de manifestações ativistas na Inglaterra, detectou a distribuição da agência entre as ruas (o lugar dos protestos), os *smartphones* e as plataformas de redes sociais em que eram publicadas as informações dos fatos narrados, concluindo que a

infraestrutura técnica das mídias sociais poderia determinar e configurar ações humanas de diferentes formas (MILAN, 2015, p.8).

Assim, é possível questionar, nos momentos aqui analisados, se os objetos técnicos podem ser considerados *mediadores,* "fizeram outros fazerem coisas", e se, em outras situações, funcionaram apenas como *intermediários*, não modificando a ação (ou melhor, modificando de forma a não deixar rastros, não sendo possível, portanto, comprovar essas traduções). A atenção para o movimento, para o que está circulando, determina que não é possível saber, a priori, o que está importando em dada ação. O trabalho desta tese é, portanto, tentar distinguir, a partir de momentos considerados importantes pelos próprios atores e outros observados na pesquisa de campo, em quais desses momentos os objetos foram mediadores e/ou intermediários, e de que forma isso interferiu na ação e na narração do acontecimento por parte da Mídia Ninja.

Complementarmente a essa hipótese, tenho a suspeita de que não só os objetos técnicos importaram em determinadas ações do coletivo, mas também os lugares onde se dão as ações narradas, e dentre os lugares, as bases de produção de informação da Mídia Ninja, as Casas Fora do Eixo. Espaços mistos de moradia e trabalho, até o final de 2016 estavam localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, e de 2013 a 2016 tiveram importantes papeis, como actantes, na constituição das redes de mediação que se formaram na veiculação de informações produzidas pela Mídia Ninja nas redes digitais.

A segunda hipótese aqui trabalhada compreende a mediação como *tradução,* como movimentos constantes de (re)agenciamentos dos quais participam o homem e os objetos técnicos em posições cambiantes a todo momento (LATOUR, 1994; 2012; LEMOS, 2013). Essa concepção trabalha com a ideia de que **as mediações jornalísticas são híbridas, instáveis e constituídas de diversas outras redes,** dentro das quais não é possível determinar, a priori, o papel do jornalista como mediador privilegiado e exclusivo da realidade dos fatos. Como pontuam Arce, Alzamora e Salgado (2014), nem o jornalista é exterior ao fato que relata, nem o social está dado de antemão. O reconhecimento dos objetos como atuantes, como apresentado na primeira hipótese, pode nos ajudar a entender o trabalho coletivo desempenhado nas múltiplas mediações presentes na produção do jornalismo, e relativizar o papel do jornalista enquanto mediador privilegiado da verdade dos fatos - quando, em alguns momentos, ele pode ser simplesmente um intermediário, nos termos da

TAR, menos ativo na ação de uma rede do que um *software* de um *smartphone*, por exemplo.

Podendo os objetos terem papel ativo nas mediações - híbridas, não-estáveis - ocorridas na produção de informação intrínseca à prática jornalística, parto aqui para a terceira hipótese, decorrente das duas anteriores. **Se os atores que tomam parte nas múltiplas mediações efêmeras são diversos e extrapolam "a folha de pagamento das empresas" jornalísticas, como dizem Primo e Zago (2015), como poderíamos definir a atividade jornalística?** Aqui, trago novamente Latour (2012), para trabalhar com a ideia de jornalismo como *performance*, fruto da mobilização de atores ocorrida em dado momento, a partir de certos arranjos de atores diferentes: ele *acontece*, não é a dado a priori. A questão é descobrir quem está importando em dada situação: se a ação decisiva (mediadora) é dos jornalistas; dos objetos técnicos como *softwares*, *smartphones* e sites de redes sociais; de instituições como as empresas jornalísticas, ou de organizações estabelecidas em coletivos de produção cultural e midiativismo, como a Mídia Ninja e o Fora do Eixo se identificam em algum momento[14]. Ou, ainda, de outros atores, como os motoristas de empresas jornalísticas, a exemplo do caso descrito no trabalho de Morentzohn (2012).

Nesse ponto a Mídia Ninja é chamada novamente para ilustrar (ou não, afinal trata-se de uma hipótese) que, num contexto de fácil publicização da informação nas redes sociotécnicas, coletivos organizados com menos aporte financeiro que uma empresa jornalística (ou mesmo pessoas), dotados de certos objetos técnicos e constituídos por pessoas não formadas num curso universitário de Jornalismo podem produzir narrativas sobre a realidade que rivalizam com o jornalismo tradicional na disputa por significados na sociedade contemporânea. Como afirma Machado (2016, p.12), "a velha imprensa perdeu o monopólio de controle dos processos de produção e circulação de informações jornalísticas nestas redes sociais" (MACHADO, 2016, p.12), e a ascensão de coletivos como a Mídia Ninja - e o Jornalistas Livres, criado posteriormente[15] - pode vir a demonstrar a "fragilidade das velhas organizações e do potencial de inovação destas duas 'estruturas sociais', de

---

14 Detalho a história e as (in) definições do Fora do Eixo e da Mídia Ninja no Capítulo Quatro desta tese.
15 Site: https://jornalistaslivres.org/ Acesso: 13 dez. 2016 Mais detalhes sobre os Jornalistas Livres ao longo da tese.

natureza associativa, em reconfigurar as práticas, mais que fazer o mesmo com formas diferentes" (MACHADO, 2016, p.12).

1.3. Como? Sobre metodologia (s)

Antes de relatar como foi desenvolvida esta pesquisa, convém trazer algumas questões para se pensar na(s) metodologia(s) nela utilizada(s). Um primeiro ponto que guia o *como* desta investigação parte do sociólogo inglês John Law em "*After Method: mess in social science research*" (2004), um livro que põe em questão o método científico da tradição metafísica Euro-Americana[16] de modo análogo (embora partindo de referenciais distintos) ao que Feyerabend faz em "Contra o Método" (1975). Segundo Law, os métodos, suas regras e inclusive suas práticas metodológicas não apenas descrevem a realidade, como também ajudam a produzir a realidade que estão procurando compreender (LAW, 2004). Assim como a tecnologia, o método não é neutro, *apenas* um meio para um determinado fim: ele carrega em si enunciados que, para estabilizar e captar uma determinada realidade, toma posições *a priori* do observador, de modo a encontrar resultados precisos que aspirem a uma universalidade - mesmo que ao custo do apagamento de tudo aquilo que não se encaixa em sua caixa de ferramentas.

Inspirado por Law, parto neste trabalho do entendimento de que "os eventos e processos não são simplesmente complexos no sentido de que eles são tecnicamente difíceis de agarrar (embora isso seja frequentemente o caso). Em vez disso, eles são também complexos porque eles necessariamente excedem nossa capacidade de conhecer[17]" (LAW, 2004, p.6). É então que se faz necessária a heterogeneidade e a variação - e uma parte

16 A metafísica euro-americana é a base das ciências sociais no ocidente e em Law (2004) é apresentada como aquela que designa que há apenas uma realidade, passível de ser conhecida a partir de métodos (o método científico): "Euro American common sense tends to the reflex that it is important to stipulate the conditions under which science can be properly carried out. This is because scientific inquiry needs to be protected from the distortions that might come from outside. The idea that science needs to be protected in this way is often (though not always) linked to ‘empiricism’ and to ‘positivism’. Empiricism is a family of traditions in the philosophy of science which argue that scientific truths grow out of, and are properly generalised from, appropriate empirical observations. Positivism is another, closely related, set of traditions which argue that scientific truths are rigorous sets of logical relations or laws that describe the relations between (rigorous) empirical descriptions" (LAW, 2004, p.16).

17 No original: "events and processes are not simply complex in the sense that they are technically difficult to grasp (though this is certainly often the case). Rather, they are also complex because they necessarily exceed our capacity to know then" (LAW, 2004, p.6).

disso é sobre criar metáforas e imagens para o que é (quase) impossível ou impensável. O mundo, seguindo essa linha de pensamento, não é uma estrutura que conseguimos mapear com nossos gráficos de cientistas sociais, mas um turbilhão cheio de correntes, redemoinhos, mudanças imprevisíveis e momentos de calmaria e tranquilidade. Algumas vezes nossos gráficos vão conseguir produzir alguma estabilidade, mas na maior parte não, e uma tarefa do pesquisador é, justamente, começar a imaginar o que os métodos de pesquisa podem ser se eles forem adaptados a um mundo que conhece a si mesmo a partir de um fluxo de imprevisibilidade geral (LAW, 2004, p.7).

O sociólogo inglês argumenta que nós e nossos métodos ajudamos a gerar esse mundo complexo. E para fazer isso, afirma que precisamos desfazer alguns de nossos hábitos metodológicos, principalmente nosso desejo e expectativa de segurança. Na reencarnação do método proposto por Law, o processo de investigação será devagar e incerto, um processo de risco que levará tempo e esforço para construir realidades e mantê-las estáveis por algum momento em meio a um mar de indeterminação e fluxo contínuo de acontecimentos. Reconhecer que produziremos estabilidades em nosso laboratório de pesquisa (nome para o lugar onde usamos os instrumentos a fim de descrever a realidade que propomos a trabalhar) e não aspirar uma neutralidade fictícia em nosso método é um primeiro passo para tornar nossas proposições bem-sucedidas.

Feita a ressalva de que o método é parte fundamental da pesquisa e, como tal, constrói seu objeto, é necessário dizer também que esta investigação incorpora a abordagem teórico-metodológica da Teoria Ator-Rede e um postulado importante: “não se pode compreender a ação humana, e não se pode compreender a constituição de coletivos, sem levar em conta a materialidade, as tecnologias e os não-humanos” (CALLON, 2008, p.207-208). A afirmação convida a investigações de fenômenos comunicacionais que considerem os objetos técnicos também como parte do *corpus* de análise, já que, atentando ao movimento, não sabemos *a priori* o que está importando em cada ação: somente com a descrição detalhada das redes de actantes mobilizadas em torno da construção de determinado fato é que poderemos saber se um jornalista ou um objeto técnico como um *software*, por exemplo, podem ser menos ou mais decisivos na prática em questão.

A inclusão dos objetos em igualdade com os humanos como mediadores na ação é chamada na TAR de simetria (ou ontologia) plana. Pode ser definida como a ideia de que se deve dar a mesma importância a sujeitos e objetos, ou seja, actantes não são diferenciados hierarquicamente de acordo com sua origem. Esta posição vem da ideia de simetria trabalhada na sociologia a partir da década de 1970, originalmente proposta por David Bloor (1976), como constitutivo do que deveria ser um programa forte para o desenvolvimento da sociologia do conhecimento (DOMENECH e TIRADO, 1998, p.15). Esta discussão está no cerne da TAR e, por conta disso, será aprofundada no Capítulo Três, mas, por ora, fiquemos com a ideia de que observar a agência dos objetos é uma decisão estranha a uma parte das pesquisas em jornalismo e comunicação e que nos ajuda a tirar a tecnologia da posição naturalizada dentro das redações jornalísticas, sejam essas redações tradicionais, alternativas ou midiativistas.

Pensar na agência dos objetos na prática jornalística é o flanco pelo qual a perspectiva da TAR tem ganhado popularidade nos últimos anos entre os estudos de jornalismo e se tornado útil como lente analítica (ANDERSON e MEYER, 2015). Na apresentação do dossiê da revista *Journalism*[18], Anderson e Meyer (2015) apontam três caminhos principais que as pesquisas no jornalismo têm seguido usando a TAR: 1) os estudos de inovação tecnológica e de novos objetos técnicos introduzidos nas redações, encontrados em trabalhos como Turner (2005), Plesner (2009), Weiss e Domingo (2010), Micó, Masip e Domingo (2013) e, no Brasil, na tese de Holanda (2014). Este talvez seja o caminho mais percorrido por pesquisadores do jornalismo até hoje, seguindo a linha dos primeiros estudos da TAR, o que Micó, Masip e Domingo (2013, p. 121) justificam argumentando que "uma abordagem da TAR pode ser especialmente benéfica para rastrear as relações de poder entre diferentes atores envolvidos no desenvolvimento de uma inovação numa redação (MICÓ, MASIP e DOMINGO, 2013, p.121)[19]".

O segundo caminho seria aquele em que o social pode se tornar mais visível que o usual. Latour (2012) cita como exemplo situações em que acidentes acontecem, ou quando coisas deixam de ser apenas um dado e passam a ser colocadas à distância, tanto no tempo como no espaço, o que incluiria pesquisas históricas. Para ilustrar esse tipo de estudo, Anderson e

---

18 *Journalism*, 2015, vol. 16 (I).

19 No original em inglês, "an actor-network approach can be especially beneficial to trace the power relationships between the different actors involved in the development of an innovation in a newsroom" (MICÓ, MASIP e DOMINGO, 2013, p.121).

Meyer citam o caso de Le Cam (2015), que analisa um corpus composto de fotografias de redações na França, Bélgica e Canadá, desde o século XIX até o presente, para entender as mudanças organizacionais e gerenciais das empresas jornalísticas, e o de Rodgers (2015), que trata do sistema de publicação de conteúdo *online* do *Toronto Star*, no Canadá, chamado TOPS. Os autores concluem que "examinando essas evoluções históricas, estudiosos do jornalismo podem mais facilmente abrir as caixas-pretas que mascaram as tensões e descontinuidades subjacentes aos grandes sistemas sociotécnicos sob uma superfície acabada e suave (ANDERSON e MEYER, 2015, p. 6)[20]".

O terceiro caminho identificado pelos autores seria o da cultura organizacional de certos grupos de jornalistas. Este seria o rumo seguido por Graves (2015), por exemplo, que aborda a prática de jornalistas em duas publicações investigativas separadas por mais de 50 anos, o *IF Stone Weekly* e o site *Talking Points Memo,* e o de Usher (2015), que pesquisa a redação do *International New York Times* e reflete sobre como os objetos, as necessidades humanas, os valores das marcas, entre outras questões, aparecem no dia a dia e na formação de uma redação jornalística. Essa linha de estudos das culturas das redações em torno da prática jornalística é a que mais se aproxima desta pesquisa, embora aqui seja necessária uma ressalva e um novo parágrafo.

A opção de estudar a Mídia Ninja, que não se define como jornalismo (ou não se identifica como *somente* jornalismo), é distinta das outras pesquisas citadas, cujo trabalho se centra em veículos que se nomeiam jornalísticos, no sentido de serem organizações empresariais com pessoas assalariadas e com formação profissional na área. Essa escolha, além de motivada pelas questões já descritas antes, também é tomada na tentativa de compreender quando e de que maneira a Mídia Ninja faz jornalismo, ou se utiliza de práticas jornalísticas. Para analisar quais as redes de mediação se estabelecem entre os actantes, tanto no momento da elaboração de um produto identificado como jornalístico pelo público (e pelas definições trabalhadas nos estudos de jornalismo), quanto nos momentos em que se produz *outra coisa*, seja ela midiativismo, "conteúdo" ou outro nome que se queira dar.

20 No original, "by examining that historical evolution, scholars of journalism can more easily open the black-box that masks the underlying tensions and discontinuities of large socio-technical systems beneath a finished, smooth surface" (ANDERSON e MEYER, 2015, p 6).

Ao utilizar a TAR para a pesquisa aqui proposta, entendo que a investigação busca compreender as redes de mediações ocorridas na produção de informação pela Mídia Ninja. Justifico a escolha dessa abordagem também pela possibilidade de trazer uma perspectiva ainda embrionária nos estudos do jornalismo, área que, como observa Lemos (2013, p. 74), "é [...] acometida por um esforço de purificação do campo como antídoto para a proliferação de hibridismos com outras ciências" (LEMOS, 2013, p.74). Uma visão que inclua todos os envolvidos na mediação se opõem à ideia de uma mídia idealmente transparente, o que pressupondo que a mediação precisaria ser inexistente ou inócua (LEMOS, 2013, p.77), algo que a TAR e outras perspectivas teóricas não consideram pertinente, por propagar a visão – improdutiva - que separa ciência, natureza e sociedade[21].

Assim, discutir o jornalismo por este caminho pode significar outras visões, com ângulos e atores diferentes, e, como aponta Holanda (2014, p.159), "buscar reconectar os domínios artificialmente separados pela constituição moderna" criticada por Latour (1994a).

1.3.1. Procedimentos

Para realizar a observação e seguir os rastros das redes de mediações que estabelecem durante a produção de informação pela Mídia Ninja, inicialmente utilizo procedimentos inspirados na etnografia, método característico da Antropologia que, em poucas palavras, designa a descrição de um povo, “uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades” (ANGROSINO, 2009, p. 16). Na perspectiva da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1989), a cultura é tomada como objeto próprio da antropologia e é considerada uma teia de significados tecida, publicada e compartilhada pelo próprio ser humano. Cabe ao antropólogo interpretar os significados entrelaçados no seio dessa cultura por meio da ida a campo no decurso de um determinado período, escrever os diários de campo e, caso julgue necessário, realizar entrevistas com alguns (ou todos) os personagens observados.

A proposta metodológica aqui apresentada parte da observação participante de

21 Cabe também fazer a ressalva comentada por Lemos (2013, p.79): não se trata aqui de trocar o estudo dos meios pelos estudos das mediações, como propõe Martín-Barbero em "Do Meio às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia" (1997). A ideia é “atravessar livremente a tal fronteira imaginária reconectando os meios na sua materialidade, as mensagens na sua expressividade, os processos sociais que com estas interagem, sem esvaziá-los dos agentes não-humanos que fazem funcionar a recepção (LEMOS, 2013, p.79).

inspiração etnográfica para, então, seguir os rastros das atividades do grupo e detectar os momentos de negociação em que a agência dos objetos técnicos esteja visível. Tive em consideração o alerta de Primo e Zago (2015) sobre esta metodologia, a saber:

> Vários métodos etnográficos, [...], têm sido usados por pesquisadores da TAR para observar os seres humanos e não-humanos enquanto eles se associam e recolher vestígios deixados em ações anteriores. Se os não-humanos estão primeiramente descritos como actantes, mas mais tarde as observações de suas participações são minimizadas ou mesmo ignoradas, esse caminho epistemológico chega em algum lugar não muito longe da partida, embora se tenha usado a TAR como guia para orientar a exploração. Assim, enquanto os não-humanos são mantidos como predicados, não como sujeitos, o conto antropocêntrico de jornalismo não será superado (PRIMO e ZAGO, 2015, *online*[22]).

Para evitar que o "conto antropocêntrico do jornalismo" permaneça, a estratégia foi atentar para as descrições das redes de mediações ocorridas, de modo a manter o olhar alerta para os rastros. Como recomenda Lemos (2013, p. 91), "descreva, descreva, descreva e você encontrará os principais mediadores (actantes), os intermediários (que transportam, mas não mudam nada), as ideologias, as forças, os poderes, as razões, as estruturas e as agências circulando" (LEMOS, 2013, p. 91).

Assim, o primeiro passo da pesquisa após a definição do objeto e as leituras referenciais se deu com uma saída a campo por uma semana, realizada entre os dias 27 de maio e 1º de junho de 2015, período estabelecido conforme o meu cronograma de doutorando e a negociação com o coletivo, um processo que descrevo a seguir.

Quando decidi pela Mídia Ninja como objeto de estudo, o primeiro contato foi feito pelo endereço eletrônico disponível nas redes. Depois de uma semana sem resposta, resolvi mandar uma mensagem através do Facebook a Germano[23], integrante do Fora do Eixo e da Mídia Ninja que conheci pessoalmente quando trabalhei na Casa da Cultura Digital em São Paulo. Germano é um dos membros mais antigos do coletivo; nos conhecemos em reuniões e transmissões da Pós-TV realizadas em 2012, tanto no espaço da Casa da Cultura Digital

22 No original em inglês, "Several ethnographic methods, for example, have been used by ANT researchers to observe humans and non-humans while they associate and to collect te traces left in previous acts. If non-humans are at first described as actants, but the observations of their participation is later minimized or even ignored, this epistemological path arrives somewhere not far from departure, even though ANT was said to guide the exploration. Hence, while non-humans are kept as predicates, not as subjects, the anthropocentric tale of journalism will not be surpassed"(PRIMO e ZAGO, 2015, *online*).

23 Nome fictício, assim como todos os outros citados na observação de campo nesta tese.

SP quanto da Casa FdE SP, e trabalhamos juntos, depois, na criação de um jornal para a cobertura da 2º edição do Festival BaixoCentro, um evento colaborativo realizado nas ruas e praças da região central de São Paulo, em abril de 2013.

Ele respondeu a mensagem minutos depois dizendo que já havia conversado com o pessoal e que, a princípio, estava tudo certo para a observação. Passados dois dias, ele respondeu ao e-mail enviado para o endereço do grupo confirmando esse acordo e dizendo que faltava apenas decidir em qual das cidades, dentre as sedes principais da Mídia Ninja à época (Rio de Janeiro ou São Paulo), seria realizada a observação. No dia seguinte à resposta do e-mail, conversamos por cerca de 30 minutos por telefone sobre como se dava a dinâmica de atuação em cada uma das cidades. Em São Paulo, a sede do grupo é a Casa FdE, e a maior parte das atividades é relacionada à articulação política e à produção musical, ainda que também haja cobertura de pautas. Germano me contou que, alguns dias antes da data destinada à minha saída a campo, haveria um evento de lançamento da campanha de financiamento coletivo dos Jornalistas Livres, uma rede de jornalistas, com participação da Mídia Ninja, destinada a pluralizar a cobertura jornalística de acontecimentos, inicialmente com foco em São Paulo[24]. No Rio de Janeiro, explicou Germano, o foco da Casa Coletiva, sede da Mídia Ninja, é mais a cobertura e transmissão audiovisual, embora também haja articulação política e produção musical.

Depois da conversa, ainda se passaram alguns dias para eu enviasse outro e-mail ao grupo confirmando a visita e o período de observação no Rio de Janeiro. Justifiquei a escolha da cidade porque a Mídia Ninja tem um histórico mais atuante na capital carioca, a partir das diversas coberturas realizadas desde junho de 2013, e também pelo enfoque do grupo da Casa Coletiva[25] ser na cobertura audiovisual, vídeos e fotos. Germano respondeu ao e-mail confirmando a visita, reiterando o convite para a inauguração da rede dos Jornalistas Livres em São Paulo e dizendo que eu poderia ir de van para o RJ com o grupo,

24 A campanha dos jornalistas livres se encerrou no dia 8/7/2015 e arrecadou R$132.755,00, valor acima da meta de R$100 mil estabelecida inicialmente.

25 A Casa Coletiva, como as outras casas da rede Fora do Eixo no país (especialmente São Paulo, Belo Horizonte e Brasília), funciona como moradia, local de trabalho e hospedagem de integrantes de bandas de música, participantes da rede de outros lugares do país e outros eventuais produtores culturais e pessoas envolvidas em alguns dos projetos do FdE e da Ninja. Há, portanto, uma rotatividade grande de pessoas morando na casa; de pelo menos 10 pessoas, o número de moradores que havia quando estive lá em 2015, até mais de 50, quando da produção de eventos na cidade que contam com participação de pessoas de fora do Rio de Janeiro, como foi o caso do Emergências (http://emergencias.cultura.gov.br/pb/). Mais detalhes sobre a organização da Casa e da rede FdE no Capitulo Quatro desta tese.

se quisesse. Conversei mais algumas vezes por mensagem antes de combinar detalhes da visita e assim fiquei os primeiros dias na Casa Coletiva, no Rio de Janeiro: pela manhã, entre 9h e 11h, ia para o espaço localizado no bairro Santa Tereza, centro da cidade, e voltava à noite, entre 19h e 23 horas, caso do primeiro dia. Houve o convite para ficar hospedado na Casa Coletiva durante essa semana, mas preferi ficar em residências de pessoas próximas a mim no Rio de Janeiro. Contou também para essa decisão a crença de que havia uma proximidade, minha com os integrantes da Mídia Ninja, de temas, assuntos e modos de fazer que, vivendo todos os dias no mesmo espaço físico, tornariam ainda mais difícil "transformar o familiar em exótico" em minha pesquisa, segundo o conhecido conselho de Da Matta (1978) sobre o ofício do etnólogo.

Os meses que se seguiram a essa primeira saída a campo foram dedicados a reorganizar o projeto de pesquisa a partir do diário de campo produzido e das leituras e discussões sobre o tema. A qualificação do projeto de tese foi realizada em 1º de outubro de 2015 e, a partir de então, participei de dois congressos, na antropologia e no âmbito do ativismo digital. Em dezembro, participei do Emergências (Encontro Internacional de Cultura, Ativismo e Política), realizado no Rio de Janeiro entre 7 e 13 de dezembro de 2015, organizado pelo Ministério da Cultura, mas com efetiva participação da rede FdE na sua produção, e da Mídia Ninja na cobertura e na articulação de diferentes encontros voltados à comunicação e ao midiativismo. Na condição de pesquisador e jornalista, participei das rodas de conversa relacionadas à temática da mídia, jornalismo e cultura digital, e mantive anotações nesses dias para descrever aquilo que acompanhava.

Em setembro de 2015, ainda antes do exame de qualificação, criei dois instrumentos de pesquisa a partir da recomendação de Latour (2012) para que tudo seja considerado dados e, portanto, nos cerquemos de cadernos para melhor apreender as redes a serem descritas[26]. O primeiro foi um diário da tese privado, um arquivo com *software* de edição de texto, com anotações esparsas sobre a investigação, a partir de questões cotidianas, como

---

26 Latour sugere quatro cadernos para acompanhar bem uma investigação: um diário da pesquisa propriamente dita; um segundo para reunir informações e catalogações em ordem cronológica; o terceiro sempre à mão, para registros, desenhos e esboços; e o quarto, para "registrar os efeitos do relato escrito nos atores cujo mundo tenha sido desdobrado ou unificado" (LATOUR, 2012, p.161). Os três primeiros de alguma forma foram estabelecidos a partir dos dois diários que criei e num caderno de anotações que mantenho desde 2014. O quarto não foi realizado.

leituras, aulas, palestras, participações em evento, ou mesmo epifanias surgidas em passeios que, de algum modo, poderiam contribuir para as questões aqui trabalhadas. O segundo foi um diário da tese público, criado a partir de um blog[27], que desdobrava ou relatava alguns problemas e situações ocorridas no decorrer da pesquisa. De alguma forma, esses diários me ajudaram a "documentar a transformação sofrida quando se empreende uma viagem" (LATOUR, 2012, p.161).

Uma segunda saída a campo aconteceu entre os dias 7 e 18 de fevereiro de 2016, desta vez para a Casa Fora do Eixo São Paulo. No cronograma apresentado na qualificação, esta saída estava programada para novembro de 2015. Não ocorreu porque o final do ano de 2015 foi bem peculiar para o coletivo, nas palavras de Germano[28], por conta do esforço dedicado à produção de um grande encontro no Rio - que viria a ser o Emergências. Voltei a entrar em contato para organizar a saída a campo em janeiro de 2016, via mensagens de um site de redes sociais. Entre perguntas e respostas, no dia 30 combinamos que eu me inscreveria para participar de uma vivência chamada *Outros Carnavales*[29], que ocorreria durante o Carnaval (3 e 10 de fevereiro de 2016) em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Um procedimento muito realizado na rede Fora do Eixo e na Mídia Ninja, a vivência consiste em um período de trabalho e moradia nas casas da rede nas três cidades. Não há remuneração aos selecionados, nem estes pagam aos integrantes da rede pela alimentação, moradia e eventuais equipamentos que usarem do coletivo. Essa vivência tinha por foco realizar uma cobertura do carnaval brasileiro a partir de outros olhares que não os veiculados pela mídia tradicional e dar continuidade ao projeto *Otros Carnavales*, criado em 2015 pela Mídia Ninja e pela *Facción*[30], uma rede latino-americana de midiativismo, da qual a Ninja faz parte. A chamada era direcionada, então, a midialivristas, em especial fotógrafos, para morar e trabalhar nas casas coletivas durante esse período. Dos mais de 100 inscritos na chamada pública divulgada nos sites de redes sociais da rede Ninja e Fora do Eixo, 17 foram selecionados para o Rio, sete para Belo Horizonte e 12 para São Paulo, segundo dados do e-mail que enviaram aos selecionados, entre os quais eu me encontrava. Além dos

---

27 Disponível em: http://www.leofoletto.info/category/blog/

28 Em mensagens trocadas por e-mail, no dia 18 de outubro de 2015.

29 Mais informações sobre o projeto, no site http://medium.com/otros-carnavales. Em 2016 o projeto foi chamado de "Outros Carnavales", mas até 2015 era "*Otros Carnavales*", em espanhol, por isso o nome da página.

30 *Facción* é uma plataforma que articula a partir da América Latina redes independentes de Midiativismo. Site: http://faccionlatina.org/

dias de Carnaval, permaneci mais uma semana em campo, quando acompanhei o processo de construção das narrativas da Mídia Ninja, além de entrevistar alguns dos integrantes, ex-integrantes e pessoas de redes como a dos Jornalistas Livres.

Com as informações obtidas em campo e com as entrevistas realizadas, senti necessidade de obter mais dados sobre momentos da Mídia Ninja anterior a 2014, quando comecei a investigação para esta tese. Em 2013, especialmente, ano de criação e expansão da Ninja, houve diversos momentos-chave, citados pelos seus integrantes como ocasiões importantes para entender o funcionamento do coletivo. Acompanhei muitos desses momentos em que a Mídia Ninja ganhou destaque em 2013, mas não na condição de pesquisador interessado no que estava circulando nas redes de mediações dessa época.

Assim, optei pela busca de documentação de situações apontadas pelos integrantes da Mídia Ninja e pelas minhas observações em campo como momentos de debate público importante, em que os atores envolvidos nas redes de mediação do coletivo discordassem ou agregassem informações que fossem significativas para a descrição desse trabalho[31]. Foram dois os momentos analisados: a criação da Ninja, entre abril e junho de 2013 e a cobertura da chegada do Papa Francisco ao Rio de Janeiro, em 22 de julho de 2013, ocasião em que dois integrantes do coletivo foram presos. A análise se deu a partir de quatro elementos principais: a) entrevistas, realizadas de maneira presencial na observação em campo ou via videoconferência pela internet, com pessoas envolvidas nesses momentos; b) a coleta de postagens no Facebook da Mídia Ninja entre 27 de março (1º *post* no site) e 24 de julho de 2013, após cobertura da chegada do Papa Francisco, e de quatro de seus integrantes durante todo o mês de junho de 2013 e entre os dias 21 e 24 de julho de 2013. A coleta buscava a primeira frase do texto, a hora de publicação e a *URL*; c) assistir os vídeos de transmissões ao vivo ainda disponibilizados na plataforma *TwitCasting*, no caso de 22 de

31 Para desenvolver esta parte da construção metodológica da tese, me inspirei na chamada Cartografia das Controvérsias (CC), proposta por Bruno Latour como exercício empírico da ANT e desenvolvida por Tommaso Venturini (2010, 2012) para enxergar a rede funcionando em ambientes digitais e, principalmente, para assuntos tecnocientíficos. É uma metodologia que indica que o pesquisador deve usar as ferramentas disponíveis para visualizar a rede constituída, com atenção às “configurações fugazes onde atores estão negociando laços de antigas redes e a emergência de novas redes estão redefinindo a identidade dos atores” (VENTURINI, 2010, p. 7). De acordo com a cartografia das controvérsias, os "debates públicos (vagamente definidos como situações onde os atores discordam) constituem as melhores ferramentas para observar a construção da vida social" (VENTURINI, 2010, p.2). Por não seguir corretamente os procedimentos apontados por Venturini na CC, considero aqui que houve uma influência dessa metodologia, não sua adoção completa.

julho de 2013; e, por fim, d) a leitura e pesquisa de matérias, reportagens e comentários publicados em sites de jornalismo, brasileiros e internacionais sobre a Mídia Ninja entre junho e agosto de 2013. As descrições desses momentos analisados aparecem em diferentes capítulos desta tese.

1.4. De que forma? Organização da tese

Após esta parte de apresentação da tese, denominada "**Procurando uma Entrada"**, o trabalho inicia com a **Parte I: "Entrando Na Rede"**, que apresenta um interlúdio[32] relacionado à sociologia da ciência e a estrutura cíclica do pensamento. Passo a seguir para o **Capítulo Três**: "**Uma base simétrica em movimento: a Teoria Ator-Rede"**, que trata da TAR, suas origens na Sociologia e nos Estudos de Ciência e Tecnologia (em inglês, STS, *Social and Technology Studies*), alguns de seus principais textos, críticas e, por fim, uma aproximação aos estudos de comunicação e jornalismo; e para o **Capítulo Quatro: "Formação e ascensão da mídia ninja"**, em que descrevo a Rede Ninja, o Fora do Eixo, a PósTV e algumas características dos processos de formação e organização de produção de informação do coletivo.

A Parte II, chamada "**Na Rede**", abre com o segundo interlúdio, relacionado a termos usados pela Mídia Ninja para autoidentificação de seu trabalho. A seguir, o **Capítulo Seis: "Deslocamentos de uma tradução: como uma inovação técnica reconfigurou o ao vivo da rua na mídia ninja"** aborda o processo de tradução do *TwitCasting*, *software* de transmissão ao vivo utilizado pela Mídia Ninja em 2013, a partir da análise dos fatos ocorridos em 18 de junho, em São Paulo, e em 23 de julho, no Rio de Janeiro. O **Capítulo Sete: "Os fluxos da redação ninja na nuvem"** dá continuidade ao relato do funcionamento do processo de produção da Mídia Ninja abordando a organização do fluxo de cobertura de acontecimentos observados em campo, maio de 2015 e fevereiro de 2016. Por fim, "**Saindo da Rede"** apresenta algumas considerações finais a partir do movimento de sair da rede descrita da Midia Ninja para ver o que dela se leva para o jornalismo e a comunicação.

32 Neste trabalho, os interlúdios são trechos de texto que abrem as partes I e II e tratam de temas ditos complementares aos capítulos que se seguem, às vezes trazendo outros referenciais teóricos.

2. PARTE I: ENTRANDO NA REDE

Rede é uma definição muito discutida na TAR, mas por sua importância convém descrevê-la brevemente aqui. Latour (2012, p.190) afirma que o termo (em francês, *réseau*) advém de duas tradições distintas: a rede dita "técnica" - eletricidade, trens, esgotos, internet - e uma outra oriunda da sociologia da organização para introduzir uma diferença entre empresas, mercados e países. Castells (2000) usa o termo de um modo em que as duas tradições se misturam, "porque rede se torna um modo privilegiado de organização graças justamente ao alcance da tecnologia da informação" (LATOUR, 2012, p.190). O autor francês então vai definir rede quando, por exemplo, aborda a produção de relatos na TAR: "Aquilo que é traçado pelas traduções nas explicações dos pesquisadores" (LATOUR, 2012, p.160), "uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa" (LATOUR, 2012, p.192).

Lemos (2013) escreve que a rede é "o movimento da associação, do social em formação. (...) O ator é rede, a associação é rede e a inscrição atravessa as categorias posicionadas no micro ou no macro. A rede não é conexão, mas composição" (LEMOS, 2013, p.35-36). Holanda (2016), por fim, diz que rede é a "forma criada pelas múltiplas associações e articulações entre actantes" (HOLANDA, 2016, *online*). Em todas as diferentes definições de rede, há um ponto comum: ela não se trata, necessariamente, de uma rede técnica como a elétrica, nem uma rede organizacional de empresas- embora estas possam ser, de acordo com uma dada investigação, também uma rede na concepção dos pesquisadores ator-rede citados aqui. Uso rede, a partir de então, como *uma composição realizada pelos diversos actantes mobilizados numa dada ação*. Adentramos.

INTERLÚDIO (IM) PRESCINDÍVEL (1) : UMA CRÔNICA DAS ORIGENS DA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA SOBRE O CARÁTER CÍCLICO DO PENSAMENTO

Em 1935, Ludwik Fleck trabalhava no Departamento de Medicina Interna do hospital de Lviv, sua cidade natal, na Ucrânia, quase fronteira com a Polônia. Atendia e exercia funções administrativas durante a tarde, e, pela manhã, se debruçava em leituras de filosofia, sociologia e história da ciência, estimulado pela formação interdisciplinar que teve, como médico, no ambiente efervescente em ideias da Universidade de Lviv. Desde 1927 também publicava artigos acadêmicos na área da epistemologia da ciência, "sociologizando" sua área de atuação, a medicina, ao percebê-la como uma atividade coletiva complexa, em que fatores externos a certas descobertas médicas, como o contexto histórico em que foram produzidas, o sistema de ideias vigente e o caráter coletivo de qualquer saber, tinham extrema importância e, portanto, deveriam ser estudados com mais dedicação do que à época se fazia.

As ideias trabalhadas por Fleck teriam seu clímax com o livro "Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico[33]", publicado em alemão por uma editora de Basiléia, Suiça, em 1935. Numa linguagem não dirigida a especialistas, o livro investiga um caso importante da história da medicina - o desenvolvimento do conceito de sífilis e sua relação com a chamada reação de Wasserman - para, a seguir, tecer suas considerações epistemológicas sobre a estrutura sociológica do saber. Fleck propõe uma epistemologia que busca equilibrar o lógico e o empírico num "sistema de referência" que incorpora "conexões passivas" e "conexões ativas", sem enfatizar a empiria, de um lado, ou a lógica, por outro. Para o médico, devemos, então, abandonar as dicotomias das posições radicais de uma descrição empírica, por um lado, ou de uma postulação lógica por outro, para abraçar o conhecimento que emerge da atividade humana em suas interações com o social e a natureza[34].

> A teoria comparada do conhecimento não deve considerar o processo do conhecimento como uma relação binária entre sujeito e objeto, entre o ator do

---

33 A edição que tomo por base para as citações é a brasileira: FLECK, Ludwik. Gênese e desenvolvimento de um fato científico. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte; Fabrefactum, 2010.
34 Em CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. Prefácio à edição brasileira: Um livro e seus prefácios: de pé de página a novo clássico.

> reconhecimento e algo a ser conhecido. O respectivo estado do saber, enquanto fator fundamental de cada conhecimento novo, deve entrar como o terceiro elemento nessa relação. Caso contrário, não haveria como entender de que maneira se chega a um sistema de opinião fechado e conforme a um estilo e por que se encontram predisposições para um determinado saber no passado que não eram legitimadas por razões "objetivas". (FLECK, 2010, p.81)

Fleck argumenta, então, que conhecer significa, em primeiro lugar, "constatar os resultados inevitáveis sob determinadas condições dadas" e que os três fatores que participam desse processo de conhecimento - o indivíduo, o coletivo e a realidade objetiva - são também passíveis de análise, pois ainda há relação entre eles (FLECK, 2010, p.83). O autor questionava duas certezas no mundo científico da época: a primeira é a de que o pensamento humano era algo fixo e absoluto, sendo o fato empírico relativo, manifestada pelos autores do chamado "Círculo de Viena", de filósofos como (Schlick, Carnap e outros[35]), e a segunda pelos filósofos humanistas e idealistas, que consideravam o fato fixo e o pensamento humano como variável (FLECK, 2010, p.94). Seu caminho era um terceiro: o de que tanto o fato quanto o pensamento eram variáveis, fazendo com que o processo de conhecimento humano fosse "um produto social por excelência": "Será que não podemos absolutamente dispensar o fixo? Tanto o pensamento quanto os fatos são variáveis." (FLECK, 2010, p.94)

Para avançar em seu caminho metodológico, Fleck estabelece uma série de conceitos, entre eles o de "coletivo de pensamento": comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos" (FLECK, 2010, p.82). Ilustra esse conceito de forma esclarecedora, em uma comparação que afirma ser algo trivial:

> o indivíduo pode ser comparado a um jogador de futebol, o coletivo de pensamento ao time treinado para colaborar e o conhecimento ao andamento do jogo. Será que esse andamento só pode ser analisado a partir de cada chute individual? Perder-se ia todo o sentido do jogo! (FLECK, 2010, p.88)

Assim como um time de futebol não é a simples soma de todos os seus jogadores, o coletivo de pensamentos também não é a soma de todas as pessoas: " O indivíduo nunca,

---

35 O Círculo de Viena pode ser brevemente caracterizado aqui como criadora de uma corrente de pensamento, também chamada de "positivismo lógico", que surgia como reação à filosofia idealista e especulativa predominante na Alemanha em pensadores como Kant e Hegel. Além dos citados, Philipp Frank (1884-1966), Otto Neurath (1882-1945) e Hans Hahn (1879 - 1934) são nomes situados nesse grupo.

ou quase nunca, está consciente do estilo de pensamento coletivo que, quase sempre, exerce uma força coercitiva em seu pensamento e contra a qual qualquer contradição é simplesmente impensável" (FLECK, 2010, p.84).

Quando apareceu, a obra de Fleck parecia possuir todas as qualidades para ser exitosa. Entretanto, teve pouca repercussão. Uma série de situações, que vão da consolidação do Nazismo na Alemanha às poucas resenhas sobre a obra (somente uma foi publicada, em uma revista acadêmica de filosofia e técnica[36]), fizeram com que a obra do médico judeu não circulasse na Europa. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a ocupação nazista de Lviv, Fleck é levado aos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald, onde é submetido a trabalho forçado nos laboratórios mantidos pelo regime comandado por Hitler. Ao fim da guerra, em 1946, junto da esposa e do filho, volta a sua Lviv natal. Atua como médico, professor e membro de associações científicas de seu país, tendo por foco não mais a epistemologia da ciência, mas o atendimento clínico e os estudos de microbiologia. Morre em 1961, em Israel.

No ano seguinte à sua morte, em 1962, o físico e filósofo estadunidense Thomas S. Kuhn publica aquele que seria o livro mais lembrado dentre todos em sua obra: "A Estrutura das Revoluções Científicas". No prólogo, Kuhn cita o livro de Fleck, de passagem, como "uma monografia quase desconhecida de Ludwik Fleck [...], um ensaio que antecipa muitas de minhas próprias ideias" (KUHN, 2013, p.11). Publicado em inglês por uma grande editora, o filósofo estadunidense acaba por chamar atenção para o livro de Fleck, que 17 anos depois seria traduzido para o idioma inglês e publicado pela *University of Chicago Press*, nos Estados Unidos, com prefácio de Thomas Kuhn. Era o início de uma redescoberta da obra, que na sequência seria republicado também em língua alemã (1980) e teria suas traduções para o italiano (1983), espanhol (1986) e francês (2005), antes da tradução brasileira (2010). Segundo Curi e Santos (2011), só recentemente começaram a ser exploradas outras possibilidades do livro de Fleck, para além das noções de estilo de pensamento e coletivo de pensamento, consideradas precursoras e semelhantes às de *epistémè*, de Michel Foucault, e de paradigma, de Kuhn.

"Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico" foi publicado em inglês no mesmo ano de "A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos", de Steve Woolgar e Bruno

36 É o que escrevem, no prefácio de "Gênese e Desenvolvimento", Lothar Schäffer e Thomas Schnelle (1979; publicado também na edição brasileira de 2010).

Latour, em 1979. A obra é resultado de uma etnografia de dois anos no laboratório liderado pelo neurocientista Roger Guillemin, em La Jolla, California, e mostra como muitos elementos atuam na produção do conhecimento em um laboratório científico, tais como a arquitetura dos espaços de trabalho, a disposição dos objetos nas mesas dos pesquisadores, o sistema de publicações acadêmicas em que estão inseridos, etc. O fato científico seria então construído a partir de muitos microprocessos, e a produção de dados confiáveis seria um meio de ativar o ciclo de credibilidade e de pôr em movimento o "comércio da ciência, ou, como diz Foucault (1978), "a economia política da verdade" (LATOUR & WOOLGAR, 1997, p.262).

É certo que pelo menos Bruno Latour leu Fleck, como ele mesmo já mencionou[37], e ainda que não se saiba se antes, depois ou durante "A Vida no Laboratório", as ideias de Fleck dialogam com as do pesquisador francês. Prestar atenção a fatores que durante muito tempo foram considerados "externos[38]" à produção do conhecimento científico, como os objetos que circundam os cientistas, a estrutura organizacional em que estes se encontram profissionalmente ou a coerência interna de certos hábitos científicos, são aspectos que estão nos trabalhos dos dois pesquisadores, mesmo que separados por mais de 40 anos e representados por conceitos diferentes. Saber que não existem "'qualidade e condições exclusivamente objetivas', mas apenas relações dentro de um sistema de referências mais ou menos arbitrário" (FLECK, 2010, p.95) é valorizar a ação e o movimento e também reconhecer, como Latour faz 70 anos depois, que "o social não está *em nenhum lugar particular* como uma coisa entre outras coisas, mas pode circular *em qualquer lugar* como um movimento que liga coisas não sociais." (LATOUR, 2012, p.158)

---

37 No prefácio à edição em francês de "Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico", Latour inclusive critica aqueles que consideram a noção de coletivo de pensamento, de Fleck, como precursoras de Foucault e Kuhn. Ele argumenta que Fleck "não tratava apenas de estudar o contexto social das ciências, mas de perseguir todas as relações, embates e alianças envolvidas na produção do conhecimento e da história do pensamento" (CURI & SANTOS, 2011, on-line). Sobre a visão de Fleck por Latour, ver também "Reagregando o Social" (LATOUR, 2012, p. 165-166)

38 Scheffer & Schnelle explicam, no prefácio de "Gênese e Desenvolvimento", que esse "externo", no caso da reação de Wasserman, são quem conduzem e dão início à pesquisa. "A competição das nações no campo sorológico fazia com que as instâncias políticas concentrassem recursos para pesquisa nesse problema e que fosse dada a ele a correspondente ênfase. O fato de a reação de Wasserman ter mobilizado uma atividade investigativa sorológica tão gigantesca - num relatório do ano 1927 sobre o sorodiagnóstico da sífilis foram registrados aproximadamente 1500 trabalhos - explica-se, para Fleck, somente levando em consideração demandas e constelações sociais profundas" (SCHEFFER & SCHNELLE, 2010, p.20)

Essas ideias citadas - ou, para usar uma expressão de Fleck, este "estilo de pensamento" - delineiam uma ruptura nos estudos da epistemologia do conhecimento, inicialmente, e depois dos Estudos de Ciência e Tecnologia, ao propor que o que se considera como "evidente, demonstrado" na construção do conhecimento científico varia em cada caso (SCHEFFER & SCHNELLE, 2010, p. 13) a partir de uma miríade de redes relacionadas aos atores envolvidos na ação estudada. Em outras palavras, a produção de conhecimento envolve diferentes esferas que não podem ser separadas em o que é "natural" (as doenças, as reações químicas em laboratório) e o que é "social" (o médico que diagnostica a doença, os cientistas que olham pelos microscópios).

Levadas adiante, as consequências desses estudos que propõem a não separação entre natureza e sociedade, sujeito e objeto, macro e micro, por Fleck, Latour e Woolgar, entre muitos outros, se estendem para diversas áreas de estudos além da sua origem na sociologia do conhecimento e epistemologia da ciência. A Teoria Ator-Rede é uma destas visões que, influenciadas por Fleck, agregam pesquisadores e se espalham por distintas áreas, entre elas a comunicação e o jornalismo.

3. UMA BASE SIMÉTRICA EM MOVIMENTO: A TEORIA ATOR-REDE

Pela especificidades que a Teoria Ator-Rede tem em relação à Sociologia, às teorias da comunicação e aos estudos do jornalismo, este capítulo é dedicado ao detalhamento de suas origens, na Sociologia e nos Estudos de Ciência e Tecnologia, sua relação com a antropologia simétrica e sua proposição ontológica de não separação entre natureza e sociedade, sujeito e objeto. Meu objetivo aqui não é fazer uma genealogia completa desses textos, algo já realizado por muitos pesquisadores[39], mas sim tratar de alguns dos principais textos da TAR e a origem e definição de alguns conceitos importantes do seu vocabulário, como os de caixa-preta, tradução, inscrições do dispositivo, simetria generalizada, mediador e intermediário, além dos quatro entendimentos de *mediação técnica* propostos por Latour (1994b). Como toda perspectiva teórica e metodológica, a TAR tem suas limitações e passa por transformações ao longo do tempo. Estes dois aspectos são tratados nos tópicos finais do capítulo, que se encerra com uma aproximação a comunicação e o jornalismo, movimento que tem ocorrido de maneira mais constante dos anos 2010 pra cá.

3.1 Desvelando a TAR

Os primeiros textos da TAR surgem nos estudos de ciência e tecnologia, produzidos principalmente por pesquisadores como os franceses Bruno Latour (1994a; 1994b; 1997; 2000; 2012) e Michel Callon (1980; 1981, em parceria com Latour; 1986) e o inglês John Law (1992; 2004). Sob a influência de pesquisadores como Fleck e muitos outros[40], esses textos propunham a ideia de que a construção dos fatos científicos não pode ser pensada de maneira a separar objetos e humanos, social e natural, em lados diferentes, cada um com

---

39 A ampla bibliografia ator-rede é organizada em ordem alfabética e temáticas (teoria, estudos substantivos, tópicos relacionados, etc) no projeto chamado ANT Resource, mantido pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Lancaster, na Inglaterra. Sites: http://www.lancaster.ac.uk/fass/centres/css/ant/ant-a.htm (ordem alfabética) e http://www.lancaster.ac.uk/fass/centres/css/ant/ant.htm (por ordem temática).

40 André Lemos (2013) não cita poucas teorias como as principais influências da TAR: "o pós-estruturalismo, a 'semiótica material' de Foucault, os conceitos de agenciamento, rede e topografia de Deleuze e Guattari, as ideias de tradução, sujeito, objeto, espaço e tempo de Michel Serres, a etnometodologia de Garfinkel e a sociologia de Gabriel Tarde. A sua ontologia se aproxima do trabalho de Alfred Whitehead e, mais recentemente, dos modos de existência de E. Souriau "(LEMOS, 2013, p.34) .

pesos distintos que seriam avaliados previamente apenas com a pesquisa bibliográfica, sem saídas a campo e e sem a descrição da realidade que se quer investigar. O movimento dos pesquisadores da TAR, então, é o de levar essa indistinção prévia para o estudo dos fenômenos sociais, considerando que estes deveriam ser compreendidos somente a partir do fluxo, das redes efêmeras que se constituem na produção de determinado fato, com atores dos mais variados, sejam eles humanos ou objetos, lugares, documentos, espaços físicos. "O social não seria o que explica, de fora, as associações, mas aquilo que emerge das mais diversas mediações entre humanos e não humanos", como escreve Lemos (2015, p.39). Ou, como diz Latour (2012), o social é "antes o nome de um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro" (LATOUR, 2012, p.99).

Assim como a TAR surge a partir de diversas influências das mais variadas áreas, ela também não está sozinha em trabalhar com a visão de não separação entre sujeito e objeto: há movimentos parecidos na teoria feminista, nos estudos culturais, na antropologia social e cultural, e em outros ramos do pós-estruturalismo, como aponta Law (1999). Nestas "visões semióticas de mundo", o que há de comum "não é que não há divisões no mundo. É antes que tais divisões ou distinções são entendidas como *efeitos ou resultados*. Elas não são dadas na ordem das coisas[41]" (LAW, 1999, p.3). Outro aspecto conceitual importante para estes estudos trata de *performatividade:* esta abordagem de origem semiótica, da qual a TAR se constitui, nos diz que as "entidades atingem sua forma como consequência das relações nas quais se localizam. (...) São *performadas* em, por e através dessas relações[42]" (LAW, 1999, p.4).

Três dos primeiros textos produzidos no âmbito da TAR são exemplares em mostrar como as implicações teóricas funcionam: Latour e Callon (1981), Law (1986) e Callon (1986). Boa parte das noções que se estabilizariam como TAR anos depois já estavam neles, e por conta disso detalho um pouco mais de cada um nos próximos tópicos, trazendo algumas implicações posteriores dos conceitos trabalhados em cada texto.

---

41 Adaptação do trecho, em inglês: "it is not, in this semiotic world-view, that there *are* no divisions. It is rather that such divisions or distinctions are understood as *effects or outcomes.* They are not given in the order of things" (LAW, 1999, p.3)

42 No original em inglês: "entities achieve their form as a consequence of the relations in which they are located. (...) They are *performed* in, by, and through those relations." (LAW, 1999, p.4)

3.1.1 Callon, Latour (1981) e as caixas pretas

Considerado como um dos marcos fundadores da TAR por Latour (2012), “*Unscrewing the big Leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so*”, o primeiro dos textos que trato aqui, tem como argumento central o de que fenômenos de grande e pequena escala não são de naturezas diferentes, portanto não devem ser analisados em termos diferentes. Assim, apontam os autores, a distinção clássica na teoria social entre macro e micro não faz sentido, pois a ordem macro consiste de uma série de micro atores que tiveram sucesso em traduzir outros atores em uma única voz. "O que difere um do outro são as relações de poder e a construção de redes, que podem iludir a análise se for presumido *a prori* que macro atores são maiores ou superiores a micro atores[43]" (CALLON & LATOUR, 1981, p.280).

Callon e Latour (1981) mostram que a melhor maneira de entender que não há como distinguir previamente se são micro ou macro atores[44] atuando é considerar os atores como *redes*. Duas redes podem ter a mesma forma, mesmo que uma seja limitada somente a um ponto e a outra estendida a diversos pontos. Como exemplificam: "O escritório do financiador não é maior do que a loja do sapateiro: nem é seu cérebro, sua cultura, sua rede de amigos, nem o seu mundo" (CALLON & LATOUR, 1981, p.280). Financiador e sapateiro são ambos pontos de uma *rede*: só podem ser considerados como macro ou micro atores a partir da análise dos outros pontos da rede, e não a partir da pressuposição de que, por exemplo, o financiador, por ter uma casa maior e clientes com mais dinheiro em seu negócio, deve ganhar previamente o status de macro ator e como tal ser analisado de forma prioritária.

Analisar os macro e micro atores usando as mesmas ferramentas e os mesmos argumentos, sem considerar como dada a diferença de níveis entre os atores, é algo que,

---

43 Em tradução livre. No original, em inglês: "*There are* of course macro-actors and micro-actors, but the difference between them is brought about by power relations and the constructions of networks that will *elude analysus* if we presume *a priori* that macro-actors are bigger than or superior to micro-actors" (CALLON & LATOUR, 1981, p.280).

44 Por ser um termo utilizado com frequência na TAR, convém aqui detalhá-lo. Segundo Hemmingway (2007, p.224), ele advém da semiótica como uma definição que se refere "a alguma coisa que age ou para qual a atividade é permitida a outros na rede". Não requer nenhuma motivação especial, nem é restrito a humanos: um objeto, uma máquina, ferramenta, animal, espírito ou deus podem ser atores.

defendem os autores, não é realizado pela sociologia[45]. Dois erros são comuns, segundo eles: aceitando que macro atores realmente existem, os sociólogos antecipam sua força, ajudando-os a crescerem de forma mais vigorosa. Ou, em oposição, negando sua existência, não se permitem nem o direito de estudá-los. São dois erros que partem da aceitação como um fato dado já de início: "de que os atores podem ser de diferente ou do mesmo tamanho" (CALLON & LATOUR, 1981, p. 280). Nenhum ator é maior que outro exceto pela análise de uma transação - que Callon e Latour vão chamar de *tradução,* uma noção que vai ser crucial para a TAR nas décadas seguintes (e que desenvolvo melhor mais a frente).

Se as diferenças entre micro e macro atores existem, mas não podem ser detectadas *a priori*, como fazer, então, para enxergá-las? Callon e Latour vão dizer que esta diferença vai ser apontada quando direcionarmos nossa atenção para o processo no qual os atores criam assimetrias. Assim, um ator será micro ou macro de acordo com o número de relações que deixa ou pode colocar em *caixas pretas*: "Quanto mais elementos alguém coloca em caixas pretas - modos de pensamento, hábitos, forças e objetos - mais ampla a construção pode se tornar[46]" (CALLON & LATOUR, 1981, p.285). Os autores trazem aqui, pela primeira vez, a ideia das caixas pretas que seriam retrabalhadas anos depois em diversos estudos ator-rede, identificando-as aqui como *coisas cujos conteúdos tornaram-se indiferentes* a partir de uma estabilização[47], provocada por uma ação que resolve um problema ou uma controvérsia, nos termos da TAR.

O desafio para os investigadores do social seria mais tarde desenvolvido por Latour, Callon e outros, dentro da TAR, como o de *abrir as caixas-pretas*, de modo a escancarar os elementos desta associação provisória e, assim, rastrear de onde vieram, como se

45 Mais tarde, especialmente Latour (2012) vai se referir a sociologia que aqui critica como "sociologia do social", uma "escola" que se tornou a posição padrão do nosso "*software* mental" de relação com o mundo. Essa posição leva em conta o seguinte, segundo o autor francês: "existe um 'contexto' social em que ocorrem atividades não sociais; ele é uma esfera específica da realidade; pode ser usado como um tipo de causalidade para explicar os aspectos residuais que escapam a outros domínios (psicologia, direito, economia, etc.); é estudado por especialistas a que se dá o nome de sociólogos ou "socio-(s)" - sendo "x" a incógnita para qualquer disciplina. Como os agentes comuns estão sempre "dentro" de um mundo social que os abrange, podem na melor das hipóteses "dar informações" sobre esse mundo e, na pior, igonoar sua existência, cujo efeito total só é percebido pelos olhos mais disciplinados dos cientistas sociais" (LATOUR, 2012, p.21).

46 No original em inglês, "the more elements one can place in black boxes – modes of thoughts, habits, forces and objects – the broader the construction one can raise" (LATOUR & CALLON, 1981, p.285).

47 No original, Callon & Latour dizem que "A black box contains that whioch no longer needs to be reconsidered, *those things whose contents have become matter of indifference*" (LATOUR & CALLON, 1981, p.285) - grifo meu.

constituem e para onde podem se associar esses elementos. É esta defesa que Latour fará em "Ciência em Ação" (publicado originalmente em 1987), quando pontua que:

> Não tentaremos analisar os produtos finais, um computador, uma usina nuclear, uma teoria cosmológica, a forma de uma dupla hélice, uma caixa de pílulas anticoncepcionais, um modelo econômico; em vez disso, seguiremos os passos de cientistas e engenheiros nos momentos e nos lugares nos quais planejam uma usina nuclear, desfazem uma teoria cosmológica, modificam a estrutura de um hormônio para a contracepção ou desagregam os números usados num novo modelo econômico (LATOUR, 2000, p.39).

"Abrir as caixas-pretas" como objetivo de uma investigação científica é uma noção que aponta a atenção para o processo de construção mais do que para o produto já finalizado, o movimento em vez das estabilizações. Por consequência, ganharia destaque na TAR o olhar sobre tudo aquilo que ocorre neste *entre* - as mediações, aquilo que produz ação, tradução, circulação (LEMOS, 2013, p.64), entrando neste "tudo" os objetos técnicos, historicamente relegados na sociologia por falta de interesse (LATOUR, 2012[48]), e as inscrições particulares que estes deixam ao agir com os atores humanos, tema do próximo tópico.

3.1.2 John Law (1986) e as *inscrições dos dispositivos*

O segundo texto inicial da TAR é "*On the methods of Long Distance Control: Vessels, Navigation and the Portuguese Route to India*", de John Law, publicado na coletânea editada pelo mesmo Law chamada "*Power, action and belief: a new sociology of knowledge?"*, em 1986. O artigo trata dos meios, técnicos e humanos, que permitiram o controle à distância das navegações portuguesas no século XVI e suas peculiaridades em relação a de outras

48 Nas palavras do autor francês: "Para obter o seu "lugarzinho ao sol", eles - os chamados "sociólogos do social - abandonaram, já no início do século XIX, coisas e objetos a cientistas e engenheiros. Foi o jeito de pleitar um pouco de autonomia: abrir mão de vastos territórios e se apegar a menores - significado, símbolo, linguagem, intenção. Quando uma bicicleta bate numa pedra, isso não é um fato social; mas quando um ciclista ultrapassa um sinal de "pare", é" (LATOUR, 2012, p.124). A fim de evitar-se o determinismo técnico, continua Latour, "tenta-se defender com todas as forças o "determinismo social", que chega a "tais extremos (a máquina a vapor passa a ser, por exemplo, "simples reflexo" do capitalismo inglês) que mesmo engenheiro de mente mais aberta se faz de determinista técnico e esmurra a mesa com exclamações viris sobre "o peso das coações materiais"(LATOUR, 2012, p.124).

potências marítimas europeias da época, tema que foge do escopo tradicional de assuntos da análise sociológica. Law se pergunta:

> como os portugueses eram hábeis para bombardear Calicute e vencer uma batalha naval contra uma poderosa frota *Gujerati* e egípcia em 1509 e ainda dar um golpe no comércio de especiarias no Oceano Índico que antes era monopolizado pelos marinheiros muçulmanos?[49](LAW, 1986, p.4)

Ele desenvolve a ideia de que o controle à distância dependia da criação de uma rede de documentos (cartas e instrumentos de navegação), objetos (caravelas) e pessoas (marinheiros bem treinados) que possibilitavam uma comunicação eficiente entre centro e periferia na rede de atores que compunham as navegações portuguesas da época.

> "Mobilidade, durabilidade, capacidade de exercer a força, a capacidade de retornar – estas coisas parecem ser indispensáveis se o controle remoto há de ser tentado. De fato, eles podem ser vistos como especificações de um requisito ainda mais geral: que não haja degeneração na comunicação entre o centro e a periferia[50]" (LAW, 1986, p. 9).

Para chegar a essa conclusão, Law faz uma análise simétrica desses três elementos - documentos, pessoas e objetos - de modo a descrever como eles criariam "um envelope estruturado um para o outro[51]" que asseguraria a durabilidade e a fidelidade daquela rede. De acordo com o autor, foi a mobilização de: a) *dispositivos/objetos técnicos,* em especial a "Nau de Carreira", caravela portuguesa que se diferenciava das outras por ser inexpugnável a ataques de barcos pequenos, suportar bastante carga (portanto, dispensar paradas e ter relativa independência de movimento) e ter um casco capaz de andar bem inclusive com ventos imprevisíveis e turbulentos; b) *técnicas de navegação* a partir de instrumentos de medição e mapas que cobriam mais lugares do que instrumentos de outras potências marítimas europeias da época; e c) *marinheiros bem treinados*, que sabiam ler e operar os

---

49 No original em inglês: "How, then, were the Portuguese able to bombard the Samorin of Calicut, to fight and win a naval victory against a powerful combined Gujerati and Egyptian fleet at Diu in 1509 (Parry 1963: 143) and obtain a stranglehold on the vital Indian Ocean spice trade that had previously been monopolised by Muslim sailors?" (LAW, 1986, p.4).

50 No original em inglês: "Mobility, durability, capacity to exert force, ability to return – these seem to be indispensable if remote control is to be attempted. Indeed, they may be seen as specifications of a yet more general requirement: that there be no degeneration in communication between centre and periphery" (LAW, 1986, p.9).

51 Em inglês, "they would create a structured envelope for one another" (LAW, 1986, p.22). A tradução foi feita a partir de Holanda (2014, p.5).

instrumentos, o que garantia uma comunicação não distorcida na rede. Como conclui Law, esses elementos

> Não retêm estas características em todas as circunstâncias. Eles podem perder a sua força e a sua capacidade de se mover se as coisas derem errado. No entanto, quando a comissão *[portuguesa, que estabeleceu um método para navegação fora das águas europeias]* "coçou sua cabeça" e considerou que *tipos* de elementos se esperava que se colocasse em um navio para que ele posteriormente mantivesse sua forma e seu poder, a resposta, mesmo não tendo sido colocada nestes termos, deve ter sido óbvia. Foram os documentos, os dispositivos e as pessoas bem treinadas[52] (LAW, 1986, p.22).

Para além das implicações históricas das informações do texto e para a análise da ideia do controle à longa distância, o que particularmente é interessante para esta tese é a noção de que cada um dos elementos descritos por Law traz *inscrições* particulares que agem sobre os outros elementos. Em análise desse artigo, Holanda (2014) diz que o mero transporte dos complicados aparatos astronômicos já utilizados em outros lugares da Europa não funcionaria com os portugueses

> tendo sido necessário gerar outro tipo de inscrições na forma de astrolábios e quadrantes simplificados, tabelas de referência, e detalhados e didáticos manuais de utilização dos dispositivos, equações e técnicas, traduzidas de modo a garantir sua legibilidade e praticidade nas mãos dos navegadores (HOLANDA, 2014, p. 63).

É assim que a solução portuguesa apontada por Law passou pela mobilização da astronomia de um modo particular, de um modo que permitisse a localização dos barcos a partir de pontos de referência de validade global - Estrela Polar, o Sol, o Cruzeiro do Sul - uma novidade para a navegação europeia da época guiada por referências focadas nos mares locais (Mediterrâneo e Mar do Norte como os principais).

Inscrições seria, então, outro termo importante para o vocabulário da TAR. Law (2004) narra sua origem a partir da obra de Bruno Latour e Steve Woolgar, "*A vida no Laboratório: a produção dos fatos científicos*" (1979), uma etnografia que se propõe a ver como cientistas

52 Nota em itálico minha para esclarecer a frase e clarear a expressão "scratched its head". No original, em inglês: "They do not retain these characteristics under all circumstances. They may lose their force and their capacity to move if things go wrong. Nevertheless, when the commission scratched its head and considered what kinds of elements it could hope to put on a vessel which would subsequently retain their shape and power, the answer, though it would not have been posed in these terms, must have been obvious. It was documents, devices and drilled people" (LAW, 1986, p.22).

produzem conhecimento dito científico na prática. Os dois pesquisadores passam a traçar os vários sistemas de produção materiais presentes no laboratório - incluindo as anotações dos cientistas, os experimentos em animais, as máquinas usadas nas experiências químicas - e como estes agem no processo de transformação dos resultados obtidos no laboratório em artigos para a comunidade acadêmica. Eles notam que enquanto alguns aparelhos "apenas" transformam um estado de matéria em outro, como no caso de um centrifugador, um agitador ou um triturador, há alguns que produzem resultados sob a forma escrita, que transcrevem uma longa série de experimentos em tubos de ensaio em um gráfico, por exemplo. Esses aparelhos serão chamados de *inscritores,* "todo elemento de uma montagem ou toda combinação de aparelhos capazes de transformar uma substancia material em uma figura ou um diagrama diretamente utilizáveis por um daqueles que pertencem ao espaço do 'escritório' (LATOUR & WOOLGAR, 1997, p. 44)". A partir daí, Law (2004, p.20) diz que os rastros deixados por aparelhos como os notados pelos dois pesquisadores no laboratório serão as *inscrições do dispositivo, "*um sistema (que frequentemente inclui mas não é redutível às máquinas) para produzir inscrições ou rastros a partir de materiais que tomam outras formas "[53] (LAW, 2004, p.160).

Law (2004) narra que uma das surpreendentes conclusões do trabalho de Latour e Woolgar (à época do livro) é a de que realidades são construídas em uma série de práticas nas quais algumas inscrições dos dispositivos *também* se fazem presente. Ele enfatiza: "realidades são construídas. Não pelas pessoas. Mas nas práticas tornadas possíveis por redes de elementos que compõem as inscrições do dispositivo - e nas redes de elementos dentro das quais residem as inscrições do dispositivo[54]" (LAW, 2004, p.21). As realidades não existem sem suas correspondentes inscrições dos dispositivos, o que traz um elemento que seria referenciado como uma das bases para a Teoria Ator-Rede: a de que os objetos *também* atuam, e como tais devem ser considerados em uma investigação que pretenda escrutinar o social, inclusive a produção de um conhecimento científico. Por este caminho de levar em conta os objetos, a TAR seria aproximada por alguns autores da comunicação, como Felinto (2013), a uma "virada não-humana", uma retomada do papel das

53 No original em inglês: "a system (often including though not reducible to a machine) for producing inscriptions or traces out of materials that take other forms" (LAW, 2004, p.160).
54 No original em inglês: "Realities are being constructed. Not by the people. But in the practices made possibile by networks of elements that make up the inscription device - and the networks of elements within which that inscription device resides" (LAW, 2004, p.21).

materialidades nos processos comunicacionais[55], e também seria criticada por um possível viés "materialista" em suas análises.

Anos mais tarde, para clarear esta noção de inscrição e dizer que *nem todos* objetos são atuantes, surgem na TAR os conceitos de *mediadores* e i*ntermediários.* Já mencionadas na introdução deste trabalho, essa diferenciação propõe que os *mediadores* seriam aqueles objetos que "fazem outros fazerem coisas", produzindo uma diferença rastreável pelos investigadores, enquanto os *intermediários* não modificam o curso da ação, ou não deixam provas de que o modificaram, não sendo possível, portanto, rastrear essas possíveis alterações. A imagem proposta por Lemos (2013, p.47) é ilustrativa dessa diferença:

> O actante é o ator principal, ele está na frente da cena, se inscreve em outros e faz a ação acontecer. Os intermediários estão lá quando entramos e nos sentamos. Mas a peça só começa quando mediadores tomam a cena. A questão é que como não há essência, um pode virar o outro, a depender de como se constitui a rede, as associações (LEMOS, 2013, p.47).

Vale reforçar que mediadores e intermediários são usados como termos distintos mais para usos metodológicos de aplicação prática nas pesquisas do que propriamente conceituais. Como defende o próprio Latour em entrevista a Lemos na mesma obra[56], não há intermediação em si, e sim apenas a composição de redes de mediadores que sustentam esse efeito, se estabilizando em "uma caixa-preta na qual os diversos actantes 'agem como se fossem um só, e, podemos dizer, desaparecem'" (LEMOS 2013, p.56).

3.1.3 Michel Callon (1986) e a operação de *tradução*

O terceiro texto basilar da TAR, apontado por Latour (2012), é "*Some elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fisheman of Saint Brieuc*

---

55 Que, na comunicação, teriam suas raízes, segundo Felinto, em autores como Walter Benjamin, Martin Heidegger e Marshall McLuhan, e que têm sido atualizados por perspectivas como, por exemplo, das materialidades da comunicação (GUMBRECHT & PFEIFFER, 1994) e a configuração de um paradigma não-hermenêutico (GUMBRECHT, 2004) e as novas formas de materialismo (BENNET, 2010).

56 Perguntando por Lemos se um intermediário é sempre um mediador (LEMOS, 2013, p.274), Latour responde que "são conceitos um pouco '*bricolés*' (...) A diferença 'mediadores - intermediários' não é uma diferença conceitual porque, evidentemente, não há apenas intermediários. (...) São conceitos sempre localizados que dependem, de alguma forma, do local onde estamos situados" (LEMOS, 2013, p.274-275).

Bay", publicado por Michel Callon no mesmo livro editado por John Law (1986). O estudo tem por foco mapear as estratégias e princípios adotados por cientistas franceses para mobilizar seu objeto de estudo, as vieiras (um molusco dos mares do hemisfério norte, muito apreciado na culinária, de nome científico *Pecten Maximus*), os pescadores franceses da região da baía de Saint Brieuc, noroeste da França, e outros pesquisadores da comunidade científica - outro tema que, assim como texto de Law, foge do escopo comum dos estudos sociológicos. Na introdução do artigo, Callon propõe três princípios metodológicos para a proposta de sua investigação: *1) agnoticismo*: analisar todos os atores envolvidos, não privilegiando nenhum ponto de vista e nem censurando nenhuma interpretação; *2) simetria generalizada*: descrever os atores numa dada ação sem mudar de registro quando falar de aspectos técnicos ou sociais[57]; *3) livre associação:* o abandono de qualquer separação a priori entre eventos sociais ou naturais. É então que, para investigar o caso da domesticação das vieiras e suas relações com os pescadores e a academia, Callon propõe o conceito de *tradução* como "o mecanismo pelo qual o mundo social e natural progressivamente toma forma[58]" (CALLON, 1986, p.19). Em sua investigação, a tradução opera em quatro momentos distintos:

1) *Problematização.* A história tem início quando três pesquisadores de um centro de pesquisa e exploração de oceanos da França viajaram ao Japão para descobrir como as

57 A origem da noção de simetria como fundamento da prática sociológica vem de David Bloor e seu livro *Knowledge and Social Imagery* (1976), obra referencial nos estudos da ciência e da produção de conhecimento. Ali, a simetria é um dos quatro princípios - causalidade, imparcialidade, simetria e reflexividade - que Bloor propõe como um programa forte para o desenvolvimento de uma sociologia do conhecimento, que seria um contraponto à concepção de Merton em *Social Theory and Social Structure* (1957) e outros pioneiros da sociologia da ciência que, durante as décadas de 1950 e 1960 e boa parte dos 1970, haviam se esforçado para explicar a ciência como uma instituição social, com valores e normas próprios, dando ênfase ao papel supostamente distorcido que o social teria na produção de conhecimento. Bloor defendia que era possível investigar e explicar o conteúdo e a natureza do conhecimento científico porque, entre outras coisas, considerar que não se pode aplicar a sociologia de um modo completo ao conhecimento seria o mesmo que afirmar que a ciência não pode ser conhecida de modo científico. Para ele, então, era necessário superar a visão da sociologia do conhecimento como uma sociologia do erro. Nesse contexto é que surge o segundo princípio dos quatro citados, a imparcialidade, como a ideia de que "é preciso explicar tanto o êxito quanto o fracasso, tanto a racionalidade quanto a irracionalidade, tanto a verdade como a falsidade" (DOMENECH & TIRADO, 1998, p.16). E dessa noção advém também o princípio da simetria: precisamos, argumentava Bloor, usar um único estilo de explicação, seja ele usado para estudar erros quanto acertos. Não há uma teoria "melhor" ou "mais certa" porque esta se baseou em fatos experimentais comprovados; há, sim, que explicar como determinada teoria atingiu certo consenso na área, e fez com que outros que não a aceitavam passassem a concordar e ceder em seus argumentos. Callon aqui propõe que não apenas teorias e argumentos deveriam valer para "os dois lados", erros e acertos, racional e irracional, mas também a natureza e a sociedade poderiam ser descritas desta mesma forma.

58 Em inglês: "Translation is the mechanism by which the social and natural worlds progressively take form. The result is a situation in which certain entities control others" (CALLON, 1986, p.19).

vieiras eram cultivadas. Quando voltaram da viagem, escreveram uma série de artigos sobre o que viram, e a partir de então se perguntaram: seria possível transpor a experiência vista no Japão para a França, em particular para a baía de Saint Briuec? Esse é o problema estabelecido quando os pesquisadores chegam à região com a promessa de aumentar a população de vieiras, garantir sua sobrevivência, melhorar a situação econômica dos pescadores e o conhecimento dos seus pares cientistas. A problematização, portanto, descreve "o sistema de alianças ou associações entre entidades" (CALLON, 1986, p.8), neste caso, três: os moluscos, os pescadores e os cientistas.

2) *Interposição* (*interessement*). Depois de realizada a problematização, os mediadores (no caso, os três cientistas) vão cortar relações de seus atores com outras entidades e isolá-los, em um recorte necessário para que deem conta de levar adiante sua investigação. Interposição, então, vai ser o conjunto de ações pelas quais os três pesquisadores tentarão impor e estabilizar a identidade dos outros atores através da *problematização* (CALLON, 1986, p.8). Isso se dá a partir da construção de diferentes dispositivos que podem ser colocados entre eles; no caso analisado, a técnica de domesticação de vieiras criada pelos japoneses inspirou os três cientistas franceses e trouxe uma série de elementos técnicos que se interpõem entre as vieiras, os pescadores e os cientistas: os cabos de reboque (*towline)* que seguram os coletores, que por sua vez carregam bolsas que contém um suporte para a fixação das larvas que mantém o fluxo livre para que as vieiras andem mas não escapem, ao mesmo tempo que também as protege de predadores.

3) *Alistamento* (*enrolment*). O terceiro momento representa a série de manobras e negociações que podem, ou não, garantir que a interposição tenha sucesso. Os moluscos convocados a se ancorarem nos aparatos colocados pelos cientistas (as bolsas) na fase anterior agora vão precisar suportar as forças das correntes marinhas, de outros parasitas e de possíveis defeitos desse sistema para que, assim, permaneçam como aliados à rede construída pelos cientistas. "A definição e a distribuição de 'papéis' (...) neste sistema são resultados de negociações multilaterais durante as quais a identidade dos atores é determinada e testada[59]" (CALLON, 1986, p.12).

59 Em inglês, "the definition and distribution of roles (...) are a result of multilateral negotiations during which the identity of the actors is determined and tested" (CALLON, 1986, p.12).

4) *Mobilização.* Uma vez que as fases anteriores sejam cumpridas, os atores que se constituíram como aliados da proposição inicial dos cientistas agora precisam provar: são eles representativos como porta-vozes? Falam em nome de quem? Algumas poucas larvas das vieiras, que se mantiveram até aqui complacentes com o plano inicial de ação dos cientistas franceses, inspirados pelas técnicas observadas nos japoneses, podem falar em nome de toda a espécie *Pecten Maximus*? Alguns poucos pescadores em Saint Breuc podem falar em nome de toda a sua classe de trabalhadores? Alguns poucos pesquisadores que leram os artigos produzidos pelos cientistas franceses podem chancelar o que foi visto e propagar para outros como um conhecimento *científico*? Callon responde:

> Como esta análise mostra, os grupos ou populações em nome de quem os porta-vozes lançam são elusivos. O fiador (ou o referente) existe uma vez que a longa cadeia de representantes foi colocada no lugar. Constitui um resultado e não um ponto de partida. Sua consistência é estritamente medida pela solidez das equivalências que tenham sido colocadas no lugar e na fidelidade de alguns intermediários raros e dispersos que negociam sua representatividade e sua identidade"[60] (CALLON, 1986, p. 15).

A realidade social e natural é fruto dessa constante tensão e negociação em diversos cursos de ação operadas (HOLANDA, 2014, p.61[61]). Nesse caso em específico, tudo se resume a decidir se os porta-vozes mobilizados - os cientistas e suas proposições, os moluscos e suas persistências, os pescadores e suas práticas - representam legitimamente seus pares silenciados no decorrer do processo aqui chamado de *tradução.* Os três pesquisadores falam em nome das vieiras, dos pescadores e da comunidade científica, universos que inicialmente estavam separados, mas que, ao final, a partir de um discurso, foram reunidos. Mas, como Callon explica, "isso não teria sido possível sem os diferentes tipos de deslocamentos e transformação apresentados acima, as negociações e os ajustes que os acompanharam[62]" (CALLON, 1986, p.19). Para identificar estes mecanismos inseparáveis de deslocamento e transformação é que o sociólogo francês usa a palavra

---

60 Em inglês: "As this analysis shows, the groups or populations in whose name the spokesmen spear are elusive. The guarantor (or the referent) exists once the long chain of representatives has been put into place. It constitutes a result and not a starting point. Its consistency is strictily measured by the solidity of the equivalences that have been put into place and the fidelity of a few rare and dispersed intermediaries who negotiate their representativity and their identity"(CALLON, 1986, p. 15).

61 Abordo esse texto, em especial, com a ajuda de Holanda (2014), que destrincha o artigo de forma semelhante a aqui apresentada, por isso as constantes citações ao autor, além de Callon (1986).

62 Em inglês, "But this would not have been possible without the different sorts of displacements and transformation presented above, the negotiations, and the adjustments that accompanied them" (CALLON, 1986, p.19).

tradução. É através deste processo que certos atores, mobilizando outros para seus cursos de ação e falando em seu nome, dão forma aos mundos da natureza e do social (HOLANDA, 2014, p.61). É então que os três pesquisadores, por fim, *traduziram* os pescadores, as vieiras, e a comunidade científica.

Como conceito, tradução foi buscado inicialmente por Callon (1980) a partir da ideia do filósofo francês Michel Serres, que, em sua obra de 1974, chamada justamente "*La Traduction: Hermès III*", apontava-a como umas das quatro formas de conhecer o mundo:

> Conhecemos as coisas por sistemas de transformação das montagens que as compreendem. Como mínimo, esses sistemas são quatro. A dedução, na área lógico-matemática. A indução, no campo experimental. A produção, no domínio da prática. A tradução, no espaço dos textos[63] (SERRES, 1980, p.3).

Conhecer é visto como traduzir, não representar: é um processo que opera em todos os níveis em que se desenvolve o conhecimento - as relações entre objetos, substâncias, técnicas, interesses, problemas, sentimentos, sonhos (DOMENECH & TIRADO, 1999, p.28). Callon, e logo depois Latour (1987), vão entender tradução, nesse momento, como as negociações, intrigas e atos de persuasão no qual um ator consegue a adesão de outros atores, como bem é mostrado na investigação de Callon acima descrita.

Tradução será um conceito importante a ser trabalhado na TAR, prova disso é que ela é também chamada em alguns momentos de *sociologia da tradução,* e como tal, terá diferentes formulações: "a interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e aos das pessoas que eles alistam" (LATOUR, 2000, p.178) em *Ciência em Ação* (publicado originalmente em 1987); "uma relação que não transporta causalidade, mas induz dois mediadores à coexistência" (LATOUR, 2012, p.160) em "*Reagregando o Social*" (*Reassembling the Social*, primeira versão de 2005); na visão de André Lemos sobre a TAR, "toda ação que um actante faz a outro, implicando aí estratégias e interesses próprios na busca da estabilização futura da rede ou da resolução da estratégia ou do objetivo" (LEMOS, 2013, p.49), entre outras definições que podem ser encontradas na bibliografia completa da TAR.

63 Em espanhol, "Conocemos las cosas por los sistemas de transformación de los ensamblajes que las comprendem. Como mínimo, estos sistemas son cuatro. La deducción, en el área lógico-matemática. La inducción, en el campo experimental. La producción, en el domínio de la prática. La traducción, en el espacio de los textos" (SERRES, 1980, p.3).

3.1.4 Bruno Latour (1994) e os quatro entendimentos de mediação técnica

O quarto texto que comento neste capítulo é de 1994 - portanto, publicado oito anos depois dos anteriores, o que acarreta algumas sínteses dos princípios que vinham sendo trabalhados pelos pesquisadores citados desde a década anterior. Em "*On Technical Mediation*[64]", Latour ilustra uma ideia de mediação na TAR que se diferencia das correntes humanistas, cujas visões teóricas preveem a superioridade da ação humana perante o objeto técnico, e das materialistas, que sustentam ser os objetos os determinantes a ação. Ele ilustra essa distinção ao analisar os slogans relacionados a associações favoráveis e contrárias à venda de armas: "*Guns kill people*" e "*People kill people, not guns*". O primeiro seria materialista, pois considera que as armas (objetos) matam pessoas, enquanto o segundo seria humanista, ao dizer que pessoas – e não armas - matam pessoas, considerando a arma como *neutra*, apenas um meio para um fim. Latour, então, vai dizer que nem arma nem cidadão são responsáveis pelo ato de matar. Segundo ele, a responsabilidade é dividida entre os vários actantes envolvidos na ação.

> Se eu definir você pelo que você tem (a arma), e pela série de associações em que entra quando usa o que tem (quando dispara a arma), então você é modificado pela arma - mais ou menos desta forma, dependendo do peso de outras associações que carrega. Esta tradução é toda simétrica. Você é diferente com uma arma na mão; a arma é diferente com você segurando-a. Você é um outro sujeito porque segurou a arma; a arma é outro objeto porque ela entrou em uma relação com você[65] (LATOUR, 1994b, p.33).

Se todos são transformados quando em contato, sejam pessoas ou coisas, não há como dizer que a ação vai "pender" mais para um lado. É então que se apresenta, novamente, o princípio da simetria radicalizada proposta inicialmente por Callon (1986), agora como uma

---

64 Esse texto tem uma versão um pouco diferente, traduzida para o português como "Um Coletivo de humanos e não-humanos: no Labirinto de Dédalo", publicado na coletânea "A esperança de Pandora" (EDUSC, 2001, p. 201-246). Como esta versão de 2001 traz algumas traduções criticadas por muitos pesquisadores brasileiros, entre eles o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, interlocutor de Latour, resolvi aqui cotejar a versão brasileira com a original em inglês, às vezes optando por traduzir diretamente do inglês, em outras optando pela tradução em "A esperança da Pandora". Sinalizarei as diferenças pelas datas - 1994b, no primeiro caso; 2001, no segundo.

65 Em inglês: "If I define you by what you have (the gun), and by the series of associations that you enter into when you use what you have (when you fire the gun), then you are modified by the gun – more so or less so, depending on the weight of the other associations that you carry. This translation is whole symmetrical. You are different with a gun in hand; the gun is different with you holding it. You are another subject because you hold the gun; the gun is another object because it has entered into a relationship with you" (LATOUR, 1994b, p.33).

crítica à ideia de predomínio da tecnologia, defendida especialmente pelo filósofo alemão Martin Heidegger, para quem haveria uma "essência" que afetaria a todos, e seria, portanto, predominante na ciência e inclusive na mediação de uma dada ação, sendo uma ilusão a crença de que poderíamos dominá-la. Com seu entendimento de mediação, Latour (1994b) rejeita a visão heideggeriana de técnica como única, "insuperável, onipresente, superior, um monstro nascido em seu meio[66]" (LATOUR, 1994b, p.3). Quase duas décadas depois, Lemos (2013) vai endossar essa crítica ao filósofo alemão ao enunciar que, para a TAR, não há necessidade da busca de uma essência da técnica[67], já que a essência será considerada "como relação que um determinado objeto vai estabelecer com outros em determinadas ações. E essa relação nunca é a mesma, não pode ser reduzida nem à 'estrutura' da ação passada, nem à agência do objeto em outra ação similar" (LEMOS, 2013, p.248). Desse entendimento contrário a uma essência fixa e onipresente advém um dos enunciados mais conhecidos e representativos do filósofo francês: "essência é existência e existência é ação" (LATOUR, 1994b, p. 33).

Além de criticar Heidegger e propor uma alternativa à concepção de mediação, Latour propõe outros quatro diferentes entendimentos, que também podem ser vistos como quatro etapas do processo ontológico de mediação técnica:

1º) *Programa de ação:* "a série de objetivos, passos e intenções que um agente pode descrever em uma história como a da arma e o atirador" (LATOUR, 2001, p.353). É um entendimento que estabelece que tanto a ideia de uma *ferramenta neutr*a sob controle completo do ser humano quanto a de um *destino autônomo* que nenhum ser humano pode controlar são mitos simétricos. Uma terceira opção é a mais comumente realizada: a criação de um novo objetivo que não corresponde nem ao programa do ator nem ao da arma; "*Você queria apenas machucar, mas, com uma arma agora na mão, você quer matar[68]"* (LATOUR, 1994b, p.5). A essa incerteza o autor dá o nome da tradução (*translation*), a partir de Serres e

---

66 No original em inglês, "is entirely unique, insuperable, omnipresent, superior, a monster born in our midst" (LATOUR, 1994b, p. 33).
67 Para uma boa discussão sobre a essência da técnica na comunicação e na cibercultura, ver Lemos em "A crítica da crítica essencialista da técnica na cibercultura" (2015), a resposta ao texto de Rudiger, "Contra o conexionismo abstrato: réplica a André Lemos" (2015), e a tréplica em "Contra a crítica abstrata, Tréplica a Francisco Rüdiger" (LEMOS, 2016, *online*).
68 No original em inglês, "You had wanted only hurt but, with a gun now in hand, you want to kill" (LATOUR, 1994b, p.5)

Callon, definindo-a como "a criação de um link que não existia antes e que em certa medida modifica os dois elementos/agentes"[69](LATOUR, 1994b, p.5). A ideia então é transferir nossa atenção a este ator híbrido que se forma da junção dos dois, esse "alguém mais" que no caso do texto pode ser a arma e o atirador juntos (no objeto desta tese, pode ser um *ninja* e seu *smartphone*). Como descreve Latour (2001, p.8): "precisamos aprender a atribuir - a redistribuir - ações a um número maior de agentes do que seria aceitável no relato materialista ou no relato sociológico" (LATOUR, 2001, p.8).

2) *Composição*: Como já visto, nesta visão de Latour e da TAR, a ação não é uma propriedade de humanos, mas de uma associação de atuantes. O segundo significado de mediação técnica diz que os papéis dos atores provisórios "podem ser atribuídos a atuantes unicamente porque estes se acham em processo de permutar competências, oferecendo um ao outro novas possibilidades, novos objetivos, novas funções" (LATOUR, 2001, p.210). Aqui entra em ação o desvio (*detour*), a composição de *subprogramas* encaixados uns nos outros que estabelecem ferramentas compostas que podem levar à perda do objetivo original da ação - e até que ponto esses *subprogramas* podem se proliferar é algo que Latour afirma poder ser um bom campo de pesquisa para a psicologia cognitiva e para a teoria da evolução (LATOUR, 2001, p. 209). Esse desvio é simétrico tanto na fabricação de determinado artefato técnico quanto no seu uso, e entrar na ação precisamente no momento *anterior* a este desvio, antes de estarem estabelecidos sujeitos e objetos, objetivos e funções, forma e matéria, é o que o autor francês propõe em seu trabalho, conduzindo-nos para o próximo significado de mediação técnica.

3) O*bscurecimento reversível (reversive blackbloxing)*: por que é tão difícil avaliar com precisão o papel mediador das técnicas? Porque a ação que tentamos avaliar está sujeita ao obscurecimento, processo que torna a produção conjunta de atores e artefatos inteiramente opaca, uma *caixa-preta*. Para ilustrar esse entendimento, Latour usa o exemplo de um projetor.

> Ele constitui um ponto numa sequência de ação (digamos, numa palestra), um *intermediário* silencioso e mudo, plenamente aceito e completamente determinado por sua função. Suponhamos agora que o projetor se quebre. A crise nos lembra da existência do projetor. Enquanto os eletricistas se movimentam à volta dele, ajustando uma lente e substituindo uma lâmpada, damo-nos conta de que o projetor é constituído de diversas partes, cada qual com seu papel e função, cada qual com seu objetivo relativamente independente. Se, um momento antes, o projetor mal existia,

69 No original em inglês, "the creation of a link that did not exist before and that to some degree modifies two elements or agents" (LATOUR, 1994b, p.5).

> agora até mesmo suas peças têm existência individual, sua própria "caixa-preta". Num instante, nosso "projetor" deixou de ser constituído de zero partes e passou a ostentar muitas. Quantos atuantes existem lá, realmente? (LATOUR, 2001, p.211).

O projetor, quando aberto, pode equivaler a uma parte, a nada, a cem partes, a muitos humanos, a nenhum humano - e cada parte, por sua vez, pode equivaler a uma, a nenhuma, a muitas, a um objeto, a um grupo. Cada caixa-preta aberta traz em si outras peças, de modo que estas, se quebradas, fariam com que outros atores também se materializassem e que nós, para as acompanharmos, tivéssemos que recuar no tempo e avançar no espaço (LATOUR, 2001, p.213).

4) *Delegação*: o quarto e último significado de mediação técnica para Latour sustenta que o agente *delega* aos actantes seus poderes, exigências e expectativas, como no exemplo do quebra-molas, em que toda uma rede de instituições e agentes públicos do nosso sistema de transportes está "presente" na superfície de concreto que faz um carro diminuir a velocidade nas ruas e estradas. O *programa de ação* apresentado pelos engenheiros para organizar o trânsito de uma cidade e "fazer os motoristas desacelerarem", por exemplo, é *delegado* ao concreto organizado em forma que se convencionou chamar de quebra-molas. As técnicas agem como alteradores de formas: "moldam um guarda" a partir do concreto, constroem uma realidade a partir de linhas de código que vão virar um *software* que permite uma transmissão ao vivo, para ficar no exemplo mais próximo ao tema desta pesquisa. E assim indefinidamente, sendo que nós só notaremos esta ação existente em cada abertura de caixa-preta se conseguirmos criar maneiras de vê-las, processá-las e representá-las de algum jeito.

3.2. TAR, mídia e jornalismo

Como já comentado na introdução, a aproximação de pesquisadores de mídia e jornalismo à Teoria Ator-Rede é recente, dos anos 2000 em diante[70]. Neste tópico elenco alguns trabalhos importantes que cruzaram o meu caminho durante o processo de feitura

70 O que não deixa de ser surpreendente. Nas palavras de Couldry (2008): "ANT seems perfectly placed to generate a theory of the role(s) of media and communication technologies in a contemporary societies: these too have emerged historically, yet over more than a century have acquired the force of nature. Yet this connection has been surprisingly little explored" (COULDRY, 2008, p.93).

desta tese. Um dos primeiros mapeados nessa aproximação é o inglês Nick Couldry, que considera a TAR como um antídoto para a visão funcionalista da mídia, persistente em boa parte dos estudos contemporâneos e no senso comum, de

> falar como a mídia fosse o social, como se os meios fossem os canais naturais da vida social e do engajamento social, ao invés de meios altamente específicos e institucionalmente focados em representar a vida social e canalizar a participação social[71] (COULDRY, 2008, p.96).

O autor inglês afirma que a retórica funcionalista fornece uma visão idealista da mídia como "a sociedade", que carrega uma concepção de mediação como um processo invisível, uma das características centrais do quadro filosófico da modernidade que Latour contesta "Jamais Fomos Modernos" (COULDRY, 2008, p.97) e que aparece em diversos outros textos já citados por aqui da TAR. Este caminho de dar atenção a mediação e concebê-la como um processo híbrido e instável seria um dos mais profícuos caminhos de aproximação da TAR aos estudos de mídia e jornalismo, como veremos a seguir.

Couldry também aponta restrições sobre a utilidade da TAR como uma teoria geral para entender como a mídia contribui para a experiência social. A principal crítica diz respeito ao limite da TAR em compreender a ação humana; para o autor inglês, a Teoria Ator-Rede está "interessada na celebração da agência humana em termos de seu enredamento com a tecnologia, mas não em quaisquer outras dimensões da agência humana[72]" (COULDRY, 2008, p. 101). Essa insuficiência se manifesta primeiro em uma dimensão temporal, onde a TAR se mostra mais interessada no estabelecimento temporário das redes do que em sua dinâmica posterior, sem auxiliar os pesquisadores a entender como as redes mudam quando desestabilizadas. E, em segundo lugar, na dimensão das questões de poder: a TAR negligenciaria as consequências, a longo prazo, das redes na distribuição do poder social, aspecto que Couldry considera importante para entender como instituições de mídia gradualmente adquiriram poder sobre grandes territórios e em densas redes de circuitos de comunicação. "O que limita a utilidade da TAR como tradição de pesquisa para a análise social e de mídia é sua relativa falta de interesse nas consequências a longo prazo das redes

71 Em inglês: "to speak as if media were the social, as if media were the natural channels of social life and social engagement, rather than highly specific and institutionally focused means for representing social life and channeling social participation" (COULDRY, 2008, p.96).
72 Em inglês, "ANT is interested in the celebration of human agency in terms of its entanglement with technology, and not any other dimensions of human agency" (COULDRY, 2008, p.101).

de poder estabelecido para o espaço social como um todo e sua igualdade ou desigualdade[73]" (COULDRY, 2008, p. 102).

Também inglesa, Emma Hemmingway utiliza a Teoria Ator-Rede como guia para uma investigação em uma redação jornalística do norte da Inglaterra, como já mencionado na introdução dessa tese, além de tratar da introdução de novas tecnologias nesse ambiente, como o caso do sistema técnico chamado *Personal Digital Production (PDP),* e da agência de alguns elementos no processo de produção, como o *media hub* e o caminhão satélite (*link*) de transmissão ao vivo. Seu livro, de 2007, é talvez o trabalho de maior fôlego envolvendo a TAR e o jornalismo produzido até hoje; também por conta disso, diversas reflexões permeiam essa tese do início ao fim, como poderá ser percebido (se já não o foi). De modo resumido, posso dizer que seu trabalho endossa algumas críticas feitas por Couldry (2008), como sobre a sua limitação em lidar com questões de poder em ambientes complexos como o de uma redação jornalística, mas aponta que a TAR, enquanto perspectiva teórica e metodológica, também está em constante mutação, sendo possível - e adequado - tensionar e ampliar seus entendimentos, em especial sobre a questão do papel dos agentes humanos na rede:

> Não é uma teoria que possa ser usada apenas para decifrar ou para fornecer uma narrativa estável de um processo do qual não tem envolvimento e sobre o qual não tem influência de tradução. É ela própria um ator. Mas ao usá-la como um método através do qual a rede pode ser observada, é possível, por exemplo, repensar a natureza das tecnologias e reconhecer a relativa autonomia e poder da agência dos atores não-humanos, e do que se consideravam ser sistemas estabelecidos. Isso deve encorajar tanto os cientistas sociais como os teóricos de mídia a desenvolverem sua análise do social para além dos paradigmas tradicionais do sujeito/objeto e reconhecer que os sistemas não são feito por sujeitos, mas sim temporariamente mantidos em redes flutuantes por atores humanos e não-humanos[74] (HEMMINGWAY, 2007, p.38).

---

73 Em inglês, "What limits the usefulness of ANT as a research tradition for media analysis and social analysis generally is its relative lack of interest in the long-term power consequences of networks' establishment for social space as a whole and its equality or inequality" (COULDRY, 2008, p. 102).

74 Em inglês: "It is not a theory that can be used merely to decipher or to provide a stable narrative of a separate process from which it has no involvement and upon which it has no translating influence. It is itself an actor. But by using it as a method through which the network may be observed, it is possible, for example, to rethink the nature of technologies and to recognise the relative autonomy and power of agency of nonhuman actors, and of what were considered to be established systems. This should encourage both social scientists and media theorists to develop their analysis of the social beyond traditional subject/object paradigms and to recognise that systems are not made by subjects but are instead temporarily held together in fluctuating networks by both human and nonhuman actors" (HEMMINGWAY, 2007, p.38).

Ursula Plesner é a terceira investigadora de nossa lista. Em seu artigo de 2009, "*An actor-network perspective on changing work practices:Communication technologies as actants in newswork*", a dinamarquesa escreve como a TAR pode trazer um bom enquadramento para pesquisar de que forma as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), como o e-mail e a internet, podem alterar as práticas de produção no jornalismo. Seu trabalho no primeiro momento apresenta, de um lado, a Teoria Ator-Rede, para introduzir seu entendimento holístico de que pessoas, ideias, construções simbólicas e objetos podem ser vistos como elementos igualmente importantes em uma análise; e, de outro, trata de recapitular investigações sobre as mudanças proporcionadas pelas NTIC nas redações jornalísticas, das reorganizações no espaço físico de trabalho até as relações institucionais do veículo jornalístico. Então, Plesner parte para o estudo de casos em que ela detectou três NTIC como *mediadores* no processo de produção de informação em redações jornalísticas: o e-mail, o telefone e a *googleability* (a capacidade de pesquisar informações em ferramentas de busca como o *Google*).

Segundo a autora, o e-mail produziu velocidade e informalidade nas práticas profissionais, citando um caso de pós-publicação de um artigo por um repórter e sua conversa com o editor e um leitor, que respondeu o artigo com uma carta, depois publicada pelo jornal:

> a comunicação por e-mail pode servir para esclarecer questões, resolver divergências, economizar com espaço em colunas e fomentar alianças entre atores. O que poderia ter se tornado uma longa luta pública transformou-se em um intercâmbio informal que deixa os participantes em um estado de acordo pelo menos parcial, e altera suas funções[75] (PLESNER, 2009, p.619).

No caso do telefone, a pesquisadora concluiu que ele é parte integral da relação entre o jornalista e sua fonte profissional (PLESNER, 2009, p.624); e que a *googleability* se tornou parte do "'horizonte de expectativas dos jornalistas', um uso extensivo e naturalizado da internet" (PLESNER, 2009, p.625).

Para além das conclusões relacionadas aos três actantes citados, que para alguns investigadores podem não ser nenhuma novidade, o estudo de Plesner parece ter o efeito

---

75 Em inglês: "email communication can serve to clarify issues, settle disagreements, economize with column space, and nurture alliances between actors. What could have become a lengthy public fight is turned into an informal exchange that leaves participants in a state of at least partial agreement, and alters their relations"(PLESNER, 2009, p.619).

de, em primeiro lugar, desnaturalizar os objetos utilizados na prática cotidiana de redações jornalísticas, tal "como um táxi é para um taxista", escreve Plesner (2009, p619). Também é um artigo que se mostra como um "teste de viabilidade" da concepção holística da Teoria Ator-Rede para uma investigação no jornalismo, como expresso na conclusão: "Em vez de escolher entre (por exemplo) um enfoque institucional, discursivo, interpessoal ou tecnológico, essa análise concentra-se em todos os tipos de atores (humanos e não-humanos) que fazem a diferença na produção de textos de mídia[76]" (PLESNER, 2009, p.624).

Seguindo nosso mapeamento, a obra que foco agora é "A Comunicação das Coisas", de André Lemos (2013), primeiro livro que busca explicitamente a aproximação da TAR com os estudos de mídia e o jornalismo no Brasil a partir de reflexões teóricas e estudos de casos[77]. Para isso, assim como também fazem Plesner e Hemmingway, Lemos em primeiro lugar busca descrever alguns conceitos-chaves da TAR, como rede, actante, intermediários e mediadores, caixa-preta, inscrição, controvérsias - muitas descrições desses conceitos aparecem espalhadas por esta tese, inclusive. Depois, ele aponta para sete contribuições da Teoria Ator-Rede aos estudos de comunicação, uma área que "lida muito com o humano e não-humano" (LEMOS, 2013, p.67).

> 1) Evitar a purificação dos fatos;
> 2) Oferecer um método capaz de ultrapassar delimitações entre natureza, sociedade e discurso;
> 3) Reposicionar o entendimento sobre mediação;
> 4) Apresentar o discurso midiático como rede de proposições;
> 5) Destacar a necessidade de não se abandonar o empírico em favor de estruturas;
> 6) Mostrar que o papel do analista é mapear redes de actantes mobilizados em determinadas ações;
> 7) Flagrar a constituição interna das caixas-pretas; (LEMOS, 2013, p.67)

Para que não se torne muito extenso (ou repetitivo), já que este é um assunto que percorre toda esta tese, passo a comentar algumas, não todas, dessas contribuições que Lemos ponta. A começar pelo primeiro, válido para todas as áreas do conhecimento e que

76 Em inglês: "Instead of choosing between (e.g.) an institutional, a discursive, an interpersonal, or a technological focus, such an analysis focuses on all the various kinds of (human and non-human) actors that make a difference in the production of media texts" (PLESNER, 2009, p.619).

77 Por questões de espaço, priorizei aqui as reflexões e contribuições teóricas do livro mais do que seus estudos de caso, que tratam de estudos práticos organizados pelo autor em suas aulas na UFBA que envolvem dispositivos de leitura, mídias sociais, espaço e mídias locativas e objetos da chamada "internet das coisas".

diz respeito a posição holística da TAR de não dividir o saber em "caixas" que não se comunicam entre si. É uma posição filosófica contrária a do ideal de pureza estabelecida como *status quo* na academia, e em especial na comunicação, em que "o sonho da purificação termina em uma vasta proliferação de híbridos como sociologias, semióticas, economias políticas, histórias, filosofias, psicologias, epistemologias... da comunicação" (LEMOS, 2013, p.72). Como já comentado aqui, o que importa para a TAR é aquilo que está em movimento, seja o "contexto" social, a infraestrutura de produção, os objetos, a comunicação, a história, a engenharia elétrica, o design, não havendo áreas proibidas a priori.

O segundo ponto de Lemos é diretamente relacionado ao primeiro: trata-se de, justamente, operacionalizar as investigações via TAR para dar conta de descrever as redes que atravessam fronteiras entre diversas áreas. Surge então a noção de método como cosmopolítico: "simultaneamente construtivo (mas incluindo simetricamente os actantes não-humanos), empirista (preso aos rastros) e político" (atento aos "*matters of concern*[78]"). (LEMOS, 2013, p.73). O(s) método(s) propostos via TAR, da qual a cartografia das controvérsias comentada na introdução deste trabalho é um exemplo, buscam evitar a separação ciência, natureza e sociedade ao serem contra processos de purificação e buscar atravessar livremente a "tal fronteira imaginária reconectando os meios na sua materialidade, as mensagens na sua expressividade, os processos sociais que com estas interagem, sem esvaziá-los dos agentes não-humanos que fazem funcionar a recepção" (LEMOS, 2013, p.79). Uma posição que Lemos afirma ser contrária àquela mais comum nos estudos de comunicação e jornalismo no Brasil, que buscam o fechamento do campo, inclusive como solução para a dispersão dos estudos em comunicação, o que acaba gerando o efeito oposto: "o de proliferação de hibridismos com outras ciências" (LEMOS, 2013, p.75).

O terceiro aspecto refere-se ao entendimento de mediação, caminho apontado já por Couldry (2008) quando em sua crítica a visão funcionalista da mídia. Lemos alega que mesmo hoje, quando a maior parte da academia concorda que a notícia é construída no processo de mediação, o qual sempre envolve alto grau de interferência, seleção e elaboração do relato sobre a realidade, "persiste a cobrança de transparência, como única

---

78 *Matters of concern* é traduzido para o português em Latour (2012) como "questões de interesse". Holanda (2016, *online*) a define como "aquilo que é problemático, o que se torna crítico, nos concerne de alguma forma e, portanto, não pode ser simplesmente assumido como verdade. Se opõem a *Matters of fact* (questões de fato).

garantia possível da pureza do trabalho de transmissão de uma verdade que precisa ser evidente e inequívoca" (LEMOS, 2013, p.77). Embora a teoria do jornalismo enquanto espelho da realidade tenha mais de um século, é fácil notar que, no senso comum da profissão, ela ainda predomina: basta olhar jornais de grande circulação no Brasil, como Folha de S. Paulo, O Globo e Zero Hora, no papel ou em suas versões digitais, para perceber que a visão predominante ainda é a da transparência, o que pressupõe uma mediação inexistente ou inócua. A lógica é de que "se há mediação, há construção, logo impureza e desvio da verdade" (LEMOS, 2013, p.77). Admitir que construção na mediação é tradução só deveria ser um problema, continua o autor, se ainda considerássemos as notícias e a realidade a mesma coisa, visão propagada no contexto da Teoria do Espelho, que, desde Lippmann, em 1922, já se criticava: "a hipótese que me parece mais fértil é que as notícias e a verdade não são a mesma coisa e precisam ser claramente distinguidas" (LIPPMANN, 2012, p.304).

O pesquisador brasileiro continua sua crítica a essa noção de mediação purificadora, que determinaria a ação de jornalistas como a de "'meros mensageiros' que não podem interferir no livre curso da notícia" (LEMOS, 2013, p.77). O jornalismo passaria a ser, então, tratado a priori como mero intermediário, e não mediador, para usar os termos próprios da TAR[79], o que ocasionaria críticas ora por deixar passar o discurso do poder ora pela razão oposta, por tornar explícita a sua interferência (LEMOS, 2013, p.80). O entendimento de mediação como tradução de uma coisa em outra, criação de diferença, circulação e movimento, permitiria a anulação de ambas as críticas, pois levaria em consideração o que está importando em determinado momento: só poderíamos indicar qual o papel do jornalista se considerássemos a ação em que ele está envolvido, como exemplifica Lemos:

> Ser mediador ou intermediário não são características essenciais dos elementos das redes, mas papéis assumidos na associação. O jornalista pode divulgar comunicados oficiais, como se fosse um mero porta-voz, ou ainda escrever editoriais com os quais não concorda em nome do veículo para o qual trabalha, constituindo-se como mero intermediário entre os autores do discurso e o público. Mas ele pode também questionar e levantar contradições capazes de derrubar versões autorizadas dos acontecimentos, assumindo plenamente sua condição de mediador. O

---

79 Devo essa relação a Osório (2015), que discutindo jornalismo e Teoria Ator-Rede, escreve: "Nos termos da TAR, o jornalismo se vende como intermediário, mas na verdade é um mediador, mesmo consciente de sua condição" (OSÓRIO, 2015, *online*).

> veículo pode ser um mero intermediário para os programas do setor comercial, o interesse do patrão, ou das suas alianças políticas. Mas pode, por outro lado, ser um mediador de pleno direito cujas jogadas podem alterar os rumos dos jogos políticos ou econômicos (LEMOS,2013, p.80).

Outra contribuição apontada pelo autor da TAR aos estudos de comunicação que considero importante já foi trabalhada brevemente por aqui: trata-se da ideia de jamais abandonar o empírico em favor de estruturas. A partir desse postulado é que Lemos aponta que a perspectiva Ator-Rede se diferencia da sociologia (a "Sociologia do social" de Latour) e de outras construções mais recentes e sofisticadas, "tal como a teoria de Bourdieu (1987, 1996), a estruturação de Giddens (1984), os Sistemas Complexos de Luhmann (1995) ou, em sentido inverso, o Interacionismo de Goffman (1999)" (LEMOS, 2013, p. 85). Estas abordagens apenas recolocariam mais longe o "velho problema das escalas", enquanto que para a TAR não bastam dialéticas entre interação local e estruturas: "A rede "global" é necessariamente local em cada uma das suas partes, em cada uma das suas associações" (LEMOS, 2013, p.85). Atentar ao empírico é também é também não usar de "*frames* teóricos" que pressupõem generalidades e usam-se dos atores apenas para "reforçar um enquadramento previamente estabelecido" (LEMOS, 2013, p.90).

Dando prosseguimento a organização cronológica deste mapeamento da aproximação de pesquisadores de mídia e jornalismo à Teoria Ator-Rede, a tese de Holanda (2014) é um trabalho que merece destaque. Orientado pelo já citado Lemos, o trabalho teve como título “Traduzindo o jornalismo para *tablets* com a Teoria Ator-Rede”, agregando como questões de pesquisa principais a tradução da mediação desempenhada pelo *tablet*, da rede de elementos que cooperam para o seu funcionamento e quais atores e programas de ação seriam mobilizados na tradução no jornalismo hipermídia. É um trabalho de pesquisa empírica que, diferente da inspiração etnográfica de Hemmingway (2007), teve como referência metodológica a genealogia de um dispositivo: “o levantamento por meio de pesquisas bibliográficas das prescrições específicas dos dispositivos, apontando para os diversos programas de ação que competiram para definir as suas características finais (HOLANDA, 2014, p.30).

O pesquisador, em um primeiro momento de sua tese, discute as origens e os principais textos da TAR, como fazem os outros autores já citados aqui. Depois, articula os postulados com a pesquisa em comunicação, num longo balanço histórico que perpassa os

estudos de propaganda, a teoria da informação e o funcionalismo, o agendamento, o *newsmaking*, os estudos culturais, chegando à cibercultura e ao jornalismo em dispositivos móveis. Realiza, então, um mapeamento das controvérsias surgidas após o desenvolvimento dos *tablets*, priorizando o controle de acesso ao conteúdo midiático - e não o processo de produção dos *tablets* como dispositivos técnicos, ou a produção das versões para *tablets* dos veículos jornalísticos, ambos processos de difícil acesso para um pesquisador, segundo Holanda. O *corpus* de estudo foi escolhido a partir da representatividade local nacional e internacional de publicações jornalísticas: *Correio 24 Horas* e *A TARDE*, da Bahia; *Folha de S. Paulo*, *Estadão, O Globo* e *Brasil 24/7*, nacionais; e *NYTimes*, *The Guardian*, *El País* e *Le Monde,* internacionais.

A genealogia montada pelo autor se apresentou de duas formas, na segunda parte da tese: 1) *do dispositivo*; desde o *Dynabook* até os projetos de *notebooks, netbooks, smartphones* e por fim a criação do *iPad*. Interessou ao pesquisador brasileiro o *script* de cada um destes objetos de acordo com as prescrições iniciais registradas em documentos, manuais, *papers* e artigos de divulgação científica, em que se buscou estabelecer uma evolução de programas de ação, projeções de usuários ideais e estratégias de mercado para os *tablets;* 2) *das inscrições na mídia*; a rede de associações comerciais, comunicacionais por trás e através de cada *tablet*: empresas de mídia e de *software*, fabricantes, usuários e as "nuvens" utilizadas pelos dispositivos e suas empresas para armazenar dados.

Após a genealogia do dispositivo, foram mapeadas as articulações ator-rede de cada um dos dez objetos do *corpus* de pesquisa, descrevendo a complexidade (ou simplicidade) das disposições dos atores a partir das inscrições coletadas nas fichas de avaliação. Só então, nas considerações finais, Holanda mobiliza os actantes articulando-os em redes que permitem compreender as mediações - o que na prática significou a comparação e a classificação dos resultados obtidos (HOLANDA, 2014, p.274). O mapa final revela as diferentes variáveis utilizadas pelos actantes para abrir as caixas-pretas que *iOS* e Android, sistemas operacionais produzidos pela Apple e Google respectivamente, aspiravam ser para a publicação nos *tablets* (HOLANDA, 2014, p.276).

O entendimento de mediação trabalhada por Latour, Callon, Law, Mol, entre muitos outros, diferenciaria, segundo Hemmingway (2007), a Teoria Ator-Rede de outros estudos de

mídia ao enfatizar que toda ação social requer mediação, e todas as formas de objetos e tecnologias são potencialmente mediadores, dependendo das redes em que estão engajadas (HEMMINGWAY, 2007, p.43). Por este flanco de discussão sobre a mediação e o jornalismo é que entram outros dois textos recentes, que passo a comentar a seguir. São artigos publicados mais a modo de tensionamento e aproximação de discussões teóricas relativas à TAR do que trabalhos oriundos de extensa análise empírica. É o caso de "Mediar, verbo defectivo: contribuições da Teoria Ator-Rede para a conjugação da mediação jornalística", de Alzamora, Arce e Salgado (2014), que tem como cerne o questionamento da discussão sobre a superioridade (suposta por algumas noções teóricas e veículos) da mediação jornalística sobre as demais na circulação de informações em rede. As autoras defendem a ideia de que a mediação jornalística é apenas parte de uma espiral de mediações sobrepostas, portanto híbrida, "parte integrante e jamais autônoma do movimento coletivo de reagregar o social nas conexões intermidiáticas da contemporaneidade" (ALZAMORA, ARCE e SALGADO, 2014, p.508).

Primo e Zago (2015), o segundo artigo apontado, elaboram um trabalho de aproximação da TAR ao jornalismo mostrando como ela, usada como referencial teórico-metodológico, pode desafiar a epistemologia do jornalismo ao considerar como participantes do processo de produção do jornalismo actantes que extrapolam a folha de pagamentos das organizações profissionais (PRIMO e ZAGO, 2015, *online*). O trabalho critica a visão dominante nos estudos do jornalismo, que a partir da institucionalização do jornalismo no ocidente, produziu uma ideologia profissional que os autores, com base em Deuze (2005), dizem ser significativa para que jornalistas e acadêmicos mantenham uma visão idealista baseada no que o jornalista *deveria ser,* e não aquilo que ele de fato é. Porém, o credo da profissão não explica o porquê do jornalismo ser respeitado como serviço público e "cão de guarda" da democracia. Frequentemente, a questão "o que é o jornalismo?" é confundida com "o que é o bom jornalismo?", o que, por sua vez, obscurece o fato de que o mau jornalismo ainda assim é considerado jornalismo. Esse tipo de julgamento faz com que formas *alternativas* de jornalismo, como as apresentadas por Atton (2005, 2009) por exemplo, sejam consideradas como desvios da profissão, ou, como apontam os autores,

"jornalismo marrom ou alguma coisa fora do verdadeiro reino jornalístico"[80] (PRIMO e ZAGO, 2015, *online*).

Baseado em Latour, os autores defendem então a necessidade de *reagregar o jornalismo* a partir de uma definição performativa[81], que atente para o que está em movimento. "Visto a partir da perspectiva da TAR, o jornalismo não corresponde a um conjunto de qualidades puras e obrigatórias. Jornalismo existe apenas enquanto acontece, e não como uma essência transcendente[82]"(PRIMO e ZAGO, 2015, *online*). A partir do que foi exposto, é possível dizer que " artefatos tecnológicos e outros objetos também fazem jornalismo (..). Além dos "*hes*" e "*shes*", os estudiosos devem considerar todos os "*its*" que são ativos participantes nas associações, sem os quais os processos seriam radicalmente diferentes ou não aconteceriam de forma alguma[83]" (PRIMO e ZAGO, 2015, *online*).

A partir dessa constatação de Primo e Zago, é possível ver, como faz Hemmingway (2007, p.213), que, assim como os fatos científicos no laboratório etnografado por Latour e Woolgar, as notícias também são construídas por diversos atores, entre os quais os objetos. E dentro de uma rede complexa como é a de construção de notícias, muitas *inscrições dos dispositivos* podem se tornar evidentes, do e-mail e motor de busca do Google analisados por Plesner (2009) ao sistema de publicação de conteúdo *online* do *Toronto Star*, no Canadá, chamado TOPS (RODGERS, 2015), das estruturas de redações na França, Bélgica e Canadá, analisadas a partir de fotografias do século XIX até hoje (LE CAM, 2015) aos sistemas de tradução de jornais *online* brasileiros para dispositivos *tablets* (HOLANDA, 2014).

---

80 Em inglês, "Yellow journalism or something outside the true journalistic realm" (PRIMO e ZAGO, 2015, p.47).

81 A ideia de um jornalismo enquanto performance, fruto da mobilização de atores ocorrida em dado momento, a partir de certos arranjos de atores diferentes, e não baseados em pressupostos como profissão ou participação em um veículo jornalístico, é importante para esta tese como uma hipótese de trabalho, como elencado na introdução. Discuto ela novamente na conclusão, a partir das redes em movimento da ação da Mídia Ninja, e cotejando com outras perspectivas teóricas.

82 Em inglês, "Seen fron ANT perspective, journalism does not correspond to a set of pure and mandatory qualities. Journalism exists just while it happens, and not as a transcendent essence".

83 Optei pela manutenção do "he, she it", pronomes pessoais da 3º pessoa em inglês, de modo a buscar manter o sentido original do trocadilho da frase. Em inglês, o trecho é "technological artifacts and other objects also do journalism. (...) Besides the "hes" and the "shes", scholars should consider all the "its" that are active participants in associations, without which the processes would be radically different or not happen at all" (PRIMO e ZAGO, 2015, *online*).

Com o crescimento de práticas chamadas "pós-humanas" no jornalismo (TRÄSEL, 2013), a rede de produção de informação na ação jornalística cada vez mais tem se tornado uma rede complexa, com diversos atores sendo objetos técnicos. Por conta disso, é possível que os pesquisadores da comunicação e do jornalismo não consigam mapear esses atores numa rede tão extensa como a de produção de uma informação a ser veiculada no jornalismo, ou ainda não consigam captar certas nuances da ação humana e de certas relações de poder, algo que, como já observado, tem sido notado desde Law (1999) até Hemmingway (2007), que por caminhos diferentes tem buscado ampliar seu campo teórico de modo a explorar de modo mais refinado (e talvez mais adequado) o papel dos agentes humanos na rede. Mas, ainda assim, a atenção dada aos dispositivos técnicos nas pesquisas pode, pelo menos, tornar a tecnologia visível dentro da prática profissional, tirando-a da posição naturalizada em que se encontra na maioria das pequisas da área hoje (PLESNER, 2009; PRIMO e ZAGO, 2015). Do mesmo modo, a atenção à mediação como tradução pode, por fim, nos fazer olhar, enquanto pesquisadores de comunicação e jornalismo, para a ação, as associações e tudo aquilo que toma parte nas diferentes etapas da produção de informação até ser posta em circulação pelo jornalismo.

3.3. Considerações finais do capítulo

Neste primeiro capítulo da tese, dei início à entrada na rede que investigo a partir da apresentação das origens e de algumas proposições importantes da TAR, de modo a descrever algumas implicações que termos como caixa-preta, inscrições do dispositivo, tradução e mediação técnica podem trazer para os estudos que buscam "reagregar o social", como é o caso de alguns estudos da comunicação, do jornalismo e desta tese. Vimos como a simetria generalizada e a não separação entre o natural e o social trazem entendimentos que rompem com muitas das noções tradicionalmente estabelecidas na sociologia do "social", estabelecida a partir de diversos pressupostos que, com o intuito de explicar a sociedade, acabam obscurecendo o processo de mediação.

Como toda abordagem teórica-metodológica, a Teoria Ator-Rede suscitou (e suscita) muitas críticas ao longos dos anos[84], que ajudaram (e continuam auxiliando) as suas

84 Além das já citadas, vale mencionar, sem intenção de aprofundá-las neste já longo capítulo, as chamadas "Guerra das Ciências", nas STS, "a reação dos cientistas aos estudos feitos sobre eles" (LATOUR, 2012,

principais propostas a não se estabilizarem enquanto caixas-pretas imutáveis. Nota-se que a TAR também precisa passar pelos próprios movimentos que propõem como postulados teóricos, a saber, o de se modificar ao longo do tempo, a partir de sua própria *ação* no tempo e das mediações que envolvem diferentes actantes, acadêmicos e técnicos. Assumindo-a como um guia teórico-metodológico para este trabalho, estou também a traduzir e performá-la para a investigação proposta aqui, sem a intenção de seguir todos os postulados da TAR ou dar conta de todas as críticas e desdobramentos "pós-TAR[85]" já realizados, mas de modo a agregar aliados fortes na descrição do processo de produção de informação nas redes da Mídia Ninja.

No capítulo seguinte, passo a trabalhar com a formação do objeto de pesquisa, a Mídia Ninja, coletivo de comunicação que desponta em 2013 e que a partir da metade desse mesmo ano ganha importância considerável no cenário brasileiro e latino-americano de mídia. A partir da análise de dados, busco detalhar os actantes que se estabilizaram como rede, e como alguns deles agiram, enquanto mediadores, no processo de estabelecimento

---

p.148). Foram discussões públicas, realizadas a partir dos anos 1970, que centraram na ideia de que a divisão aceita entre natureza e sociedade não poderia simplesmente ser descartada ou ignorada (HEMMINGWAY, 2007, p.30). Collins & Yearley (1992) condenaram a aplicação da TAR tanto no nível filosófico quanto no metodológico, considerando a tentativa de questionar a divisão entre natureza e sociedade como filosoficamente insustentável e epistemologicamente falha. A resposta de Latour e Callon (1992) dizia que estes cientistas não podiam aceitar outro estatuto ontológico para a sociedade e para as coisas, pois "todas as mudanças no vocabulário como actante em vez de ator, ator-rede em vez de relações sociais, tradução em vez de interação, negociação em vez de descoberta, móveis imutáveis e inscrições em vez de provas e dados, deleção em vez de papeis sociais são ridicularizados porque são termos híbridos que obscurecem a distinção entre os termos realmente sociais e centrados no ser humano e os repertórios realmente naturais e centrados no objeto (CALLON & LATOUR, 1992, p.343). Eram duas posições bem marcadas: os que aceitam a ordem epistemológica de uma clara separação entre sociedade e natureza, e as implicações hierárquicas que advém daí, entre elas a de humanos e não humanos, e aqueles cujo objetivo era substituir essa divisão por uma rede associativa de atores, desembaraçando-os de hierarquias pré-definidas e de tamanhos, poder e agência estáveis, modo de ver influenciada pelos filósofos pós-estruturalistas, caminho do qual a TAR seguia. Foi marcada também a posição de Latour e Callon em não aceitar a definição hegemônica entre o que é natural e o que é social, defendida por cientistas como Collins e Yearley e por muitos outros ainda hoje, e argumentar a partir da noção de simetria já comentada aqui. "Nosso princípio geral de simetria não consiste, portanto, em alternar entre realismo natural e realismo social, mas obter a natureza e a sociedade como resultados gêmeos de outra atividade, que nos interessa mais. Nós a chamamos de construção de rede, ou coisas coletivas, ou quase objetos ou trilhas de força"(CALLON & LATOUR, 1992, p.343).

85 "Pós-TAR", é um nome genérico aplicado a diversas contribuições e questionamentos feitos à teoria a partir de duas obras principais: "*Actor-Network Theroy and after*" (1999), organizado por John Law e John Hassard, e "*Enquête sur les Modes d'Existence*", de Bruno Latour (2012). A primeira obra está diluída nesta tese em diversos momentos, como neste próprio capítulo e em outros posteriores. A segunda é um projeto aberto que tem como "consequência maior colocar a noção de rede como um dos modos de existência e não mais como a questão central da teoria" (LEMOS, 2013, p.95), que a partir de então passa a ser chamada "uma Teoria dos Modos de Existência" (TME).

da Mídia Ninja e de sua popularização a partir das manifestações de junho de 2013. Discuto também alguns conceitos apresentados aqui à luz das informações levantadas em observações e entrevistas com os integrantes do coletivo, de modo a dar conta de descrever a complexidade que se põe em uma rede de (muitas) redes como a Mídia Ninja.

4. FORMAÇÃO E ASCENSÃO DA MÍDIA NINJA

> "*Com pontos espalhados por todas as regiões do país, o Circuito Fora do Eixo carrega no nome parte de sua proposta: romper com a tradição dos espaços consagrados, dos monopólios da difusão e das noções arcaicas de arte. Para os mais de 40 coletivos conectados através do Circuito Fora do Eixo, toda forma de produzir cultura é válida e desejável: além da música, também o cineclubismo, o teatro, as artes visuais, as mídias independentes. Trabalha com a noção de artes integradas. A recusa à especialização cega é característica marcante dos ativistas do Circuito, como atesta a postura da Macaco Bong, banda cuiabana que obteve repercussão ampla com seu primeiro disco, Artista Igual Pedreiro. Não é raro ver os três músicos, minutos antes de subirem ao palco, carregando equipamentos e entrevistando outros músicos"* (Atílio Alencar Moura Correa, Leonardo Foletto e Leonardo Palma. "E o encontro arrancou-nos dos sonhos impotentes", Revista Global Brasil, nº48, 2010).

> "*Pablo Capilé foi avisado por um de seus muitos companheiros de casa que havia alguém esperando do lado de fora. Quando saiu, viu a presidenta, Dilma Rousseff, ao portão. Ela queria conversar com o rapaz, articulador que era, sobre o Ministério da Cultura. Preferiu não entrar, mas o convidou para um refrigerante no botequim ali do lado. Em uma estreita rua do bairro da Liberdade, quase no Cambuci, tomando um guaraná de canudinho, a mandatária trouxe as boas-novas. "Pode ficar tranquilo, meu filho", Dilma disse, "a Ana de Hollanda não vai durar nada no governo." Pablo mal teve tempo de comemorar... Acordou no meio do sonho e, antes de rir de si mesmo, apanhou o iPhone do lado da cama*" (Bruno Torturra, "Ministério da Cultura", *Revista Trip*, maio de 2011).

> "*One group, called N.I.N.J.A, a Portuguese acronym for Independent Journalism and Action Narratives, has been circulating through the streets with smartphones, cameras and a generator held in supermarket cart - a makeshift, roving production studio*".
> (Simon Romero e William Neuman, *Sweeping Protests in Brazil Pull in a Array of Grievances*, *New York Times*, 20 de junho de 2013)

4.1. Os olhos da rua

Segunda-feira, 17 de junho de 2013, Pablo Capilé acordou em um dos quartos do andar de cima da Casa Fora do Eixo São Paulo, no limite entre os bairros da Liberdade e Cambuci, zona central de São Paulo, e às 9h17 da manhã publicou em seu perfil na rede social Facebook: "Bom dia a todos os que vão para as ruas nesse dia histórico. A cidade é livre e é sua, ocupe-a com suas causas, lutas, flores e amores" (CAPILÉ, 2013a). A postagem trazia a expectativa de que o ato contra o aumento das passagens do transporte público em São Paulo, o quinto realizado naquele mês, convocado pelo Movimento Passe Livre (MPL), seria

maior que os anteriores. Gestor cultural, integrante da rede Fora do Eixo e da Mídia Ninja e morador de São Paulo desde 2011, Capilé vinha acompanhando os outros atos, participando das manifestações nas ruas da cidade, o que alimentava a expectativa expressa em outra postagem também em seu perfil no Facebook, realizada às 9h45 da manhã daquele mesmo dia: "Já são mais de 240 mil pessoas confirmadas no evento do Quinto Grande Ato na luta contra o aumento das passagens" (CAPILÉ, 2013b, *online*)!" Em seu apartamento, em outro local da mesma região central da cidade, Bruno Torturra, jornalista, também integrante da Mídia Ninja, postava no seu perfil no mesmo site de rede social às 9h54, com expectativa semelhante a de Capilé: "E bom dia a todos que têm olhos, câmeras e cérebro para cobrir os protestos sem precisar do coletinho de imprensa do Alckmin. Ou melhor, o Abadá da Bala" (TORTURRA, 2013b, *online*). O texto trazia também um link para um artigo postado em seu blog à época, o *Casca de Besouro*[86], que criticava a distribuição de coletes para jornalistas por parte da Polícia Militar de São Paulo. A imagem incluída na postagem de Torturra no Facebook apresentava um colete (abadá) preto com uma batata no meio acompanhando o texto em verde escuro: "Abadá da Bala, Largo da Batata, 2013".

Depois de se reunirem ao meio dia, os ninjas saíram para a cobertura, sem coletes, e rumaram no início da tarde para o Largo da Batata, amplo espaço localizado na confluência da avenida Brigadeiro Faria Lima com a rua Teodoro Sampaio, no bairro de Pinheiros, região oeste da cidade. Às 15h12, postaram em sua página no Facebook:

> Não há como negar. A cobertura cidadã, livre, colaborativa, independente e não mediada foi crucial para que a verdade sobre os protestos viesse à tona. Assim como milhares de comunicadores, a equipe NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) estará em peso na cobertura dos protestos de São Paulo. Acompanhe pelo Facebook e Twitter pelo hashtag #midianinja
> - Transmissão ao vivo, do meio da manifestação, a partir das 17hs pela www.postv.org
> - Cobertura de fotos e textos em tempo real por nossa página do Facebook.
> - Colabore com suas fotos e relatos pessoais adicionando a tag #midianinja
> Atenção aos hashtags estratégicos para quem estará presente ou acompanhando pelas redes:#17J#SP17J#PasseLivre#LargodaBatata#MPL#CopadasManifestacoes #RevogaoAumento #VdeVinagre (MÍDIA NINJA, 2013b, *online*)

86 O texto, que poderia ser visto pelo link http://www.cascadebesouro.com/2013/06/17/abada-da-bala/, não está mais acessível.

Como o texto acima descreve, a equipe da Ninja naquele dia se dividia em duas frentes: na rua, dois fotógrafos e dois cinegrafistas misturados à multidão com suas câmeras, celulares *smartphones* e um carrinho de supermercado com um gerador velho, dois *notebooks*, mesa de som e de corte de vídeo, duas câmeras filmadoras e caixas de som, cobertos por lona e guarda-chuva[87]. A internet vinha de redes *wifi* liberadas por algum vizinho ou a partir de dois modems 3G, usados para envio de material a uma segunda frente, a Casa Fora do Eixo São Paulo e a outras casas espalhadas pelo Brasil, que recebiam as fotos via aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*[88]*,* e-mail ou mensagem no *chat (Facebook Messenger*[89]*)* e publicavam na página da Mídia Ninja no Facebook.

Às 17h28 sai a primeira postagem direto do Largo: "Milhares de pessoas ocupam o Largo da Batata, em São Paulo, nesse momento durante a concentração do 5º Ato contra o aumento da tarifa de transporte coletivo" (MÍDIA NINJA 2013c, *online*). Acompanhava uma foto panorâmica, do alto de um dos prédios nas imediações, em que se via uma multidão de pessoas emoldurada por prédios e um céu nublado de fim de tarde. Pablo Capilé e mais de 8 mil pessoas compartilharam no Facebook a postagem. A manifestação saiu minutos depois, seguiu pela avenida Brigadeiro Faria Lima, e cerca de uma hora depois estava na Marginal Pinheiros, uma das maiores vias da cidade - um fluxo contínuo de pessoas ocupava toda a extensão da Faria Lima, da avenida Juscelino Kubitschek e da Marginal Pinheiros. Os manifestantes seguiram até a sede da Rede Globo de Televisão, na avenida Berrini, e ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo Estadual, no bairro Morumbi. O sinal intermitente de internet não permitiu a cobertura ao vivo de todo o percurso no carrinho da PósTV, mas fotos e textos curtos foram produzidos e divulgados, tanto pelos integrantes em seus perfis pessoais no Facebook quanto na página da Mídia Ninja.

A manifestação em São Paulo foi uma de uma série de atos que ocorreram em diversas cidades brasileiras naquele mesmo dia. Alguns deles foram noticiados pela Mídia Ninja, como em Belém, Belo Horizonte e Brasília, onde a "Marcha do Vinagre" teve como

---

87 Conforme descrição dada por Bruno Torturra em seu relato "O Olho da Rua", publicado na Revista Piauí. Ver referências ao final (TORTURRA, 2013f).

88 O Whatsapp pode ser definido como uma aplicação multiplataforma de trocas de mensagens (texto, foto e áudio) instantâneas via internet. Site: https://www.whatsapp.com/

89 Por ora, defino tanto como um aplicativo para *smartphone* de trocas de mensagens instantâneas pela internet como um serviço de troca de mensagens multimídia via bate-papo dentro de um site específico, o Facebook.

destino final a parte externa do prédio do Congresso Nacional. A Ninja registrou a ação em uma publicação com mais de 2600 compartilhamentos no Facebook, que dizia: "Em Brasília (DF), aproximadamente 20 mil manifestantes participam do ato intitulado 'Marcha do Vinagre' - pedindo mais Investimento no Transporte Público, obras no Metrô, não aprovação do PL 728/2011, entre outras pautas" (MÍDIA NINJA, 2013d, *online*). Entre os compartilhamentos estava o de Capilé, que republicou esta e mais duas fotos de Brasília entre às 20h44 e 20h45[90]. Torturra seguiu postando na rede até as 23h51, horário em que relata[91] que a maioria das pessoas começava a sair do Palácio dos Bandeirantes e voltar para o centro de São Paulo, inclusive ele.

Foi no dia seguinte, com muito menos participação popular nas ruas, que a "Mídia Ninja saiu do gueto" (TORTURRA, 2013f, *online*). Capilé, às 9h08 da manhã, dava novamente um bom dia entusiasmado em seu perfil no Facebook[92] a todos que estiveram nas ruas e nunca mais pretendiam sair. Torturra, às 12h31, fazia um texto analisando a "salada" que vira na noite anterior, discutindo o receio que muita gente manifestara – a de que os protestos poderiam se tornar uma "onda para a direita surfar": "É claro que um grito de "basta" genérico traz a pulga atrás da orelha de quem presta um pouco mais de atenção ao jogo político e social. Mas não tentem enxergar 1964 no Largo da Batata... (TORTURRA, 2013c, *online*). Em São Paulo, um 6º ato convocado pelo MPL fora programado para a Praça da Sé, região central da cidade, e às 17h36 já contava com milhares de pessoas ocupando quase todos os metros quadrados da ampla praça, segundo uma foto publicada pela Mídia Ninja[93]. Desta vez a equipe de cobertura na rua era menor, com dois integrantes, um para fotografar e outro para fazer a transmissão ao vivo, sem carrinho, apenas com um *iPhone* e o *TwitCasting*, à época aplicativo utilizado para a transmissão ao vivo em baixa resolução de um *smartphone* conectado à internet. Na base, em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e outras cidades em que o Fora do Eixo mantinha núcleos Ninja, a atenção das cerca de 15 pessoas que acompanhavam o que acontecia nos diversos fluxos de comunicação ativos era dividida entre as manifestações em São Paulo e a inauguração da Casa das Redes, que passou a ser a sede do FdE em Brasília.

---

90 Link para a primeira: https://www.facebook.com/pablocapile/posts/516455795075819
Link para a segunda: https://www.facebook.com/pablocapile/posts/516456088409123 Acesso: 8. mai. 2016
91 Fonte: https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201265072374615 Acesso: 8 mai.2016
92 Fonte: https://www.facebook.com/pablocapile/posts/516626768392055 Acesso: 8 mai. 2016
93 Fonte: http://bit.ly/2l2aqki Acesso: 8 mai. 2016

Da Praça da Sé, os manifestantes seguiram para a Prefeitura, menos de 1km de trajeto pelas ruas calçadas do chamado centro histórico de São Paulo. No caminho, um rastro de vidraças, fachadas de lojas e prédios quebrados. O menor aparato policial em relação ao dia anterior, a vontade dos manifestantes que ali estavam, em menor número que em 17 de junho, a presença de alguns com intenções suspeitas: são várias as hipóteses que motivaram um início de quebra-quebra (inclusive estilhaçando vidros da Prefeitura) que se transformou em alguns saques por lojas da região. Os dois ninjas que cobriam o protesto seguiram os acontecimentos até que, na movimentada rua Augusta, um deles, Filipe Peçanha, conseguiu sinal suficiente de internet para iniciar a transmissão ao vivo de seu *smartphone*, passando a narrar o que via: a chegada da Tropa de Choque para conter um grupo que seguia em direção à Avenida Paulista.

Torturra relata assim este episódio:

> O jornalismo de baixa resolução e alta fidelidade viralizou pelo Twitter. Em vinte minutos de transmissão tínhamos 2 mil espectadores. Em trinta minutos, 15 mil. Quando NINJA virou trending topic, havia 30, 40 mil espectadores simultâneos. Filipe nunca aparecia diante da câmera, nem dizia seu nome. Descompromissado com a suposta neutralidade do repórter de tevê, ele se indignava, se exaltava, xingava e sucumbia à adrenalina inevitável numa situação como aquela. Na esquina da Paulista com a Consolação, repousava inviolado um display da Coca-Cola celebrando a iminente Copa das Confederações. Repleto de latas de refrigerante, ostentava o slogan: “Vamos colorir o Brasil.” Alguém deu a ideia: “Vamos colocar fogo?” Por uma pequena janela de 400 pixels de um site japonês (o servidor do *Twitcasting*), mais de 50 mil pessoas viram a sequência final: o incêndio do display, a chegada da PM, o bate-boca de Carioca e os policiais sem identificação. Ao sair do ar, a transmissão alcançara mais de 100 mil visitas. Para fechar a noite, Rafael posta, minutos depois do clique final, a imagem de catadores recolhendo as latas de alumínio do painel destruído. Pronto. A Mídia Ninja estava oficialmente no jogo. (TORTURRA, 2013f, *online*).

Às 23h52 daquele dia, Torturra, em Brasília para a inauguração da Casa das Redes, posta em seu Facebook: "E eu que escutei coleguinhas dizendo que NINJA era a morte do jornalismo... Beijo pra todos vocês. http://www.postv.org único veículo na rua. #midianinja (TORTURRA, 2013d, *online*). O texto era em tom de desabafo aos que o criticavam desde a publicação do texto "O Ficaralho", acusando a Ninja de, ao praticar um jornalismo parcial e sem edição, estar matando o jornalismo.

Depois de 18 de junho, a pergunta que muita gente começou a se fazer Brasil afora é a que guia este capítulo: como foi que a Mídia Ninja havia chegado até ali? Como fez esse tipo de cobertura e obteve essa repercussão? Nos termos da TAR, o referencial teórico-metodológico para descortinar o social nesta tese: quem agiu modificando a ação e fazendo os outros fazerem coisas até aquele momento? Uma resposta completa exigiria a descrição de todos os elementos citados e mais outros, vários, que compuseram a rede até junho de 2013, sem distinção entre macros e micros, entre pequenos e grandes nós.

Por questões de tempo e espaço, neste capítulo dou ênfase a dois conjuntos de atores que foram cruciais na formação da Mídia Ninja e que nos ajudam a entender como ela chegou até junho de 2013:

1) a organização do Fora do Eixo, inicialmente um circuito cultural estabelecido por diversos coletivos nas cinco regiões brasileiras, que, depois, seria (e continua sendo até o final de 2016) a principal sustentação do trabalho da Mídia Ninja, com a organização das casas coletivas em diversas cidades brasileiras, que serviam de moradia a seus principais integrantes, em especial a Casa Fora do Eixo São Paulo; e a ação coordenada de uma frente de cobertura de acontecimentos diversos, inicialmente shows e festivais musicais, como Mídia Fora do Eixo, depois manifestações e outras ações de protestos nas ruas das grandes cidades, como PósTV e, finalmente, Mídia Ninja.

2) as pessoas bem treinadas (os ninjas), com uma formação baseada não somente em instituições (como universidades, por exemplo) mas na prática cotidiana de transmissões de shows e reuniões ao vivo, gravações e edição em vídeo, fotografias de acontecimentos e documentação de eventos em redes sociais, realizadas durante anos nas ações culturais do Fora do Eixo e que criaram um estilo ágil de produção de informação com alto potencial de circulação na internet e ensinaram os integrantes da Mídia Ninja a improvisar com poucos recursos, a partir da ideia da gambiarra.

Esses dois conjuntos de elementos combinados agiram como *actantes* no processo de formação da rede da Mídia Ninja em junho de 2013. Produziram *diferença*, fizeram outros fazerem coisas, e dessa combinação resultou a grande visibilidade da cobertura dos acontecimentos daquele período em comparação a outras pessoas, coletivos e empresas que também estiveram nos mesmos acontecimentos. Uma organização espalhada por casas coletivas pelo Brasil, como a do Fora do Eixo, sem pessoas bem treinadas na prática do

registro de acontecimentos ao vivo, não teria o alcance que teve na Mídia Ninja; ninjas acostumados a obter o melhor com as condições técnicas existentes sem uma rede de pessoas que que possibilitassem a circulação nacional de informações, igualmente.

Há, claro, um terceiro elemento nesta ação: os objetos técnicos. Com toda a bagagem da TAR visto no capítulo anterior, como não trazê-los nesse momento? Assumo a decisão de não trazê-los aqui em detalhes porque os objetos técnicos que agiram com o Fora do Eixo e os ninjas foram tantos nestes mais de 10 anos de existência do coletivo que muitos foram substituídos ou apagados, de forma a não deixar provas possíveis para rastreá-los e incluí-los na narrativa de forma efetiva. Talvez a tradução na mediação realizada por estes actantes não-humanos tenha sido obscurecida, estabilizada continuamente em caixas-pretas, e assim "desaparecido" seu efeito - e seu rastro - na rede de mediações ocorridas no âmbito da ação da Mídia Ninja e do Fora do Eixo. Encaixapretados, eles puderam ser facilmente substituídos por outros, já que sua agência foi apagada ou substituída por algum objeto. Não trazer os objetos aqui é uma escolha também porque eles estarão desfilando suas agências nos próximos capítulos, a partir do que foi possível resgatar de suas ações.

4.2. Do Fora do Eixo à Mídia Ninja

4.2.1. Início e primeiras direções

A história que o Fora do Eixo conta de seu início[94] remete a 2004, Cuiabá, onde Pablo Capilé e as comunicadoras Lenissa Lenza e Mariele Ramires trabalhavam em uma produtora cultural chamada Espaço Cubo, criada dois anos antes. Produziam shows e vídeos de bandas da região e um festival de música, chamado Calango, além de outros serviços de comunicação na capital do Mato Grosso, uma cidade "fora do eixo" de acontecimentos culturais, como Rio de Janeiro e São Paulo. Lenissa Lenza conta como fazia o trabalho nessa época:

> Em 2004, estávamos muito mal financeiramente, sem recurso para sobrevivência das pessoas e menos ainda do projeto. Como sabíamos que não poderíamos abandonar o

94 Há uma linha do tempo que retrata os principais acontecimentos entre 2001 a 2013: http://foradoeixo.org.br/historico/ Acesso em: 5 mai. 2016

> barco de jeito nenhum (pois essa opção nunca existiu), começamos a fazer trocas para a coisa continuar funcionando. Chamamos as bandas e, como tínhamos um estúdio amador de ensaio e gravação, botamos as bandas para produzirem seu material e ensaiarem em troca de fazerem shows nos nossos eventos. Aí a roda continuava. Pensamos um pouco mais além e conseguimos permutar com algumas bandas, coisas além do show, como por exemplo material gráfico, concepção visual, etc. Resultado, para fazer um evento o nosso custo ia lá embaixo (por conta das permutas) e o que gerava de grana, dava pra sobrevivência básica de alimentação, transporte, etc. (LENZA, 2008, *online*)

Para ampliar e sistematizar o trabalho que faziam, nesse mesmo ano propuseram o Cubo Card, uma moeda social[95] que funcionava como um sistema de crédito reconhecido por organizações e atores sociais ligados ao trabalho que faziam no Espaço Cubo. Havia uma tabela de serviços prestados e seus respectivos valores em Cubo Cards, o que acabava potencializando a troca de serviços em um ambiente de escassez financeira de moeda corrente (reais). "Foi o sistema de crédito que manteve o Espaço Cubo vivo e o fez crescer a passos largos, inclusive rompendo fronteiras (LENZA, 2008)".

As fronteiras começaram a ir além de Cuiabá no carnaval de 2006, quando houve a primeira reunião entre o Espaço Cubo e os coletivos[96] Catraia, de Rio Branco (AC), Goma, de Uberlândia (MG) e Lona, de Londrina (PR). Ali surgiu a ideia de estabelecer uma rede de coletivos, denominada Fora do Eixo, para promover a circulação de atrações musicais e o conhecimento sobre produção cultural em um cenário de crise da indústria musical *mainstream* e fortalecimento de iniciativas pequenas, denominadas independentes porque sem ligação com grandes gravadoras musicais. Em março do mesmo ano é criada a primeira instância de organização, um fórum virtual; em setembro, ocorre a II Reunião Nacional do Circuito Fora do Eixo, durante o festival musical Varadouro, em Rio Branco -AC.

De 2006 a 2008 a rede de participantes do FdE cresce e no I Congresso Fora do Eixo, realizado em outubro de 2008, em Cuiabá, junto à 6º edição do Festival Calango, já são 70

95 Moeda social é uma moeda alternativa ao sistema monetário de determinado país ou área. São normalmente utilizadas por grupos organizados por região (bairros, universidades, cidades, comunidades), eventos para troca de serviços (feiras e festivais) ou produtos. Segundo o Banco Central, "As moedas sociais são instrumentos complementares à moeda oficial e podem ser utilizadas como instrumento de políticas públicas, de finanças solidárias para amenizar os efeitos da escassez de dinheiro em poder do público". Disponível em: http://www.bcb.gov.br/Nor/relincfin/Palestra_Marusa_Vasconcelos_Freire_._Moedas_Sociais.pdf Acesso: 28 set. 2016.

96 O coletivo usado aqui na descrição das redes do Fora do Eixo designa um agrupamento de pessoas. No vocabulário da Teoria Ator-Rede, coletivo é frequentemente usado no lugar de sociedade, especialmente em Latour (2012), que propõe uma definição: "uma ação que arregimenta diversos tipos de forças unidas por serem diferentes. Substitui sociedade, designa o projeto de juntar novas entidades ainda não reunidas e que, por esse motivo, ainda não são feitas de material social" (LATOUR, 2012, p.112). Embora ambos os termos guardem semelhanças, nesse capítulo opto pelo primeiro sentido porque é o mais próximo daqueles que os atores procuraram designar quando assim se chamam. Apontarei o segundo uso caso seja aplicável.

pessoas participantes e 23 coletivos de diferentes estados brasileiros. Nesse ano também é criado o primeiro portal[97] da rede, que reunia blogs de diversos integrantes e notícias sobre as atividades realizadas pelo grupo. O Cubo Card passa a ser a moeda usada como complemento para contabilizar as realizações na área cultural, como festivais, produção de shows e festas; além dos serviços realizados pelos participantes do Fora do Eixo poderem ser pagos em Cubo Cards, bares, restaurantes, cabeleireiros, lojas de roupas, locação de DVDs, lojas de discos e livrarias parceiras passam a aceitar também a moeda, estabelecendo uma economia de troca de serviços paralela ao real que seria uma das bases de sustentação do Fora do Eixo e depois da Mídia Ninja.

No III Congresso Fora do Eixo, realizado em Uberlândia em 2010, 2 mil pessoas participam do evento; destas, 300 eram de 82 coletivos identificados como FdE[98]. Redes regionais são criadas e caravanas, chamadas "Colunas[99]", partem para diferentes regiões (Nordeste e Centro-Oeste) para a identificação de produtores culturais e estabelecer contatos com produtores locais. Nesse mesmo ano, um festival da rede, chamado "Festival Fora do Eixo", ocupa cinco locais em São Paulo e três no Rio de Janeiro e se torna um marco: é o primeiro evento realizado nas duas maiores cidades brasileiras pelo FdE. As frentes de trabalho se expandem para além da circulação de bandas e produção de shows e festivais, com a criação de grupos com integrantes espalhados pelo país relacionados a fotografia e design (Poéticas Visuais), literatura (Fora do Eixo Letras, FEL), meio ambiente (Nós Ambiente), *software* livre (Fora do Eixo Software Livre, FESL), audiovisual (Clube de Cinema, CdC), artes cênicas (Palco Fora do Eixo), cada um com uma lista de e-mails, *chats* e reuniões periódicas de organização.

Ser um movimento da sociedade civil na área da cultura presente em todas as regiões brasileiras fez crescer a influência política do Fora do Eixo (ou a capacidade de agregar aliados, nos termos da TAR). Durante o II Fórum da Cultura Digital, entre 15 e 17 de

97 Modificado ao longo dos anos, ele ainda está disponível no endereço http://foradoeixo.org.br

98 Para fazer parte da rede neste momento, um grupo deveria a) comparecer a um Congresso Fora do Eixo, se apresentar e se declarar enquanto ponto Fora do Eixo nas suas cidades; e b) produzir um Grito Rock, festival integrado que acontece em diversas cidades próximo às datas do carnaval brasileiro. Informações de Schneider (2015), ex-integrante do coletivo e que realizou uma etnografia na Casa Fora do Eixo São Paulo.

99 "Articulam novas relações e estabelecem mais pontos parceiros, além de prestar uma consultoria especializada para coletivos em formação", no glossário Fora do Eixês: http://foradoeixo.org.br/glossario-fora-do-eixes/. Acesso em: 15 set. 2016

novembro de 2010, o FdE é o principal articulador da Universidade das Culturas (Unicult, depois PCult), uma iniciativa de pessoas e organizações para discutir e promover a elaboração de políticas públicas para a cultura. Em 2011, o PCult formaria a rede Mobiliza Cultura, que articulava grupos culturais contrários às propostas apresentadas pela ministra Ana de Holanda, que assumiu o MinC na transição do governo de Luiz Inácio Lula da Silva para o de Dilma Rousseff[100] (SAVAZONI, 2014, p.84). O FdE torna-se um interlocutor cada vez mais próximo e importante do Ministério de Cultura e das secretarias estaduais e municipais. É o momento que Savazoni (2014) chama de deslocamento de uma rede de coletivos de produção cultural para uma plataforma de articulação política em rede, com foco na cultura e na mobilização e participação social.

Esse deslocamento demanda, também, organização: é em 2010 que surge o arranjo nos quatro *simulacros* que existem até hoje: a) *Partido*, que se encarrega da articulação política; b) *Universidade*, que cuida da formação de novos integrantes e do aperfeiçoamento dos já existentes; c) *Banco*, que gerencia o caixa da rede, inclusive as moedas sociais; e d) *Mídia*, que realiza as coberturas dos eventos produzidos.

Nesse período também se estabelece uma série de termos comuns no vocabulário da rede, que dão origem ao *Glossário Fora do* Eixês, uma reunião de expressões muito usadas por seus integrantes, como por exemplo:

> **F5**: Atualização constante de dados e informações. Interpretação crítica dos processos e avanços de trabalho do Fora do Eixo. “Dar um F5” simboliza a permanente renovação e sistematização em tempo real das ideias e projetos que estão sempre em (re)construção.
> **Hackerismo**: Estilo de vida, comportamento tático. Hackerismo é radicalizar na utilização de plataformas, ferramentas, objetos e tecnologias. “Hackear” é utilizar-se da improvisação e do código aberto para dar vida ao que está estagnado, compartilhando abertamente os benefícios da sua utilização.
> **Lastro**: Aprovação assegurada por um grupo para desenvolver determinado trabalho, coletivo ou frente. Ter o lastro na fala representa possuir peso, base e fundamento, pautados sobretudo nas práticas cotidianas e na construção de processos, para garantir os encaminhamentos necessários para que uma ação tenha êxito durante sua construção coletiva.

---

100 A eleição de Dilma Rouseff e a indicação de Ana de Hollanda para o cargo de ministra significou uma quebra na orientação das políticas públicas para a cultura, representada pela retirada da licença de direitos autorais *Creative Commons* do site do Ministério da Cultura, licença que era vista como um símbolo do compromisso do MinC com as novas dinâmicas de produção cultural (SAVAZONI, 2014, p.85). A partir de então, grupos culturais se organizaram como uma "rede de redes" chamada Mobiliza Cultura, que incluía iniciativas como os Pontos de Cultura, a Casa da Cultura Digital, além do Fora do Eixo e outros artistas, criadores, produtores, gestores, usuários e construtores de uma extensa rede que faz e pensa cultura (MOBILIZA CULTURA, 2011, *online*).

> **Zona Autônoma Temporária**[101]: Espaço de contaminação de ideias, informações, valores e tecnologias por um período de tempo determinado. Ler também "contaminar" (FORA DO EIXO, 2011, *online*).

4.2.2. "Chegada no Eixo": a Casa Fora do Eixo São Paulo

No início de 2011, numa ampla casa na região do Cambuci, bairro da região central no caminho da Zona Leste da cidade de São Paulo, surge a Casa Fora do Eixo São Paulo, espaço em que 22 integrantes de coletivos da rede espalhados pelo Brasil passam a residir e trabalhar juntos, a partir de um caixa financeiro coletivo e trabalhos compartilhados. Bruno Torturra descreve a casa nos seus primeiros meses, em matéria publicada na Revista Trip em maio de 2011:

> É um enorme sobrado, antigo, alugado de um chinês do Cambuci por R$ 4 mil ao mês. Uma pechincha dado o tamanho. São duas salas, oito quartos, uma enorme cozinha, quintal, churrasqueira e outra construção ao fundo, de dois andares, onde fica um estúdio de ensaio para bandas, uma sala para edição de vídeos, um terraço e mais um quarto para alojamento. No andar de baixo da casa, uma jovem equipe se espalha em mesas e sofás, cada um atrás de um laptop. Gente de Recife, Uberlândia, Buenos Aires... a lista corre em muitas cidades. No andar de cima, os quartos entregam o clima de república. Bem mais bagunçados, são apenas dormitórios para as 18 pessoas que moram na casa. Contraste com a organização espartana das áreas de trabalho (TORTURRA, 2011, *online*).

Apesar de boa parte dos integrantes de 2011 não fazerem mais parte do Fora do Eixo

---

101 Em diversos termos, entre eles o próprio simulacro, o vocabulário do Fora do Eixo se apropria de conceitos de filósofos contemporâneos. Este é um exemplo: *Zona Autônoma Temporária* (em inglês, TAZ) é um termo popularizado por Hakim Bey, misterioso filósofo de uma corrente chamada de anarquismo ontológico, no livro de mesmo nome, publicado em 1985 em inglês e editado no Brasil pela Editora Conrad, na coleção Baderna, na década de 1990 - depois ganhou várias novas edições por diferentes editoras e é em 2016 facilmente encontrado na internet para *download*. No primeiro capítulo do livro, "Utopias Piratas: Mouros, hereges e renegados", Hakim Bey - que alguns dizem se chamar oficialmente de Peter Lamborn Wilson - cita a TAZ pela primeira vez: "Acredito que, dando consequência ao que aprendemos com histórias sobre "ilhas na rede", tanto do passado quanto do futuro, possamos coletar evidências suficientes para sugerir que um certo tipo de "enclave livre" não é apenas possível nos dias de hoje, mas é também real. Toda minha pesquisa e minhas especulações cristalizaram-se em torno do conceito de ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA (daqui por diante abreviada por TAZ). Apesar de sua força sintetizadora para o meu próprio pensamento, não pretendo, no entanto, que a TAZ seja percebida como algo mais do que um ensaio ("uma tentativa"), uma sugestão, quase que uma fantasia poética. Apesar do ocasional excesso de entusiasmo da minha linguagem, não estou tentando construir dogmas políticos. Na verdade, deliberadamente procurei não definir o que é a TAZ – circundo o assunto, lançando alguns fachos exploratórios. No final, a TAZ é quase autoexplicativa. Se o termo entrasse em uso seria compreendido sem dificuldades… compreendido em ação" (BEY, 2010, p.28).

em 2016, a disposição dos espaços da casa não difere muito do descrito acima[102]. No primeiro andar, as duas salas amplas servem de espaço de trabalho e de reuniões; a primeira, acessada pela porta de vidro principal que dá para a frente da casa, possui uma pequena mesa redonda onde sempre há pessoas sentadas em frentes a notebooks; na outra, maior que a primeira, dois sofás, uma mesa retangular, uma pequena estante com livros e uma televisão, a única da casa, usada para mostrar vídeos. No corredor que une a sala maior à cozinha, se localiza o banheiro principal. A cozinha é ampla, dividida com uma mesa grande, um quadro branco com as escalas de trabalho, os horários que são servidas as refeições e a divisão de trabalho para a manutenção das salas; há também um espaço com armários, fogão, geladeira, freezer e outros utensílios domésticos. Ao lado da cozinha, uma sala pequena, usada para guardar equipamentos mas que pode converter-se também em espaço de trabalho; ainda uma outra, com dois sofás amplos e uma mesa pequena, utilizada para reuniões fechadas, para o caixa do Banco FDE - um livro caixa onde cada integrante da rede discrimina em que e quanto gastou. No andar de cima, acessado a partir de uma escada de madeira, se localizam os oito quartos, divididos conforme a quantidade de residentes na Casa.

No quintal, entre a casa principal e uma construção de dois andares, há uma bancada para lavagem ecológica, composta por duas bacias de água, uma de água com sabão e um guarda-louças, além de um dormitório com várias camas de bambu - ambos espaços que não existiam em junho de 2013. Ao fundo, em seu primeiro andar, a construção de dois andares serve para espaço de shows e de circulação, chamado *pub*, com banheiro e um balcão usado como bar quando ocorrem festas na casa - a mais tradicional é "Domingo na Casa", realizada em um domingo por mês desde 2011, falhando apenas alguns meses - e como estúdio de gravação da PósTV. Foi ali que a maioria dos programas foi gravada em 2012 e 2013, e onde a Ninja fez seu "QG" a partir de junho de 2013. No andar de cima dessa construção, há duas salas pequenas e um terraço com algumas plantas crescendo em uma pequena horta feita dentro de vários pneus. Em toda a fachada externa da casa, assim como em diversas paredes internas, grafites: coloridos, diversos, dos mais variados artistas.

102 Conheci a Casa FdE SP ainda em 2011, quando participei de algumas reuniões e de um programa da PósTV. De lá até fevereiro de 2016, quando a visitei pela última vez para fazer o trabalho de campo para esta tese, não vi diferenças significativas na divisão dos cômodos da casa.

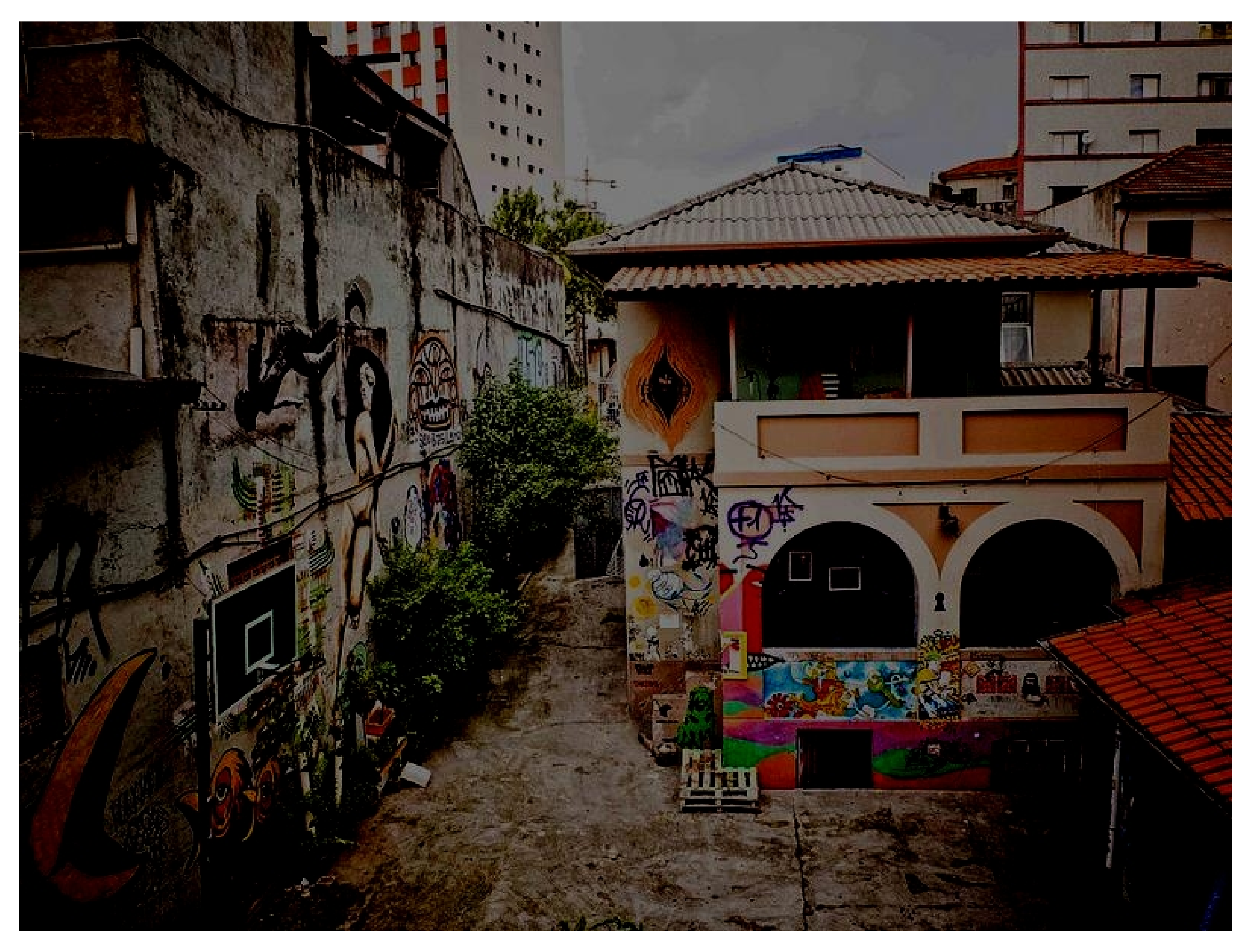


Figura 1: Casa Fora do Eixo São Paulo em outubro de 2013, vista do prédio anexo aos fundos. Fonte: Página do Facebook Casa Fora do Eixo São Paulo[103].

Patrícia[104] conta, em conversa realizada na residência *Outros Carnavales* em fevereiro de 2016, como surgiu a casa:

> No caso da rede, o se juntar foi por uma questão de sobrevivência, mas logo passou a ser um projeto de vida dessa galera. A ideia de uma casa coletiva surge como questão de sobrevivência. A casa coletiva barateia muito; temos uma casa, um *rangão*, e isso é a estrutura que temos para quase todos os projetos. A residência vem como o primeiro aplicativo que vai permitir ter o caixa coletivo e pensar as paradas conjuntas (DC, 4/02/2016).

---

103 Site: https://www.facebook.com/casaforadoeixo Acesso em: 23 jul. 2016

104 Nome fictício estabelecido no diário de campo.

Além da questão da sobrevivência, a proposta era ser um laboratório para testar a sede moradia com seus aplicativos e tecnologias sociais (SCHNEIDER, 2015). Representava também um ponto-chave para a transformação de um "circuito" cultural para um "movimento" social, o que foi feito a partir de muita discussão interna[105]. Depois da criação da Casa Fora do Eixo São Paulo, também foram formadas casas regionais, com o objetivo de fazer uma gestão compartilhada da rede e descentralizar as decisões. Estabeleceram-se casas com caixa e moradia coletiva em Fortaleza (Casa FdE Nordeste; outubro de 2011), Belém (Casa FdE Amazônia; 2011), Porto Alegre (Casa FdE Sul; junho de 2012) e Belo Horizonte (Casa FdE Minas; abril de 2012). Em junho de 2013 seria inaugurada em Brasília a Casa das Redes, que se tornou a sede da regional Centro-Oeste, além de "uma embaixada de representação dos coletivos e redes político-culturais na capital do país" (SAVAZONI, 2014, p.23); e no final de 2014, a Casa Coletiva no Rio de Janeiro, substituindo um apartamento emprestado no bairro de Botafogo que funcionava como sede na cidade desde julho de 2013.

A estrutura das casas estabilizou a organização do FdE por regiões, que se juntou ao segundo modo de se organizar, o arranjo por temas (os simulacros). Em 2012, a casa de São Paulo era o ponto central (chamado *PAN: Ponto de Articulação Nacional*). As casas regionais vinham logo abaixo, organizando as ações nas regiões Sul, Norte, Nordeste e Sudeste. Na ponta da rede se localizavam os coletivos, divididos em Casas Fora do Eixo locais (São Carlos, SP; Santa Maria e Pelotas, RS; Anápolis, GO; Juiz de Fora, MG; Macapá, AM) e coletivos parceiros, que eram organizações e pessoas que colaboravam ora como pontos da rede, ora atuantes apenas em atividades específicas (festivais de música, por exemplo). De acordo com Savazoni (2014), em 2012, eram 122 coletivos do Fora do Eixo, quatro Casas

---

105 Schneider (2015) relata essas tensões: "No final de 2011, uma cisão foi estabelecida entre o circuito cultural e o movimento social. Sem a pretensão de diminuir a importância do primeiro, pois esse era fundamental não apenas para financiar o segundo, mas também enquanto disputa de imaginário coletivo. Entretanto, muito dos integrantes queriam voltar às origens dos movimentos dos quais começaram, como o Coletivo de Florianópolis (SC), que tinha enquanto berço o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (USFC) ou o Espaço Cubo, o qual vinha de uma forte parceria com a Central Única das Favelas (CUFA) em Cuiabá. Da mesma forma, outros Coletivos eram formados por produtores culturais que tinham o interesse de continuar nessas atividades. Ao passar dos anos, enquanto pesquisadora, percebo que o lado circuito cultural está cada vez mais escondido pelo lado movimento social, por assim dizer. Esta mudança aconteceu de forma lenta e gradual, para os parâmetros do Fora do Eixo, mas quase não enxergo resquícios daquele Fora do Eixo que conheci em 2010" (SCHNEIDER, 2015, p.92).

coletivas e 400 coletivos parceiros. Em junho de 2013, esses números passaram para 91 coletivos do Fora do Eixo, 18 casas coletivas e cerca de 650 coletivos parceiros. A partir daí, a quantidade de integrantes, cidades e coletivos parceiros não aparece mais no portal da rede. É estabelecida uma proposta chamada de "pós-marca": a ideia de que as iniciativas fomentadas nos coletivos pudessem dar origem a redes autônomas, não mais necessariamente ligadas ao FdE, algo que, segundo Savazoni (2014, p.126), Schneider (2015, p. 92) e Capilé (2013d) vinha sendo debatido constantemente na rede desde o IV Congresso Fora do Eixo, no final de 2011, e foi o fato que levou as duas últimas casas coletivas, em Brasília e Rio de Janeiro, a não inserirem o Fora do Eixo no seu nome, como acontece na de São Paulo e nas demais cidades.

4.2.3. O simulacro Mídia: PósTV e, finalmente, Ninja

Tido como um dos quatro arranjos de organização do Fora do Eixo como circuito cultural, o simulacro Mídia cuidava da documentação dos eventos realizados pela rede. Nos primeiros anos, de 2006 a 2010, as ações realizadas eram principalmente a produção de texto, fotos e vídeos de festivais e shows de música; a comunicação com mídias como jornais, televisões, rádios, para a divulgação das ações realizadas, no trabalho conhecido como Assessoria de Imprensa; a cobertura e a divulgação de informações nas redes sociais na internet, neste momento comunidades no *Orkut*[106], listas de discussão, chats no *MSN Messenger*[107], blogs no *Blogger*; a documentação das reuniões da rede em textos internos, publicados em sites (como o *Google Drive*) onde todos seus membros tivessem acesso, bem como as transmissões ao vivo por sites que ofereciam esse serviço como o *Ustream*[108] e, depois, o serviço de *streaming* do *YouTube Live*, que funciona em conjunto com o *Google*

---

106 *Orkut* foi um site de rede social criado em 2004 e encerrado em 2014. Teve mais de 300 milhões de usuários e foi muito popular especialmente no Brasil entre meados da década passada. Mais informações em: https://en.wikipedia.org/wiki/Orkut

107 *MSN Messenger* foi uma aplicação web de trocas de mensagens instantâneas criada pela Microsoft em 1999 e descontinuado em 2013. Foi o mais popular serviço de trocas de mensagens no Brasil na década de 2000.

108 O *Ustream* é um site que possibilita a transmissão ao vivo pela internet criado em 2007. Posteriormente, foi lançado também um aplicativo para smartphones pelo sistema Android e IoS. Em 2016 foi adquirido pela IBM. Site oficial: https://www.ustream.tv

Hangout[109]. Entre 2010 e 2012, o crescimento da rede, somado à ampliação das frentes de trabalho já citadas e a criação das casas coletivas, fez com que esse trabalho de comunicação ganhasse intensidade: eram muitos os eventos para produzir e fazer circular informação, reuniões para documentar e transmitir ao vivo, canais para essa informação ser difundida e muitas pessoas para fazerem todas essas ações.

Nesse cenário, no final de 2011 nasce a PósTV, um canal próprio de *streaming* pela internet baseado em programas criados para este formato e comandado pelo simulacro Mídia. O prédio anexo nos fundos da Casa FdE SP serviu como o primeiro estúdio de gravação dos programas, que eram transmitidos com os equipamentos da Mídia e, na internet, em um primeiro momento, a partir do site *Ustream*. Em 19 de junho deste ano é criado o canal da PósTV no *YouTube*, mas os primeiros vídeos publicados só aparecem entre 10 e 20 de janeiro de 2012. Consistiam de três programas: *Segunda Dose*, em que Bruno Torturra, já próximo da rede Fora do Eixo depois de ter realizado uma reportagem para a Revista Trip em maio de 2011, falava sobre uma pauta que lhe era cara há anos, drogas e estados alterados de consciência; *Supremo Tribunal Liberal*, uma espécie de *talk-show* sobre diversos assuntos aleatórios comandado por Cláudio Prado, produtor cultural, ex-integrante do Ministério da Cultura e figura influente nas decisões do FdE[110]; e *Desculpe a Nossa Falha*, programa que o jornalista Lino Bochini, na época redator-chefe da Revista Trip, falava sobre comunicação, em especial a partir de uma polêmica de seu blog (que dava o nome ao programa) e a Folha de S. Paulo[111]. Esses três programas e a cobertura ao vivo de eventos culturais, somados também a eventuais reuniões abertas, realizadas pela rede FdE, compunham a programação inicial da PósTV, atualizada semanalmente. "Eram horas e

---

109 O serviço de *streaming* do *YouTube* começou em 2010, passando a ser disponibilizado para qualquer pessoa no Brasil no início de 2013. *Google Hangout* é uma plataforma de mensagens instantâneas (*chat*) e uma aplicação de transmissão ao vivo (*streaming)* lançada pela empresa em 15 de maio de 2013. O *Hangout* funciona enquanto *software* de *streaming* e o *YouTube* como espaço de armazenamento e visualização, onde as pessoas podem assistir ao vídeo e interagir (via comentários).

110 Elizabeth Lorenzotti (2014) explica que Cláudio conheceu o FdE em um congresso em Uberlândia, em 2010. "Ficou entusiasmado e disse a eles, espontaneamente, algo que depois virou um *meme* importante do coletivo: "Eu disse que eram a expressão mais viva da geração pós-rancor que eu conhecia" (LORENZOTTI, 2014, *online*).

111 Lino Bochini foi processado em 2010 pela Folha de S. Paulo por causa do blog satírico Falha de S.Paulo, que ele e seu irmão Mário haviam criado. O jornal pedia uma multa diária de R$ 10 mil caso o blog, que ficou 17 dias publicado, continuasse no ar. O site foi então retirado do ar, e todo o caso está documentado no site http://desculpeanossafalha.com.br.

horas, quase todos os dias, consumidas em debates, conversas, experimentações de formato e linguagem sobre temas que não tinham quase nenhum espaço na imprensa tradicional", escreveu Torturra (2013g, *online*).

No decorrer de 2012, a PósTV teria uma frequência de vídeos contínua, com programas como os já citados e outros que entrariam e sairiam da programação, como o "Pós TV na Rua", em que Cláudio Prado comandava entrevistas de um sofá instalado na calçada do prédio em que morava, na Rua Augusta em São Paulo, e o "PósBizz", debate sobre músicas com ex-integrantes da revista de crítica musical Bizz. Entrevistas e coberturas de alguns eventos de grupos, pessoas e organizações ligados aos interesses do Fora do Eixo também passaram a entrar na programação, como a transmissão ao vivo do III Fórum Mundial de Mídia Livre, realizado em Porto Alegre na Casa de Cultura Mário Quintana, junto a 1º edição do Conexões Globais, em janeiro de 2012; a Marcha da Liberdade São Paulo, em maio, feita a partir de um *smartphone* por Torturra; e do #Existe Amor em SP, no dia 21 de outubro, um festival musical de grande repercussão que reuniu em torno de 20 mil pessoas na praça Roosevelt, região central da cidade, no período de segundo turno das eleições municipais da cidade, articulado por diversos coletivos baseados em São Paulo, entre eles o Fora do Eixo.

Neste ano de funcionamento ininterrupto, a PósTV foi amadurecendo enquanto projeto de mídia livre, segundo Savazoni (2014). Se a média de espectadores não era alta, variando de 20, 100 a alguns poucos milhares, a variedade de programas e a cobertura ao vivo de diversos eventos motivou o Fora do Eixo e alguns colaboradores da PósTV, especialmente Bruno Torturra e Lino Bochini, a pensar na criação de um grupo de comunicação. Torturra conta que a partir do #Existe Amor em SP é que a vontade se fortaleceu, com o entendimento de que o coletivo deveria dar um passo além de um mero canal de debates, mas "uma rede de jornalismo independente, que desse conta do *streaming*, de texto, foto, com financiamento específico para jornalismo, e criando uma relação mais aberta e mais clara do ativismo com o jornalismo" (apud LORENZOTTI, 2014, *online*). No final de 2012 uma amiga de Bruno teria dado a ideia do nome ninja, "algo que os gringos também entenderiam" (LORENZOTTI, 2014, *online*), que avançou em muitas das "conversas infinitas" para o início

de 2013 e apareceu na internet publicamente pela primeira vez em 27 de março de 2013, data da criação da página no Facebook da Mídia Ninja.

A primeira publicação, às 10h04 da manhã, dizia:

> N.I.N.J.A.
> Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação
> Enquanto a velha mídia vai se transformando em mofo, emerge pelo mundo inteiro uma tropa de comunicadores independentes.
> Nas ruas e nas redes, em textos, fotos, memes e streamings, atrás de câmeras ou celulares, eles estão por toda parte. Reduzindo os filtros entre os fatos e o público. Contrariando, na guerrilha, a narrativa oficial. Transformando a audiência passiva em difusores de informação.
> Já não precisamos de veículos. Somos os veículos.
> Embarcaremos hoje para a primeira missão do N.IN.J.A. rumo ao Fórum Social Mundial em Tunísia.
> 5 dias de cobertura e conspirações públicas no maior encontro global de ativistas. Textos, fotos, entrevistas, transmissões diárias na PósTV e, mais importante: o começo de uma construção coletiva de uma rede internacional de jornalismo independente. (MÍDIA NINJA, 2013a, *online*)

De março até junho de 2013, a Mídia Ninja publicaria em sua página no Facebook diversos textos e fotos relacionados a temas como feminismo (Marcha da Vadias, em 25 de maio), ocupação do espaço público (o evento "AnhangaBaú da FelizCidade", realizado pelo Teatro Oficina em São Paulo; reuniões do grupo Existe Amor em SP, que continuaram meses depois após o festival realizado; Marcha da Maconha e da Liberdade, em São Paulo e Minas Gerais) e coberturas especiais, como a do julgamento dos assassinos do casal de ambientalistas Zé Cláudio e Maria, em Marabá-PA, além da continuidade da divulgação de programas e transmissões ao vivo da PósTV. Eram informações produzidas à época por Bruno Torturra e integrantes do FdE que se alocavam no simulacro Mídia, depois Mídia Livre, que a partir desse período passariam a ser identificado como ninjas.

Entrariam junho de 2013 com a cobertura do primeiro e segundo ato contra o aumento da passagem em São Paulo, nos dias 6 e 7 de junho e a Marcha da Maconha nacional em 8 de junho, manifestações que tiveram a presença de milhares de pessoas, o que desencadeou a abertura da Mídia Ninja a outros colaboradores, conforme Bruno Torturra escreve em 10 de junho:

> Convoquei semana passada no meu blog uma reunião aberta para a apresentação e discussão do projeto do NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). O texto repercutiu mais do que poderia imaginar e muita gente confirmou presença. Por conta da demanda, do número de jornalistas a fim de participar, e do desejo de pessoas de outros estados de estarem presentes, precisamos de um local maior e de

> mais tempo para dar conta de agenda de alguns convidados fundamentais. (TORTURRA, 2013a, *online*)

A próxima reunião seria marcada para o dia 13 de junho, 20h, no mesmo dia e hora do 4º Ato contra o aumento das passagens em São Paulo, mas acabaria não acontecendo. A partir desse dia, com a violenta resposta da polícia aos manifestantes, os atos cresceriam em quantidade de pessoas, em diversas cidades espalhadas pelo Brasil, e chegaríamos, então aos dias 17 e 18 de junho de 2013 que abriram esse capítulo, em que a Mídia Ninja entraria "oficialmente no jogo".

4.3. Os ninjas: formação na prática

Entre 2011 e 2013, o alcance das ações do Fora do Eixo atingiam as cinco regiões brasileiras. Shows, festivais, encontros e reuniões, bem como a documentação destes nas redes sociais da internet, chegavam a pessoas, cidades, de tamanhos pequenos, médios e grandes, nos centros e nos interiores brasileiros. Enquanto movimento social da área cultural, sua extensão só encontrava paralelo em tamanho na rede dos Pontos de Cultura, programa criado e administrado por uma instituição governamental, o Ministério da Cultura. Boa parte dos 122 pontos Fora do Eixo registrados ao final de 2012 poderia fazer uma transmissão ao vivo, veicular na PósTV e circular para algumas centenas ou milhares de pessoas a partir da divulgação nas redes sociais, nos canais da rede e nos particulares de seus integrantes.

A mobilidade dos integrantes da rede era possibilitada por dois aspectos principais:

a) a relação informal de trabalho, criada à margem de contratos regulamentados pela legislação, que resultava em uma produtividade crescente, propagada na expressão, comum na rede, de não separação entre vida e trabalho. São frequentes a expressão dessas ideias em frases como: "'Pra quem transformou o trabalho em VIDA não existe feriado!=)' ou 'Quem troca o trabalho pela vida não tem hora fixa e nem preguiça'" (FONSECA, 2013, *online*).

b) os arranjos financeiros organizados pelo Banco Fora do Eixo, que incluíam editais públicos para festivais de música, trocas de serviços em moeda social, serviços de comunicação para pessoas, grupos e entidades, entre outros vários tipos de ações que

sustentavam o dia a dia a partir do caixa coletivo. Ninguém ganhava salário, mas desfrutavam de hospedagem, alimentação, água, luz, internet e dividiam a senha de cartões de débito e crédito. Os gastos eram livres, mas sujeitos à justificação: custeavam um remédio, uma cerveja, um bilhete de metrô, poderiam servir para comprar uma roupa, mas havia um guarda roupa coletivo que poderia ter aquela roupa que um integrante gostaria de comprar, por exemplo, então se mesmo assim houvesse insistência na compra, haveria de ter justificativa para isso[112].

Essa flexibilidade na relação laboral e os ganhos coletivos do Banco possibilitavam a muitas pessoas produzir ações organizadas nos mais diferentes cantos do país via Fora do Eixo. Em junho de 2013, por exemplo, um ninja estava, num dia, no interior do Mato Grosso do Sul para compor uma matéria sobre conflitos entre indígenas e fazendeiros, e no outro, participando da cobertura na rua das manifestações em São Paulo; fazendo uma oficina de cobertura colaborativa de eventos na inauguração da Casa das Redes, em Brasília, e horas depois na rua, na mesma cidade, fazendo fotos e textos para as redes sociais da Ninja e do Fora do Eixo. Ambos, ao meio dia, participavam de uma reunião via internet com cerca de 40 pessoas do país inteiro para discutir a organização da cobertura daquele dia de manifestações e estariam, por estas mesmas redes sociais, em contato frequente durante todo o dia.

Por fim, as casas coletivas ofereciam uma estrutura básica de alimentação, moradia e transporte que, para muitos, era o necessário para que pudessem trabalhar naquilo que eram encarregados por horas, dias e meses. Em especial, a Casa FdE em São Paulo tinha pelo menos cinco das 22 pessoas encarregadas diretamente em cuidar da alimentação e da limpeza, enquanto que os outros ajudavam, em regime de escala. Isso possibilitou que um ninja, no auge das manifestações de junho de 2013, tivesse uma rotina dedicada ao seu trabalho de cobertura dos acontecimentos, como a descrita a seguir: acordar às 9h num dos quartos coletivos do segundo andar da casa em São Paulo, descer para a cozinha e encontrar uma mesa posta para o café da manhã; ir ao prédio anexo aos fundos para terminar de editar um vídeo que havia registrado de um show promovido pelo Fora do Eixo

112 A sustentação financeira do Fora do Eixo sempre foi alvo de polêmica, e seria mais ainda a partir de 5 de agosto de 2013, com a entrevista de Bruno Torturra e Pablo Capilé no programa da TV Cultura Roda Viva, em que os entrevistadores questionaram de forma insistente sobre a forma de financiamento da Mídia Ninja e do Fora do Eixo. Ver Capítulo Cinco, Sete "Depois de julho de 2013: (des)estabilização da Mídia Ninja".

nos últimos dias; às 11h, na sala principal da casa, junto ao seu notebook, participar de uma reunião coletiva com os ninjas de outras cidades do país para organizar a cobertura das manifestações do dia; às 13h ir para a cozinha almoçar, junto com outras 20 pessoas presentes na casa naquele momento; às 15h preparar o equipamento para sair em direção ao centro, nas ruas onde a concentração das manifestações já estava presente, a partir de um dos dois carros que estavam disponíveis em São Paulo, trazido por algum integrante do Fora do Eixo ou emprestado de alguma pessoa próxima da rede; às 22h voltar para a casa de metrô, com dinheiro do caixa coletivo, porque acabou se dispersando de outros ninjas na confusão dos atos na rua, e encontrar uma janta pronta na mesma cozinha; às 23h, tomar um banho, ir para a sala e descarregar as fotos produzidas no dia e organizá-las para publicação no Facebook da Mídia Ninja ou em outras páginas da rede, enquanto encontrava outras pessoas que estiveram na cobertura e conversavam longamente até a madrugada.

Tudo isso nos faz entender o papel importante que o Fora do Eixo teve na formação da rede Mídia Ninja. Mas o segundo conjunto de atores apresentados neste capítulo são necessários para o entendimento da formação da Ninja: as pessoas que faziam os textos, as fotos, os vídeos e as transmissões ao vivo veiculados no coletivo. De onde vinham? Como aprenderam a registrar acontecimentos? Como se organizavam? São algumas das perguntas que passo a responder. A partir do acompanhamento das redes de actantes mobilizadas até junho de 2013 na Mídia Ninja, organizo estas respostas em dois tópicos: a formação livre, baseada no aprender fazendo e na *sevirologia*, "a arte de 'se virar' para alcançar um resultado satisfatório" (FORA DO EIXO, 2011, *online*) que tem a ideia de *gambiarra* como característica importante; e a diferenciação entre ninjas que iam para a rua e os que se mantinham na "base", nome dado aos que ficavam nas casas coletivas do Fora do Eixo espalhadas pelo país acompanhando, divulgando e circulando informações na rede.

4.3.1. Aprender fazendo: a Universidade Fora do Eixo

Com a expansão dos pontos Fora do Eixo pelo Brasil em 2010, a formação dos integrantes dos novos coletivos que iam integrando a rede se tornou um aspecto importante na organização interna. A Universidade Fora do Eixo (UniFDE) surge, então, nesse período

com a "compreensão de que a constante e veloz sistematização e compartilhamento dos processos gerados e vivenciados por cada coletivo Fora do Eixo faz com que a própria rede se torne um grande ambiente de aprendizagem com um amplo potencial de transformação, atualização e nivelamento de informações, dinâmicas e saberes (FORA DO EIXO, 2011b, *online*, [113]).

Como um dos quatro simulacros da rede, a Universidade tinha, em 2011, todas as casas coletivas e nos pontos maiores da rede, pelo menos uma pessoa encarregada de organizar a programação de novos integrantes e o aperfeiçoamento dos já participantes. Isso se dava a partir de palestras e oficinas com pessoas que a rede convidava; as colunas, viagens de reconhecimento e fortalecimento de novos coletivos; imersões, onde coletivos menores passavam uns dias em casas coletivas maiores participando de todas as atividades e entendendo como funcionava a dinâmica de trabalho e sustentação das casas; e as vivências, em que participantes de fora da rede eram escolhidos, a partir de editais, para conviver nas casas coletivas durante alguns dias - alguns ficavam mais tempo e entravam para o Fora do Eixo. Todas estas atividades compunham o "cardápio de formação" para os integrantes da rede, sendo a Universidade o "principal instrumento para o fortalecimento daquilo que internamente ao grupo é conhecido como 'banco de estímulos', ou seja, o que faz com que o integrante aumente sua Felicidade Interna Bruta (FIB), que consiste no desejo de integrar e permanecer na vida coletiva" (SAVAZONI, 2014, p.27).

O objetivo da Universidade era também o de estimular a rede a pensar sobre o seu próprio trabalho. Em 2011, por exemplo, os Observatórios Fora do Eixo, série de conversas organizadas pela UniFdE, realizou 85 edições[114] para debater assuntos mais práticos (“Compostagem urbana: como fazer um minhocário”) e outros mais de cunho reflexivo (teoria e prática das rádios livres, terminando com a montagem de um transmissor, por exemplo), estéticos (sobre o “Teatro do Absurdo”) e políticos (“O papel da distribuição na Cultura Livre”). Boa parte das sessões foi transmitida ao vivo e ficou disponível em um canal próprio do *Livestream*[115]. A partir de 2012, o trabalho da Universidade também passou a incluir a sistematização e replicação dos conhecimentos já apreendidos, como no caso da Cartilha

113 Ver mais em: http://foradoeixo.org.br/simulacros/universidade/
114 Mais informações em: http://outraspalavras.net/posts/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-comecando/ Acesso: 23 jun. 2016
115 Outro site que possibilita a transmissão ao vivo pela internet: https://livestream.com Mais informações no Capítulo Cinco.

PósTV, material que trazia instruções para realizar transmissões ao vivo na internet, lançada em meados de 2013[116].

No início de 2014, uma postagem ilustra como se dava a dinâmica de formação da UniFdE, na qual muitos dos ninjas que atuaram em 2013 seriam formados ou participariam desses processos como formadores.

> A Universidade Livre Fora do Eixo inicia mais um ano letivo convocando todos os interessados, pela experiência de produção e vida coletiva proporcionada, pelos campus da rede Fora do Eixo. A partir desta semana, várias oportunidades serão lançadas, do interior do Brasil a países latinos e africanos.
> Hoje, a UniFdE lança o edital 2014 de vivência nas casas coletivas, com inscrições abertas até dezembro. As Casas são nossos campus, assentamentos urbanos, terreiros digitais. São escolas expandidas que têm a vivência como seu principal processo de formação. Desde 2011, as moradias do Fora do Eixo têm reunido vários sotaques e perfis, onde a convivência é a força-motriz para construção de comunidades em torno de projetos e ideias.
> Produção cultural, comunicação, redação, fotografia, incidência, elaboração de projetos, planejamento, sustentabilidade, tudo misturado a um laboratório afetivo para troca de experiências e perspectivas de mundo.
> Está interessado em conhecer essa experiência? Inscreva-se no edital e monte seus percursos nas casas de São Paulo, Belo Horizonte, Belém, Fortaleza, João Pessoa, Pelotas, Juiz de Fora, Santa Maria ou São Carlos. As vivências podem durar até 15 dias e você escolhe a casa e a área de produção mais próxima de seu perfil. Vivencie e conheça! (FORA DO EIXO, 2014, *online*[117])

Assim como com os outros simulacros, a UniFdE funciona como um duplo disruptivo das instituições tradicionais ao rivalizar com eles e disputar o discurso (BENTES, 2015). A organização das casas coletivas ou dos coletivos em suas regiões como "campus", dos gestores responsáveis pela formação serem "reitores", dos convidados das vivências como professores, e dos selecionados para o processo de formação como "viventes" ilustram essa disputa do campo tradicional de formação, representado pela instituição da Universidade. A opção é por uma formação livre e autodidata, que dá ênfase à experiência trocada no cotidiano mais do que na valorização de títulos: um ninja é valorizado pelo que faz, não por critérios como titulação acadêmica, raça ou posição social[118].

116 A cartilha está disponível no endereço http://foradoeixo.org.br/files/2013/08/Cartilha-PosTV.pdf Acesso em: 23 jun. 2016

117 Fonte: http://foradoeixo.org.br/2014/03/10/aberto-o-ano-letivo-da-universidade-livre-fora-do-eixo/

118 Entendimento que dialoga com um dos princípios da ética hacker (LEVY, 2001; HIMANEN, 2002), que diz que um hacker deve ser valorizado por seus "hacks", não por critérios como titulação acadêmica, raça ou posição social. Percebi isso também no trabalho de campo em fevereiro de 2016, quando participei da vivência Outros Carnavales: inicialmente ia observar os viventes e o processo de produção do material que era

4.3.2. A gambiarra como solução possível

Embora não faltassem, os recursos técnicos utilizados nas narrativas produzidas pelos integrantes do Fora do Eixo, PósTV e depois Ninja nunca foram abundantes, sobretudo nas transmissões ao vivo e na cobertura de acontecimentos. Havia *smartphones*, *notebooks* e câmeras de boa qualidade, mas em alguns casos isso não era suficiente para fazer uma transmissão ao vivo na rua sem cortes na imagem e no áudio, especialmente até 2013, quando uma internet móvel de alta velocidade não estava a um preço acessível aos integrantes do FdE, e *softwares* de transmissão ao vivo não eram tão populares e fáceis de usar como são em 2016. Nesse cenário, o jeito era o se virar, ser pró-ativo em descobrir soluções com os recursos disponíveis. Em outras palavras, o uso da gambiarra, o "*do it yourself* à brasileira", em que as limitações técnicas seriam superadas a partir da criatividade em propor soluções inovadoras (CLINIO, 2011, p.76).

Um exemplo mostra bem como isso ocorria. Thiago Dezan, um dos ninjas responsáveis pelas transmissões da PósTV nesta época, descreve mais detalhes:

> Desde que a gente começou a fazer transmissão ao vivo muito forte - porque primeiro eu e o Carioca fazia muita projeção ao vivo, durante performances ou show da banda, ficava filmando e projetando com efeitos as imagens em tempo real no show. E aí com isso a gente conseguiu uma mesa de corte para fazer estas projeções e a gente pensou "cara, com isso a gente pode fazer nossos programas de televisão". E aí a gente começou a pesquisar como fazer transmissão ao vivo, usando essa parada e câmera de segurança, montamos um estudiozinho lá na Casa SP. Mas a gente sempre foi pirado em rua, né? Então a gente começou a usar um cabo de rede de 100 metros, porque a internet 3G não funcionava muito bem (...), no celular nem existia e só tinha aqueles modenzinhos de computador... Aí quando esses modenzinhos ficaram melhor, a gente conseguiu um bom, no carnaval de 2013 (...) Aí o *Google* tava lançando o *Hangout* - a gente não sabia fazer transmissão por celular ainda, só por computador - e aí eles ofereceram um canal pra PósTV, porque eles viram que a gente tava fazendo transmissão ao vivo, pra transmiti durante o carnaval. Aí a gente foi eu e o Carioca na concentração de um bloco pra transmitir, com gerador, um computador e uma caixa de som, um modem 3G, câmera, e um microfone. Aí a gente montou isso pra começar a transmissão ao vivo e viu que o bloco ia sair, a gente ia ficar pra trás e não ia ter nada pra transmitir. E aí a gente olhou pro outro lado da rua e tinha um mercado, "cara, vamos pegar um carrinho!". Aí pegamos um carrinho, enfiamos um gerador, câmera, computador, tudo, dentro do carrinho, e saímos acompanhando o bloco. E foi legal pra caralho, virou tipo um minibloco (DEZAN, 2016).

---

produzido, mas acabei por decidir também participar da residência produzindo textos e vídeos, já que percebi que *fazer algo* era importante para a convivência e o estabelecimento da confiança com o grupo e que meu título acadêmico de nada me valia ali se não apresentasse conhecimentos e informações para estar naquele espaço.

O carrinho seria utilizado na cobertura de vários outros blocos, assim como para protestos de rua em São Paulo que ocorreram nos meses seguintes. Quando junho de 2013 chegou, a estrutura do carrinho foi levada algumas vezes para a rua, como em 17 de junho. Mas o acirramento das manifestações e a pesada estrutura física - que, ademais, tinha um gerador alimentado a gasolina - fez com que a Ninja abandonasse o carrinho e passasse a usar aplicativos de celular. Mesmo assim, a busca de uma solução criativa com os recursos existentes típica da gambiarra permaneceu como uma característica da Mídia Ninja. "A tecnologia sempre foi uma solução de gambiarra pra nós", comentaria Dezan na entrevista realizada em 2016, algo que pude perceber no trabalho de campo tanto na Casa Coletiva em maio e junho de 2015 quanto na Casa FdE São Paulo em fevereiro de 2016.

4.3.3. Ninjas de base X Ninjas de rua

Conforme já visto, no dia 17 de junho de 2013, a Mídia Ninja se preparou para cobrir o quinto ato contra o aumento da tarifa de transporte coletivo em São Paulo em duas frentes: na rua, com duas pessoas encarregadas da fotografia e duas para a transmissão ao vivo, e na base, com pelo menos mais quatro pessoas alocadas na Casa Fora do Eixo São Paulo. Em Belém, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre e Fortaleza havia a mesma divisão, com menos pessoas em cada uma das frentes. Com os atos já ocorridos em São Paulo e em diversas cidades do Brasil, havia a expectativa de que milhares de pessoas iriam às ruas naquele dia, e a Mídia Ninja, então com quatro meses de existência, se organizou para a cobertura em reuniões realizadas nas casas coletivas nessa cidade e uma geral de toda a rede via internet, pela manhã, que alinhou os encarregados de ir para as ruas e os que ficariam nas bases recebendo o material das manifestações, reunindo informações para complementar as publicações e se comunicando com estes caso houvesse algum problema no trajeto e no material produzido. Como comenta Rafael Vilela, um dos ninjas envolvidos na cobertura, essa era a organização base nessa época:

> Em geral, na cobertura de rua ia um cara ou uma mina com a missão de transmitir e um cara ou uma fotógrafa com a missão de fotografar. [...] Uma rede de comunicação independente como a Ninja se forjou nessas duas linguagens (*fotografia e*

> *transmissão ao vivo*) e nas redes como difusão, que tiveram um papel muito importante. [...] Naquele momento você sempre tinha uma forte equipe de base, de redes, que ficava esperando o conteúdo para replicar, distribuir nas páginas, fazer "onda" e pedir para as pessoas postarem no que fosse relevante. E isso fazia com o que o sistema do Fora do Eixo, constituído há 10 anos, tivesse muita força. Muitas vezes uma parada aqui em São Paulo que explodiu, no mesmo dia, pela influência do Fora do Eixo puxando a relação da rede, tinha um cara relevante no Amapá replicando, do Sul, o que fazia com que o negócio fosse distribuído de uma maneira muito veloz e qualificada (VILELA, 2016).

Nesse cenário, a divisão entre *ninjas de rua* e *ninjas de base* se deu a partir da necessidade de ter pessoas registrando o que acontecia na rua e pessoas em alguma casa, em frente a um computador conectado à internet, para fazer circular o conteúdo que era enviado da rua. A divisão se dava pelos mais variados critérios, de interesse pessoal a disponibilidade, mas também pela questão do que no FdE se chamava *lastro*, que é medido a partir do tempo de experiência de cada integrante. Para ilustrar esse aspecto, tomemos o perfil de três pessoas dos que estavam participando na situação narrada no início desse capítulo, 17 e 18 de junho de 2013.

Thiago Dezan e Filipe Peçanha (conhecido como Carioca) foram os que levaram o carrinho de transmissão da PósTV no dia 17 de junho. Ambos estavam no FdE há alguns anos: o primeiro tendo entrado ainda no Espaço Cubo, de Cuiabá, quando frequentava a faculdade de jornalismo da UFMT, que abandonaria depois; o segundo, tendo participado do coletivo Ajuntaê, em São Carlos, durante o período que havia frequentado e terminado o curso de Rádio e TV na UFSCAR. Eram os responsáveis mais ativos pela PósTV, com pelo menos um ano (o de 2012) de transmissões ao vivo semanais, do estúdio no prédio anexo à Casa Fora do Eixo São Paulo a Praça Roosevelt no centro da mesma cidade para o Existe Amor em SP, entre muitos outros lugares pelo Brasil. "Não imagino alguém que tenha acompanhado e produzido mais horas de *streaming* no Brasil", disse Torturra (2013g) sobre Filipe. Quando havia uma "missão" para transmissão ao vivo da rua na Mídia FdE, depois PósTV e Mídia Ninja, eram Dezan e Peçanha os responsáveis pela tarefa.

Dríade Aguiar também faz parte do Fora do Eixo desde o Espaço Cubo, em Mato Grosso. Não frequentou universidade formal[119] e, na rede, trabalhou mais focada na comunicação nas redes, fazendo o espalhamento das informações produzidas nos diversos canais das redes sociais e páginas web que o Fora do Eixo manteve, do Orkut ao *Facebook.* Em 17 de

119 Todos os ninjas destacados aqui enunciam, em sua página pessoal do Facebook, que são formados na "Universidade Livre do Fora do Eixo", identificando essa formação com a página nesta rede da UniFdE.

junho, estava na base em Brasília, um dia antes da Casa das Redes ser inaugurada oficialmente. O chamado trabalho de base consistia em três frentes:

a) acompanhar os ninjas que estivessem na rua fotografando e transmitindo, como descreve Vilela: "recebendo *input* dessa transmissão, olhando a transmissão ao vivo, conseguindo narrar ela em tempo real às vezes, tirando *print*, postando, e chamando para o link da transmissão, e a equipe de foto a mesma coisa" (VILELA, 2016).

b) com as fotos recebidas à época via *chats* do *Messenger* ou do *WhatsApp*, escrever um texto uma ou duas frases que ajudassem a retratar o que estava acontecendo, a partir de informações passadas por quem estava na rua, e publicar nos canais da Mídia Ninja, naquele momento somente o Facebook;

c) o "espalhamento", também chamado de "onda", que consistia em compartilhar o link da postagem principal (na *fanpage)* nos chats distribuídos por regiões que o Fora do Eixo mantinha (Sul, Nordeste, Minas, São Paulo, etc) e curtir e compartilhar as postagens publicadas, aumentando seu alcance na rede.

Dríade era uma das envolvidas na realização desse trabalho; das 13 postagens da Mídia Ninja no Facebook em 17 de junho, por exemplo, todos ela curtiu e 11 compartilhou em seu perfil pessoal. Entre esse trabalho, ela ainda publicaria em seu perfil na rede social: "Ficar na base sendo um radar do #NovoMundoPossível é uma das coisas mais emocionantes do mundo" (AGUIAR, 2013a, *online*).

Azevedo (2016) dá mais detalhes do funcionamento desse fluxo de trabalho:

> O trabalho da base é o de acompanhar a cobertura de rua em tempo real, difundindo e dando vazão ao conteúdo produzido. Brincamos que é como se a base não estivesse na cobertura em nenhum lugar mas está em todos ao mesmo tempo. Normalmente quem fica na base é quem tem mais o domínio das redes sociais, porém a ideia de base de redes é também a de ajudar a acelerar o processo de postagem, somos um catalisador. Nós, da base de redes, direcionamos as melhores fotos para uma base de tratamento de fotos, ou as vezes tratamos nós mesmos, e fazemos o mesmo com os vídeos, e muitas vezes nós que escrevemos o post que vai sair com uma 'leva' de fotos que chegam sem texto, ou editamos o texto que vem (AZEVEDO, 2016).

4.4. A recapitular e concluir

Neste capítulo, descreiI como a Mídia Ninja surgiu e se consagrou na cobertura das manifestações em junho de 2013 no Brasil e relatei como dois atores tiveram papeis fundamentais nesse movimento: o Fora do Eixo, rede de coletivos que serviu de base para a ação de documentação de acontecimentos realizada naquele período, sendo tanto um laboratório de experimentação de objetos e linguagens, tal como representado na PósTV, quanto uma organização física - a Casa Fora do Eixo São Paulo, principalmente - que sustentava as pessoas que trabalhavam para este fim; e os "ninjas", de base e da rua, com sua formação baseada na prática e seu desejo de estar, pela primeira vez, cobrindo eventos de grande repercussão nas ruas das cidades brasileiras. Todos produziram diferença e construíram uma visibilidade que se alastrou pelo país tanto pelo ineditismo, à época, de certas imagens de manifestações e ações violentas da polícia, quanto pelo alcance, também novidade naquele momento, dessas narrativas a milhares de pessoas, a partir das redes sociais da internet.

Tentei responder também a pergunta que guiou este capítulo, sobre como a Mídia Ninja havia chegado até junho de 2013, e quem agiu modificando o curso da ação. No próximo capítulo, trato de algumas implicações a partir de um tipo específico de ação realizada pela Mídia Ninja, a cobertura ao vivo, a partir do relato da tradução realizada de uma inovação tecnológica introduzida na rede, o *TwitCasting*.

5. PARTE II: NA REDE

Nos próximos dois capítulos, nossa jornada segue pelas redes que compõem a Mídia Ninja tendo a Teoria Ator-Rede (TAR) como guia de exploração. Como a descrição da TAR no Capítulo Dois sugeriu, não espero aqui trazer informações exclusivas sobre um grupo que já foi e continua sendo bastante representado em diversos estudos recentes, alguns deles citados aqui. Em vez disso, o objetivo é descrever rotinas e prestar atenção aos elementos cotidianos, muitas vezes esquecidos e tornados *caixas-pretas*, a partir do acompanhamento do traçado da rede em alguns momentos observados no trabalho de campo e a partir de documentação e entrevistas realizadas.

Assim como Hemmingway (2007) em sua etnografia realizada em uma redação jornalística regional da Inglaterra, pergunto: como esse traçado nos conduzirá a algum lugar novo ou mostrará alguma coisa que possa ser considerada significativa ou notável para a comunicação, o jornalismo, a tecnologia, o ativismo, o conhecimento? Somente percorrendo o caminho para responder. Diferentemente da jornada apontada como tediosa pela pesquisadora inglesa na BBC em Nottingham, a rotina dos ninjas entre 2013 e 2015 foi agitada: coberturas de eventos em diferentes locais quase todos os dias, manifestações com milhares de pessoas, repressão violenta da Polícia, prisão de um de seus integrantes, refeições em casas coletivas com mais de 20 pessoas, "conversas infinitas" dia e noite adentro, visitas a lugares desconhecidos, registros de blocos de carnavais com centenas ou milhares de pessoas, entre muitas outras situações.

O caminho seguido aqui pode incluir as recomendações iniciais de Hemmingway: "Ajustamos nossos olhos, e começamos a observar corretamente e entender esse mundo, lidando com os envolvimentos complexos de todos os humanos, máquinas, objetos, rotinas, construções e performances que definem o trabalho de produção de notícias[120]"

120 Em inglês: "We adjust our eyes, and begin to properly observe and to understand this world, getting to grips with the complex entanglements of all the humans, machines, objects, routines, constructions and performances that define news work"(HEMMINGWAY, 2007, p.39).

(HEMMINGWAY, 2007, p.39). Se naquele caso tratou-se de um processo de produção de notícias organizada a partir de uma empresa de comunicação estabelecida para este fim, neste trata-se de um processo de produção de informações que não corresponde ao de uma empresa destinada exclusivamente a isso, mas sim a uma rede de pessoas organizadas inicialmente em coletivos culturais espalhados por todas as regiões brasileiras.

INTERLÚDIO (IM) PRESCINDÍVEL (2): DESOBEDECENDO A TAR: CONCEITOS ASSUMIDOS PELA MÍDIA NINJA

A partir do referencial da TAR e da ideia de mediação como *tradução* por ela trabalhada e que aqui serve de guia, seria incoerente fazer uma distinção *a priori* entre, por exemplo, "jornalismo profissional" e "jornalismo amador" na Mídia Ninja, buscando entre os integrantes do coletivo quem são "profissionais de jornalismo" formados no ensino superior e quem não são. Se o que interessa nesta investigação é o movimento, a rede de mediadores constituídos na ação de produção da informação do coletivo que é posta em circulação em seus diversos canais na internet, não deveríamos classificar os atores antes deles se porem em ação, taxando-os sem ver os desvios a que eles serão submetidos quando em processo de tradução. Há alguns autores, como Primo e Zago (2015), que inclusive salientam que tanto o conceito de jornalismo alternativo, proposto por Atton (2005, 2009, 2015), quanto o de jornalismo participativo *(grassroots journalism)*, de Gillmor (2004), por exemplo, são inspirados por discursos utópicos que tem sua própria fé naquilo que o jornalismo deveria ser não no que ele de fato é (PRIMO e ZAGO, 2015).

Porém, ao trabalhar com a Mídia Ninja como objeto desta investigação, resolvi fazer um exercício não recomendado pela TAR: buscar uma primeira *filiação conceitual* do coletivo que desse conta de aproximá-los, ainda que apenas de modo associativo, a outras iniciativas próximas no passado e no presente. Para rastrear esses conceitos, parti da definição que o grupo fornece em sua página principal na internet, no seção FAQ (sigla em inglês para *perguntas mais frequentes*):

> A Midia NINJA é jornalismo? Sim. O Jornalismo é uma das ferramentas e linguagens que utilizamos para levantar temas e debates, fortalecendo narrativas que não tem visibilidade nos meios convencionais de comunicação. Mas para além de jornalismo fazemos midiativismo (MÍDIA NINJA, 2014b, *online*).

Esta autodefinição dá algumas pistas para nossa investigação. A primeira é que a Mídia Ninja diz *fazer jornalismo.* Portanto, dialoga com uma prática que tem sua institucionalização no século XIX (FRANSCISCATO, 2005; MARCONDES FILHO, 2009), o que possibilita a construção de "um tipo específico de vivência social do tempo presente, em que uma diversidade de fenômenos temporais ganhou especificidade devido à existência e

atuação da instituição jornalística" (FRANSCISCATO, 2005, p.15). É uma "prática social" (social no sentido da "Sociologia do Social" de Latour) estabelecida durante o século XX e que, hoje, no século XXI, tem seu *ethos* reconhecido por muita gente, ainda que as percepções de leitores, veículos e jornalistas sobre o *fim* desta atividade difira muito (REGINATTO, 2016) e que a prática em si passe por transformações profundas (RAMONET, 2012; ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013) a qual este trabalho também investiga. Para boa parte dos estudos do jornalismo no Brasil (chamados também de Teoria do Jornalismo), trata-se de uma forma de conhecimento baseado na apreensão das singularidades que ocorrem na realidade objetiva (PARK, 1972; GENRO FILHO, 1989; MEDITSCH, 1992; MACHADO, 2000; ALSINA,2005).

Outra pista que temos pela autodefinição da Mídia Ninja diz respeito ao *midiativismo.* É uma identificação que tem sua popularização nos anos 1990 e 2000, com a difusão da conexão à internet de banda larga, do barateamento de dispositivos como câmeras digitais, *smartphones, tablets* e da popularização dos computadores e de formas mais acessíveis de criação de páginas *web*, como os blogs (LOWREY, 2006; FOLETTO, 2009). Relaciona-se a movimentos de reação que "aumentam a consciência pública sobre a influência da mídia e fomentaram as demandas de democratização e acesso público à mídia[121]" (MILAN, 2013, p.6).

Como se sabe, projetos de "contra informação" existem desde o século XIX (DOWNING, 2002; ATTON, 2004; MILAN, 2013), e no cenário latino-americano há documentação expressiva de iniciativas desse tipo como veículos de resistência aos governos das ditaduras militares na região (KUCINSKI, 2003; KUSHNIR, 2004). Há, ainda, a aproximação do que midiativismo pode significar com as primeiras práticas relacionadas como jornalísticas, "em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância de ideias, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias" (MARCONDES FILHO, 2009, p.19), fase relacionada pelo autor ao período histórico que iria de 1789 a aproximadamente 1830, marcado pela revolução industrial, pelo avanço do capitalismo e pelo começo da profissionalização dos jornais nos países capitalistas europeus e das Américas. Segundo Milan (2013), o que há de novo no período contemporâneo, e que engloba a nomenclatura *midiativismo*, é sua escala, a autossuficiência

121 Em inglês, "have increased public awareness of media influence, and nurtured demands for democratization and public acess to the media" (MILAN, 2013, p.6)

e autonomia: "Pela primeira vez na história, estas questões mobilizam um público amplo e diversificado que também inclui não especialistas[122]" (MILAN, 2013, p.6).

Quando falamos em midiativismo, outras diversas definições se aproximam: mídia (e jornalismo) alternativo (ATTON 2005; ATTON, 2009; ATTON & HAMILTON, 2008) mídia radical (DOWNING, 2002), mídia cidadã (RODRIGUEZ, 2000) mídia tática (LOVINK & GARCIA, 2003), mídia autônoma (LANGLOIS & DUBOIS, 2005). Embora de bases teóricas distintas, elas tem como ponto comum tentar nomear iniciativas de mídia ou jornalismo que são diferentes daquelas instituídas como "grande mídia" pelo senso comum, veículos de que se estabeleceram como instituições e se profissionalizaram ao longo do século XX (SCHUDSON, 1976; NEVEU, 2005), também chamados aqui no Brasil pelo conceito de "veículos de referência", "Imprensa de Referência" ou "Jornal de referência" (ZAMIN, 2014).

Um destes conceitos, jornalismo alternativo seria, por exemplo, aquele produzido por "cidadãos comuns" (*desinstitucionalizado*), sem a necessidade de treinamento profissional (*desprofissionalizado*) e sem aporte financeiro excessivo (*descapitalizado),* que pode ser mais precisamente definido como sem participação no mercado publicitário de vendas de anúncios, no conceito proposto por Atton[123] (2005, 2009). Mídia radical seria a "mídia - em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes - que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas" (DOWNING, 2002, p.21). Ambas são visões que trabalham com uma noção de mídia contra-hegemônica, baseado no conceito histórico de raízes marxistas "hegemonia", definido por Grasmci[124] (1978). Já mídia cidadã parte da ideia de que a mídia habilita “pessoas comuns” ao empoderamento político, para que representem melhor a si mesmos e suas comunidades (RODRÍGUEZ, 2000) tendo referências na obra de Paulo Freire popularizada em "Pedagogia do Oprimido" (1974) e na noção de democracia radical de Chantal Mouffe (1992).

---

122 Em inglês: "For the first time in history, these issues mobilize a broad and diverse public that also includes non-specialists" (MILAN, 2013, p.6).

123 Estas três características do jornalismo alternativo, por sua vez, foram aplicadas por Hamilton (2000) a partir de Raymond Willians em "Cultura e materialismo" (2011). O autor inglês, um dos pioneiros nos chamados estudos culturais, trabalha com a ideia de base e superstrutura para a análise cultural, considerando também o aspecto material da cultura - o que, por sua vez, o leva a trabalhar com o pressuposto de que o desenvolvimento tecnológico produz relações sociais. Ver WILLIAMS, Raymond. Meios de comunicação como meios de produção. Cultura e materialismo. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

124 Para mais detalhes do conceito, ver GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Quais são os exemplos que ilustram alguns destes diferentes conceitos? Voltar à autodefinição proposta pela Mídia Ninja pode esclarecer esse quesito. No já citado *FAQ*, a pergunta é:

> A Mídia Ninja é um novo movimento social? Existe um processo de mais de uma década de construções, no qual iniciativas como o CMI (Centro de Mídia Independente), o Intervozes, o Fórum de Midia Livre, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação ou até mesmo as experiências de Rádios Livres e Comunitárias se formaram, se consolidaram e inspiraram a geração que concebeu a Mídia NINJA e outras iniciativas mais recentes." (MÍDIA NINJA, 2014b, *online*)

Entre as referências citadas pelo coletivo, há uma iniciativa que é usada para ilustrar também todos os outros conceitos relacionados aqui, de jornalismo alternativo a mídia tática, e que também é aproximada a outras práticas, como o ciberativismo e o hackativismo: o CMI (Centro de Mídia Independente), estabelecido originalmente como *Independent Media Center* (*IndyMedia),* em 1999. Foi uma criação de diversas pessoas com o intuito de realizar a cobertura dos protestos de Seattle em razão da reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 30 de setembro de 1999. Desenvolveram um site que oferecia diversos materiais das manifestações - cobertura em textos, fotos, vídeos e áudios - das manifestações num sistema de publicação aberto, ou seja, qualquer um poderia enviar seu material para publicação, sem filtros editoriais. A intenção era organizar uma cobertura de orientação alternativa àquela realizada na mídia tradicional, em um contexto em que a publicação na internet não era acessível a qualquer pessoa: não havia redes sociais como as que conhecemos hoje, e os blogs apenas iniciavam sua trajetória - o primeiro sistema gratuito e facilitado de publicação de conteúdo (CMS) a se tornar popular, o *Blogger*[125], havia começado a funcionar também em 1999 (FOLETTO, 2009). Depois dos protestos em Seattle, uma rede internacional *IndyMedia* se constituiu e mantém até hoje um site[126] de publicação aberta, com notícias, informações sobre acontecimentos e opiniões que continuam a buscar orientação alternativa aquela publicada pelo jornalismo dito de referência.

Outra autodefinição da Mídia Ninja diz respeito à concepção de *mídia livre,* já expressa pela referência ao Fórum de Mídia Livre citado acima, e em outros momentos do *FAQ*, como aqui: "O Fora do Eixo é uma rede que desenvolve uma série de articulações e produções no

---

125 Comprado pelo Google em 2003, disponível em http://www.blogger.com Acesso em: 15 dez. 2016

126 O *Indymedia* está no endereço http://indymedia.org. O CMI recentemente teve seu site relançado, no endereço: http://midiaindependente.org Acesso em: 15 dez. 2016

campo da cultura e da mídia livre há 10 anos" (MÍDIA NINJA, 2014b, *online*). Neste cenário, o conceito de Mídia Livre diz:

> Comprometidas com a luta pelo conhecimento livre e por alternativas aos modelos de comunicação monopolizados ou controlados pelo poder econômico, as mídias livres são aquelas que servem às comunidades, às lutas sociais, à cultura e à diversidade. Praticam licenças favoráveis aos uso coletivo e não são negócios de corporações. Compartilham e defendem o bem comum e a liberdade de expressão para todo mundo e não apenas para as empresas que dominam o setor. Entendem comunicação como um direito humano e, por isso, querem mudar a comunicação do mundo. (FÓRUM MUNDIAL DE MÍDIA LIVRE, 2015, *online*)

A origem do Fórum de Mídia Livre, depois Fórum Mundial de Mídia Livre, está associada ao Fórum Social Mundial (FSM), cuja a última edição, a 5º, foi realizada conjuntamente na Tunísia[127], e no qual a Mídia Ninja esteve presente. Savazoni (2014) afirma que o termo se difunde no Brasil a partir de uma política pública do Ministério da Cultura que reconhecia e premiava "Pontos de Mídia Livre[128]" espalhados pelo país, tal qual fez com os Pontos de Cultura[129], outra política pública relacionada ao MinC que reconhecia iniciativas culturais e distribuía kits multimídias com computadores com diversos *softwares* livre dento - iniciativa que, aliás, ajudou a popularizar o *software* livre no Brasil (CLINIO, 2011; FOLETTO, 2016).

Há, por fim, no discurso de autoidentificação da Mídia Ninja, seja em seu portal quanto em outros espaços digitais e na fala de seus integrantes, a ideia de jornalismo independente, um conceito popularizado no senso comum e em mapeamentos recentes como sendo o de mídias que "nasceram da rede, fruto de projetos coletivos e não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas" (AGÊNCIA PÚBLICA, 2016, *online*). Há de se perguntarmos, enquanto pesquisadores de comunicação, tecnologia e jornalismo, o quanto a ideia de "independente" (a quê e quem?) e a de alternativo como oposto ao "tradicional" (*mainstream*) como distinções conceituais fixas podem ainda serem válidas em um cenário

127 Site atual: http://www.fmml.net Acesso em: 15 dez. 2016

128 Segundo a definição do Ministério da Cultura, o Prêmio de Midia Livre é uma "Ação de desenvolvimento e acompanhamento de construção de políticas públicas para iniciativas de comunicação livre e compartilhada, não atreladas ao mercado". Mais informações sobre a definição de mídia livre do MinC em: http://bit.ly/1TjfYQD Acesso em: 24 jun. 2016

129 Pontos de Cultura são grupos, coletivos e entidades de natureza ou finalidade cultural que desenvolvem e articulam atividades culturais em suas comunidades, reconhecidos, certificados ou fomentados pelo Ministério da Cultura por meio dos instrumentos da Política Nacional de Cultura Viva, estabelecida em 2004 na gestão de Gilberto Gil no ministério, e em 2014 tornado política pública de Estado. Em abril de 2010, havia 2,5 mil Pontos de Cultura instalados em 1122 cidades de todas as regiões do país. Mais informações em http://culturaviva.gov.br/

de convergência dos meios de comunicação e ascensão da presença das tecnologias digitais e da internet, que está proporcionando um sistema mais complexo e fluido de práticas que não mais distinguem usuário de produtor de conteúdo[130]. Kenix (2015) também aponta uma ironia nesta divisão alternativo e *mainstream* baseada no aspecto profissional e comercial: "Na medida em que a mídia alternativa adota mais modelos de organização de corporações, elas exigem modos de produção mais profissionais, o que implicitamente bloqueia as vozes que faziam parte daquilo que tornava a mídia alternativa uma "alternativa"[131] (KENIX, 2015, p.73). Considerar que um modelo de organização profissional bloqueia pontos de vistas considerados alternativos em seus relatos é cair no erro diversas vezes apontados pela TAR: o de dar como dado um *a priori*. Neste caso, o de que a organização em corporações institucionais, com participação no mercado de vendas de anúncios e com pessoas treinadas de modo profissional em universidades e escolas vá, necessariamente, produzir relatos que abafem vozes que não as ditas "oficiais" como porta-vozes de governos e empresas, principalmente. É possível (e provável) que esse abafamento possa ocorrer, porém somente analisando o movimento das redes de mediadores em cada situação para saber em detalhes.

130 Estabelecida em conceitos como "ex-audiência (GILLMOR, 2004); “as pessoas anteriormente conhecidas por audiência” (ROSEN, 2016), *produsage* (BRUNS, 2008), entre outros próximos.
131 Em inglês, "As alternative media adopt more corporate organisation models, they require more professionalised modes of production, which implicity lock out voices that were part of what made alternative media 'alternative'' (KENIX, 2015, p.73).

6. DESLOCAMENTOS DE UMA TRADUÇÃO: COMO UMA INOVAÇÃO TÉCNICA RECONFIGUROU O AO VIVO DA RUA NA MÍDIA NINJA

> *Arto me enviou três links: dois da Mídia Ninja (suponho: o segundo se chamava ninja2) e um do Black Bloc. Este no Twitter. Havia uma série de posts criticando a polícia, ridicularizando o governador, atacando a imprensa — sobretudo a TV Globo — e estimulando os eventuais leitores a protestar na chegada do Papa. As imagens da ninja1 eram puro expressionismo abstrato, com fragmentos sucessivos de objetos identificáveis captados em meio a algum movimento - embora o som fosse claro e inteligível. A pessoa que segurava a câmera comentava o que via. A truculência da polícia, sua covardia, era sublinhada. Fui para a Ninja2. A imagem era mil vezes melhor. O câmera-narrador também frisava que a polícia atacara sem muita razão para isso. Era bastante bonito porque o jeito desse narrador era o de um partícipe, não o de um repórter ao ato ou isento. Sentia-se o gosto da aventura. Tudo muito juvenil (*Caetano Veloso, O Globo, 21 de julho de 2013).

> *"Libera Ninja, Libera Ninja!", "Olé olé olé olá, Ninja, Ninja!", "Uh, na moral, Mídia Ninja é o canal!" (Multidão em frente a 9º Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro, 22 de julho de 2013)*

No capítulo anterior, tentei responder à pergunta sobre como a Mídia Ninja havia chegado até junho de 2013, e quais foram os principais atores que agiram no curso da ação até ali. Descrevi como as redes se formaram até a explosão de visibilidade que o coletivo alcançou no período de manifestações inicialmente guiadas pela rejeição ao aumento da passagem do transporte público em São Paulo e outras capitais brasileiras. Foquei na história e em alguns atores principais da organização que encubou a Mídia Ninja, o Fora do Eixo, como a Casa FdE SP e a PósTV, e nos ninjas, destacando características destes, como a formação livre, a presença do improviso criativo conhecido como "gambiarra*",* e, talvez em contraste com esse improviso, a divisão bem organizada entre ninjas de rua e ninjas de base.

Neste capítulo sigo o processo de tradução do *TwitCasting*, *software* de transmissão ao vivo utilizado pela Mídia Ninja em 2013, especialmente em 18 de junho e na cobertura da chegada do Papa Francisco, líder da Igreja Católica, ao Rio de janeiro, em 22 de julho desse mesmo ano, narrada em partes na introdução dessa tese. A introdução do *TwitCasting* é uma

mostra de um processo mais amplo de reconfiguração da transmissão ao vivo de acontecimentos a partir das tecnologias de transmissão e dos dispositivos digitais conectados na internet, o que por sua vez nos leva aos deslocamentos na construção de narrativas do tempo presente também na ação da Mídia Ninja. Acompanharei então a tradução - os deslocamentos, negociações e ajustes, a criação de um link que não existia antes e que modifica os atores, nos termos da TAR (CALLON, 1986; LATOUR, 1994b) - de determinados acontecimentos a partir da introdução do *TwitCasting* na rede de actantes mobilizados nas mediações da Mídia Ninja. Analiso, por fim, se e de que forma esse *software* determinou ações nos atores envolvidos no processo.

6.1. Iniciando a tradução

No capítulo dois trouxe a ideia de tradução e como ela é central para a Teoria Ator-Rede: de Callon (1986) a Latour (2012), a operação pela qual o mundo social e o natural tomam forma é compartilhada por diversos atores, que mobilizam outros para seus cursos de ação, e outros, e assim indefinidamente: quanto mais olhamos de perto essa operação mais veremos atores agindo e fazendo outros agirem, produzindo diferenças, tal qual os fractais do conjunto de Mandelbrot[132]. Como trabalhamos com textos e não cálculos matemáticos nas pesquisas em ciências sociais aplicadas, nos debruçar sobre todos os atores, ou sobre muitos atores, levaria mais tempo e se estenderia por mais espaço do que um ser humano, dentro de uma universidade, poderia ter. Por conta disso, temos de fazer recortes, descrever aqueles atores que, ao longo da operação de tradução, produzem mais diferença, ou que produzem outras ações que são significativas para uma dada investigação como esta. Para avançar, então, tentei seguir os conselhos de Latour (2012):

---

132 O "objeto mais complicado da matemática" é, como um ator em uma rede, algo aparentemente muito simples: digitalmente, seis toques num teclado são necessários para produzir um. Mas mergulhos sucessivos em sua estrutura revelam uma complexidade crescente, detalhes aparecem cada vez que você aproxima a imagem. Se você der um zoom, as formas mudam, aparecem regiões dos fractais que lembram animais específicos, mais zoom e um ponto aparentemente negro sem detalhes ganha mais milhares de detalhes, que lembram a estrutura inicial, e assim sucessivamente, em uma vertigem sem fim. Mais informações em http://piaui.folha.uol.com.br/materia/z-z2-c/ Acesso em: 10 ago. 2016

> Um bom relato ANT é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores *fazem alguma coisa* e não ficam apenas observando. Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos no texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação (LATOUR, 2012, p.198).

Hemmingway (2007, p. 73) afirma que para tentar definir o limite da rede em que os atores agem muitas vezes se faz necessário seguir um ator para trás, para identificar onde ele se tornou significativo, e só então traçar o processo de tradução que tem sido feito até ali. Portanto, ao examinar a introdução do *TwitCasting* na ação da Mídia Ninja para averiguar onde ela começou, e seguir o processo de tradução a que foi submetido, precisei identificar os *mediadores* e *intermediários*, uma definição já descrita aqui e que nos ajuda a entender o que está importando em dado momento e que, por conta disso, deve constar no relato do investigador. Sendo os mediadores aqueles que transportam algo e alteram o curso da ação, são eles que tento descrever, de forma a fazer com que todos aqueles trazidos no relato *façam alguma coisa* e não fiquem no lugar de outros que não fazem (LATOUR, 2012, p.222).

Ao falar da operação de tradução, os pesquisadores da TAR ressaltam a importância da descrição como forma de fazer os atores (os mediadores) falarem. Lemos (2013), por exemplo, diz que descrevendo “você encontrará os principais mediadores (actantes), os intermediários (que transportam, mas não mudam nada), as ideologias, as forças, os poderes, as razões, as estruturas e as agências circulando” (LEMOS, 2013, p.91). Latour, como já comentamos na Introdução, dá importância à descrição, dizendo que só ela “protege o relato do contágio das explicações” (LATOUR, 2012, p.200), em oposição ao uso de estruturas e “entidades vagas como Sociedade, Capitalismo, Império, Normas, Individualismo, Campo” (LATOUR, 2012, p.201).

Para a descrição necessária à tradução, para o mundo natural e social tomarem forma, existem algumas questões operacionais que dificultam o processo. Neste caso, há o fato de que as redes traçadas, relacionadas à transmissão ao vivo dos acontecimentos de junho e julho de 2013, foram recuperadas a partir de entrevistas, material de arquivo e uma observação distante da ação naquele momento. Não estava observando os atores *in loco* entre março e julho de 2013, período de tradução analisado aqui. O “truque”, então, para fazer os atores falarem, em especial os objetos, que “pela natureza de seus laços com os humanos logo deixam de ser mediadores para se transformarem em intermediários

(LATOUR, 2012, p.118), foi baseado em duas soluções apontadas pelo pesquisador francês: a) descrever uma situação de introdução de uma novidade, uma conjuntura produzida pela “invasão de elementos estranhos, exóticos, arcaicos ou misteriosos no curso normal da ação” (LATOUR, 2012, p.118) - no caso, a entrada da aplicação de *smartphone TwitCasting* na rede de transmissão de acontecimentos ao vivo; b) trazer “arquivos, documentos, lembranças para produzir artificialmente, nos relatos dos pesquisadores, o estado de crise em que nasceram máquinas, recursos e implementos” (LATOUR, 2012, p.118). Recuperei os fatos a partir de entrevistas e observações realizadas *a posteriori,* durante o período de trabalho de campo já assinalado. O fato de estar investigando uma aplicação conectada à internet facilitou também o rastreamento do material ao vivo produzido com o aplicativo, em especial os vídeos a partir de 27 de junho de 2013, e é também por este motivo que priorizei os vídeos descritos posteriormente[133].

6.2 "Ao vivo" pela internet: cabos, computadores, *softwares*

Antes de iniciar a tradução propriamente dita, acredito ser necessário descrever, ainda que de modo simplificado, como passou a ocorrer a transmissão ao vivo de eventos pela internet. Entrar "na carne" de alguns objetos técnicos, neste caso, me parece ser importante para entender o funcionamento de atores que mais adiante vão participar deste relato e das ações que aqui analiso. Assim, divido a narrativa deste tópico em duas partes: de um lado o crescimento da velocidade de transmissão de dados na internet, que tem como atores centrais os modens e os cabos, e de outro a miniaturização e popularização dos computadores pessoais e dos *smartphones*, até chegarmos na transmissão ao vivo pela internet pelos (e para) os computadores, por fim ao *TwitCasting* e à Mídia Ninja.

No mundo de 2016 em que escrevo essa tese, creio ser possível perceber o quanto a junção de dispositivos digitais (como os computadores) com um sistema global de redes que utilizam um conjunto de protocolos em comum para se comunicar (a internet) alterou a forma

133 As transmissões realizadas pela Mídia Ninja anteriores a 27 de junho de 2013 foram exibidas a partir do canal da PósTV no *TwitCasting* (http://www.twitcasting.tv/pos_tv), que não existe mais. Como estas transmissões não foram gravadas, não tive acesso a elas, ao contrário do que aconteceu com as da Ninja, que ainda se encontram (as que foram gravadas) disponíveis no endereço http://twitcasting.tv/midianinja/.

de se produzir e pôr em circulação relatos de acontecimentos situados em um tempo presente. No caso da transmissão ao vivo de um dado evento, a distância entre o tempo de sua ocorrência e o tempo em que uma narrativa sobre esse evento chega a muitas pessoas se tornou menor ao longo do século XX, primeiro com o rádio, depois com a televisão, mais tarde com os computadores e, por fim, com a internet, até o ponto em que não somente consumir mas produzir essas narrativas ficou mais rápido e acessível - é a já conhecida mudança da predominância do modo "um-muitos" para o "muitos-muitos" na comunicação, a partir da liberação do polo emissor da informação (LEVY, 1999; LEMOS, 2005).

Não é caso aqui de falar sobre todas as mudanças na prática de produção e circulação da informação a partir da internet e dos computadores, já que tantos trabalhos têm feito ou tentado fazer isso nestas últimas décadas. Mas é o caso de perguntar: como um evento passou a poder ser transmitido ao vivo pela internet pelos - e para - os computadores?

A resposta remete primeiramente ao crescimento da capacidade de transmissão de dados pela internet. Em 1995, primeiro ano da chamada internet comercial no Brasil, a velocidade dos dados transmitidos era de 56 Kbp/s[134], em média, em um tipo de conexão chamada *dial-up* (linha discada), que aproveitava a estrutura física (em sua maior parte pública) já existente de cabos e centrais telefônicas. Cada linha de telefone fazia a ligação a partir de um dispositivo conhecido como *modem* para uma central (de um intermediário, chamado Provedor de Acesso), que permitia - ou não - a conexão com a rede. Essa ligação constituía uma sincronização de informações, de modo a fazer com que os dados emitidos por *softwares* instalados no computador (como um navegador, por exemplo) pudessem trafegar para uma central telefônica, e daí para outras ao redor do Brasil e do mundo, unindo-se a assim chamada internet. Com essa velocidade, um arquivo de música (3,5 mega bytes) no formato de áudio conhecido como MP3, por exemplo, demoraria em média de 15 a 30 minutos para ser baixado para um computador pessoal, enquanto um vídeo de baixa

134 Kbp/s é a abreviação para "quilobit por segundo", o que equivale a 1000 bits por segundo. É a medida usada para medir a velocidade de transmissão de dados na internet. Não confundir com "quilobyte", unidade usada para medir tamanho de arquivos (conversão: 1 mega byte = 1024 quilo bytes). Para saber qual a taxa de transferência de uma determinada velocidade de internet é necessário dividir a velocidade por 8. Por exemplo: 1 mega bit (1000 kbp/s) de velocidade de internet dá uma taxa de transferência de arquivos de 125 quilobytes por segundo, abreviado "KB/s"; uma velocidade de 600 Kbp/s dá 75 KB/s; 128 Kbp/s = 16 KB/s; 56 Kbp/s = 7 KB/s.

qualidade (700 mega bytes), de 28 a 42 horas[135]. Como os dados pela internet e a voz pelo telefone eram transmitidos pelo mesmo canal, somente uma operação poderia ser realizada por vez: baixar um arquivo em MP3 ocuparia a linha telefônica por até 30 minutos, o que caracterizava, para fins de cobrança, uma ligação local de duas horas. Uma operação que, a depender do valor do pulso ou do minuto[136], poderia aumentar o valor da conta telefônica em centenas de reais no Brasil nos primeiros anos de internet comercial.

A velocidade limitada de transmissão de dados, o alto custo da conexão e o pouco acesso aos computadores e à internet nos anos 1990 faz entender que, mesmo havendo possibilidade de transmissão ao vivo de imagem e som entre dois computadores pessoais via conexão *dial-up*, essa transmissão não era uma operação viável. Não poderia concorrer com a televisão, por exemplo, que desde início da década de 1960 realizava transmissões ao vivo, com imagem e som disseminado por satélites - aparelhos que orbitam o planeta recebendo e transmitindo dados a partir de ondas de rádio (medidas em Hertz) - para milhões de televisores espalhados em um número de casas muito maior que os computadores de então[137].

Nesse cenário, a televisão reinava sozinha. Um relato em imagem e som sobre eventos ao vivo chegaria em menor tempo a um grande número de pessoas com ela. Pelo fato de o *link de transmissão*[138] ao vivo ser uma estrutura cara, havia poucos em uma emissora de televisão, e eram usados apenas em situações em que algumas pessoas dentro de uma emissora - os editores e os diretores - julgavam ser relevante. Não é difícil pensar que essas situações se limitariam aos acontecimentos históricos, econômicos, sociais ou culturais que envolvessem pessoas influentes, personalidades que, pelos critérios daqueles

135 Dados calculados a partir das informações deste infográfico: https://www.entrepreneur.com/article/228489 Acesso em: 20 out. 2016

136 O sistema de cobrança por pulsos indicava valores crescentes a partir de determinado tempo (geralmente segundos) e em determinados horários (os comerciais eram os mais caros). Antes da popularização da banda larga, era comum as pessoas se conectarem à internet via conexão discada nos finais de semana e, durante a semana, entre a meia noite e 6h da manhã, horário em que só se pagava o valor do primeiro pulso, o que tornava o acesso mais barato.

137 Uma transmissão ao vivo pela televisão de um evento na rua em 1995, por exemplo, consistia de imagens e sons registradas por uma câmera e um microfone, transmitidas via frequência de rádio para um satélite a partir do link (ver nota abaixo). Podemos dizer, simplificando um pouco, que as imagens da rua chegavam neste satélite estacionado em órbita na terra e, então, eram retransmitidas para antenas menores, que decodificariam o sinal e, nas casas das pessoas, os transformariam em imagem e som em um aparelho chamado televisão. Toda esta operação durava milésimos de segundos - e ainda hoje funciona praticamente da mesma maneira, com a diferença da troca do sinal analógico para o digital.

138 O link é uma estação de transmissão de dados (geralmente um furgão ou um caminhão) com uma antena que, recebendo os dados (imagem e som) de um codificador, repassa para um satélite.

que escolhiam os fatos a serem narrados, eram conhecidas da maior parte do público, levando-os a assistir ao vivo aquelas imagens e sons em seus televisores. E seriam raras as situações em que pessoas arriscariam seus recursos (pessoas, câmeras, *links*, antenas, carros) para produzir narrativas de fatos que julgassem interessantes apenas para uma pequena parcela de pessoas.

Durante esse período de predominância da conexão à internet no Brasil por *dial-up*, a produção de relatos sobre acontecimentos do presente realizada por veículos jornalísticos na intenet não considerava a transmissão ao vivo como recurso. Nesta primeira fase, na segunda metade dos anos 1990, o jornalismo digital ainda era transposição de suas versões impressas para as páginas da *World Wide Web* (MIELNICZUK, 2003) e, desta forma, priorizava os seus formatos originais, seja o impresso, a televisão ou o rádio. A maioria das pessoas no Brasil tinham acesso a internet via conexão discada, o que limitava o uso de recursos diversos nas páginas dos jornais, como fotos e vídeos, arquivos de tamanhos maiores que necessitavam mais capacidade e velocidade de dados tanto para subir na internet quanto para um usuário vê-los, baixando os dados de uma página web para seu computador a partir de um navegador. É somente na virada dos 1990 para os 2000 que o jornalismo[139], acompanhando o aumento da velocidade de conexão de dados pela internet e seu consequente barateamento e popularização, começa a organizar redações *online* independentes das redações impressas e a formatar modelos de negócios para a internet de modo a incorporar as características próprias da web (PATERSON & DOMINGO, 2008), nos anos seguintes integrando as redações *online* e impressa ou buscando algum nível de aproximação física ou de fluxo de produção (PALACIOS e MACHADO, 2007).

139 É interessante lembrar que, neste mesmo período de conexões ainda lentas de internet, o midiativismo dá seus primeiros passos com a internet e uma outra forma de ativismo ganha força: o ciberativismo. O coletivo de artistas baseados nos Estados Unidos, *Critical Art Ensemble*, desenvolveu, ainda em 1998, o *Eletronic Disturbance Theater* (EDT), uma frente do coletivo para promover ações de solidariedade no ciberespaço em apoio ao movimento Zapatista em Chiapas, no Méximo. A tática realizada com maior destaque foi a do *sit-in* virtual, um tipo de ação direta contra um determinado site com o objetivo de torná-lo inacessível a partir da coordenação de acesso simultâneo por diversas pessoas à mesma página alvo. O grupo organizou ataques em dez datas significativas para o movimento Zapatista, depois registrada em abril de 1998. Para participar, as pessoas deveriam acessar determinada URL, clicar em um link e manter o navegador aberto durante o período programado para a ação; o aplicativo acionado recarregaria a mesma URL várias vezes por minuto, impossibilitando o acesso à página e uum tipo de ação chamada Ataque de negação de serviço – *DDoS*. (ver FOLETTO, 2016, *online*).

Voltando à narrativa sobre a propagação da dados no conjunto de redes interligadas que chamamos internet, no início dos anos 2000 ocorre uma mudança gradativa no Brasil e no mundo inteiro: a velocidade de transmissão de dados não aumenta pouco, mas duplica, quadruplica, octuplica. A internet de *banda larga*[140] passa a ser mais acessível para uma grande parcela da população de países do capitalismo ocidental, não mais somente para universidades e empresas, os nós pioneiros da rede[141]. Conectadas a partir de seus computadores pessoais, o acesso passa a ser realizado em uma velocidade de transmissão de dados de 1 mega bit por segundo (1000 kbp/s, cerca de 20 vezes maior que a *dial-up)* a até 100 megas (100000 kbp/s, 200 vezes maior). A maior capacidade de transmissão de dados se deu, principalmente, a partir da popularização de um tipo de tecnologia denominada ADSL (*Assymmetric Digital Subscriber Line* ou "Linha Digital Assimétrica para Assinante"), responsável pela maior parte do acesso à internet de computadores pessoais no Brasil desde 2012[142]. Ela funciona também a partir das linhas e cabos telefônicos, mas com a diferença de que os dados são divididos em três na hora do envio: os dados de *download,* ou seja, dos cabos que levam as informações da internet para as centrais, e desta para o computador; dados de *upload*, do computador para os cabos, as centrais e a internet; e a voz via telefone, que é dividida das outras informações a partir de um aparelho chamado *Splitter*, instalado tanto na linha do usuário como na central telefônica. A transmissão simultânea desses três tipos de dados se dá em frequências diferentes, mas nos *mesmos cabos*: a linha telefônica serve como "estrada" para a circulação dos dados dos três tipos. Não há mais a discagem para um número específico para estabelecer uma conexão, como na *dial up*, o que desocupa o telefone e não implica cobrança de pulsos quando do acesso à internet[143],

140 O conceito de banda larga varia bastante de país para país. A União Internacional de Telecomunicações (UIT) adota como definição de banda larga a capacidade de transmissão que é superior à taxa primária de ISDN (*Integrated Services Digital Network*) a 1,5 ou 2,0 Megabits por segundo (UIT I.113), enquanto a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aceita velocidades a partir de 256 kbp/s (Fonte: http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialblmodcomp1/pagina_2.asp Acesso: 10 dez. 2016). No Brasil, a Anatel não definiu limites até hoje, mas supõem-se que a referência (não oficial) é de 1 Mbps pois esta foi a estabelecida para o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL). Para se ter uma ideia, na Colômbia a velocidade mínima para ser considerado banda larga é de 1024kbps, enquanto que nos Estados Unidos é 25 Mbps (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_larga Acesso: 10 dez. 2016)

141 Nos Estados Unidos, o acesso via banda larga cresce 50% entre 2001 e 2003; no Brasil, esse crescimento em 2006 foi de 60%. Em 2013, 65% dos lares dos EUA acessavam internet por esta via, enquanto que no Brasil neste mesmo ano são 39%, segundos dados do Governo Federal: http://bit.ly/MGxXDE Acesso em: 10 out. 2016

142 Segundo dados de 2014 da Anatel, 57,88% do acesso à internet via banda larga é ADSL e 30,17% é via cabo de televisão (ver próxima nota). Fonte: http://exame.abril.com.br/tecnologia/brasil-atinge-23-mi-de-assinantes-de-banda-larga-diz-anatel/ Acesso: 23 ago. 2016

143 Um processo parecido com a segunda forma de conexão mais popular no Brasil hoje, via cabos de

barateando o serviço de telefone. Com uma banda larga de 1 mega de velocidade de transmissão de dados, a mesma música de 3,5 mega bytes em formato MP3 seria baixada em 1 a 3 minutos, enquanto o tempo de *download* de um vídeo de 700 mega bytes caria de 28 horas em uma conexão *dial up* para apenas 11 horas via banda larga ADSL[144].

Aqui, é necessário falar de um segundo ator na jornada de transmissão de dados da internet: os cabos. O aproveitamento da infraestrutura de telefone pela internet fez com que os dados fossem transmitidos inicialmente por fios de cobre, utilizados para o telefone desde o final do século XIX. O aumento da velocidade de transmissão passou a exigir cabos mais potentes, especialmente para fazer a ligação entre continentes. Assim, ainda na década de 1980, as primeiras redes ligando universidades e o exército dos Estados Unidos, como a *Arpanet* e a *NFSNET*[145], passaram a expandir seus cabos pelos continentes a partir de consórcios científicos ligados ao governo, criando os primeiros *backbones* - cabos submarinos e transoceânicos de transmissão de dados por onde a internet passaria anos depois. Feitos de fibras óticas, como a sílica, esses cabos possuem maior capacidade de transmissão em relação aos de cobre, além de serem mais baratos e mais resistentes a interferências físicas e químicas. Um par de fibras óticas, por exemplo, cujo diâmetro pode ser comparado ao de um fio de cabelo, pode transmitir 2,5 milhões ou mais de chamadas telefônicas ao mesmo tempo, enquanto um fio de cobre com a mesma capacidade teria de

---

televisão. "Dentro do cabo coaxial, que é composto internamente por um filamento de cobre, transitam várias frequências, e cada uma delas serve para transmitir um canal de televisão, por exemplo. Atualmente, é possível veicular, em média, de 200 a 250 canais em um mesmo cabo. Uma dessas frequências é empregada para a transmissão de dados de internet", diz Carlos Bordeaux, assessor de tecnologia da Fundação CPqD, centro de pesquisa e desenvolvimento em tecnologia da informação e comunicação. Fonte: http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2012/06/conheca-algumas-tecnologias-para-transmissao-de-dados-com-e-sem-fio.html Acesso em: 20 out. 2016

144 Essa conta pode variar muito. É comum que a velocidade de transferência de dados - em mega bits - seja a velocidade de download, enquanto que a de upload seja de 10 a 20% dessa capacidade. No Brasil, desde 2013 as empresas que prestam serviços de conexão à internet devem oferecer, na média mensal, pelo menos 80% do valor de download que o usuário contrata, e no mínimo 40%. Ou seja, em um plano de 10 Mbps, a velocidade não pode cair para menos de 4 Mbps em nenhum momento. Mas ela também não pode ficar próxima a esse valor: a velocidade média deve ser de pelo menos 8 Mbps ao longo de cada mês. Fonte: http://gizmodo.uol.com.br/regras-anatel-banda-larga-2/ Acesso: 2 de nov. 2016.

145 A Arpanet, acrônimo em inglês de *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPANET) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, foi a primeira rede operacional de computadores à base de comutação de pacotes (fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/ARPANET Acesso em 2 de nov. 2016). A *NFSNet (National Science Foundation Network)* foi uma rede criada a partir da *National Science Foundation*, dos EUA, que funcionou entre 1985 e 1995.

medir em torno de seis metros[146].

O crescimento da velocidade de transmissão de dados e da própria internet está intimamente relacionado à expansão da rede de cabos submarinos de fibra ótica pelo mundo. Na virada dos anos 1980 para os anos 1990, consórcios governamentais que estabeleceram alguns dos primeiros *backbones* ligando universidades e centros de pesquisa, tanto nos EUA quanto no Brasil, passam a transmitir dados não somente relacionados à pesquisa e educação, sua função inicial, mas também dados comerciais, a partir do crescimento de *backbones* regionais criados por empresas privadas, como a IBM na América do Norte, ou públicas, que seriam privatizadas, como a Embratel, no Brasil. Em 1995, esses consórcios iriam abrir suas redes e forneceriam conectividade a provedores de acesso comerciais, o que impulsionaria a expansão dos cabos submarinos de fibra ótica pelo mundo e daria início ao período da internet comercial. A estrutura de transmissão de dados dos provedores de acesso passou a utilizar, especialmente a partir de suas centrais regionais e nacionais, somente cabos de fibra ótica para a conexão com outros países e continentes, o que estabeleceu, em 2016, que 99% das conexões de internet do planeta passam por esses cabos, restando 1% para a transmissão via satélites[147].

Para exemplificar como se dá a transmissão física de dados via cabos, imagine a seguinte situação: a partir de uma conexão ADSL residencial, enviamos uma foto do Brasil para algum amigo que está nos Estados Unidos via site de rede social Facebook. Esta foto sai de um computador, passa pelo modem, vai até a caixa (normalmente chamada de ponte de entrada) em casa, e é entregue à central do bairro de um provedor de internet através de fios de cobre. Em seguida, a empresa provedora de internet “despeja” os dados recebidos em uma rede de conexões de fibra ótica que leva os dados, à velocidade da luz, até outros *backbones* nos EUA, podendo percorrer só cabos de fibra ótica até chegarem aos *data centers* do Facebook. O amigo estadunidense vê a foto enviada na universidade que estuda, em Seattle, onde existem cabos de fibra ótica herdeiros das primeiras redes ligando universidades, como a *Arpanet* e a *NSFNet*, e enviará um sinal de "ok" na interface gráfica do site da rede social. Este sinal fará o caminho de volta e chegará mais rapidamente ao

146 Há testes que dizem que os cabos aguentam até 10 Gbp/s, o que possibilitaria a realização de downloads a 1.280 MB/s - pelo menos em teoria. No Brasil, a possibilidade de se ter acesso em casa diretamente via cabos de fibra ótica foi introduzido em 2011. Em 2016, é possível encontrar planos que variam de 25 a 500 Mbps, com preços entre R$ 100 a quase R$ 2500. Fonte: http://www.tecmundo.com.br/internet/49796-superbandas-internet-ultrarrapida-chegou-ao-brasil-veja-planos-e-precos.htm Acesso em: 2 nov. 2016

147 Mais informações em: http://bit.ly/2lVUaQt Acesso em: 2 nov. 2016

Facebook do que a mensagem enviada do Brasil, devido ao caminho ser mais curto e ter percorrido somente cabos de fibra ótica por lá. Os milésimos de segundo de diferença de velocidade podem não ser perceptíveis se a mensagem for composta de poucos dados, como um texto escrito. Mas podem se tornar segundos se a informação carregar mais quantidade de dados, como uma transmissão ao vivo com imagem e som.

Outro ator importante na nossa narrativa, que se desenvolve em paralelo ao aumento da velocidade da internet, é o computador pessoal. A miniaturização dos microprocessadores (um objeto que contém milhares de outros componentes que processam dados) tem um grande salto entre as décadas de 1990 e a seguinte, o que fez com que computadores pessoais ficassem com maior capacidade de processamento em menores tamanhos, numa regra informal que se popularizou como a Lei de Moore: "o número de transistores dos chips teria um aumento de 100%, pelo mesmo custo, a cada período de 18 meses[148]". Quanto mais transistores, maior capacidade de cálculo, o que determina uma quantidade maior de dados a processar, o que por sua vez leva computadores cada vez menores a trabalhar com arquivos cada vez maiores: texto, som, imagem, separados e depois juntos, ao mesmo tempo, em movimento, combinados com outros arquivos, e o que mais os transistores e outros componentes conseguirem processar e relacionar[149].

Um outro exemplo. Em 1995, um computador pessoal de ponta equipado com um processador *Pentium Pro*, fabricado pela empresa Intel, tinha uma velocidade de

148 Transístor é um componente eletrônico usado como o amplificadores e interruptores de sinais elétricos, além de retificadores elétricos em um circuito, entre outras funções. Produzido em silício, um mineral que muda de comportamento conforme a presença ou ausência de corrente elétrica. Sobre a Lei de Moore, ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Moore

149 O pesquisador russo baseado na Califórnia, Lev Manovich, um dos pioneiros nos chamados *software studies*, aponta em "*Language of New Media*" (2001) que todos os objetos culturais que se valem da representação digital e da expressão com base no computador compartilham algumas características, a saber: a) Representação numérica: tudo é bit, é dado, e pode ser representado por números e por funções matemáticas; b) Modularidade: todos os elementos se integram, porém sem perder sua individualidade, podendo ser acessados de forma independente dos outros elementos; c) Automação: Parte da ação humana pode ser substituída por processos automatizados através de rotinas desempenhadas pelo computador, ainda que a atuação humana é indispensável para a programação destas rotinas; d) Variabilidade: um mesmo elemento pode existir de várias formas; e) Transcodificação: Como tudo é bit, tudo pode ser transformado e convertido em outro formato.

processamento de dados de 32 bits[150], que suportava no máximo uma memória RAM[151] de 3 a 4 giga bytes, mas que na linha vendida comercialmente na época contava com memória RAM de 32 mega bytes, espaço de armazenamento no "disco rígido[152]" de 2 giga bytes e preço de cerca de U$ 3500[153]. Vinte anos depois, *smartphones* como o *iPhone 7* ou o *Samsung Galaxy S7* têm a mesma capacidade de processamento de dados, 32 bits, com memória RAM de 3 a 4 giga, espaço de armazenamento entre 32 e 256 giga bytes, preço estimado de até U$ 800 e tamanho e peso mais de 10 vezes menor que um computador com *Pentium Pro*[154].

O crescimento da velocidade de transmissão de dados, a popularização do acesso à internet, a miniaturização dos computadores: estes três elementos, em conjunto, foram fundamentais para fazer com que a transmissão ao vivo pela internet pelos (e para) os computadores passasse a existir. E com eles, viria o quarto ator que destaco aqui: o *software*, lógica de ação computacional que codifica, em linhas de controle, certos modos de agir. É composto "por linhas de código (instruções e algoritmos) que, quando combinados e fornecido um dado apropriado, produzem rotinas e programas capazes de realizar complexas funções digitais" (KITCHIN & DODGE, 2011, p. 4,). Ou seja, de modo geral, a delegação de processos a *softwares* cria novas formas de fazer coisas, automatiza e acelera práticas já existentes, "transforma relações e formações econômicas e sociais, e cria novos horizontes para a atividade cultural" (KITCHIN & DODGE, 2011, p. 3).

---

150 "Quando nos referimos a processadores de 16 bits, 32 bits ou 64 bits estamos falando dos bits internos do chip - em poucas palavras, isso representa a quantidade de dados e instruções que o processador consegue trabalhar por vez. Por exemplo, com 16 bits um processador pode manipular um número de valor até 65.535. Se certo número tem valor 100.000, ele terá que fazer a operação em duas partes. No entanto, se um chip trabalha a 32 bits, ele pode manipular números de valor até 4.294.967.296 em uma única operação". Fonte: http://www.infowester.com/64bitsx32bits.php Acesso em: 2 nov. 2016

151 RAM é a sigla em inglês para Memória de acesso aleatório, um tipo de memória que permite a leitura e a escrita, e onde ficam armazenados os programas básicos operacionais. Quanto maior a memória, maior o espaço para o computador armazenar - e portanto, fazer funcionar - aplicações básicas em execução na máquina. É uma memória volátil, ou seja: os seus dados são perdidos quando o computador é desligado. Por isso, funcionam em conjunto com as "memórias secundárias", os discos rígidos (ver nota a seguir). Mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/RAM Acesso em: 2 nov. 2016

152 Disco rígido, também conhecido como HD (*hard* disk *drive)*, é a parte do computador onde são armazenados os dados. Diferente da RAM, ma memória não-volátil, ou seja, as informações não são perdidas quando o computador é desligado, sendo considerado o principal meio de armazenamento de dados em grande escala. Mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Disco_r%C3%ADgido Acesso em: 2 nov. 2016

153 Segundo dados estimados. Fonte: http://www.di.ufpb.br/raimundo/HistoriaDoPC/PChist6.htm Acesso: 2 nov. 2016

154 Estimativa de preços feito com base em: https://en.wikipedia.org/wiki/Comparison_of_smartphones Acesso em: 2 nov. 2016

Com a popularização da internet e dos computadores pessoais, a partir dos anos 1990, os *softwares* se tornam cada vez mais onipresentes nos sistemas que regem nossa vida em sociedade - sistemas de saúde, educação, participação, locomoção, compras, diversão, produção, etc. Como diz Manovich (2008),

> A escola e o hospital, a base militar e o laboratório científico, o aeroporto e a cidade – todos os sistemas sociais, econômicos e culturais da sociedade moderna – são acionados via software. O software é a cola invisível que une tudo e todos. Enquanto vários sistemas da sociedade moderna falam em diferentes línguas e têm diferentes objetivos, todos eles compartilham as sintaxes do software: instruções de controle "if/then" e "while/do", operadores e tipos de dados incluindo caracteres e números de ponto flutuante, estruturas de dados tais como listas e convenções de interface que abrangem menus e caixas de diálogo[155] (MANOVICH, 2008, p.3).

Não seria possível transmitir um acontecimento ao vivo se houvesse uma fibra ótica instalada em uma determinada casa e um computador com boa capacidade de processamento de dados se, neste computador, não estivessem *softwares* que transformassem aquilo que é visto pelos nossos olhos em imagem e som para outras pessoas. As aplicações destinadas a este fim específico surgem, como a internet e os computadores, primeiramente no âmbito acadêmico, em centros de pesquisa em universidades, em alguns casos próximos a empresas. Por conta dessa dificuldade de acesso, os primeiros, ainda na segunda metade dos anos 1990, eram utilizados para transmissões como as da televisão: eventos que tinham apelo (ou que quem escolheu esperava que tivesse) entre muitas pessoas, como é o caso da que é considerada a primeira transmissão *online* de um acontecimento em tempo presente de larga escala pela internet em 1996, o *Tibetan Freedom Concer*t, um festival de música organizado em São Francisco, nos Estados Unidos, em prol da independência do Tibet. O empresário Marc Scarpa, que já trabalhava com grandes produções de mídia, foi o produtor que conduziu a transmissão dos shows de mais de 20 artistas a partir do site *sonicnet.com*, com o apoio de diversas empresas da área, para cerca de 100 mil pessoas ao redor do mundo, inclusive alguns

155 Em inglês: "The school and the hospital, the military base and the scientific laboratory, the airport and the city—all social, economic, and cultural systems of modern society—run on software. While various systems of modern society speak in different languages and have differenet goals, they all share the syntaxes of software: control statements "if/then" and "while/do", operators and data types including characters and floating point numbers, data structures such as lists, and interface conventions encompassing menus and dialog boxes" (MANOVICH, 2008, p.3).

cybercafés que serviram como pontos de encontro para pessoas que queriam assistir os shows[156].

Os primeiros sites a fornecer serviço de *streaming*[157] a qualquer pessoa que tivesse uma conexão à internet, de preferência de banda larga, surgem a partir da segunda metade dos anos 2000, nos Estados Unidos. 2007 é o ano do lançamento de quatro dos mais populares: *Qik*[158] (em 2011 transformado em *Skype Qik*), *Justin.TV*[159] e os já citados *LiveStream* (inicialmente chamado de *Mogulus*, a partir de 2011 com o nome atual) e *Ustream,* os primeiros serviços utilizados pelo Fora do Eixo e a PósTV. Ainda restritos a computadores pessoais e notebooks, estes sites se diferenciavam por oferecer tanto *live streaming* como *on demand streaming,* uma diferenciação que vale detalhar melhor. O primeiro acontece quando os dados são transmitidos diretamente de um computador a outro, sem ser armazenado, fazendo com que aquela transmissão traga com mais força a sensação de estar "ao vivo", já que só ocorre no momento em que o evento é transmitido: exemplos desse tipo de situação são partidas de diversas modalidades esportivas, como futebol, basquete, tênis, etc. O segundo, também chamado de *progressive download*, ocorre quando partes dos dados transmitidos são salvos em algum servidor intermediário, e o usuário final vai baixando os pacotes de dados por etapa, como ocorre em serviços como o *YouTube* (criado em 2005), *Vimeo*, a *Apple TV* e o *Netflix* (todos criados em 2007). Os conteúdos continuam disponíveis depois do usuário assistir.

Uma internet mais rápida, com capacidade de transmitir mais dados a partir de cabos de fibra ótica e banda larga; a popularização dos computadores, cada vez menores e com maior capacidade de processamento; e *softwares* acessíveis que transformassem imagem e som em dados. Todos esses elementos concatenados proporcionam, enfim, as condições para que ocorram muitas transmissões *ao vivo* pela internet pelo - e para - os computadores. O próximo passo para a popularização desse tipo de *streaming* seriam ainda menores dispositivos, outros *softwares* e o acesso à internet móvel.

---

156 Mais informações em "Tibetan Freedom Concerts" de Marc Scarpa na Wikipedia: http://bit.ly/2m4gre8 Acesso em: 15 de out. 2016

157 Zanetti (2015, *online*) propõe como tradução de streaming o termo "Fluxo de mídia", caracterizando-se como uma forma de distribuição de informação multimídia na Internet. Preferi manter a expressão original em inglês.

158 Site: https://blogs.skype.com/news/2016/02/22/skype-qik-is-moving/ Acesso em: 15 out. 2016

159 Foi renomeado em fevereiro de 2014 como Twitch. Site: https://www.twitch.tv/ Acesso em: 15 out. 2016

6.2.1. *Smartphones*, jornalismo móvel digital, aplicativos

Como ideia, o *smartphone* vem da combinação de telefonia com computação, pensada já em 1909 por Nikola Tesla, mas só tornada produto, o telefone celular, a partir dos anos 1970. Nos anos 1990, os telefones celulares acompanham a miniaturização dos chips de computadores e passam a ser digitais, com modelos que combinavam as funções de um telefone convencional com as *palmtops*, chamados à época de PDAs (*personal digital assistants*), que traziam funções de agenda, calendário, exibição de vídeos, jogos, GPS e possibilidade de conexão com um computador pessoal e uma rede informática sem fios. O primeiro modelo com as características de um *palmtop* somado às possibilidades da telefonia é de 1993, o *IBM Simon*, seguidos por dispositivos vendidos pelas empresas Nokia e Ericsson, em 1996 e 1997, respectivamente[160]. Na metade da década de 1990, estatísticas já calculavam um celular para cada 20 pessoas no mundo, enquanto que em 2003 já se falava de 1 para cada 5 pessoas (FIRMINO DA SILVA, 2013).

Os primeiros modelos que viriam a ser chamados de *smartphones* a se tornarem populares são os *NTT DoCoMo*, no Japão, lançado ainda em 1998, e o *Symbian*, na Europa, da metade dos 2000 em diante. Em março de 2007, a empresa *Apple* lança o *iPhone*, que traz, entre suas novidades, a tela sensível ao toque (*touchscreen*), em vez de uma caneta ou um teclado como a maioria dos dispositivos da época, e o acesso a redes *wifi*. Com um design considerado elegante, o *iPhone* vende milhares de unidades em seu lançamento, em 29 de junho de 2007, e passa a ser um objeto de culto mundo afora, popularizando o conceito de *telefone inteligente* junto com outros modelos desenvolvidos nesse período por marcas como *Motorola*, *Blackberry*, *Nokia*, *Samsung* e *LG*. Um *smartphone* então, para descrever de modo simplificado, passa as ser designado como um dispositivo que, além de ter uma linha que possibilita fazer chamadas telefônicas, carrega funções como acessar redes de conexões de dados, como a internet, e a partir daí rodar aplicações que permitem as mais variadas funções, de acessar aplicativos de redes sociais *online* a navegar por

160 Mais informações e detalhes sobre essa linha genealógica do *smartphone* em http://bit.ly/2m3YIn0. Acesso em: 21 out. 2016

páginas da internet, passando por sincronização de dados com um computador pessoal e outros dispositivos - e, também, transmitir áudio e vídeo direto/ao vivo.

Os *softwares* que operam esses dispositivos, chamados de sistemas operacionais, funcionam de modo a permitir que outras aplicações funcionem com ele ao mesmo tempo. É assim que, com a miniaturização dos chips que armazenam dados, os *smartphones* passam a ter cada vez mais espaço para abrigar diversas aplicações, o que, em combinação com o aumento da capacidade de processamento de dados dos chips, populariza a criação destas aplicações web, chamadas de aplicativos (ou *apps*). O desenvolvimento de aplicativos para *smartphones* de *softwares* de *live streaming* não tardou a acontecer: em 2009, o *Ustream* é o primeiro a lançar o seu, disponível para os sistemas *IOs* e *Android* - os sistemas operacionais mais presentes em *smartphones* - e, em três meses, atinge 1 milhão de *downloads*. Se antes transmitir ao vivo eventos era possível somente para alguns nós da rede (universidades, instituições públicas e empresas), a partir de 2009 um *smartphone* com os sistemas operacionais citados acima conectado a uma rede de banda larga de mais de 2 mega bytes pode fazer a transmissão ao vivo em vídeo.

A chegada dos *smartphones* aliada à presença de *softwares* diversos para processar e transmitir estes dados dá origem ao que Firmino da Silva (2013) chama de "Mojo" (jornalista móvel digital), a partir do conceito operacional que compreende o jornalismo móvel digital como "o trabalho do repórter em campo exercendo atividades potenciais de apuração, produção, edição, distribuição e compartilhamento de conteúdos ou transmissão ao vivo em condições de mobilidade (física e informacional)" (FIRMINO DA SILVA, 2013, p.101). Aqui, o jornalismo produzido na internet já está em uma terceira fase, na qual os sites jornalísticos extrapolam a ideia de uma versão para a web de um jornal impresso já existente (MIELNICZUK, 2003, p.36) e passam a contar com mais recursos multimídias, como sons e imagens, se aproveitando de uma maior velocidade de transmissão dos dados e de computadores e dispositivos, como *tablets* e s*martphones,* com capacidade de processamento suficiente para acessar este tipo de conteúdo. O "mojo", então, passa a ser uma opção em redações de veículos jornalísticos para a potencialização da cobertura de assuntos imediatos, "tendo como uma das dimensões centrais a mobilidade física e informacional exercitada pelos repórteres nas ruas com seus equipamentos conectados, aumentando a velocidade na distribuição e no trabalho de edição remota" (FIRMINO DA

SILVA, 2013, p.124). A partir de 2007, são criadas equipes de jornalistas móveis em diversas redações brasileiras, como as da TV Bandeirantes, Jornal do Comércio, RBS/Zero Hora, Revista Época, Jornal NH, TV Record[161] que se propõem a relatar e fazer transmissões ao vivo de situações do dia a dia, permitindo que "o repórter possa narrar fatos ao vivo sem o uso de equipamentos tradicionais caracterizados pelo tamanho robusto e o uso de veículos com microondas para o envio para o satélite e uma série de outros aparatos necessários para uma transmissão televisiva" (FIRMINO DA SILVA, 2013, p.154).

A partir de 2007, surge um cenário distinto para a transmissão ao vivo de acontecimentos do tempo presente: uma “liberação do polo emissor da transmissão ao vivo”, em uma analogia à “liberação do polo emissor da informação” que a popularização da internet no final dos anos 1990 possibilitou[162] a quem tivesse um computador conectado à internet e uma plataforma de publicação (como um blog). Pelo menos três elementos são importantes para este cenário: a velocidade crescente de banda larga e sua expansão de acesso no Brasil; a ampliação da capacidade de processamento de dados dos chips em objetos cada vez menores; e o barateamento de todos os objetos desta rede, dos modens ao computadores e *smartphones.* Todos estes fatores ampliam a variedade de eventos e acontecimentos transmitidos ao vivo e ajudam a erodir o reinado da televisão na transmissão ao vivo em imagem e som de acontecimentos do tempo presente e do jornalismo, que a partir de 2009 tem suas equipes de jornalistas móveis a poder concorrer com qualquer pessoa que possua um *smartphone*, uma conexão à internet e um espaço para veiculação na rede, que pode ser um site de redes sociais, por exemplo.

O estudante de engenharia da universidade em Seattle, que trouxe como exemplo antes, pode transmitir a aula de seu professor de redes neurais via *smartphone*, conectado à fibra ótica de seu campus. Uma jovem fã de uma banda de rock que realiza seu show em um

---

161 Mapeados por Firmino da Silva (2013, p. 154-163).

162 No final do ano em que escrevo essa tese, 2016, um debate crescente na academia, nas redes sociais e no jornalismo é sobre um conceito de "pós-verdade", que diz respeito a circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos importância do que crenças pessoais. Essa ideia se popularizou a partir de, entre outros casos, a eleição de Donald Trump para Presidente nos Estados Unidos, e estaria ligada a um espalhamento de informações falsas nos muitos "polos liberados" de emissão da informação na internet, principalmente nas redes sociais. Não cabe aqui entrar longamente nesta discussão, mas acredito ser necessário não esquecer que a pós-verdade está intimamente relacionada ao declínio de um lugar privilegiado de fala de diversos atores - entre eles, os veículos tradicionais do jornalismo - e a ascensão das redes sociais como uma nova "esfera pública" (MACHADO, 2016, *online*).

centro cultural (o Centro Cultural São Paulo, por exemplo) pode abrir uma transmissão e compartilhar o link para assistir o vídeo com seus seguidores no Twitter. E um professor em um ato contra o corte de recursos em frente à reitoria de uma universidade pode transmitir ao vivo, com um *smartphone* ligado à internet da universidade, a saída do reitor para conversar com os manifestantes. Se todas as três situações listadas ocorrem em espaços delimitados, onde existe uma internet banda larga e que não há movimento (ou há pouco) do dispositivo que está conectado e fazendo a transmissão direta, é então que nos perguntamos: e nas ruas, onde há movimento constante e a banda larga não está facilmente acessível por quem tem um *smartphone*, como fazer uma transmissão ao vivo que seja constante? Esta é a deixa para detalhar o *TwitCasting*, a seguir.

6.2.2. ***TwitCasting*: alta fidelidade, baixa resolução**

O aplicativo *TwitCasting* não foi o primeiro nem o melhor a ser desenvolvido para realizar transmissões ao vivo pela internet. Surgiu em fevereiro de 2010, em Tóquio, no Japão, criado pela empresa Moi, mas foi disponibilizado na *Apple Store* em maio de 2010 e na *Google Play* em fevereiro de 2011. Um ano depois, a empresa que desenvolveu o aplicativo passou a se chamar *Moi Corporation*, tendo o *TwitCasting* como principal produto e o engenheiro de sistemas Yoski Akamatsu como seu *CEO*. Neste mesmo ano se tornou popular no Brasil, a ponto de o português ser a terceira língua a ser disponibilizada no aplicativo - além do japonês de origem da empresa e do inglês. Em fevereiro de 2013, atingiu os dois milhões de usuários, em sua maioria pessoas com menos de 24 anos, e no Japão, onde mais de 50% das transmissões ao vivo via *smartphone* são realizadas com o aplicativo[163].

Desde o início, a diferença do *TwitCasting* para outros aplicativos que também possibilitam a transmissão ao vivo, como o *Ustream* e o *LiveStream*, foi o fato de ter um "código otimizado", o que permite que se ajuste dinamicamente à rede e garanta fluidez de vídeo mesmo em ambientes com pouca capacidade de transmissão de dados ou com variação nessa capacidade. Este é o caso da transmissão na rua, onde os obstáculos físicos (prédios, viadutos, ladeiras) fazem o sinal de internet 3G e 4G[164], transmitido por ondas de

---

163 Informações encontradas no site oficial da Moi Corp, http://about.moi.st/ Acesso em: 20 out. 2016

164 O 3G é assim chamado porque é a terceira geração de telefonia móvel, baseado nas normas da UIT e com

rádio das antenas para os dispositivos, variar constantemente, assim como o de *wifi* de lugares diversos, que podem ser usados no caminho de uma manifestação, por exemplo. Enquanto outros aplicativos necessitavam de 500 kbp/s de velocidade para fazer a transmissão, o *TwitCasting* funcionava (e ainda funciona) com conexões consideradas lentas (como 88 kbp/s, um pouco mais que a *dial up*).

O "código otimizado" se refere a uma característica de alguns algoritmos de *softwares* de transmissão de vídeo chamada *Adaptive bitrate streaming.* Funciona da seguinte forma: o *encoder* - aplicação no *software* que codifica imagem e som em outros pacotes de dados para serem retransmitidos pela rede - calcula a velocidade média da conexão usada pelo dispositivo e, com essa informação, altera algumas características do vídeo - como a resolução das imagens, a quantidade de *frames* por segundo - para diminuir o tamanho do arquivo produzido com a transmissão. O cálculo de velocidade é feito, por exemplo, quando a aplicação monitora os pacotes de dados recebidos em um minuto e estima uma velocidade média da conexão a partir de sua variação no tempo. O código do aplicativo foi desenvolvido de forma a ser "inteligente" o suficiente para diminuir a qualidade do vídeo caso a velocidade de transmissão de dados esteja lenta, e aumentar, caso esteja mais rápida.

O *TwitCasting* tinha, e mantém em 2016, uma boa eficiência na transmissão de vídeo mesmo em lugares em que a velocidade da conexão é baixa ou varia bastante. Essa característica também diminui o uso de dados enviados: em 2016, ao usar um sinal de 4G, uma transmissão de 30 minutos no *iPhone 6* no modo padrão da aplicação (uma velocidade de conexão entre 150-300 kbp/s) usa apenas 106 mega bytes de dados, enquanto um vídeo

---

capacidade de suportar mais clientes de voz e dados a um custo menor que 2G. Usa o espectro entre 400 MHZ (mega Hertz) e 3 GHz, tendo sido lançado como sistema padrão de conexão à internet num *smartphone* no japonês *NTT DoCoMo* já citado aqui, em 1998 (Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/3G Acesso em: 10 dez. 2016). Em teoria, a rede 3G poderia ter uma velocidade de até 7 Mbps, mas no Brasil ela costuma variar entre 400 Kbps e 4Mbps, sendo a média 1Mbps. Já o 4G deveria acessar velocidades entre 100 Mbps e 1 Gbps, mas uma vez que nenhuma operadora conseguia atingir estas velocidades, o mínimo de velocidade aceitável no padrão baixou para de 1Mbps a no máximo 200 Mbps; operadoras brasileiras oferecem em torno de 5 Mbps. Há ainda algumas peculiaridades entre o uso do 3G para o 4G: uma é o fato desta última necessitar mais energia, gastando mais a bateria do dispositivo; outra é a frequência utilizada pelas operadoras (2500 Mhz ou mais), fazendo com que as ondas que transportam os muitos bits do padrão não conseguem penetrar de maneira eficiente em concreto, tijolos e outros obstáculos.(Fonte: https://www.tecmundo.com.br/wi-fi/8081-entenda-as-diferencas-entre-3g-e-4g.htm Acesso em: 10 dez. 2016). Segundo dados do IBGE dos 36,8 milhões de casas com acesso a internet no Brasil em 2014, 62,8% são feitos por internet móvel 3G e 4G. No corte por tipo de equipamento utilizado, os celulares lideram com 80,4%, seguido pelos computadores, com 76,6%; e dos tablets, com 21,9%. (Fonte: http://bit.ly/2kxDBgF Acesso em: 10 dez. 2016)

com a mesma duração no *Periscope*[165], um aplicativo mais recente de transmissão de vídeo, usa 190 megas. Esta variabilidade ainda constitui uma diferença em relação a outros aplicativos, como o *Ustream*, *LiveStream*, e, mais recentemente, o *Facebook Live*[166], e faz com que ele consiga manter com mais eficácia a transmissão mesmo em baixa velocidade de transmissão de dados, como diz o *slogan* informal adotado posteriormente pela Mídia Ninja: alta fidelidade, baixa resolução.

6.3. O *TwitCasting* se enreda na Mídia Ninja

Depois de buscar detalhar o funcionamento de alguns dispositivos técnicos que possibilitaram com que, em 2013, fosse possível transmitir eventos ao vivo a partir de um *smartphone*, passo a tradução de uma inovação no âmbito do processo de produção de informação da Mídia Ninja. Ao final, aponto alguns deslocamentos proporcionados por esta tradução e as consequências para as redes nela envolvidas.

6.3.1. No início, como substituição do carrinho nas ruas

Como mostramos no capítulo anterior, o Fora do Eixo fazia frequentes transmissões ao vivo desde 2010, no ano seguinte alocados no simulacro Mídia e identificadas dentro do projeto PósTV. Eram apresentados vídeos de três tipos: programas em que convidados, alocados nas casas FdE pelo Brasil ou na rua, discutiam temas diversos; a cobertura de eventos culturais, como shows, debates e palestras; e, além disso, a documentação de reuniões da própria rede, realizada por integrantes de diversos estados do Brasil. Todos eram transmitidos via internet, na maioria das vezes por conexões banda larga, de computadores para computadores, em geral *notebooks* para *notebooks*, a partir de sites que ofereciam de forma gratuita aplicações para isso, como o *LivreStream* e o *Ustream*, no início de 2013 também o *Hangout* combinado ao *YouTube*, como descrito no capítulo anterior. Eram transmissões paradas, sem deslocamento por algum lugar específico, como a rua, o que facilitava a organização dos equipamentos e garantia uma estabilidade mínima de

165 *Periscope* é um aplicativo de streaming de vídeo ao vivo para *iOS* e *Android* desenvolvido por Kayvon Beykpour e Joe Bernstein, comprado pelo Twitter e relançado em março de 2015. Site: https://www.periscope.tv/
166 Aplicação de *streaming* lançado pelo Facebook em agosto de 2015. Site oficial: https://live.fb.com/

conexão dada a menor variação de velocidade de transmissão de dados nas redes de banda larga em relação a internet móvel, como o 3G.

Em fevereiro de 2013, os integrantes da PósTV estrearam a transmissão ao vivo na cobertura do carnaval de rua de São Paulo. Levaram, inicialmente, um cabo de rede de 100 metros para tentar ligá-lo a uma conexão banda larga das vizinhanças de algum lugar que estivesse acontecendo os blocos de carnaval; e, como segunda opção, um modem 3G, um aparelho que captava o sinal de internet móvel e se conectava a um computador a partir de uma entrada *USB*, como um *pendrive*. Acabaram por utilizar este modem para fornecer a conexão de dados necessária para a transmissão, que se deu via *Hangout* transmitido pelo *YouTube* e incorporado no site da PósTV[167]***:*** o "carrinho" carregando o *notebook*, caixa de som, microfone, modem, cabos e o gerador para fornecer energia elétrica virou "tipo um minibloco" (DEZAN, 2016) e uma estrutura levada para cobertura de outros blocos do carnaval de rua em São Paulo naquele ano.

167 O site, http://postv.org, não está mais disponível na rede.



Figura 2: "Nas ruas e nas redes! A PósTv faz o link direto entre os espaços físicos e virtuais, com o carrinho alegórico não precisamos de muito para criar uma viatura de intervenção ao vivo". Fonte: Filipe Peçanha[168].

Embora tenha funcionado bem para o que se propunha, o carrinho foi sendo repensado como estrutura de transmissão ao vivo. A partir do carnaval, passaram a pesquisar de forma mais efetiva aplicativos que possibilitassem o *streaming* direto de um *smartphone*. O *TwitCasting* foi o mais usado a partir de então, principalmente pela característica descrita anteriormente: transmitir áudio e vídeo mesmo com redes de internet instáveis e com pouca velocidade, como era o caso de coberturas que a PósTV - e a nascente Mídia Ninja - queriam realizar nas ruas das cidades. Os integrantes do grupo não fizeram testes detalhados para saber como funcionava o algoritmo de cada aplicativo, mas, com prática na atividade de transmissão, souberam o que queriam ao usar o *app* no *iPhone* 4[169], o dispositivo que utilizavam para fazer a transmissão ao vivo.

---

168 Disponível em:http://bit.ly/2laixLL Acesso em: 13. fev. 2016

169 O *iPhone* 4 é a quarta geração do *smartphone* da Apple, que chegou ao Brasil em setembro de 2010. Seu sistema operacional é o *iOS* 6.1.3, e suas especificações incluem processador A4 de 1 GHz, memória RAM de 512 MB e capacidade de armazenamento variando entre 8, 16 e 32 GB. A tela deste *iPhone* tem 3,5 polegadas, com resolução de 640 x 960 pixels, e o dispositivo traz uma câmera traseira de 5 megapixels e uma bateria de Li-Po com 1.420 mAh, capaz de aguentar 7 horas de uso na rede 3G. O *iPhone* 4 foi lançado em versão desbloqueada, nas cores preta ou branca, com preços a partir de R$ 1.999. Fonte:

O *TwitCasting* participa de ação da PósTV/Mídia Ninja pela primeira vez no Fórum Social Mundial em Túnis, março de 2013. Dois integrantes do então nascente Mídia Ninja foram à Tunísia e fizeram transmissões ao vivo de alguns acontecimentos de um dos principais encontros mundiais de movimentos sociais e ativistas, entre os dias 27 e 30 de março. Lá, a opção foi pela alternância de uso do sistema *Hangout/YouTube*, já conhecido, e pelo *TwitCasting*. Nos próximos dois meses, a Mídia Ninja e a PósTV voltariam a usar a primeira aplicação para transmissões diversas, em sua maioria situações sem movimento - como os programas fixos e transmissões de shows, reuniões e debates como os que até então já realizavam - e em lugares com internet estável. Quando a quantidade de manifestações na rua cresceu é que eles passaram a usar o *TwitCasting* com frequência para transmissões ao vivo, em junho de 2013.

6.3.2. Junho de 2013 e a "entrada no jogo"

No capítulo anterior, relatei que a PósTV começou a se envolver em eventos para além dos diretamente relacionados ao Fora do Eixo a partir do seu estabelecimento enquanto mídia livre, que resultou no processo de criação da Mídia Ninja, em 2013, uma autointitulada rede de "narrativas independentes, jornalismo e ação". Os primeiros meses de atuação do coletivo foram marcados por coberturas de assuntos relacionados a direitos humanos, entre eles manifestações contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre, em abril, o primeiro levante popular de uma série que se espalharia pelo Brasil em junho de 2013, especialmente a partir de São Paulo, a mesma cidade onde, dois anos antes, a Casa FdE era inaugurada na região do Cambuci.

Quando iniciou junho, a Mídia Ninja passou a cobrir as manifestações contra o aumento da tarifa nas cidades nas quais havia pessoas da rede, que naquele momento eram, sobretudo, os lugares onde existiam núcleos Fora do Eixo. Como já descrito, pessoas foram enviadas para as ruas com o objetivo de produzir relatos sobre os acontecimentos vistos em fotografia e texto, que circulavam nas redes sociais a partir dos dispositivos (*smartphones* com conexão à internet 3G ou *wifi*) desses ninjas na rua ou, ainda, enviando

---

http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/iphone-4.html Acesso em: 31 out. 2016

material para a base, local onde pessoas situadas nas casas Fora do Eixo espalhadas pelo Brasil editavam o material recebido geralmente por mensageiros instantâneos ou e-mail e publicavam nos perfis da Mídia Ninja e outros grupos parceiros ligados ao Fora do Eixo nas redes sociais.

As transmissões ao vivo pela internet faziam parte deste fluxo de cobertura dos acontecimentos em ocasiões especiais, a partir do braço destinado a este fim naquele momento, a PósTV. Foi assim no sábado 8 de junho, com a Marcha da Maconha em São Paulo, transmitida via *Hangout/YouTube* no site da PósTV, ainda com a estrutura do carrinho, que contava com câmera, mesa de som, microfone, notebook e um modem 3G, bem como quatro pessoas distribuídas entre as funções de gravar, carregar o equipamento e narrar os acontecimentos. Por ter sido uma manifestação sem confronto com a polícia, a equipe fez a transmissão sem conflitos durante pouco mais de uma hora no caminho que percorreu a Avenida Paulista e rua Augusta, centro de São Paulo[170].

Na quinta feira 13 de junho, ocorre o que pesquisadores como Pablo Ortellado (2015) chamam de "virada discursiva", sobre os então crescentes protestos contra o aumento da passagem do transporte público nas cidades brasileiras. Em São Paulo, a reação violenta da polícia contra os manifestantes deixa dezenas de pessoas feridas, entre eles a repórter da Folha de S. Paulo, Giuliana Vallone[171]. A imagem da jornalista ferida é mostrada em diversas outras mídias, das ditas tradicionais às chamadas alternativas, e contribui para uma alteração na percepção pública dos protestos, que passam a ser apoiados inclusive por veículos midiáticos tradicionais, como os jornais Folha de S. Paulo e Estado de São Paulo, que no dia anterior haviam publicado editoriais enfáticos contra a escalada de manifestações nas ruas de São Paulo[172]. Como pontua Secco (2013), o "decisivo não foi a violência, tão

---

170 Como todas as transmissões realizadas nesse sistema *Google Hangout/YouTube*, ela foi gravada e disponibilizada na sequência no *YouTube*. O link dessa transmissão ainda está disponível neste link: https://www.youtube.com/watch?v=RIgCi_wgJBY Acesso: 27 out. 2016

171 O depoimento da repórter fotográfica sobre o ocorrido neste dia pode ser visto em: http://bit.ly/2lTliCP Acesso: 3 de nov. 2016

172 O editorial da Folha de S. Paulo é especialmente eloquente nesse sentido. Alguns trechos: "Cientes de sua condição marginal e sectária, os militantes lançam mão de expediente consagrado pelo oportunismo corporativista: marcar protestos em horário de pico de trânsito na avenida Paulista, artéria vital da cidade. Sua estratégia para atrair a atenção pública é prejudicar o número máximo de pessoas. É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais. (...) No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpre investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também a impunidade é o maior incentivo à reincidência" (Fonte:http://bit.ly/1L87KW9 Acesso em: 12 dez 2016)

natural contra trabalhadores organizados, e sim sua apropriação pela imprensa" (SECCO, 2013, p.74). A partir do dia 13, as manifestações aumentariam de tamanho tanto em São Paulo como no restante das cidades brasileiras.

Segunda feira 17 de junho é a data do 5º ato contra o aumento da passagem do transporte público organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL). Desde o início, havia expectativa de que esse seria um ato maior que os anteriores, o que acabou se confirmando: as cerca de 250 mil pessoas (SECCO, 2013) que participaram da manifestação em São Paulo e as outras centenas de milhares em diversas cidades brasileiras fizeram desse dia o de maior envolvimento de pessoas até então. Também nesse dia, o carrinho da PósTV fez sua última transmissão ao vivo. Contou com a mesma equipe do dia 8 de junho, com o acréscimo de uma mesa de corte de vídeo e outra para separar e equalizar o som, conectadas a um *MacBook* usando *Hangout/YouTube*, com acesso à internet se alternando entre dois modens 3G de 1 Mbps de velocidade de transmissão e *wifi* de alguma internet banda larga das redondezas. Como já contei no capítulo anterior, a transmissão não foi efetiva: a instabilidade da conexão dos modens 3G e do *wifi* fez com que a rede não conseguisse mandar a quantidade de dados suficiente para a realização da transmissão ao vivo pela aplicação usada, que exigia uma velocidade de transmissão de dados de pelo menos 500 Kbp/s para funcionar sem travar.

Foi no dia seguinte, 18 de junho, que o *TwitCasting* se apresentou na ação como um *mediador*. Duas pessoas foram cobrir as manifestações no final da tarde na Praça da Sé, região central da cidade. Da praça, os manifestantes seguiram pelas ruas estreitas do chamado centro histórico de São Paulo em direção à Prefeitura e entraram em confronto com a polícia. Um dos dois ninjas que participava da cobertura neste momento, Filipe Peçanha, seguiu os confrontos da Prefeitura até o início da rua Augusta, um trajeto de cerca de 800 metros, e quase 1 Km depois, na metade da subida da rua em direção à Avenida Paulista, começou a fazer a transmissão via *TwitCasting* de seu *iPhone* conectado a uma rede 3G. Registrou o momento em que a Tropa de Choque - batalhão da polícia equipado com escudos, armaduras, especializado em controlar e dispersar multidões - avançava contra

manifestantes e procurava outros quase na esquina com a mais conhecida avenida de São Paulo. Lorezontti (2014, *online*) descreveu alguns trechos dessa transmissão[173]:

> Chegaram às 20 horas, não havia mais muitos manifestantes. Mas o painel da Copa do Mundo, da FIFA com Coca Cola, foi incendiado. Caíram muitas latinhas, um catador veio retirar e alguns manifestantes disseram: “Que bom, pelo menos alguém aproveita alguma coisa da Coca Cola”. Não havia outros repórteres lá. Quando chegou a polícia, manifestantes foram muito agredidos e um deles praticamente enforcado por meia dúzia de policiais. Filipe entrevistou dois rapazes de branco que ajudaram a apagar o fogo.
> – Quem são vocês? Bombeiros?
> – Não, nós somos protestantes.
> – Protestantes? Da igreja?
> – Não, viemos aqui por vontade própria protestar, mas somos contra o vandalismo.
> Depois, conta Filipe, “entrevistei os dois de novo, sentados no meio fio. Um deles disse que tirar as latinhas do painel tudo bem, mas incendiar não, e que a PM estava de parabéns por ter acabado com aquilo”. O repórter comentou: “Não, eu vi muita violência da PM, acho que você não viu o que eu vi”. “Coloquei o meu ponto de vista”, diz Filipe. (LORENZOTTI, 2014, *online*).

173 O vídeo desta transmissão não está mais disponível na rede, de modo que se torna difícil de descrevê-lo com mais precisão. A recuperação aqui foi realizada a partir de depoimentos e entrevistas realizadas em campo e fontes externas que documentaram esse dia.



Figura 3: Painel da Coca-Cola queimado. Fonte: Página do Facebook da Mídia Ninja[174].

A rede mobilizada para a ação de transmissão ao vivo do acontecimento daquele momento, o confronto entre policiais e manifestantes na rua Augusta e na Avenida Paulista, era composta de diversos atores, entre os quais:

a) um **integrante da Mídia Ninja** (*mediador)* que acompanhava as manifestações contra o aumento da passagem desde o início do mês, Filipe, com experiência de pelo menos quatro anos na transmissão de eventos ao vivo pela internet, mas estreando em coberturas com aplicativos de *smartphone*;

b) um ***iPhone 4***, *smartphone* da Apple (*mediador*) com 1 GHz, memória RAM de 512 MB, tela de 3,5 polegadas com resolução de 640 X 960 pixels, uma bateria que durava em média sete horas em funcionamento com a rede 3G ativada **-** que, no momento da transmissão, na

174 Disponível em: http://bit.ly/2laaejg Acesso em: 14 jun. 2016

mão do ninja, estava no fim; e uma câmera de 5 *mega pixels* que, a partir de uma lente, codificava as imagens vistas;

c) o ***TwitCasting*** *(mediador)*, aplicação que recebia as imagens transmitidas pela câmera de 5 mega pixels e as processava, de acordo com a velocidade da conexão, como dados;

d) A **rede 3G de 1 Mbps** *(intermediário)*, com velocidade real de *upload* variando entre 88 e 400 Kbp/s, em média, que transmitiu os dados do *TwitCasting* pela internet a partir de um **chip de sinal 3G** *(intermediário)*, que por sua vez enviava imagem e som por microondas, no espectro de radiofrequência, para uma antena nas proximidades da Avenida Paulista, e de lá seguia via cabos de fibra ótica até o servidor[175] do *TwitCasting* no Japão, que "entregava" as imagens e os sons para qualquer pessoa assistir através do *TwitCasting Viewer*[176], um aplicativo no qual os usuários poderiam assistir a transmissão direto de seus *smartphones*;

e) ou uma página web com o endereço ***http://twitcasting.tv/pos_tv*** *(mediador),* em que os usuários publicavam comentários que poderiam interferir no movimento do narrador-câmera. O link de transmissão do vídeo era incorporado - ou seja, redirecionado - para o endereço web http://postv.org; a partir daí, tanto o endereço original do *TwitCasting*, onde o vídeo era exibido, quanto o do site da PósTV, onde as imagens eram redirecionadas, eram compartilhados nas redes sociais, primeiramente por um perfil do Twitter (*http://twitter.com/postv*), depois por diversos outros; e no perfil da Mídia Ninja no Facebook (http://www.facebook.com/midianinja), da PósTV (http://www.facebook.com/canalpostv), depois, diversos outros.

175 Servidor é uma espécie de arquivo de bancos de dados onde as informações são recebidas, armazenadas e redistribuídas para as páginas (no caso, do *TwitCasting*) a partir de certas linguagens de programação que conversam entre si.

176 É uma aplicação de visualização exclusiva para o *TwitCasting* na qual você pode receber notificações de usuários marcados como favoritos quando eles estiverem ao vivo. Funciona para sistemas *iOS* e *Android*. Mais informações: http://pt.twitcasting.tv/indexhelpviewer.php Acesso em: 10 dez. 2016

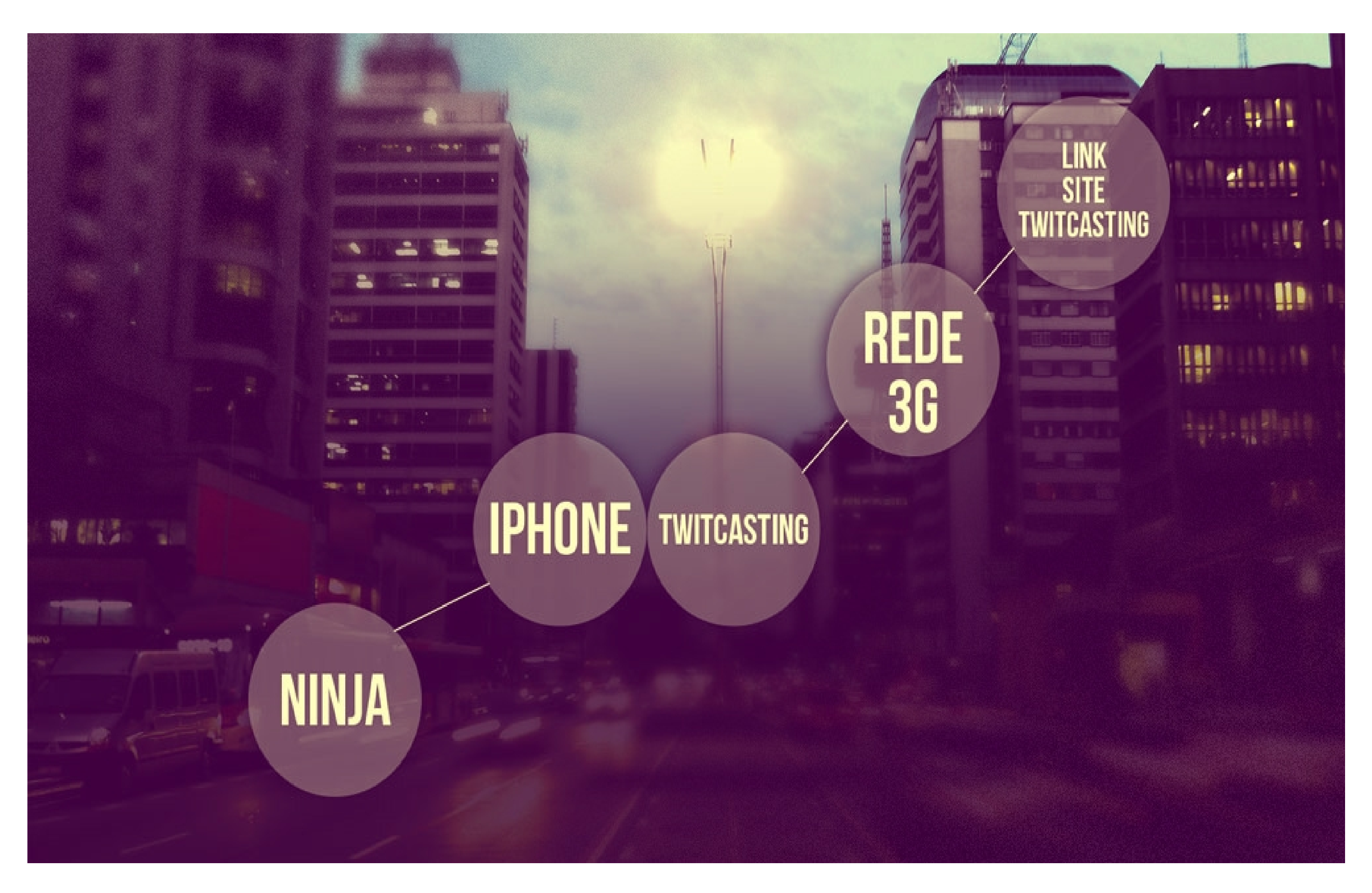


Figura 4: Mapeamento ator-rede de 18 de junho de 2013. Montagem sobre foto da Avenida Paulista. Fonte: do autor.

A transmissão de uma manifestação na Avenida Paulista por uma janela de 400 *pixels* de um site japonês foi vista por até 14 mil pessoas ao mesmo tempo, em um total de 50 mil naquele dia, chegando a 100 mil alguns dias depois, quando o vídeo ficou disponível no endereço da PósTV no *TwitCasting*. Eram imagens *pixeladas,* distorção que acontecia em função da redução de *frames* por segundo, segundo cálculos registrados no código do *TwitCasting*, de modo a dar prosseguimento à transmissão - recurso que, como vimos anteriormente, era realizado a partir do cálculo da velocidade média de conexão de internet. A baixa resolução garantiu a fidelidade da transmissão, que mostrou imagens de conflito da PM com os manifestantes e o desenrolar da queima do painel da Coca-Cola.

Outra configuração da transmissão determinada pelas redes dos actantes listados acima foi o enquadramento das imagens, em primeira pessoa, não mostrando quem estava realizando a transmissão. Filipe estava sozinho, com uma mochila e um celular na mão, à

noite, em uma situação de conflito: era previsível que não se colocasse no campo de visão da câmera, deixando-a para mostrar o que estava acontecendo naquele momento. Sua presença, porém, surgia em áudio, na narração que fazia dos fatos, nos comentários sobre o confronto, nas perguntas que fazia a pessoas que encontrava na rua, na reação a algum barulho de bomba ecoando. O fato de o som ser um *arquivo menor* em quantidade de dados em relação às imagens contribuía para que fosse transmitido via *iPhone*/*TwitCasting*/3G/redes sociais com menor taxa de perda, e tornava os elementos sonoros mais nítidos e importantes para a ambientação da situação.

A composição formada pelos actantes trouxe, também, ineditismo para as imagens transmitidas. Filipe guiou o *streaming* por ângulos e situações do ponto de vista de um manifestante, imagens de *dentro* do fato ocorrido que contrastavam com as transmissões realizadas naquele momento por veículos jornalísticos tradicionais, com repórteres e cinegrafistas "posicionados em lugares estratégicos fora das manifestações (inclusive em helicópteros, com tomadas aéreas das multidões andando pelas ruas)" (ZANETTI, 2015, *online*). De outro lado, não havia naquele dia um grupo de pessoas que estivesse realizando a transmissão ao vivo de dentro da manifestação com a organização e o alcance que a Mídia Ninja já tinha: havia uma rede (apoiadores ligados ao Fora do Eixo, objetos, sites de redes sociais) que faria circular imagens e sons de um evento que envolveu milhares de pessoas, na maior cidade brasileira, para outras milhares de pessoas, em um alcance que, se não próximo aos milhões de uma rede de televisão, ainda assim era considerável para um acontecimento daquele tipo. Aliado a isso, existia o fato de que a transmissão de 18J não estava isolada, mas inserida em um cenário onde informações de outras manifestações no país estavam sendo divulgadas pelo coletivo, e pela rede Fora do Eixo, já havia um tempo. Para um integrante da Mídia Ninja em entrevista a Lorenzotti (2014), o diferencial da cobertura da Mídia Ninja foi justamente este: “O Ninja se diferencia no processo porque tinha uma grande rede que deu a ele suporte para que a cobertura atingisse uma representatividade de acompanhamento do que rolava no país inteiro" (LOPES apud LORENZOTTI, 2014, *online*).

6.3.3. 22 de julho de 2013: múltiplas perspectivas de uma prisão

18 de junho foi a porta de entrada para muita gente conhecer o trabalho realizado pela Mídia Ninja. Dois dias depois, o *New York Times* fez uma das primeiras matérias da imprensa internacional[177] sobre as manifestações no Brasil, situando o coletivo como um dos que participavam dos protestos e também cobriam o que acontecia nas ruas em sites e perfis nas redes sociais*. O* site *Observatório da Imprensa*, a partir de um relato de Elizabeth Lorenzotti, intitulado "PósTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores[178]", trazia um panorama do surgimento da Mídia Ninja e da PósTV a partir do Fora do Eixo. A edição de julho de 2013 da revista *Piauí* publicou uma reportagem sobre as primeiras coberturas da Ninja, "Guerra dos Memes[179]", em que o repórter Ronaldo Bressane entrevistava Filipe Peçanha, Bruno Torturra e Rafael Vilela dizendo que o grupo "se vale da facilidade com que as bandeiras sociais circulam na internet para impulsionar sua cobertura" (BRESSANE, 2013, *online*). A Revista Brasileiros estampava Bruno Torturra segurando um *iPhone* adesivado com a logomarca da Mídia Ninja em sua edição de julho[180], que trazia entrevistas, matérias e comentários tendo o grupo como foco.

Até fins de julho, o coletivo contava com cerca de seis integrantes no que eles chamavam de "núcleo duro", pessoas que estavam nas atividades diárias do grupo, e mais uma rede de colaboradores de pelo menos 20 pessoas. Com a repercussão obtida, a Mídia Ninja deu continuidade à ideia de expandir suas atividades, interrompida ainda em 13 de junho, quando as manifestações em São Paulo cancelaram a primeira reunião chamada por Torturra. Em 23 de junho, fizeram outra convocação:

> Fotógrafos, repórteres, cinegrafistas, cidadãos a fim de entrar em nossas tropas, escrevam para midianinja@gmail.com dizendo de onde são e como podem colaborar. Estamos começando a cadastrar gente do país todo. Primeiro passo na montagem de uma rede nacional de jornalismo independente antes do lançamento do nosso site (MÍDIA NINJA, 2013e, *online*).

---

177 Disponível em: http://nyti.ms/2kGXzAO Acesso em: 10 de set. 2016
178 Disponível em: http://bit.ly/2kH3dTF Acesso em: 13 de set. 2016
179 Disponível em: http://piaui.folha.uol.com.br/materia/guerra-dos-memes/ Acesso em: 10 jun. 2015
180 Alguns dos textos ainda estão disponível no endereço: http://brasileiros.com.br/2013/07/no-olho-do-furacao/ Acesso em: 12 jul. 2016

Em meia hora, a publicação no Facebook teve 125 compartilhamentos, segundo Lorenzotti (2014, *online*). Duas horas depois de lançada, havia mais de 400 e-mails de interessados (CAPILÉ, 2013c, *online*). O entusiasmo de colaboradores contrastava com a redução do tamanho das manifestações de junho: depois do dia 20, em que cerca de 1,4 milhão de pessoas saíram às ruas no país, as pautas se dispersaram e os conflitos com a polícia diminuíram de intensidade na maior parte das capitais brasileiras. A Mídia Ninja seguiu fazendo a cobertura em texto e fotos publicados nas redes sociais, e as transmissões ao vivo, via PósTV, alternando entre *TwitCasting* para ações na rua ou em movimento, como o *streaming* do processo de mais de 30 horas de ocupação da Assembleia Legislativa em Belo Horizonte[181], e *Hangout/YouTube* para dentro de um espaço específico, como o programa de debates sobre excessos da polícia em Fortaleza, Ceará, ambos apresentados em 29 de junho, de maneira simultânea pelo site da PósTV.

No Rio de Janeiro, porém, as manifestações prosseguiram e adentraram julho. Sem colaboradores nem casas coletivas do Fora do Eixo na cidade, a Mídia Ninja então migrou alguns de seus integrantes do chamado núcleo duro para a capital carioca, e passou a realizar reuniões com alguns colaboradores locais para organizar as próximas atividades de cobertura. Foi assim que produziram relatos em fotos e textos nas redes sociais e uma transmissão ao vivo da final da Copa das Confederações, em 30 de junho de 2013, quando houve conflito com a polícia carioca - até mesmo uma unidade da Polícia Militar do Rio foi atingida acidentalmente por bombas de gás da Tropa de Choque carioca[182].

E foi assim que, já com uma rede de colaboradores se estabelecendo na cidade e uma residência provisória (um apartamento de dois quartos, emprestado, no bairro de Botafogo) para seus integrantes, organizaram a cobertura da chegada do Papa Francisco, em 22 de julho de 2013. A importância da visita da maior autoridade católica no Rio de Janeiro fez com que um aparato de segurança especial se instalasse nas ruas da cidade: com ajuda do Exército Brasileiro, muitas ruas foram interrompidas, com policiais e militares deslocados de suas funções originais para isolar ou guardar locais a serem visitados pelo Papa. Enquanto isso, milhares de fiéis católicos, já chegados na cidade para a Jornada Mundial da Juventude, evento do qual o líder religioso vinha participar, ocupavam as ruas para vê-lo e celebrar sua primeira visita ao Brasil.

181 Gravado e ainda disponível em: http://twitcasting.tv/midianinja/movie/14703343 Acesso: 1 de nov. 2016
182 Relato completo em: http://bit.ly/2lfanA9 Acesso em: 10 ago. 2016

A cobertura em vídeo da chamada #Missãofrancisco contava com quatro pessoas em ação (dois ninjas que foram de SP ao Rio e dois colaboradores locais) e três transmissões ao vivo, via *TwitCasting*, em canais distintos: *midianinja*[183], *midianinja_rj*[184] e *ninja2rj*[185] que haviam sido criados em 30 de junho, 7 e 11 de julho, respectivamente. Estes eram os canais que mais diretamente tinham relação com o núcleo duro da Mídia Ninja, porque outra decorrência da cobertura das manifestações, em especial da realizada em 18 de junho, foi a proliferação do nome "ninja", que virou sinônimo de transmissão ao vivo da rua via *smartphone.* A partir do final de junho e nos meses seguintes, vários ninjas se espalharam pelo país[186], virando um adjetivo: *jornalismo ninja,* o jornalismo de uma ideia na cabeça e uma câmera na mão (PRADO, 2013, *online*[187]).

Às 15h40 da tarde do dia 22 de julho de 2013, o primeiro vídeo no canal "principal" (*midianinja*) começa com imagens da rua Pinheiro Machado, em Laranjeiras, zona sul da cidade, e a voz em *off* de Filipe Peçanha dizendo que "a gente veio aqui mostrar quem veio aqui, quem chegou antes do papa, um alto contingente de oficiais que estão aqui na rua do Palácio Guanabara" (IN MÍDIA NINJA, 2013f, *online*). Até as 19h, nesse canal, cinco transmissões teriam início e fim: o sinal 3G da região oscilava, e mesmo o *TwitCasting*, em alguns momentos, não recebia a quantidade de dados suficiente para completar o *streaming*. A energia do *iPhone 4*, o mesmo de 18J (18 de junho) em São Paulo, era garantida pela bateria do celular e por um *Macbook* na mochila de Filipe, que quando necessário puxava um cabo *USB* do computador e recarregava seu *smartphone*.

Conduzidas por Filipe e Bruno Torturra, estas transmissões iniciais do *midianinja* descreviam e interagiam com o que ambos viam em frente ao Palácio: pessoas à espera do Papa, brasileiros e estrangeiros, alguns ligados à Jornada Mundial da Juventude, e o

183 Disponível em http://www.twitcasting.tv/midianinja Acesso em: 15 out. 2014
184 Disponível em: http://www.twitcasting.tv/midianinja_rj Acesso em: 20 out. 2016
185 Disponível em: http://twitcasting.tv/ninja2rj Acesso em: 20 out. 2016
186 Além dos já citados, no *TwitCasting* é possível localizar seis com foco na cobertura de manifestações nas ruas brasileiras: http://twitcasting.tv/midianinjars, ligado ao núcleo da Mídia Ninja e do Fora do Eixo no RS; http://twitcasting.tv/midianinja_sp, criado em 11 de julho de 2013, ao núcleo inicial e a Casa FdE em SP; http://twitcasting.tv/blackninjarj, criado em 25 de julho de 2013; http://twitcasting.tv/peixeninjasp, criado em 4 de agosto de 2013; http://twitcasting.tv/tucaninjarj, em 20 de agosto de 2013; http://twitcasting.tv/ninja_arrow/, em março de 2014. Entre outros que, sem ninja no nome, faziam a mesma ação de transmissão, como o caso do http://twitcasting.tv/olhodarua1, criado em julho de 2013.
187 Disponível em: http://bit.ly/2kxEJAV Acesso: 3 de nov. 2016

contingente da Polícia Militar carioca isolando o Palácio Guanabara, sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro. A partir das 17h, o canal *ninja2rj* entraria ao vivo via *TwitCasting,* por um *iPhone 5*[188] e conexão 3G, do centro do Rio de Janeiro, região próxima à Cinelândia, cerca de 3,5 Km do Palácio Guanabara, acompanhando a passagem do carro do Papa pelo local. No mesmo horário, o *midianinja_rj* passaria a transmitir do Largo do Machado, a 1 Km ao norte do Palácio Guanabara, onde estava marcado um protesto contra a chegada do Papa, alternando a transmissão entre um *Samsung Galaxy N7000*[189] e um *iPhone* 5, com acesso à internet 3G. Os três links das transmissões foram incorporados ao site da PósTV, que exibia as três perspectivas da Chegada do Papa ao Rio de Janeiro, conforme ilustra imagem abaixo.

188 O *iPhone* 5 é o modelo seguinte ao 4, lançado no Brasil em dezembro de 2012. Como diferenças para o anterior traz uma tela maior (4 polegadas), maior capacidade de processamento no processador (1,3 GHz), memória RAM de 1 GB e capacidade de armazenamento em disco de até 64 GB, maior resolução nas imagens da câmera (8 *mega pixels)*, que grava em resolução *Full HD*. Havia no *smartphone*, também, a possibilidade de usar internet 4G a partir da banda LTE, que opera em frequência de 700 Mhz, menor e com mais alcance, que possibilita que as ondas cheguem melhor em lugares fechados. Mas em julho de 2013 essa rede não funcionava de modo eficiente no Brasil ainda, de modo que é possível afirmar que a rede utilizada pelo dispositivo foi a 3G.

189 O aplicativo do *TwitCasting* informa, em alguns casos, qual o modelo de *smartphone* que está sendo utilizado, como neste vídeo. O N7000 é um modelo da marca coreana que chegou ao Brasil em 2011. Tem como sistema operacional o Android 4.0, processador 1,5 GHz, memória RAM de 1GB, capacidade de armazenamento de até 32 GB, tela de 5,3 polegadas com uma resolução de 1200 X 800 pixels. Traz uma câmera de 8 megapixels que produz vídeo em resolução 1920 X 1080 (chamada *Full HD*) e uma bateria de lítio de 2500 mAh, que aguenta até 13 horas com 3G ligado. Tem características, portanto, que determinam uma maior capacidade de processamento de dados do que o *iPhone* 4**.** Fonte: http://bit.ly/2kS4lV6 Acesso em: 11 dez. 2016



Figura 5: *Print* de página do Facebook da Mídia Ninja com imagem das três transmissões no site da PósTv. Fonte: Página do Facebook da Mídia Ninja [190].

A partir das 19h30 da noite, a ação policial começa a ser mais violenta e muita gente começa a se dispersar em frente ao Palácio Guanabara: o Papa não chegou e nem viria mais. A transmissão exibida no canal *midianinja*, então, segue pelas ruas do bairro de Laranjeiras guiada pelo narrador-câmera, Filipe, que conversa com pessoas, mostra camburões da polícia estacionados, acompanha a correria dos policiais, as bombas, o encurralamento de alguns manifestantes. É um trajeto que mostra o que diz Bentes (2015) sobre as transmissões ao vivo através de *smartphones*:

> são singulares como a própria imprevisibilidade dos acontecimentos nas ruas e ao mesmo tempo fazem emergir figuras como linguagem, gestos e atos cinematográficos recorrentes: uma instável câmera subjetiva, câmera cega, o oscilante dispositivo de câmera/celular anômala, narração em direto imprevisível, autoperformance, plano-sequências extensos, edição na própria câmera) (BENTES, 2015, p.22).

Às 20h03, Filipe chega ao Largo do Machado com a transmissão no canal *midianinja*, e nos próximos 30 minutos, os três *streamings*[191] ao vivo vão mostrar, de ângulos diferentes,

190 Disponível em: http://bit.ly/2lrVxZOAcesso em: 30 out. 2016
191 Os três streamings ainda estão disponíveis e podem ser vistos nestes endereços: http://twitcasting.tv/midianinja/movie/15937654, http://twitcasting.tv/ninja2rj/movie/15937597 e

os desdobramentos das manifestações no local e nas ruas próximas: *midianinja_rj* da escadaria da Igreja Nossa Senhora da Glória, no Largo, conversando com manifestantes para saber de informação sobre as ações da PM e a caça realizada pelas ruas do bairro a participantes dos protestos; *ninja2rj* correndo em ruas ao redor do Largo das bombas da Polícia, entrando em lojas para se proteger, conversando com transeuntes para saber o que estava acontecendo, avisando que vai esconder seu celular por medo da polícia que passa na sua frente, que pode querer apreendê-lo, enquanto a narrativa era próxima ao que Caetano Veloso (2013) descreveu em relação à cobertura simultânea dos ninjas em outra ocasião: "puro expressionismo abstrato, com fragmentos sucessivos de objetos identificáveis captados em meio a algum movimento, embora o som fosse claro e inteligível". As três transmissões tinham, nesse momento, em torno de 20 mil espectadores simultâneos.

É então que, às 20h26 da segunda-feira de 2013, acontece a cena que descrevi nas primeiras páginas desta tese: um homem de alta estatura, vestindo uma camiseta azul, cabelos curtos, chama Filipe para conversar e o leva a outros dois policiais, que lhe pedem para abrir a bolsa, ao que ele responde: "Pode revistar, pode revistar, vou acompanhar a revista, tem mais cinco mil pessoas acompanhando também" (MÍDIA NINJA, 2013b, *online*). Seguem-se imagens com pouca nitidez e muita movimentação na tela do *TwitCasting*, enquanto o áudio registra gritos, falas dos policiais e principalmente a voz de Filipe e das pessoas ao redor. Aos 34 minutos e 26 segundos do vídeo exibido no *midianinja,* o rosto do ninja aparece - em uma das mãos ele carrega o celular que continua guiando a transmissão, enquanto na outra, com um *smartphone* recém-emprestado da multidão ao redor, conta que está sendo preso por nenhum motivo. Segundos depois ele é empurrado para dentro de um carro de polícia e levado à 9º Delegacia de Polícia. A transmissão de Filipe cessa, mas a exibida no *midianinja_rj* continua, a 50 metros de onde ocorreu a prisão: o colaborador que conduz o *streaming* fica sabendo da prisão a partir dos gritos das pessoas ao redor do carro em que Filipe está sendo levado, "*Uh, solta o Ninja!*". Ele pergunta rapidamente para os manifestantes ao redor sobre a situação, que confirmam a informação da detenção; *midianinja_rj* continua a transmissão no Largo do Machado pelos próximos 20 minutos, em quatro vídeos curtos de menos de cinco minutos, em que identificam-se apenas algumas falas e imagens borradas da escadaria da Igreja Nossa Senhora da Glória.

---

http://twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15938111. Acesso em: 10 jun. 2015

É possível ver momento em que o *ninja2rj*, que neste momento estava em uma rua a cerca de 50 metros do Largo Machado, fica sabendo da prisão: segundos depois, o narrador-câmera sai correndo, ao vivo, em direção à delegacia. No caminho, a câmera segue mostrando postes e carros borrados se misturando a cenas do chão, guiadas pelo áudio da respiração do ninja em movimento e da voz do narrador-câmera dizendo que está indo atrás de seu companheiro. Cinco minutos depois, o *ninja2rj* entra na delegacia e percebe-se Filipe Peçanha sendo levado a uma sala por três policiais e um homem de terno, que conversam entre si: vemos, de uma distância de menos de dois metros, as conversas dos policiais, as caminhadas de um lado para o outro, sem escutar o que dizem. O narrador-câmera continua sua descrição do ambiente: "o ninja foi levado lá para dentro, e está sendo assistido por um advogado da Comissão de Direitos Humanos da OAB, que estava acompanhando as transmissões da Mídia Ninja desde o início da tarde". Três minutos depois, quando *ninja2rj* está conversando com outros manifestantes na porta da delegacia, um policial o aborda, pede identificação e afirma que existem indícios de que ele está participando de uma "incitação ao movimento". Vemos, ao vivo, esse policial conduzir Filipe Gonçalves, o nome do ninja (que agora se sabe) por trás da transmissão em *ninja2rj*, para dentro da delegacia. Uma confusão ocorre entre policiais, um advogado presente ao local e outros apoiadores dos ninjas. A câmera balança entre várias imagens desconexas e o áudio dos policiais dizendo palavras como "aqui não pode filmar, não", entre outras frases não identificáveis. O *smartphone* é apreendido e a transmissão finalizada.

Os dois Filipes ficaram presos por algumas horas. Às 23h30 Peçanha sai da DP na cena que descrevi no início deste trabalho, em que ele é carregado por manifestantes e faz um pequeno discurso sobre a situação; Filipe Gonçalves seria solto logo depois. Ambos os casos remetem à indicação da ação de policiais infiltrados no protesto, que teriam incentivado o confronto entre manifestantes e a polícia, e estariam particularmente atentos à movimentação dos ninjas, que registravam os protestos em vídeo. Por isso a detenção.



Figura 7: Filipe Peçanha (Carioca) é detido pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Fonte: Página do Facebook da Mídia Ninja[192].

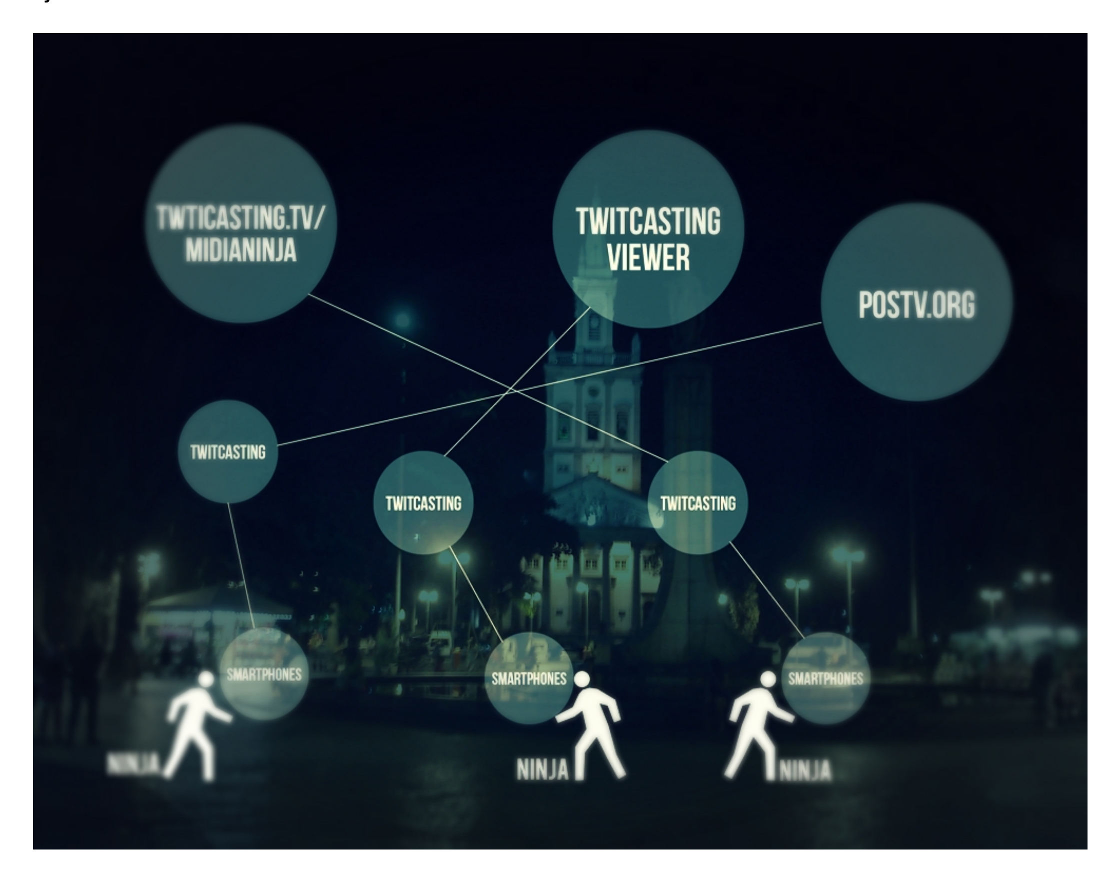


Figura 7: Mapeamento ator-rede de 23 de julho de 2013. Montagem sobre foto do Largo do Machado. Fonte: do autor.

192 Disponível em: http://bit.ly/2m1gTuh Acesso em: 13 out. 2016

6.4. Deslocamentos da tradução

Percebo que, num primeiro momento, o deslocamento proposto pela entrada do *TwitCasting* na rede de transmissão ao vivo da Mídia Ninja foi aquele relacionado à ***mobilidade (1)***. Aliado ao *iPhone,* o aplicativo permitia que uma única pessoa pudesse sair à rua para realizar uma transmissão, não sendo mais necessário o uso do carrinho de supermercado com diversos equipamentos e pessoas. Esse ajuste no processo de organização das coberturas dos acontecimentos pelo coletivo se deu a partir das possibilidades de transmissão de imagens e sons ao vivo propiciadas pelo alinhamento dos seguintes actantes:

a) **Três integrantes da Mídia Ninja** (*mediadores)* que conduziam a narrativa pelo espaço físico, as ruas do Rio de Janeiro: Filipe Peçanha (*midianinja*), Filipe Gonçalves (*ninjarj2*) e um colaborador não identificado (*midianinja_rj*), os dois últimos moradores da cidade e conhecedores dos locais onde passavam, com a experiência de algumas transmissões já realizadas, assim como Peçanha, que, recém chegado, não conhecia as ruas; há, ainda, outro ninja (Bruno Torturra) que aparece narrando e comentando as transmissões do canal *midianinja;*

b) *Os* ***smartphones*** carregados pelos integrantes da Ninja, *iPhone* 4, *iPhone* 5 e um *Samsumg GT300 (mediadores)*, que através da câmera e do microfone captavam as imagens e os sons, passando para o;

c) ***TwitCasting*** *(mediador),* aplicação desenvolvida no Japão três anos antes, disponível para *download* gratuito para os dois mais populares sistemas operacionais de *smartphones*, entre eles o *iOS*, utilizado na maioria das situações vistas aqui, que com um chip, conectava à internet 3G, rede na qual os sons e as imagens do dispositivo circularam, enquanto dados, a partir de um sinal de rádio para antenas nas proximidades dos locais onde aconteceram as manifestações, e de lá circulando na velocidade da luz em cabos submarinos de fibra ótica intercontinentais até o Japão;

d) onde, por fim, foram transformados em imagem e som novamente, veiculados em uma interface gráfica web (ou de um aplicativo, caso de pessoas que assistiram em outros *smartphones* pelo *TwitCasting Viewer*) a partir de uma URL -

http://twticasting.tv/midianinja *(mediador)* e a dos outros dois canais citados aqui; links que, por sua vez, poderiam ser postos em circulação pública para outras pessoas terem acesso a partir de sites de redes sociais como o Twitter e o Facebook, ou podiam ser incorporados em outras páginas, como no caso do *http://postv.org*.

Essa mobilidade[193] proporcionada pelo alinhamento entre *ninja - smartphone - TwitCasting - Internet 3G - Sites de redes sociais* propiciou o deslocamento de atores, humanos e não-humanos, para a formação de outras redes. Inclusive de outras redes que pudessem trazer perspectivas diferentes de um mesmo fato, possibilidade que Almeida e Paiva (2014, *online*) chamam de uma cobertura *pulverizada e simultânea,* demonstrada tanto no caso de mais pessoas realizando transmissões ao vivo em diferentes locais, trazendo a quem assiste múltiplas visões dos eventos, como no caso dos três ninjas em 22 de julho, como na possibilidade de propagar os links da transmissão pela internet e, dentro dela, em sites de redes sociais.

Um segundo deslocamento propiciado pelo *TwitCasting* diz respeito à **ininterruptividade das transmissões na rua (2)**. O código otimizado da aplicação desenvolvida no Japão produziu diferença, nos momentos analisados, por conseguir manter a transmissão mesmo com a variação de velocidade de conexão, o que, como já visto, não aconteceria com a mesma continuidade em outros aplicativos de transmissão ao vivo usados na época, que exigiam mais velocidade na transmissão de dados e, consequentemente, maior número de pessoas e objetos técnicos mobilizados. Ainda que com perda de qualidade de imagem, a importância de uma narrativa contínua, em fluxo, por um período longo de tempo nas ruas, em situações nas quais o ambiente e o sinal da internet não eram estáveis, foi fundamental na cobertura da Mídia Ninja dos acontecimentos de junho e julho e nos casos analisados.

A não-interrupção das transmissões via *TwitCasting* traz uma característica que podemos generalizar, assim como fazem Daniela Zanetti (2015) e Arlindo Machado (2005), para a relação entre transmissão direta ao vivo via *smartphone* pela internet e a transmissão direta televisiva. Sem um intervalo de elaboração - um tempo em que poderiam se escolher

193 Cabe salientar aqui que esta análise só conseguiu dar conta da questão da mobilidade nesse conjunto de actantes da Mídia Ninja. Há um amplo referencial teórico interdisciplinar que diz respeito a mobilidade como característica central nas sociedades contemporâneas a partir do século XIX, com o desenvolvimento dos transportes, comunicação e tráfego de dados: Simmel (1990), Giddens (1992), Bauman (2001), Santella (2007), Lemos (2007) e Firmino da Silva (2013) são alguns trabalhos, entre muitos outros, que abordam a mobilidade sob esta perspectiva.

enquadramentos, composições, montagens, ou cortes - são os realizadores do *streaming* que dão consistência ao material ao mesmo tempo em que captam imagens e sons (ZANETTI, 2015, *online*). "O trabalho do narrador-câmera consiste, aponta a autora, em tornar as imagens minimamente 'legíveis' ao enunciador no mesmo momento em que elas ainda estão sendo enunciadas" (ZANETTI, 2015; MACHADO, 2005). Como Machado (2005) chama a atenção, a transmissão ao vivo costuma ser historicamente tratada como um instrumento "ameaçador" aos poderes instituídos, devido à pouca margem de controle da cobertura dos fatos por parte das emissoras. É uma transmissão de risco e de alto custo, em que profissionais e realizadores costumam seguir, como aponta Zanetti (2015), padrões já estabelecidos de captação e edição das imagens, como certos modos de enquadramento, movimentos de câmera, escolha de temas e objetos a serem priorizados, cortes, entre outras escolhas normalmente relacionadas às normas estabelecidas pelo departamento de jornalismo de uma determinada emissora de televisão envolvida.

Em uma transmissão de acontecimentos ao vivo via *smartphone/TwitCasting/internet 3G* como as descritas, a seleção das imagens produzidas se dá de modo diferente. A narrativa é determinada pelas escolhas que o narrador-câmera faz ao vivo: aproximar-se da polícia, entrar em determinada rua e não em outra, perguntar para os transeuntes onde se localiza determinado acesso, entre outras situações possíveis. Nos casos citados, os integrantes da Mídia Ninja participavam das manifestações além de relatá-las, eram atores no meio de uma multidão de pessoas, em uma performance na qual eles tinham acesso rápido ao retorno de quem os assistia a partir dos comentários[194] na tela do *TwitCasting*, por exemplo.

Os parâmetros de ação nessas situações não deixam de existir, mas mudam em relação a uma transmissão televisiva: o tempo do *streaming* é mais largo do que uma transmissão televisiva, não há uma programa para "encaixar" a transmissão, como um boletim ao vivo em um telejornal, nem uma programação definida anterior e posterior ao evento. Essas

194 Kênia Freitas (2015) escreve, sobre o papel ativo dos comentários na transmissão ao vivo na aplicação: "Sites de transmissão como *TwitCasting* possuem ao lado de suas janelas de vídeo chats para que os usuários interajam entre si e também com a pessoa que está fazendo a transmissão. Nas manifestações essa ferramenta é constantemente utilizada para fornecer mais informações a quem está transmitindo e também para esclarecer as questões de quem assiste. FREITAS, Kenia. Mídia Ninja: a disputa por significado nas imagens das manifestações no Brasil. Disponível em: https://www.academia.edu/9415894/M%C3%ADdia_Ninja_a_disputa_por_significado_nas_imagens_das_manifesta%C3%A7%C3%B5es_no_Brasil Acesso em: 12. nov. 2016

diferenças, por sua vez, apontam diretrizes de ação:

> No que se refere à forma, o importante é manter a câmera ligada, compondo um plano-sequência que pode durar horas, ou o tempo que durar as baterias dos equipamentos, somente interrompido se a conexão falhar. No que se refere à narrativa, o que serve de "módulo organizativo" é a expectativa do conflito entre os principais atores sociais envolvidos: manifestantes e policiais. Atuando não somente como mediadores[195], mas também como agentes, os repórteres midialivristas em meio à multidão também podem funcionar como dispositivo que aciona determinadas situações de tensão (ZANETTI, 2015, *online*).

A "forma" de narrativa apontada por Zanetti (2015) está diretamente relacionada à presença, como mediadores, dos dispositivos técnicos. O tempo do plano-sequência é muitas vezes determinado pela energia elétrica disponível para o *smartphone*; os "cortes", pelas falhas na conexão de internet. Por conta disso, a falta de energia elétrica para o funcionamento dos dispositivos, o sinal fraco da Internet 3G, erros na aplicação (de banco de dados, servidor, código, etc) determinam ações humanas que são imprescindíveis na narrativa de um acontecimento em tempo real. As seis diferentes transmissões realizadas em 22 de julho de 2013 no canal do *midianinja,* por exemplo, mostram essa determinação, quebrando o fluxo contínuo dos acontecimentos em frente ao Palácio Guanabara e nos arredores. Nas transmissões, a ênfase na narração e no áudio, arquivos menores, em detrimento da nitidez das imagens é outro exemplo: o som ambiente traz fidelidade à narrativa, mesmo com baixa resolução nas imagens. A pouca energia do *iPhone* quando Filipe Peçanha transmite, do Largo do Machado, sua própria prisão, é outro caso ilustrativo: minutos antes de entrar no carro da polícia, ele avisa que a bateria de seu dispositivo está em 6% e pede, aos gritos, um *smartphone* para as pessoas ao redor, de modo a conseguir avisar outros integrantes da Mídia Ninja que ele está sendo preso - o que faz, de um celular rapidamente emprestado, *ao mesmo tempo* em que continua a transmissão ao vivo. Segundos depois, ele é empurrado para o carro da PM.

Continuando uma (sempre arriscada) generalização, é possível dizer que, na transmissão ao vivo pela internet, através do *smartphone*, seguem acontecendo decisões de ordem editorial nas escolhas do narrador-câmera, como a ida do *ninja2rj* para a 9º Delegacia de Polícia no Rio, por exemplo, em que Filipe Gonçalves recebia informações, de outro

---

195 A palavra "mediadores" está colocada nessa citação não no sentido de Latour (2012) e da TAR.

smartphone que carregava, sobre a prisão de outro ninja[196]. É possível perceber, no entanto, o quanto elas são mais instantâneas que as decisões de um repórter televisivo, que segue normas mais rígidas na cobertura, como, por exemplo, o que mostrar em uma manifestação, no tempo que tem, entrando ao vivo em um telejornal ou em uma chamada do tipo "urgente". Os ângulos e planos previamente determinados por certas diretrizes de uma emissora são geralmente "sérios" e "comportados" (ALMEIDA e PAIVA, 2014), com menos margem para a surpresa ou possíveis constrangimentos.

É difícil separar os deslocamentos da tradução, já que estão todos em rede e são mobilizados em conjunto; no entanto, para detalhar melhor, dizemos que um terceiro deslocamento se dá com a entrada do *TwitCasting*: a **(3)** ***visibilidade***. Uma pessoa com um *smartphone*, uma aplicação de *streaming* e uma conexão de internet é uma composição com maior probabilidade de ocorrência e de mobilidade do que muitas pessoas carregando uma caixa de som, mesas de corte de áudio e vídeo, gerador, como a Mídia Ninja fazia antes. Por conta dessa mobilidade, foi possível para o grupo transmitir ao vivo, para milhares de pessoas, acontecimentos imprevistos, que não apareciam antes em um *streaming,* seja da Mídia Ninja ou de outros grupos, ou que não apareciam para muita gente, embora estivessem lá, enquanto rede invisível ou visível para poucos, como a caça aos manifestantes na Rua Augusta e na Avenida Paulista em 18 de junho; e, também, transmitir eventos a partir de múltiplas perspectivas, como os três pontos de vista de dentro das manifestações no dia da chegada do papa Francisco ao Rio de Janeiro, em 22 de julho, algo até então inédito para a Mídia Ninja e que, nos próximos meses de 2013, seria uma prática constante, retomada com outras aplicações e dispositivos a partir do final de 2015 e início de 2016[197].

São várias as decorrências da visibilidade de fatos até então pouco (ou não vistos) a partir da introdução do *TwitCasting* na Mídia Ninja, mas podemos ilustrar alguns deles com os momentos analisados aqui. Ambas situações registraram ações consideradas violentas da

196 Conforme ele falou em entrevista a Lorenzetti (2014, *online*): “Quando eu saí da loja – a gente tem um grupo orientando da base – corta desse canal e abre em outro, bateria acabando etc. – recebi informação que o Carioca estava sendo preso, levado para o 9. DP".

197 Em 7 de setembro de 2013, por exemplo, a Mídia Ninja transmitiria manifestações em São Paulo com quatro *streamings* ao vivo via *TwitCasting*: www.twitcasting.tv/midianinja, http://www.twitcasting.tv/peixeninjasp http://www.twitcasting.tv/midianinjapavi, http://www.twitcasting.tv/cidadaokainesp. Acesso em: 10 out. 2016

polícia, valendo-se de uma prática que tem se tornado conhecida nos últimos anos como *copwatch, "*uma estratégia midiativista de usar transmissões on-line para expor e monitorar a polícia" (BENTES, 2015, p.23). Aqui, é necessário um aparte: atos de violência da polícia contra pessoas em manifestações nas ruas das grandes cidades sempre ocorreram, assim como situações em que manifestantes destroem algum objeto ou atingem alguma pessoa de forma abusiva. Desde pelo menos 1999, nos protestos antiglobalização, quando surgiu o *Indymedia* e, posteriormente, no Brasil, houve produtores de mídia fazendo relatos sobre abusos e violência policial, publicados em plataformas na internet. A Mídia Ninja, então, segue uma linhagem de coletivos que, ao dar visibilidade a fatos que envolvem confrontos nas ruas das cidades, acaba relatando confrontos com a polícia.

A diferença nesse momento histórico é que a rede estabelecida entre uma pessoa com um *smartphone*, uma aplicação de transmissão ao vivo e uma conexão de internet possibilitou uma vigilância mais efetiva das ações em imagem e som, que puderam chegar até o registro ao vivo de uma prisão, conforme descrito. A partir de junho de 2013, houve no Brasil o que Bentes (2015) chama "de enxameamento de centenas de novas iniciativas de mídia livre em todo o Brasil que disputaram e construíram o sentido das manifestações de forma ativa e inédita, a ponto de não mais se distinguirem da própria força das ruas" (BENTES, 2015, p.20). O próprio jornalismo tradicional passou a adotar um "estilo ninja" de cobertura como tentativa de "reposicionamento do seu aspecto de inovação e confiabilidade para manter credibilidade junto ao público (FIRMINO DA SILVA e RODRIGUES, 2014, p.34), como exemplificado pelo uso de jornalistas com *smartphones* em acontecimentos de rua nos meses seguintes a junho - pela Folha de S.Paulo, depois pela Globo News e outras empresas. Também foi possível notar, depois de junho de 2013, um crescimento de policiais militares com câmeras de vídeo, embora não ao vivo, registrando as ações dos manifestantes, de forma a mais facilmente identificar ações consideradas ilegais pela polícia, além de um aumento da repressão e do uso de estratégias de vigilância para infiltrar agentes em grupos de participação em manifestações, como ocorrido no caso de Balta Nunes em 2016[198].

Mobilidade e *ininterruptividade* nas transmissões ao vivo na rua, *visibilidade* a

198 William Pina Botelho, capitão do exército, se apresentava em aplicativos e sites de redes sociais, como o Tinder e o Facebook, como "Balta Nunes" e assim se infiltrou em grupos, buscando também relacionamentos com possíveis participantes de manifestações em São Paulo contra Michel Temer. Detalhes sobre o caso em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/politica/1473452777_631937.html Acesso em: 2 de nov. 2016

acontecimentos que não eram tão mostrados para milhares de pessoas: estes foram três deslocamentos que a introdução do *TwitCasting* trouxe à construção de transmissões ao vivo na Mídia Ninja. Os actantes dispostos nessa rede estão alinhados a um *programa de ação* proposto pelo integrante do grupo: o narrador-câmera descreve o que está vendo, mas também opina, grita, respira, corre, foge, indigna-se com as situações, compondo com seu *smartphone* na mão uma rede que capta imagens e sons por uma "câmera em combate e embate, à espreita, em estado de urgência" (BENTES, 2015, p.26). Registros audiovisuais que o *TwitCasting* trata de receber, e, a partir de seu "código otimizado" que calcula a velocidade da transmissão em cada momento, torna o que o narrador vê em imagens *pixeladas* e sons nítidos o suficiente para outras pessoas compreenderem o que está passando, aliado a uma caixa de comentários que estabelece interações - *subprogramas* que podem desviar ou complementar o objetivo original da ação - com quem está assistindo. Tudo é transmitido - *delegado* - para um chip que conecta a uma rede de internet móvel 3G, que repassa como *intermediário* (pelo menos nos casos citados aqui), sem alterar os dados, via antenas e cabos de fibra ótica para o outro lado do mundo, no servidor do Japão, e de uma URL que se espalha pela internet, delegando a sites como o *Twitter*, o *Facebook* e outros onde o link aparecer a possibilidade de ser a porta de entrada para uma realidade específica, em ação naquele momento, nas ruas do Rio de Janeiro ou de São Paulo.

Essa composição de actantes descrita acima torna-se um "alguém mais", para retomar a definição de Latour (1994b): um terceiro elemento que não corresponde ao programa de ação inicial do integrante da Mídia Ninja, nem ao do *smartphone,* nem ao do *TwitCasting*, mas a um programa de ação de uma rede específica, existente (porque em movimento) nos momentos descritos e em outros. Parafraseando o autor francês: "Você queria apenas transmitir ao vivo uma manifestação com um *smartphone*, mas, com o *TwitCasting* e uma rede de pessoas aliadas como a da Ninja, você agora quer fazer a melhor transmissão possível, registrando imagens emocionantes e inéditas".

Este "alguém mais" fruto da tradução descrita neste capítulo, produziu transformação nas redes às quais se originaram. Naquela estabelecida a partir do *TwitCasting*, deu à aplicação japonesa uma visibilidade mundial, o que aumentou o número de usuários e espalhou seu uso para diversos países e ações, em especial àquelas ligadas a coberturas de

manifestações nas ruas e no Brasil, além de ter proporcionado um pico de acessos aos seus sites[199] em junho e julho de 2013, o que levou a própria empresa a utilizar o *case* do uso da Mídia Ninja em seus textos de divulgação[200]. Na oriunda da Ninja, reconfigurou o processo de produção do grupo, deslocando sua ação de produção de informação em termos de mobilidade, ininterruptividade na transmissão ao vivo na rua e visibilidade para eventos novos, vistos por poucos - geralmente seus próprios participantes ao vivo - até então.

Tentei, neste capítulo, mostrar como a introdução de um objeto técnico pode modificar uma dada rede e provocar diversas consequências para estas. A partir da abertura da caixa-preta do uso do *TwitCasting* nos momentos relatados, acredito ter sido possível perceber como a aplicação determinou certas ações nos atores envolvidos, e teve um papel importante na forma com que a Mídia Ninja *traduziu* os eventos descritos em junho e julho de 2013. Isso, porém, não significa que o *TwitCasting necessariamente* vá repetir essas ações em outras redes que vier a se aliar, mas sim que, nos eventos analisados, em conjunto com uma rede de actantes como a Mídia Ninja, e num cenário de confronto com a Polícia em duas manifestações de rua nas maiores cidades brasileiras, ele atuou como mediador. No próximo capítulo, aprofundo mais sobre o que ocorreu depois de julho de 2013 para a Mídia Ninja e outras decorrências das formações das redes de mediações mobilizadas na ação da Mídia Ninja desse período em diante.

---

199 Numa cena do documentário "Levante!", produzido em 2015 e que mostra cenas em quatro diferentes lugares do mundo onde dispositivos e a internet ajudam a chamar atenção para causas sociais, há uma parte que fala das Jornadas de Junho em 2013, no Brasil, e da ação da Mídia Ninja. Numa cena, dois diretores da Moi Corporation mostram um gráfico em que é possível ver o pico de acessos que o servidor do *TwitCasting* teve durante junho e julhode 2013, mais de 300 mil, uma diferença grande em relação aos meses anteriores, que não chegavam a 50 mil A cena está em torno do 6min e 27s do vídeo, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p65H0q-ZH9U Acesso em: 23 out. 2016

200 Como é possível ver nestes dois textos de divulgação da aplicação: http://bit.ly/2l2nuqc e http://bit.ly/1CzLcHL. Acesso em: 23 ago. 2016

7. OS FLUXOS DA REDAÇÃO NINJA NA NUVEM

> *A consolidação das redes sociais, o hiperfluxo de informação, o streaming e a emergência de uma massa conectada pronta para repercutir e compartilhar notícias e histórias deu ao veículo tradicional um papel cada vez mais dispensável. Mas pede ao repórter, ao fotógrafo, ao designer, ao colunista um papel cada vez mais ativo de oferecer matéria-prima e contexto para o diálogo público. Ao se confundir com um nome no expediente, ao se condicionar ao falso conforto de um salário, o jornalista vira as costas ao seu maior ativo, a autonomia. E acaba no confortável e cínico papel de vítima da "morte do jornalismo". Para mim uma coisa é clara: a rede vai matar o jornal para salvar o jornalismo*. (Bruno Torturra, O Ficaralho, 5 de junho de 2013)

No capítulo anterior, já dentro da rede Ninja, descrevemos o processo de tradução de uma inovação tecnológica, o *TwitCasting*, no coletivo, e de como essa inserção alterou o programa de ação da rede, formando uma nova composição de actantes na cobertura de manifestações nas ruas. Essa nova composição não corresponde ao programa de ação dos integrantes do coletivo nem ao da aplicação, mas a um novo, diferente, existente nos momentos descritos de 2013. O que, por sua vez, teve como consequências a reconfiguração do processo de produção do coletivo, deslocando a ação de produção de informação da Ninja em termos de mobilidade, ininterruptividade na transmissão ao vivo na rua e visibilidade.

Neste capítulo, retomo a descrição iniciada no Capítulo Quatro para dar continuidade ao relato do funcionamento do processo de produção da Mídia Ninja. Se antes descrevi como se deu a formação do coletivo a partir do Fora do Eixo e como ele havia chegado até junho de 2013 e, depois, me detive nas ocorrências de junho e julho de 2013 para contar o processo de tradução de uma inovação, agora a jornada segue tentando visualizar melhor a rede a qual se entra, seu espaço de produção e os diferentes fluxos que acontecem no processo de produção de uma informação[201] no interior da Mídia Ninja.

Antes de adentrar nesse mundo de múltiplos humanos e objetos que tomam parte na ação da Mídia Ninja, um movimento é necessário: contar o que ocorreu com o coletivo depois do último momento descrito aqui, de modo a entender como a Mídia Ninja se

201 Processo de produção de uma informação é entendido aqui, de maneira simplificada, como o caminho que vai do registro em imagem, som e texto de uma dada realidade até a sua veiculação pública - no caso da Mídia Ninja, em plataformas de publicação na internet.

encontrava quando a visitei, em 2015. É o que farei no tópico a seguir.

7.1. Depois de julho de 2013: (des) estabilização da Mídia Ninja

Os dias que se seguiram à prisão dos dois Filipes no Rio de Janeiro foram de intensa repercussão sobre o coletivo. Além do aumento no número de *curtidas* em sua página no Facebook (chegou a 100 mil em 23 de julho de 2013[202]), o grupo foi tema de diversas matérias de veículos jornalísticos: "Mídia NINJA: um fenômeno de jornalismo alternativo que emergiu dos protestos no Brasil" (*Knight Center*[203]); "Grupo Mídia Ninja se projeta ao cobrir protestos ao vivo" (*Folha de S. Paulo*[204]); "Ascensão da Mídia Ninja põe em questão imprensa tradicional no Brasil" (*Deutsche Welle*[205]); "O jornalismo em tempo real da Mídia Ninja" (*Observatório da Imprensa*[206]). Estes foram os títulos de algumas das matérias publicadas à época, ressaltando o caráter de novidade do grupo e os questionamentos que isso poderia propor à imprensa tradicional. A repercussão agregou mais aliados ao coletivo, que passou a realizar coberturas com a participação de mais pessoas, multiplicando os pontos de vista sobre diversos acontecimentos e eventos como manifestações de ruas e ocupações de espaços públicos e privados, especialmente no Rio de Janeiro[207]. E, é claro, suscitou diversas críticas também, que se tornariam ainda mais presentes depois de 5 de agosto de 2013, quando Bruno Torturra e Pablo Capilé, integrantes da Mídia Ninja, foram entrevistados no programa *Roda Viva*[208], da TV Cultura.

Programa reconhecido na televisão brasileira, produzido desde 1986, o Roda Viva posiciona os entrevistados no centro de uma bancada circular e convida jornalistas e personalidades para fazer perguntas. Por essa razão, apresenta uma formação diferente a cada edição. Nesse dia, jornalistas e professores de jornalismo como Eugênio Bucci, Suzana Singer, Caio Túlio Costa, Wilson Moherdaui, Alberto Dines e Mário Sérgio Conti (âncora do

---

202 Segundo informações de Aguiar (2013b).
203 Disponível em: https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14113-midia-ninja-um-fenomeno-de-jornalismo-alternativo-que-emergiu-dos-protestos-no-rio-de- Acesso em: 15 nov. 2016
204 Disponível em http://bit.ly/2l2pcaU Acesso em: 15 nov. 2016
205 Disponível em: http://bit.ly/2lfjbGp Acesso em: 15 nov. 2016
206 Disponível em: http://bit.ly/2l2s4EQ Acesso em: 15 de nov. 2016
207 Basta olhar, por exemplo, a cobertura da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) e da ocupação em frente a casa do então governador do Estado do RJ, Sérgio Cabral, a partir do dia 28 de julho, no evento conhecido como Ocupa Cabral, documentado pela Mídia Ninja em diversas transmissões ao vivo no canal do *TwitCasting* do grupo: http://www.twitcasting.tv/midianinja/show Acesso em: 11 nov. 2016
208 A entrevista está disponível na íntegra neste endereço: http://bit.ly/2kxzAsN Acesso em: 10 jul. 2016

programa à época)[209] fizeram, durante pouco mais de uma hora, diversas perguntas a Torturra e Capilé, de questões relacionadas ao jornalismo e à imparcialidade até sobre modelos de negócios e a relação do coletivo com partidos políticos. Algumas das principais respostas foram reunidas na rede e mostram um panorama do que foi tratado naquele dia:

> A gente faz jornalismo sim. Acho até curioso que ainda é uma dúvida se o que a gente faz é ou não jornalismo." - Bruno Torturra, respondendo se o Mídia Ninja faz jornalismo ou não. "O PSDB tem como política não dialogar com os movimentos sociais" - Pablo Capilé, sobre os apoios de partidos. "Dependendo do partido é cartel, dependendo do partido é quadrilha" - Pablo Capilé, sobre a postura da grande mídia. "Seria mais honesto se ela assumisse uma parcialidade" - Pablo Capilé, sobre a imparcialidade da grande mídia. "Não acredito que exista um arauto da imparcialidade" - Pablo Capilé, sobre o mesmo assunto. "A grande mídia precisa entender que a nova objetividade vem da transparência" - Bruno Torturra, sobre a objetividade. "Não somos organizados pelo PT. Não somos financiados pelo PT" - Pablo Capilé, sobre o suposto apoio do PT. "É uma pauta que a mídia não tem coragem ou não tem estudo suficiente para entrar como deveria" - Bruno Torturra, sobre a postura da mídia frente ao assunto drogas. "A mídia, em geral, tem muito medo de assumir a obviedade do fracasso da guerra às drogas" - Bruno Torturra, sobre o mesmo assunto (ADNEWS, 2013, *online*).

A entrevista no Roda Viva revelou-se um momento importante para o coletivo, pois flagrou a situação em que a Mídia Ninja penetrou no espaço blindado da “mídia corporativa" (PAIVA, 2014, *online*); ou do "primeiro confronto entre a mídia tradicional e as novas mídias do século XXI no país" (LORENZOTTI, 2014, *online*). O economista Ladislaw Dowbor, professor da Unicamp e especialista em economias alternativas e moedas solidárias, deu

---

209 O texto de apresentação publicado no site do Roda Viva, recuperado em Paiva (2014, online) diz o seguinte: "Em 05.08.2013 estiveram no programa Roda Viva o jornalista Bruno Torturra e o produtor cultural Pablo Capilé, ambos idealizadores do grupo Mídia Ninja. O projeto ficou conhecido por transmitir em tempo real os principais protestos que eclodiram pelo Brasil. O jornalismo é feito com ativismo, mas sem ligações diretas com partidos políticos. Eles criticam a imprensa convencional pela falta de imparcialidade e dizem que a ideia é disseminar essa nova forma de transmitir a notícia – segundo eles, sem filtro: “Um dos objetivos é se tornar desnecessário”, diz Capilé. Sobre os rumores de ligação com partidos políticos, o produtor afirma: “Não somos organizados por partidos, não somos financiados por partidos e não nos encontramos apenas com o PT”. Pablo explica que procuram diálogos com representantes dispostos a ouvi-los. Nas mãos, um celular potente, na mochila, um notebook para servir de bateria e a cara e a coragem de ir atrás da informação: assim trabalha um “Mídia Ninja”. O trabalho dos jornalistas independentes ainda é visto com receio na mídia tradicional e Torturra diz que acha curioso as pessoas questionarem se o que fazem é jornalismo. “O que pode ser discutido é a forma como ele é feito”. O coletivo pretende agora ampliar o alcance e conseguir mais estrutura para o trabalho. Estiveram na bancada de entrevistadores Suzana Singer, ombudsman da Folha de S. Paulo; Alberto Dines, editor do site e do programa Observatório da Imprensa; Eugênio Bucci, colunista d’O Estado de S. Paulo e da revista Época; Wilson Moherdaui, diretor da revista Telecom; e Caio Túlio Costa, professor da ESPM e consultor de mídia digital. O programa foi conduzido por Mario Sergio Conti e contou com a participação fixa do cartunista Paulo Caruso". (PAIVA, 2014, *online*).

sua posição ao debate:

> Toda a primeira parte do Roda Viva se concentrou na veiculação da profunda suspeita dos entrevistadores sobre "de onde vem o dinheiro", sugerindo naturalmente fontes escusas, falta de prestação de contas e semelhantes. É natural que esta geração da mídia, que trabalha com altos custos e equipamentos sofisticados, não entenda que nesta era em que qualquer pessoa com um smartfone (*sic*) pode registrar eventos, e tem inteligência e formação para sugerir interpretações – talvez com menos competência profissional mas seguramente com maior diversidade de interpretações – o sistema se desloca. O que não se entende é que sequer tinham conhecimento de moedas alternativas, das formas de funcionamento dos processos colaborativos não monetários, de toda uma economia da cultura não comercial que se desenvolve e já tem anos de experiência. O sistema Ninja não apareceu com as manifestações, já tem 10 anos. Foram precisas as manifestações para que esta imprensa se dê conta que o Ninja existe (DOWBOR, 2013, *online*).

Para além das questões levantadas na entrevista, os textos que se seguiram ao programa tiveram ainda mais desdobramentos. Dois dias depois do programa, em 7 de agosto, a cineasta Beatriz Seigner iniciou uma série de denúncias contra o coletivo Fora do Eixo em um depoimento em seu perfil no Facebook. O texto rapidamente foi repercutido nas redes sociais, com diversos compartilhamentos e curtidas[210], e estimulou outros depoimentos semelhantes, como o de Laís Bellini, publicado no dia seguinte. Elas participaram do FdE e teciam em suas publicações diversas críticas à organização: Seigner acusava o coletivo de lhe dever dinheiro, de absorver verbas públicas sem avisar o autor (ela distribuiu um filme, *Bollywood Dream*, a partir dos coletivos do FdE) e retratava Capilé como líder de uma seita, citando depoimento de outros ex-integrantes: "'eles funcionam como uma seita religiosa-política, tem gente ali capaz de tudo' na tal ânsia de disputa por cada vez mais hegemonia de pensamento, por popularidade e poder político, capital simbólico e material, de adeptos" (SEIGNER, 2013, *online*). Bellini, por sua vez, também acusava Pablo Capilé de controlador de mentes, além de cobrar uma dívida financeira, denunciar o sexismo no coletivo e o escravismo mental e financeiro: "a gente trabalhava das 8h, 9h da manhã até as 3h, 4h... e olha que eu não reclamo de muito trabalho quando acredito na causa...mas o problema que eu vejo é que ali parecia uma *nóia* coletiva de um querer demonstrar mais trabalho que o o outro para o seu gestor" (BELLINI, 2013, *online*).

Tendo a maioria de seus integrantes também participantes do Fora do Eixo, a Mídia Ninja se viu no que Savazoni (2014, p.150) chamou de "linchamento em praça virtual de uma

---

210 Vinte dias depois, ainda em agosto de 2013, o texto chegou a obter 5.221 compartilhamentos, 4670 curtidas e mais de 800 comentários (SAVAZONI, 2014, p.192). Em outubro de 2016, mantinha 5352 compartilhamentos, 4700 curtidas e 880 comentários. Ver referências (SEIGNER, 2013, online).

experiência que até então parecia exitosa". O mesmo autor compilou esse debate em cinco tópicos centrais: a) a parte pelo todo: o foco em Capilé; b) Desprezo pelo artista e pela arte?; c) servidão voluntária, escravidão ou trabalho livre?; d) a questão feminista e a questão do feminino?.

Não alcanço aqui o cerne do debate em relação às críticas às práticas do grupo, até porque já foram respondidas por inúmeros atores e textos na internet[211]. O que interessa, neste momento, é entender que a profusão de críticas ao FdE e à Mídia Ninja foram alçadas para fora das redes sociais já comentadas e ganharam outros ambientes, inclusive os veículos jornalísticos tradicionais: revistas como Veja e Carta Capital, posicionadas em espectros opostos no campo político, publicaram matérias criticando o coletivo. Uma das matérias, assinada por Lino Bochini - que fez parte da PósTV e era então editor de mídias digitais da Carta Capital - e por Piero Locatelli, trouxe um contraponto do FdE[212]. Capilé ainda responderia a outro jornalista, André Forastieri, 70 perguntas sobre o modo de organização do Fora do Eixo, material que virou uma espécie de FAQ do coletivo[213]. Torturra (2013) resume assim uma parte da repercussão após o *Roda Viva*:

> Terminou munição de gente tão distinta quanto o blogueiro Reinaldo Azevedo, com sua hidrofobia de direita, ou os coletivos horizontais da esquerda mais anacrônica. Éramos petistas disfarçados, marineiros no armário, tucanos enrustidos, neocapitalistas, neocomunistas – e aqui cito: “Vivem um regime de autoexploração”, “mais-valia eletrônica”, “egomaníacos que lavam cérebros de jovens incautos” ou, simplesmente, “aí tem”. Na outra ponta, éramos “revolucionários da imprensa”, “visionários”, “heróis que ousaram desafiar o Grande Irmão”. Todo mundo tinha algo a dizer sobre o Fora do Eixo e a Mídia Ninja. (TORTURRA, 2013f, *online*)

As críticas ao grupo tiveram respostas de integrantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja e

---

211 Para uma compilação completa das críticas tecidas neste momento, ver Savazoni (2014, "Deus e o Diabo na era da Cultura Digital", p.190 a p. 219) e Lorenzotti (2014, Capítulo IV, "Ponto de Mutação"). Merecem ainda destaques os textos do coletivo Passa Palavra, notório crítico à esquerda do Fora do Eixo, em especial "Acabou a Magia: uma intervenção sobre o Fora do Eixo e a Mídia Ninja" (http://www.passapalavra.info/2013/08/82548); "O Comum e a exploração 2.0", publicado pelo coletivo de professores e intelectuais da Universidade Nômade (http://uninomade.net/tenda/o-comum-e-a-exploracao-2-0/); e "Acusados e acusadores", do ex-presidente da Funarte, filósofo e escritor Francisco Bosco: http://oglobo.globo.com/cultura/acusados-acusadores-9509047. Acesso em: 14. out. 2016

212 "Ex-integrantes da entidade controladora do Mídia Ninja falam com exclusividade para CartaCapital e condenam práticas da organização" e "Fora do Eixo: “Ninguém precisa ter medo de nada”. Disponíveis, respectivamente, em: http://bit.ly/2kH0mKh e http://bit.ly/2lfc7tp Acesso em: 13 jul. 2016.

213 Disponível em: http://bit.ly/2l2qMcU Acesso em: 16. nov. 2016

de outras diversas pessoas próximas. Sobre a questão do trabalho escravo, por exemplo, Dríade Aguiar respondeu, no texto "Eu sou uma das escravas do Fora do Eixo" (AGUIAR, 2013c, *online*) que se dedica por opção à construção do Fora do Eixo desde os 16 anos, quando entrou para a rede (em 2013, tinha 23). Sobre o desprezo pela arte e o preconceito contido na frase "ler é perda de tempo", dita por Pablo Capilé, Atílio Alencar, ex-integrante da rede FdE, respondeu que

> com os jovens do FdE provavelmente ocorra o que ocorre com uma geração inteira: sua forma de assimilar é outra, a simultaneidade se apresenta como o modo óbvio de lidar com os diversos campos de conhecimentos, os suportes passivos (como livros e discos) estão desgastados perto do grau intenso de interação virtual (ALENCAR, 2013, *online*).

Rafael Vilela escreveu em seu depoimento:

> escola-faculdade-emprego-carro-casamento-casa-filhos-netos-caixão' é dolorido. Migrar pra vida coletiva, sem salário, sem 'carreira', sem uma escola formal, com caixa e armário coletivo é pular fora do seu mundo e mergulhar de cabeça no novo mundo possível, que é nosso, de todo mundo [214](VILELA, 2013b, *online*).

Durante e depois do "tsunami midiático" (SAVAZONI, 2014, p. 212) a que foi submetido o Fora do Eixo, enquanto internamente digeriam as críticas e propunham alterações na organização interna, a Mídia Ninja prosseguiu com suas atividades. As manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público nas cidades brasileiras diminuíram, mas nos meses de agosto, setembro e outubro outras ações de protestos tomaram as ruas: as ocupações das Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais em estados como o Pará, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro, e as manifestações contra as remoções de casas e bairros inteiros para as obras para os Jogos Olímpicos na capital carioca, para citar situações emblemáticas. Nessas ações, ganhou destaque a participação dos *black blocs* - forma de agir, orientada por procedimentos e táticas, que podem ser usados para defesa ou ataque em uma manifestação pública (LUDD, 2002). A Mídia Ninja esteve documentando boa parte desses acontecimentos, com diferentes pessoas produzindo texto e foto e para as redes sociais, além de transmissões ao vivo dos acontecimentos, pelo *TwitCasting*.

Mesmo com as críticas pós-Roda Viva, a quantidade de pessoas que se integravam à Mídia Ninja continuou aumentando. De julho a outubro de 2013, ninja - especialmente no Rio

---

214 Uma compilação da "defesa" dos integrantes do coletivo está organizada nesta página: http://foradoeixo.org.br/2013/08/10/relatos-sobre-o-fora-do-eixo/ Para uma posição da entidade Fora do Eixo, ver este post no Facebook de 12 de agosto de 2013: http://bit.ly/2lffm3Q Acesso em: 15 nov. 2016

de Janeiro, cidade que não tinha uma Casa FdE - se tornou uma espécie de nome coletivo, identificação adotada por qualquer pessoa que fizesse transmissão *online* de protestos de rua, sem necessariamente ter ligação com a "base Ninja": adesivos eram distribuídos para colar nos celulares e diferentes canais de veiculação de informação se estabeleciam com o nome "ninja", como conta Torturra (2013f):

> Garotos transmitiam com seus celulares, em primeira pessoa, e compartilhavam seus links com o *hashtag* #MidiaNinja. Blogs reuniam todos os *streamings* de rua simultâneos pelo país como se todos fizessem, e não faziam, parte de nossa rede. Perdíamos o controle sobre quem falava em nome da Mídia Ninja (TORTURRA, 2013f, *online*).

A conversa realizada em fevereiro de 2016 com Fernanda[215], midiativista carioca integrante de outro coletivo midiático da cidade que também fazia transmissões ao vivo das manifestações nesse período, ilustra essa percepção:

> Fernanda diz que fez algumas transmissões (via *TwitCasting*) para o coletivo Mariachi e nos comentários era comum falarem: "Ninja, dobra ali, olha ali". Ela dizia 'então, gente, não sou ninja. Eles comentavam também *tá muito jornalística essa transmissão*, porque eu não sou de dar opinião, eu dava informação, falava o que tá acontecendo, e o pessoal, a garotada, é mais opinativa, ativista, "ah, olha ali pegando fogo" (DC, 23/2/2016).

Antônio, outro midiativista carioca, diz que essa identificação como "ninja" no Rio de Janeiro durou até outubro de 2013, quando muitas pessoas e coletivos romperam com a Mídia Ninja - por motivos políticos[216], afirma ele. Guimarães (2016) relata que as disputas internas entre coletivos de midiativistas no Rio de Janeiro e a Mídia Ninja vinham desde meados de agosto, e se tratava também de uma disputa por protagonismos entre aqueles que dedicavam mais tempo aos trabalhos da Mídia Ninja (e que detinham maior poder de decisão na rede) e os colaboradores eventuais, com menor poder.

215 Nome fictício, como todos os citados quando em diário de campo.
216 Ele não forneceu detalhes sobre estes motivos, mas pelo que apurei, trata-se de uma desconfiança coletiva desta época que o Fora do Eixo, e a Mídia Ninja, tinham relação com o Partido dos Trabalhadores (PT), o que não era assumido pelo coletivo. Grupos de midiativistas não tinham relação com partidos políticos ou tinham com partidos mais a esquerda do PT e criticavam a posição da Mídia Ninja em não assumir esse apoio.

> "O que geraria certa frustração por parte de quem nutria uma 'vontade de protagonismo', mas trabalhava numa 'pegada de voluntariado'. Tanto que, como disse Rafael, outros coletivos de midiativismo foram criados a partir dessa vontade de ter um protagonismo maior, de se sentir mais empoderado" (GUIMARÃES, 2016, p.85).

Em dezembro de 2013, Torturra (2013f) contou que o plano inicial da Ninja de estruturar uma rede de jornalismo, organizar pautas e equipes e estudar a viabilidade financeira do grupo, havia sido implodido pela realidade, tanto das manifestações em junho de 2013 quanto das críticas - e a reorganização interna a partir delas - ao FdE em agosto. "O plano de financiá-la, de desenvolver uma estrutura editorial e investir no jornalismo de fôlego estava refém do déficit entre seu enorme simbolismo e sua estrutura gasosa" (TORTURRA, 2013f, *online*). Depois de um tempo afastado, resolveu sair do coletivo, no final de 2013, e passou a se dedicar a outros projetos[217]. A Mídia Ninja entra em 2014 com sua organização fluída, ainda fortemente baseada nos integrantes do Fora do Eixo espalhados pelo país.

7.1.1. 2014 e 2015: reorganização interna, posicionamento e formação de novas redes

Os debates e as críticas recebidas no segundo semestre de 2013 resultaram na sutil saída de cena do Fora do Eixo, inclusive de sua personalidade mais conhecida e criticada, Pablo Capilé, entre o final de 2013 e o início de 2014. A estratégia de "pós-marca", o fortalecimento de outras redes com certa autonomia em relação ao FdE estabelecidas em 2012, ganha ainda mais força, com a diminuição pública da menção a "Fora do Eixo" nas postagens e novos projetos do grupo. A Mídia Ninja, por sua vez, como a rede surgida no âmbito dessa estratégia de pós-marca, ganhou mais autonomia, estabelecendo-se como mídia auto intitulada independente no cenário brasileiro. Valendo-se ainda da capilaridade dos coletivos Fora do Eixo pelo Brasil e da disponibilidade de seus integrantes, continuou a documentar acontecimentos que, na visão do coletivo, não tinham espaço adequado na imprensa tradicional, produzindo relatos em textos curtos e fotos, que circulavam com facilidade através das redes sociais da Ninja - principalmente na página do Facebook, canal de veiculação de informações do grupo com maior visibilidade ainda em 2016.

---

217 Bruno, em entrevista realizada em fevereiro de 2016, diz que sua saída foi amigável, sem maiores problemas com o coletivo, e decorreu de interesses distintos dele para o da Mídia Ninja. Em dezembro de 2016, ele continuava tocando seu projeto de jornalismo chamado Fluxo (http://www.fluxo.net/), em São Paulo.

Foi assim que, em março de 2014, ganhou destaque na cobertura de uma greve dos garis da Conlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), no Rio de Janeiro, durante o carnaval. O desconforto com a não retirada do lixo em um momento de grande visibilidade da cidade provocou confusão com o então prefeito, Eduardo Paes, e o sindicato dos garis, que mesmo não representando a maior parte dos trabalhadores da categoria, fez um acordo com a Prefeitura para a volta ao trabalho dos profissionais de limpeza urbana. A insatisfação com os termos da negociação fez milhares de garis irem para as ruas em grandes atos nos primeiros dias de março. A Mídia Ninja cobriu esses acontecimentos, e as imagens que produziram - de milhares de homens, em sua maioria negros, vestidos de laranja (cor do uniforme dos trabalhadores), em frente a prédios históricos do centro do Rio de Janeiro - correram o Brasil e o Mundo e simbolizaram a luta por melhores condições de trabalho dos garis[218].

Outro fato importante para o grupo foi o lançamento do portal Ninja, em parceria com a organização internacional *Oximity*[219], em junho de 2014, às vésperas da Copa do Mundo no Brasil. A ideia do portal já era comentada por Torturra, quando este fazia parte do coletivo, como um passo para a autonomia e a menor dependência do Facebook. Até então, todas as informações produzidas pela Mídia Ninja eram veiculadas nos perfis já citados de sites de redes sociais, o que dificultava a produção de conteúdos mais interativos e aprofundados, além de muitas vezes ficarem submetidos às características do programa de ação das plataformas[220]. O coletivo encontrou no Oximity "uma plataforma global que conecta diversos coletivos e oferece de forma gratuita uma base muito sólida de hospedagem e gestão de fluxos, uma verdadeira alternativa pós-facebook"[221] (MÍDIA NINJA, 2014a, *online*).

---

218 Mais detalhes sobre a cobertura da Ninja destes acontecimentos em http://bit.ly/2l2v7N5 Acesso em: 13. nov. 2016

219 Site: https://ninja.oximity.com

220 O Facebook, em especial, tem originado diversos estudos sobre como o seu algoritmo tem interferido nos mais diversos eventos, das eleições de 2014 no Brasil à vitória de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em novembro de 2016. Sobre a filtragem de informação por algoritmos no Facebook, ver Araújo & Pires de Sá (2016). Sobre esta última questão, ver esta reportagem do site Nexo: http://bit.ly/2lVXtH8 Acesso em: 23 nov. 2016

221 Para uma visão mais crítica sobre a parceria da Mídia Ninja com o *Oximity*, organização internacional que busca(va) uma reengenharia da indústria de notícias, ver http://www.passapalavra.info/2014/11/100916. Acesso em: 18 nov. 2016. "Não há a menor dúvida que as pessoas devem se apropriar de ferramentas de comunicação, criar veículos independentes e se organizar em rede para fazer suas próprias vozes serem ouvidas. (...) As questões são: até que ponto Mídia Ninja, leia-se Fora do Eixo, e Oximity pode ganhar status, fazer banco de dados, ter maior visibilidade e conseguir financiamento com base na exploração da mão de obra

Um ano depois do estouro da Mídia Ninja, com um portal criado, diversos integrantes e um nome conhecido no cenário da mídia brasileira, o coletivo não era mais a novidade que fora em 2013. Isso se manifestava na forma de organização do grupo: com o aumento do número de colaboradores, a horizontalidade estabelecida nas reuniões iniciais já não ocorria, estabelecendo-se uma divisão clara entre o que Lara Guimarães, em trabalho de campo que cobre exatamente esse período de um ano, chama de Ninjas "Originais" e "Colaboradores", cada qual com níveis de adesão específicos (GUIMARÃES, 2016, p.58). A quantidade de pessoas envolvidas na rede - nesse período, passavam de 30, espalhados pelo Brasil, segundo Guimarães (2016) - e a divisão conforme níveis de adesão ao coletivo trouxe decisões editoriais, conforme relata a autora em sua tese, a partir da conversa com outros colaboradores da Mídia Ninja:

> As escolhas editoriais também foram motivos de frustração de Otávio em relação ao Ninja. Ele lembrou que o material enviado pelos colaboradores raramente era analisado pela base, e no geral só subia material produzido pelos Ninjas do FDE. “A gente ia pra rua, sem receber absolutamente nada, a gente estava lá por um ideal. [...] o mínimo que se pode esperar é que seu material seja analisado”, reclamou. Em entrevista realizada com Carolline Leite, a questão da editorialização também foi problematizada. Mencionei para ela que, em conversa com os Ninjas “das antigas”, muito se reclamou do desperdício em relação ao material produzido pelos colaboradores que iam para as ruas – os “soldados” – e perguntei se ela observou isso de fato. Ela confirmou que existiam certas preferências na hora de subir essa ou aquela foto. “[...] se eles tinham que botar alguma coisa, eles botavam da galera deles, sabe? Tinha muito isso. Era bem marcado. (GUIMARÃES, 2016, p.84)

A ilusão de um espaço totalmente livre para todos publicarem foi sendo erodida ao longo de 2014. Se antes a expressão "Somos todos Ninjas[222]", aplicada como *slogan* pelo próprio coletivo, expressava a "perda de controle" do nome ninja para qualquer um que

gratuita de voluntários engajados em determinada causa?" (PASSA PALAVRA, 2014, *online*)

222 Guimarães (2016) aponta em seu trabalho uma importante reflexão sobre essa questão: "Paula Daibert [uma das Ninjas Colaboradoras] afirmou que a questão da autoria individual torna-se irrelevante dentro desse ideário simbolizado pela expressão “Somos Todos Ninja...”. Para ela, “não importa quem fez, importa a informação. A informação está aí, é pra ser usada e entendida”. Entendi melhor as ideias envolvidas em um processo de autoria coletiva, quando estive no lançamento do Projeto Offside Brasil (..) Rafael Vilela, integrante do FDE e fotógrafo na Mídia Ninja, foi um dos convidados para participar do projeto. Após a apresentação de um preview das produções fotográficas dos convidados, aconteceu uma mesa de discussão com representantes da Magnum, o ex-jogador de futebol Del Piero – que coordena o Save The Dream –, e fotógrafos colaboradores do projeto, incluído aí o Pira, como é conhecido Rafael Vilela. A questão da autoria coletiva recebeu centralidade nas falas, inclusive no que diz respeito à apresentação de controvérsias a respeito, como as hipóteses de que a autoria coletiva funcione como uma negação da “digital” do fotógrafo e também de ser essa opção prioritariamente uma estratégia de branding. “[...] não é uma negação da individualidade, não é uma negação do olhar autoral, eu acho que é a soma de muitas autoralidades, né? Construindo esse imaginário coletivo” frisou Pira, em conversa posterior ao debate. (GUIMARÃES, 2016, p.65)

quisesse, ao final de 2014 "ninja" remetia à Mídia Ninja - que, naquela época, não era mais *qualquer um*, mas um coletivo de comunicação com critérios editoriais definidos (ainda que flexíveis), e uma posição estabelecida em relação a diversos temas. O posicionamento favorável à campanha de Dilma Rousseff nas acirradas eleições presidenciais de 2014 no Brasil são um exemplo dessa postura, que afastou muita gente - como nos casos citados de coletivos midiativistas cariocas surgidos a partir de junho de 2013 - e atraiu outros tantos.

Estabelecida como mídia que produz jornalismo, mas também midiativismo, conforme descrição no portal já comentada por aqui, a Mídia Ninja é uma das redes que cobre, no início de 2015, a crise hídrica em São Paulo. A falta de água nas reservas do Sistema Cantareira, principal fonte de abastecimento da capital paulista, provocou um racionamento de água em quase toda a cidade, com corte do fornecimento diário em diversos bairros. Em resposta à crise e como crítica à considerada fraca cobertura do assunto pelos veículos jornalísticos tradicionais, uma rede de veículos de comunicação auto intitulada independente, jornalistas, ativistas, entidades e movimentos sociais criou a *Conta D'Água*[223], coletivo de comunicação destinado à produção de reportagens, ensaios, notícias e entrevistas sobre a crise hídrica em São Paulo.

A partir da iniciativa, o grupo passou a se reunir com frequência e, dois meses depois, seria a base de criação de um outro coletivo, o Jornalistas Livres (JL), uma rede de jornalistas, destinada a pluralizar a cobertura jornalística de assuntos relacionados principalmente às manifestações nas ruas e aos direitos humanos. A primeira atuação dos Jornalistas Livres ocorreu na cobertura de duas manifestações em São Paulo, nos dias 13 e 15 de março; logo depois, foi lançada a campanha de financiamento coletivo para bancar suas atividades, que constitui a largada do grupo enquanto uma rede, inicialmente baseada em São Paulo,

> de colaboradores que se articulam com base nas redes sociais e sob o compromisso da credibilidade jornalística. Não oferecemos aos nossos leitores a ilusão de sermos isentos. Em vez disso, afirmamos nossa firme convicção editorial em defesa da Democracia, do mandato popular, contra as viúvas sinistras da Ditadura Militar; e pela ampliação dos direitos humanos e sociais, rumo a uma sociedade mais justa (CAPRIGLIONE, 2015, *online*).

A Mídia Ninja tomou parte como o principal e mais numeroso coletivo formador do

---

223 O site do grupo está disponível em https://medium.com/a-conta-da-agua Acesso em: 16 nov. 2016

Jornalistas Livres. Participavam ainda do grupo jornalistas recém saídos de veículos jornalísticos tradicionais ou ainda trabalhando nestes, estudantes e professores de jornalismo, assessores de imprensa de grupos ligados a movimentos sociais e sindicatos, *videomakers*, fotógrafos e jornalistas *freelancers*, entre outros que entravam e saíam do grupo[224]. Reunidos de maneira informal, promoviam encontros em diversos lugares de São Paulo, entre eles a Casa FdE SP e o Hotel Cambridge, ocupado pela FLM (Frente de Luta pela Moradia), e tinham como sua porta-voz principal Laura Capriglione, repórter durante duas décadas do jornal Folha de S. Paulo e da revista Veja.

Conforme afirmou Rafael Vilela em fevereiro de 2016, o foco da Mídia Ninja sempre foi as redes sociais, as fotografias, a transmissão ao vivo, os vídeos, não o texto e a reportagem. A parceria com os Jornalistas Livres estabelecida a partir de maio de 2015 fez com que o coletivo trabalhasse mais a reportagem, passando a realizá-la em conjunto com o novo coletivo, geralmente com um ninja tomando parte da cobertura de determinado acontecimento em vídeo ou foto, enquanto que um JL fazia a reportagem e o texto:

> uma rede só de jornalistas, um monte de jornalistas, influencia e potencializa o processo. E supera um certo gargalo que o midiativismo tem desde 2014, na minha opinião, pós protestos de junho de 2013 e Copa do Mundo, que era uma incapacidade de ir além do meme, da foto bonita, do vídeo e das redes. Precisamos entender melhor esse negócio de reportagem, aprofundar (VILELA, 2016).

É nesse cenário de consolidação do Jornalistas Livres, da Mídia Ninja em relação com atores diferentes aos de junho e julho de 2013[225], que se deu a minha entrada no trabalho de campo na Casa Coletiva, moradia e espaço de trabalho do Fora do Eixo e da Mídia Ninja no Rio de Janeiro, no final de maio de 2015, e na Casa FdE São Paulo, em fevereiro de 2016.

---

224 Como pude comprovar em uma reunião do grupo em que participei no trabalho do campo, no dia 12/2/2016, em um espaço ocupado pelo FLN (Frente de Luta por Moradia), no 2º andar do hotel Cambridge, há uma grande rotatividade de integrantes.

225 Outra rede importante de atuação próxima ao FdE é o *Facción*, rede de midiativistas espalhada pela América Latina, já citada por aqui.

7.2. Localizando-se em casas super povoadas de pessoas, objetos e fluxos

Passo agora a descrever algumas situações vividas em campo que ajudam a localizar qual é este espaço onde estive: quem faz parte, o que ali acontece, como ocorre, e como este local é organizado. Optei por descrever situações ocorridas nas duas casas, consideradas principais e com maior número de moradores entre as residências do FdE espalhadas pelo Brasil, em períodos diferentes de tempo, de modo a agrupar acontecimentos que ilustram o dia a dia dos integrantes da Mídia Ninja/Fora do Eixo. São espaços, como já comentado, nos quais seus moradores trabalham e vivem, sem haver uma distinção clara entre quando estão trabalhando e quando estão fazendo outra coisa. Esta não-divisão já se institui como uma diferença perante a maioria das redações jornalísticas de veículos tradicionais pelo mundo, e, por outro lado, a aproxima a modos de organização de movimentos sociais como o MST (Movimentos do Sem Terra), considerado um dos maiores movimentos desse tipo no mundo. É importante sabermos dessa diferença antes de ingressarmos a uma casa coletiva. Divido estas seções por tópicos, não necessariamente correspondentes a um dia específico, para melhor visualizarmos a complexidade da rede a qual adentramos.

7.2.1. Chegadas e recepções

No primeiro dia de observação que realizei no Rio de Janeiro, cheguei ao endereço combinado previamente por e-mail, em Santa Tereza, região central do Rio de Janeiro, em uma quarta-feira, por volta das 12h30. Machado foi me receber: "Como tá, mano? Já almoçou? Tem rango ali no mezanino se quiser" (DC, 27/5/2015), disse. A residência é ampla, de três andares, encostada na pedra do morro de Santa Tereza, com uma vista para a Baia de Guanabara, o Pão de Açúcar em destaque. Há vários grafites coloridos espalhados pela sala, cozinha, varanda e outros cômodos, além de papeis, colados em algumas paredes e móveis, com diversas informações - senha das redes de internet e números de telefones

dos integrantes na sala principal; horário do almoço e identificação de prateleiras com pratos, copos, xícaras e talheres na cozinha; etiquetas com nomes de equipamentos de vídeo e áudio na ampla sala de edição, localizado no andar abaixo da sala principal; instruções para lavagem ecológica em baldes na área de serviço, localização de toalhas e roupas de cama no armário do espaço reservado aos moradores, onde se localizam os quartos da casa.

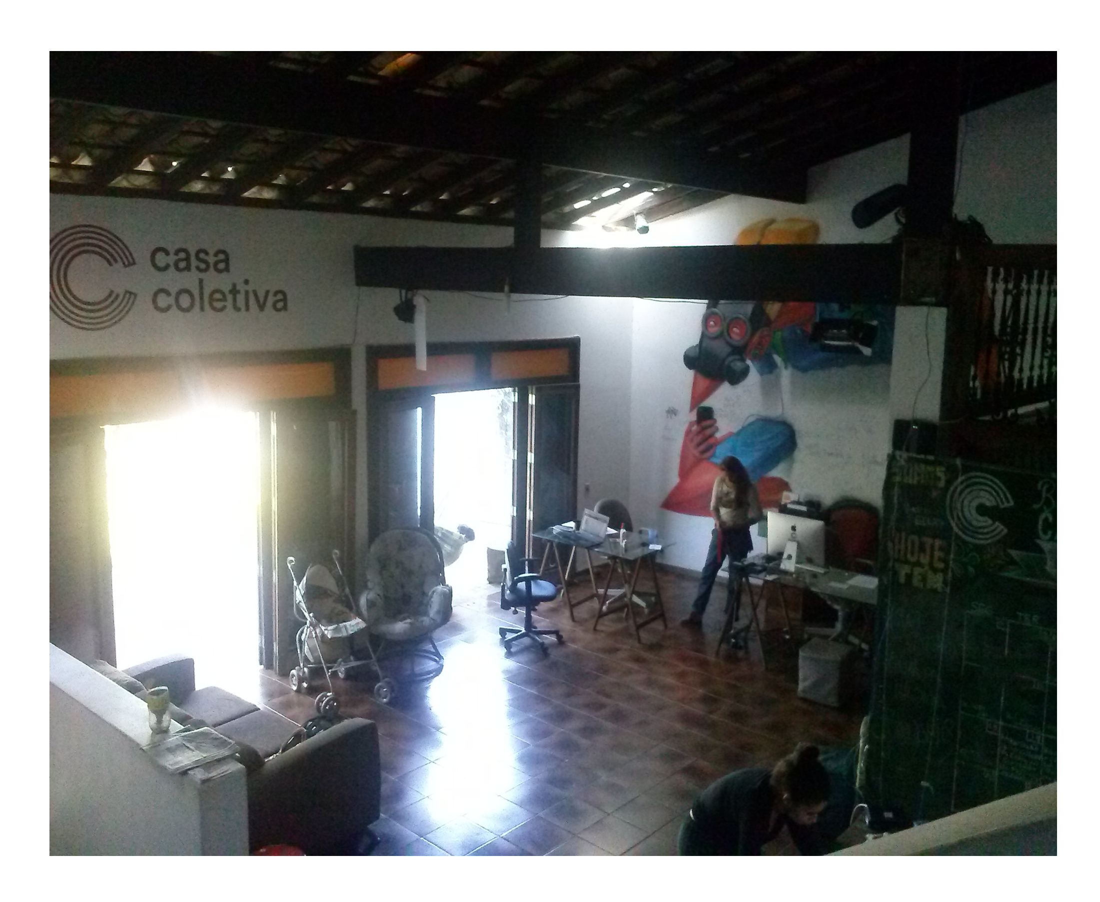


Figura 8: Vista da sala principal da Casa Coletiva; à direita, mezanino e entrada da cozinha. Fonte: do autor.

Logo que cheguei tive uma conversa inicial com Machado, que me explicou como funcionava a Mídia Ninja e a Casa Coletiva. Com idade entre 24-27 anos, vestia calça jeans, camiseta amarela, usava óculos de aro grosso, barba e um boné colorido. Foi um dos mais ativos na cobertura dos protestos de junho de 2013 e, por conta disso, é um dos mais identificados nas ruas como parte da Mídia Ninja. Disse que a Casa Coletiva funciona como moradia e local de trabalho, onde todos dividem os gastos, e que no RJ se privilegia a frente de comunicação e vídeo: "fazemos muitas coberturas de eventos, *streamings*, fotos, tudo em tempo real, na frente da Mídia Ninja" (DC, 27/05/2015). Comentou também que no Rio a

influência da Rede Globo e da televisão de uma maneira geral é muito forte, e esse também foi um dos motivos para se ter o audiovisual como foco na cidade.

Após a conversa, fui ao mezanino, onde estava servido o almoço: uma mesa de madeira com pratos, copos e as panelas/recipientes com a comida: uma panela de feijão carioca, uma travessa com arroz, carne com molho de maracujá, berinjela refogada com algum molho vermelho, cenoura ralada, uma garrafa de 2 litros de coca-cola, suco de goiaba natural. Mais duas pessoas estão com pratos se servindo; são jovens, aparentando entre 17 e 21 anos, que depois venho saber que vieram para uma reunião com Machado. Me sirvo e sento em um *puff* na ampla sala principal da casa, abaixo do mezanino; ao meu lado estão uma mulher e um homem, ambos aparentando idades entre 40 e 50 anos: são produtora e apresentador de um programa semanal que é realizado pela PósTV na Casa Coletiva, chamado *Firme no Blindão*[226].

Depois do almoço, fui apresentado a alguns integrantes da Casa Coletiva e tivemos a primeira conversa sobre como se daria a minha observação. Além de Machado, estavam presentes Joana, Bárbara e Patrícia, mulheres aparentando entre 20 e 25 anos, e Fabrício, homem, entre 18 e 22 anos. Além desttes, os integrantes com quem estabeleci contato mais próximo no primeiro período de campo, entre 27 de maio e 1 de junho de 2015, foram Beto, Artur e Carlos, homens aparentando 25 a 28 anos, e Paula, mulher, entre 22 e 27 anos, com uma filha de 2 meses; totalizando 9, número considerado baixo pelos moradores, que afirmam que a casa já teve mais de 20 moradores durante algumas semanas e 50 dormindo em um único dia.

A conversa inicial foi realizada na sala principal da casa, numa roda formada por cadeiras: fui introduzido por Machado e me apresentei, comentando também de minha relação com a Casa da Cultura Digital em São Paulo e Porto Alegre, coletivos de que fiz parte e onde conheci alguns membros do FdE, mas disse que estava ali em "outra situação, de pesquisa de campo para o doutorado, e que iria ficar observando durante alguns dias o processo de produção da Mídia Ninja e a relação deles com os objetos técnicos, em especial

---

226 Conforme a descrição em sua página no Facebook (https://www.facebook.com/pg/FirmeNoBlindao/), "O programa trata de cultura e criatividade periférica. Espaço para debates e difusão cultural da juventude urbana e cosmopolita". É transmitido via streaming pelo canal da PósTV no *YouTube*, onde depois fica arquivado, e apresentado pelo homem citado, conhecido por "Jovem Cerebral".

daqueles mais envolvidos na frente da cobertura de ações na rua, mas também a cobertura dos eventos, reuniões e de todo o fluxo de comunicação que ocorre na casa" (DC, 27/05/2015). Comentei que ficaria pelo espaço conversando com eles e anotando tudo num bloquinho, momento em que Machado falou, usando tom de brincadeira, que faria uma "espionagem de código aberto", relacionando a ação com minha relação ativista com o *software* livre[227]. Todos riram e logo depois voltam aos seus trabalhos.

Em fevereiro de 2016, minha chegada se deu em um contexto diferente, de um projeto de vivência chamado "Outros Carnavales", como já descrito na introdução desta tese. Fui a Casa FdE no dia 8 de fevereiro, um domingo de Carnaval, no meio do período de vivência, pela manhã, por volta das 9h45. Fui recebido por uma integrante da vivência, que estava limpando o banheiro principal da casa, e por uma moradora da casa, Maria, 19 anos, que me levou à cozinha, com uma mesa posta - biscoitos, goiaba cortada, granola, leite, maçã, achocolatado Nescau, duas térmicas de café. Enquanto tomava café, me perguntou da pesquisa; comentei do que já havia feito, da outras saída a campo na Casa Coletiva. "Sou de Paraupebas, sul do Pará. Trabalhava numa residência cultural de lá, daí um cara começou a colar, mostrar as tecnologias do FdE, colou, fizemos um Grito Rock[228] e aí começou o coletivo. Faz sete meses que tô aqui na casa em SP, tô amando. Essa vivência é como um "Grito Rock" da fotografia, muita produção, muitas fotos, editores" (DC, 8/2/2016). Perguntei a ela se ela tem noção de quantas pessoas vivem na casa hoje. Ela contou mentalmente: "Tenho que ter. São 22 pessoas. Semana passada teve imersão de comunicação do Levante[229], tinha muita gente também". Fiquei a saber depois que, na divisão de trabalho organizada na Casa FdE, Maria é uma das responsáveis pela cozinha e pela compra de alimentos.

---

227 O *software* livre foi estabelecido a partir do programador dos Estados Unidos, Richard Stallman, com o objetivo de obter e garantir certas liberdades para usuários de *software*, a saber: a liberdade de executar o *software*, para estudar e modificar o *software*, e para redistribuir cópias, com ou sem alterações. Embora com base em tradições e filosofias entre os membros da década de 1970 da cultura hacker, Richard Stallman fundou formalmente o movimento em 1983 com o lançamento do Projeto GNU – que tinha como base o sistema operacional próximo a linguagem Unix, que, anos depois, foi ser a base do Linux, hoje o sistema operacional livre mais utilizado. Em 1985, Stallman criou a *Free Software Foundation* (http://www.fsf.org/), para apoiar o movimento e defender a liberdade na rede, que existe até hoje. Enquanto movimento, o *software* livre se propagou para outras áreas do conhecimento, como a cultura, o direito autoral, o *hardware* livre, entre outras.

228 Grito Rock é o maior festival de música e artes integradas produzido pelo Fora do Eixo. Geralmente, é a primeira produção de um coletivo, que a partir de a realização de uma edição em sua cidade do festival passa a fazer parte da rede FdE.

229 Referência ao grupo Levante Popular da Juventude, organização com diversos núcleos espalhados pelo Brasil que reúne "jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade" (Fonte: http://levante.org.br/#about).

Logo depois da conversa, a integrante da vivência que limpava o banheiro quando cheguei, chamada Fernanda, instruiu um alongamento, com movimentos de yoga, na parte aos fundos da casa. Ela é moradora da zona leste de São Paulo, tem entre 24 e 27 anos, e é professora de artes visuais. Tomaram parte do exercício outras quatro pessoas que, como eu, haviam chegado naquele dia: três homens e uma mulher, aparentando entre 17 e 22 anos, integrantes de um coletivo ligado ao FdE de Rio do Sul-SC. Depois do exercício, outra mulher, entre 24 e 27 anos, Bruna, integrante do FdE e atualmente moradora da casa, me levou juntamente com os quatro recém chegados de Rio do Sul para um tour guiado pela casa; o andar térreo, o prédio anexo, o pátio, o mezanino do prédio anexo aos fundos, ambientes já descritos neste trabalho.

Ao meio dia, encontrei Germano, com quem inicialmente conversei para a estadia na casa. Ele me perguntou se já estava inteirado dos fluxos, se iria só observar ou produzir também. Disse que sim para ambos; ele então me apresentou Camila, uma das que trabalham na frente da comunicação interna e da Mídia Ninja, que estava sentada junto a uma mesa redonda na sala mais ampla da casa, chamada por vezes (como naquele momento) de "sala da redação". Ela me pôs no *chat* do *Telegram*[230] da vivência. Logo depois, Germano reuniu os integrantes da vivência na sala para contar das atividades do dia: à tarde, haveria uma conversa com Laura Capriglione, integrante dos Jornalistas Livres. Ele passou o link, via grupo, de uma matéria na internet que deu mais detalhes sobre a jornalista que viria falar: "Ela vai ajudar a pensar alguns dos temas trabalhados como pautas na vivência, e apresentar um pouco como tem sido o jornalistas livres" (DC, 8/2/2016). Depois da jornalista, outro parceiro do Fora do Eixo/Mídia Ninja, o fotojornalista Maurício Lima, chegou na Casa e deu início a uma outra conversa com alguns integrantes da vivência. Encontros como esse fazem parte do processo de formação da rede, organizado pela frente da *Universidade*, e são mais frequentes em casos de vivências e residências.

230 Os chats são grupos no Telegram com diversos integrantes da Mídia Ninja e do Fora do Eixo. Mais detalhes no próximo tópico deste capítulo.



Figura 9: Reunião com Laura Capriglione, do coletivo Jornalistas Livres. Fonte: Página do Facebook da Casa FdE São Paulo.

7.2.2. Rotinas e fluxos de vida & trabalho das Casas

Os trabalhos dentro de uma casa coletiva do FdE/Mídia Ninja são muitos e variados, seguindo diversos fluxos, termo bastante usado pelo grupo. A divisão entre os afazeres dos moradores da Casa Coletiva e da Casa FdE SP segue o modelo, já citado, dos quatro simulacros organizados pelo Fora do Eixo - partido, universidade, banco e mídia. Embora muitas vezes as tarefas de um integrante da rede abarquem mais de um fluxo, só é possível ver o que cada um participa mais a partir das atividades realizadas no cotidiano. Reuniões e conversas com integrantes de outros coletivos, redes, partidos políticos, movimentos sociais são tarefas mais relacionadas aos integrantes alocados na frente do *Partido*, que pelas características de suas ações, acabam sendo aqueles que mais viajam e são reconhecidos na condição de integrantes do Fora do Eixo, a exemplo de Pablo Capilé. Recepção de visitantes, organização de oficinas e o bem-estar geral da casa são ações da *Universidade*, que por vezes se misturam com as do *Banco*, responsável pela gestão financeira do caixa coletivo, compra de mantimentos, cozinha e limpeza geral dos ambientes - que é definida por escalas que podem contar com integrantes de outras frentes. Por fim, os integrantes da *Mídia* são aqueles que têm como prioridade de ação a produção de narrativas dos acontecimentos em foto, vídeo, texto e nas redes sociais para os canais da Mídia Ninja, mas

não somente: há os canais próprios de cada casa ou coletivo, como a Casa Coletiva e a Casa FdE SP; a produção de conteúdo *junto* com outros coletivos, como o Jornalistas Livres ou o *Facción*; *para* outros coletivos em que há uma relação de parceria, como é o caso do já citado Levante, do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), MST, entre outros diversos; e, ainda, os *freelas*, trabalhos comerciais para clientes diversos que não são necessariamente parceiros[231].

Há de se salientar que esses fluxos não são estanques para todos e podem variar de acordo com diversos fatores, entre eles o *lastro* de cada integrante na rede e o andamento de algum projeto específico. Germano, por exemplo, enquanto integrante presente desde o início da Mídia Ninja, numa vivência como a Outros Carnavales realiza mais a função de formação e articulação com outras pessoas e coletivos do que propriamente a de registros e produção de narrativas para a Mídia Ninja. Durante o período de observação, foi comum encontrá-lo na sala de redação a executar uma função próxima a que no jornalismo representa a de editor: coordenar as reuniões de pauta dos viventes durante o carnaval; dar indicações quanto ao que fotografar e como abordar determinados assuntos; editar o material enviado pelos participantes, em especial o de fotografia, sua especialidade; organizar reuniões e conversas com outros fotógrafos e jornalistas; entre outras funções.

A rotina nas casas coletivas varia também conforme as atividades e, principalmente, a quantidade de pessoas que estão vivendo no espaço no momento. Não há cobranças quanto a horários de trabalho, mas é comum ver, a partir das 9h da manhã até o início da madrugada, sempre alguém em frente a um computador, na produção de algum evento ou em reuniões de articulação política ou de formação. Os horários das refeições, estabelecidos nos quadros das cozinhas, nos *chats* ou no material enviado para os selecionados na Vivência, por e-mail são das situações que pouco se alteram seja em uma rotina mais

231 Durante uma reunião da vivência sobre o Banco FdE, Patrícia estava explicando como funciona o cardápio de "serviços" organizados pela maioria dos coletivos do Fora do Eixo e, ao final da fala, mencionou que há uma espécie de "pregão", um banco de freelas. Um vivente perguntou: *freela* de que? Anotei a resposta no diário de campo: "Então, depende do que cada casa tem. Em geral temos uma equipe de comunicação bem completa em cada casa, então é por aí que vem os *freelas*. O *freela* nao pode virar nossa fonte principal de grana, tem que ser algo que complementa; eventos são bons *freelas*; hospeda cultura traz muito mais *card* que real, mas às vezes ocorre tipo um pessoal do circo, que veio aqui se hospedar mas tinha uma professora de yoga que dava aula pra nós, e foi super legal, bem-estar. Hospeda Cultura é em geral 4 dias. O banco ajuda a sistematizar o que ocorre na casa. Tudo é recurso, o carro, o que cada um pode fazer, inclusive as prioridades: você fica responsável por conseguir um *freela* em até 2 meses, por exemplo. Já um edital é para coisas macro, eventos grandes" (DC, 11/2/2016).

tranquila, como a que encontrei na Casa Coletiva no Rio de Janeiro, ou em uma mais agitada. Nos dias em que estive nas duas casas, as refeições sempre foram preparadas e servidas no horário programado: café da manhã entre 09h00 e 10h30; almoço entre 12h30 e 14h; lanche por volta das 17h; janta entre 21h e 22h[232]. Há um compromisso dos responsáveis pela cozinha em estabelecer essa rotina, em especial a partir de agosto de 2013, em que algumas das críticas ao FdE eram de que seus integrantes não seriam alimentados. Como contou Patrícia, na Casa Coletiva: "Quando começaram em 2013 a falar que quem não trabalha fica sem comida aqui foi complicado, me afetou, já que sou responsável diretamente pela alimentação. E você vê, aqui tem um monte de comida sempre, não faz sentido" (DC, 27/5/2016).

Uma "tec" (termo usado como diminutivo para tecnologia) que chama a atenção de quem conhece as casas, em especial dos participantes da vivência Outros Carnavales[233], é a *Xepa*, prática conhecida Brasil afora que consiste em ir às feiras de rua no horário próximo do fim, de modo a conseguir produtos de graça, ou a preços simbólicos. Era a *Xepa* que definia o cardápio do almoço e da janta na Casa FdE em SP. Segundo dados do coletivo, 60% dos hortifrutis da casa vem da Xepa. Marcos, integrante do FdE e responsável por comprar e cozinhar os mantimentos junto com Maria em São Paulo, detalha esse fluxo, que recupero a partir do diário de campo:

> 16h30 - lanche da tarde. Suco de laranja, pão francês, manteiga, queijo (ralado). Conversa sobre a xepa com Marcos e Maria. A feira acaba às 14h, passamos as 13h30 na feira. Já conhecemos os feirantes, então passamos e perguntamos "e aí, o que vai sobrar hj? alguma coisa que vai fora?", a maioria já nos aponta o que tem, pegamos e assim enchemos o carrinho. Às vezes tem uns que falam 'pô, guardei essa caixa de pimentão pra vcs, não vão pegar? Não dá mano, já pegamos tudo, fizemos a nossa parte'. Isso tudo sem um real (DC, 11/2/2016).

232 Fora desses horários, há sempre algumas comidas postas nas mesas das cozinhas; a geladeira é coletiva, se algum integrante quiser guardar algo de uso pessoal, deve etiquetar, modo comum de convivência em repúblicas, albergues e *hostels*. O material enviado para os viventes por e-mail detalha os horários, os ambientes de casa e algumas orientações básicas de convivência, da lavagem de roupas à limpeza dos ambientes, passando por instruções de descarte de lixos (recicláveis e orgânicos), de transporte do metrô mais próximo e dos telefones da casa e dos que vivem nela.

233 Durante o período de observação, mais de um participante falou da importância da Xepa como algo que vão levar da experiência junto à casa. Na reunião final de avaliação da vivência, anotei no diário de campo: "Isabelle, participante da residência: Veio aqui pra ver a Mídia Ninja mas chamou atenção a Xepa. 'Vivo com a minha mãe então não estou acostumada a fazer tudo sozinha, por isso senti que não aprendi tanto aqui, nem conversei. Aprendi, mas poderia aprender mais'" (DC, 10/2/2016).



Figura 10: Carrinho Ninja usado na Xepa. Fonte: do autor.

7.3. O fluxo da Redação Ninja

Para falar, então, de como funciona o fluxo específico de comunicação na Mídia Ninja, vou agora me valer de uma narrativa construída a partir de um dia de trabalho na Casa Coletiva. O terceiro dia de observação no Rio de Janeiro iniciou por volta das 11h30, um pouco antes do horário de almoço: diferente dos dois primeiros dias, tudo estava muito silencioso e tranquilo, ouviam-se passarinhos e outros barulhos amenos na região de Santa Tereza, parte alta do Rio e com muitas áreas arborizadas. Logo que cheguei na sala

principal, um grupo de seis macacos recém havia descido das árvores, posicionando-se na varanda. Carlos levou bananas e alimentou os animais, que segundo ele já são conhecidos na casa: "Aos poucos eles estão ganhando confiança pra entrar no espaço, ontem já entraram na sala também" (DC, 28/72016). Depois que os alimenta, Carlos volta ao telefone para orçar utensílios para o banheiro. Na sala principal, o restante do grupo está em silêncio: Beto está sentado em uma mesa de vidro em frente a um notebook Mac, da Apple, ano 2005, cheio de adesivos de bandas e festivais de música*;* Paula está brincando com a filha, no sofá; Patrícia responde a mensagens em vários *chats* em frente a um computador. O dia começou cedo com uma ação em Niterói, às 5h da manhã, em que Artur, principal motorista do grupo, levou Fabrício para a cobertura de uma ocupação de um banco (Caixa Econômica Federal) por parte do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que descubro depois ser parceiro frequente do grupo. Ambos ainda estão na rua. Converso com Beto, que na ausência de Machado (que viajou cedo para participar de um debate em Salvador, Bahia) é o responsável pela agenda de coberturas da Casa, perguntando quais são as saídas previstas para aquele dia. "Nem sei direito, tem que ver ainda, mas tem umas cinco saídas diferentes. Pergunto se ele vai em alguma. "Tô querendo ficar por casa, tem muita coisa pra fazer ainda", diz (DC, 29/5/2016).

Carlos, com a ajuda de Patrícia, finaliza o preparo do almoço: arroz, feijão, frango com batatas, batata frita em rodelas, salada de tomate e cenoura, suco e refrigerante. Bárbara se prepara para a cobertura de um festival de cinema indígena[234] em Bomsucesso, periferia da cidade. "Com quem falo lá ?", ela pergunta a Beto. "Já te passo", Beto responde. Ela vai ao espaço dos quartos para trocar de roupa - calçou um tênis, antes estava de chinelo. Beto passa as informações da cobertura para Bárbara e dá algumas notas de reais a ela, "caso precise voltar por conta" (DC, 29/5/2016). A ida será junto com outros, no carro de Artur, um Chevrolet Corsa com placa de Uberlândia, veículo do momento na Casa. É a partir dele que a maioria das saídas às ruas mais distantes acontecem.

É esse mesmo carro que logo chega com Artur, Joana e Fabrício, vindos de alguma cobertura na rua. Os três largam suas mochilas e vão direto à cozinha para almoçar. Joana e

234 O festival se chama Cine Índio e aconteceu, em 2015, no Microcine Bonsucesso, Ponto de Cultura Cinema Brasil, entre os dias 29 de maio a 6 de junho, com entrada gratuita. O evento contou com o apoio do Ministério da Cultura (MinC), por meio da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (SCDC), e apresentou ao público filmes brasileiros sobre temas indígenas. O site do cinema contém mais informações sobre a programação: http://bit.ly/2ls2wBK Acesso em: 15 jun. 2015

Artur sentam num banco na cozinha e comem com pressa. Patrícia liga para a operadora de internet para resolver um problema na conexão de internet. Vou à cozinha, me sirvo e sento para comer com Carlos na sacada. "Da hora almoçar com essa varanda, né?" (DC, 29/5/2016), diz ele, apontando para a bela visão da baía de Guanabara e do Pão de Açúcar, que um dia de sol e céu azul potencializam. Carlos puxa diversos assuntos e é o que mais mostra disponibilidade de tempo para conversa, talvez porque não tenha um *smartphone* nem um computador. Sua tarefa principal, segundo ele me conta, é administrar a cozinha e a casa.

Depois de almoçar, me aproximo de Beto, que está comendo na cozinha, em pé. Pergunto a ele sobre o fluxo de comunicação da Ninja. Entre uma garfada e outra, me explica que varia muito, dependendo de cada ação:

> não existe sub-editorias, a dinâmica da casa é mais complexa. Tem ações que são bem Ninja, caso de remoção de moradia, MTST, mas outras podem ser interessante sair como Casa Coletiva, Unicult (Universidade das culturas, braço de formação do FdE). Várias pessoas administram as páginas do Facebook, várias editam os textos do Oximity (plataforma de publicação utilizada no site do Ninja). Tudo é documentado coletivamente: quando inicia-se uma ação, cria-se um (*Google*) *Docs*, "uma Tec", um "compacto", que é como um roteiro da ação: o que vai ser feito, onde, fluxo de comunicação, etc. Isso é feito pra que qualquer um que pegue "o bonde andando" consiga se virar e saiba o que está acontecendo. Me lembro da cultura hacker e do *Request for comments*[235], a primeira ferramenta que vai definir o funcionamento da internet. Tudo é feito por várias mãos, os textos no docs, as fotos no Flickr, os *posts* no Oximity ou no Medium (outra plataforma[236] utilizada para publicação), as planilhas (docs), a edição de vídeo sempre passa por umas 16 mãos - enquanto Beto me conta isso Bárbara passa pela cozinha e faz uma afirmativo com a cabeça, "ô"; ela, no momento, terminava de editar um vídeo e 'sabia bem o que ele estava dizendo'(DC, 29/5/2015).

Sobre pautas extras, que fogem do dia a dia, Beto usa um exemplo que ajuda a entender o fluxo de trabalho para este tipo de ação: o caso das enchentes do Rio Acre, em Rio Branco e arredores, março de 2015. Ele diz que a prioridade nas coberturas pelo Brasil é

---

235 Era um documento que registrava as movimentações na construção da Arpanet, em 1969, uma das redes que originou a Internet que conhecemos hoje. Foi estabelecido por estudantes da Universidade da California Los Angeles (UCLA), para que, caso alguém fosse substituído ou tivesse que sair do projeto, qualquer pessoa que entrasse pudesse se achar no andamento do projeto. Hoje, é um tipo de publicação da Internet Engineering Task Force (IETF) e funciona como um memorando das alterações de padrões e protocolos na internet e outras redes a ela conectadas. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Request_for_Comments Acesso: 13. jun 2016

236 O *Medium* é uma plataforma de publicação na internet criada em 2012. O *Medium* da Mídia Ninja tem 7200 seguidores e se encontra no endereço https://medium.com/@MidiaNINJA/ Acesso em: 15 nov. 2016

valorizar os coletivos locais, usando-os para fazer o registro de determinado acontecimento e, a partir de então, espalhar pelos canais do grupo. "Até acho que a gente nem viaja muito, tentamos evitar deslocamentos muito grandes" (DC, 29/5/2016). Se há alguma pauta que o coletivo julga importante de cobrir em um lugar onde não há um coletivo ligado à rede FdE, nem um que não pertença a rede mas que já tenha feito alguma ação em parceria, então se dá um jeito de deslocar algum ninja para a região, em geral pago pelo caixa coletivo a partir do arranjo do *Banco*[237]. Foi o caso do Acre: como não havia coletivos por lá, um integrante da Mídia Ninja de São Paulo - Rafael Vilela, um dos "Ninja Originais"- foi para Rio Branco acompanhado da jornalista da Ponte[238], Laura Capriglione, que depois estaria nos jornalistas livres - ambos, na época, também faziam parte do coletivo *Conta D'Água*, já citado por aqui. Rafael fez as fotos, a jornalista, o texto. Como ela era colaboradora externa ao grupo, o texto não passou por muitas mãos, como costuma acontecer no fluxo de trabalho normal da Ninja, sendo publicado direto a partir do que ela enviou para a base. O mesmo ocorreu com as fotos, que neste caso foram tratadas pelo próprio Rafael, que também subiu a matéria no portal da Mídia Ninja, no *Medium* do *Conta D'Água* e nas redes sociais[239].

Beto conta que viagens como essa costumam implicar duas ações: fazer a cobertura em texto e foto propriamente dita e também a articulação com os coletivos locais - ele usa o termo "formação", e cita estes eventos de conversa com os grupos locais como parte da *tag* Unicult (Universidade das Culturas, também chamado de Universidade). "Há um processo de reportar o que está acontecendo mas também um processo político de articular com redes locais em busca de parcerias: jornalismo e articulação política, ao mesmo tempo, é uma tônica das nossas ações". (DC, 29/5/2016). No caso citado, o trabalho de formação ocorreu em um debate realizado no dia 5 de março sobre mídia alternativa, em Rio Branco, em que

---

237 Lara Guimarães (2016) escreve sobre gastos da Mídia Ninja em relação aos do Fora do Eixo. "Perguntei à Jasmine se existiam rubricas específicas para a Mídia Ninja nas planilhas dos projetos do FDE. Ela disse que havia um repasse indireto de recursos, via caixas coletivos. Nesse sentido, as rubricas relacionadas a recursos humanos iam para esses caixas, que gerenciavam a redistribuição dos recursos e, por conseguinte, os investimentos na Mídia Ninja. Os gastos com os Ninjas Originais eram basicamente os custos de manutenção da Casa Coletiva e de agenda. “Então, vai desde alimentação até transporte interestadual, municipal, etc. Coisas bem básicas de produção mesmo. Nada muito anormal pra além da manutenção dos equipamentos, etc”. (GUIMARÃES, 2016, p.69)

238 Veículo *online* jornalístico especializado em cobertura de assuntos de segurança pública, direitos humanos e justiça, parceiro frequente da Mídia Ninja. Site: http://ponte.org/

239 A matéria produzida no portal da Mídia Ninja está em: https://ninja.oximity.com/article/O-tsunami-fluvial-que-encanta-devasta-1. Na *Conta D'Água*, foram publicadas em 3 de março (http://bit.ly/2lVYv6k) e 4 de março (http://bit.ly/2kxHgLi). Há muitas postagens no Facebook do integrante da Ninja, Rafael Vilela, e do próprio coletivo entre 2 e 15 e março de 2015. Acesso: 30 nov. 2016

Rafael Vilela falou da Mídia Ninja e do projeto *Conta D'Água*. Em uma postagem de Rafael quatro dias depois, ele conta como um novo coletivo acabara de nascer na cidade: "o Coletivo Correnteza, diretamente das águas de Rio Branco, no Acre! Jornalistas, cineastas, fotógrafos e ativistas se organizam pra cobrir as pautas do Brasil profundo, da amazonia (sic) e todas suas contradições" (VILELA, 2015, *online*[240]).

Em uma entrevista realizada posteriormente à primeira saída de campo, Agatha S. Azevedo, integrante da Mídia Ninja que participou da Casa FdE Minas e, em 2016, fazia intercâmbio na Argentina, dá uma ideia de como funcionava este fluxo de comunicação para uma cobertura de manifestações nas ruas a partir de quem fica na base:

> A base é realmente a que tem este processo mais claro e sob controle, e exige um alinhamento de muitos fluxos, tanto de ter uma organização nos *chats*[241] específicos de foto ou de cada região, como o que vai ser postado a cada hora e de quanto em quanto tempo postaremos, para não *floodar* a página. Nisso, vamos desde enviar um vídeo ao *chat* de edição para "vinhetar" até reestruturar um texto, o adequando à forma do Ninja, passando por tratar fotos de colaboradores e ter 'nas mãos' o processo até a postagem. (AZEVEDO, 2016)

Lembremos da distinção já colocada aqui no Capítulo Quatro, entre ninjas de base e ninjas de rua, em que os que ficam na base geralmente estão nas casas FdE ou na de coletivos parceiros editando e publicando o conteúdo nas redes sociais. Agatha dá mais detalhes desse fluxo:

> Alguém sempre fica com o *streaming* aberto para reportar problemas, e a pessoa que está transmitindo avisa que 'vai entrar ao vivo' e abrimos o link, mas é secundário, essa pessoa vai escutando o *live* mas faz outras coisas também. Antes da cobertura, definimos quem vai editar vídeos e quem vai editar as fotos, e isso realmente varia conforme a cobertura, não é tão fixo para que todos saibam fazer tudo, e é possível também descentralizar, ou seja, que uma pessoa faça todo tipo de base a partir de uma cidade, para outra, ajudando na cobertura nacional. Quem vai estar fazendo as pontes para que as fotos e os melhores vídeos cheguem para os editores, como uma curadoria, que são os da base de redes, é que normalmente é mais fixo, pois o time de redes do Ninja está um pouco mais alinhado, porém sempre chegam novos colaboradores para esta função. As cobertura variam muito, a base menor que eu já estive foi de quatro fotógrafos, um *videomaker*, e eu fazendo os textos e a base (ou seja, subindo o conteúdo - mas cada fotógrafo conseguia tratar na rua mesmo suas próprias fotos). Neste sentido, eu postava direto, mas tinha também

---

240 Estes foram, pelo menos, os fatos que consegui rastrear, já que o trabalho de articulação política e formação de novos parceiros e coletivos se dá em muitas "conversas infinitas" que não tenho como, aqui, recuperar.

241 Os *chats* são grupos no *Telegram* com diversos integrantes da Mídia Ninja e do Fora do Eixo. Mais detalhes no próximo tópico deste capítulo.

> um respaldo e uma ajuda da base nacional, e caso eu necessitasse por falta de internet ou para acelerar, de alguém que editasse uma foto ou postasse algo, era só acionar no chat de BH, por exemplo, com um 'hey subindo fotos aqui, preciso de alguém para editá-las' ou um 'gente, não consegui subir, alguém pode subir este post?' que rapidamente alguém responderia e me ajudaria. (AZEVEDO, 2016)

A partir do que dizem Beto e Agatha, é possível perguntar: como e por onde se dá esta comunicação interna entre as diferentes pessoas, *softwares*, redes sociais, *docs* e *tags*? Uma dinâmica complexa como a estabelecida no coletivo necessita uma troca de informações rápidas e constantes, para que seus integrantes não se percam. A resposta a esta pergunta remete a ação um actante com ação bastante destacada pelo coletivo: o *Telegram.*

7.4.*Telegram*, ponto de passagem obrigatório

Enquanto me contava pela primeira vez como funcionava o fluxo de comunicação da Mídia Ninja, Beto estava em frente ao computador transitando entre várias janelas do *Telegram,* uma aplicação multiplataforma de trocas de mensagens instantâneas. "Aqui é o *espaço de mediação:* tudo é postado aqui antes e conversado, seja uma publicação no Facebook da Mídia Ninja, uma imagem no *Flickr*[242], um vídeo da Casa Coletiva" (DC, 28/05/2015). De um aviso que a mesa está posta para o almoço a uma fotografia de uma manifestação na rua, passando por rascunhos de postagens para serem publicadas nas redes sociais e organização de uma cobertura, todo tipo de informação circula pelos diversos grupos dentro do *Telegram*. Os grupos são *chats* que podem ter até 200 pessoas[243], criados de acordo com as divisões no FdE nacional e da Mídia Ninja, ou específico para coberturas, residências e ações com tempo de duração marcado. Há o grupo Ninja, Casa Coletiva, Casa FdE São Paulo, Casa das Redes (Brasília), entre pelo menos outros oito grupos[244] que Beto me mostrou em uma janela do *Telegram* - neste caso, uma versão da aplicação baixada para o *desktop* - aberta com múltiplas janelas à esquerda, de conversas pessoais e de conversas

242 Desenvolvido em 2004, o Flickr é um site comandado pelo Yahoo que oferece serviço de hospedagem e compartilhamento de fotos. O endereço da conta da Mídia Ninja neste espaço é https://www.flickr.com/photos/midianinja/ Acesso em: 29 nov. 2016

243 Grupos para 200 membros podem ser convertidos para "supergrupos", que podem ter até 5000 pessoas. Fonte: https://telegram.org/faq Acesso em: 27 nov. 2016

244 Em entrevista, Agatha riu quando perguntei se alguém que fica na base chega a ficar com uns 10 *chats* de grupos aberto. "10 chats é *basic one*. Eu devo ter mais ou menos isso, e tô mais afastada, na Argentina" (AZEVEDO, 2016)

de grupos. Ele entrou em um desses grupos, *(rascunho) Ninja*, e me mostrou o fluxo de conversas. Eram mensagens de várias pessoas, o que fazia com que as notificações de novas mensagens não parassem enquanto ele conversava comigo. "'Aqui postamos os textos e subimos as fotos primeiro'. Estava escrito em uma das conversas que consegui ler: "dá pra postar?", seguido de uma resposta quase simultânea: "posta, nas duas páginas" (DC, 28/05/2015).

A importância do *Telegram* como *mediador* das conversas da Mídia Ninja e da Casa Coletiva foi percebida no uso contínuo que todos os integrantes da Casa Coletiva - à exceção de Carlos, que não tem computador nem celular - fazem do *software*. Patrícia, que é quem mais organiza as compras, a manutenção dos equipamentos e o gerenciamento financeiro do caixa coletivo na casa do Rio de Janeiro, esteve em quase todos os momentos que a vi com o computador aberto no *software*, ou em frente à tela do aplicativo no celular. Joana, Bárbara e Fabrício, os que saíam mais vezes para coberturas de pautas na rua no Rio de Janeiro enquanto lá estive, usam constantemente o aplicativo em seus *smartphones* para a comunicação interna. Artur, enquanto está na casa ou no trânsito, também. Na vivência *Outros Carnavales*, a ação do *Telegram* como mediador também era bastante destacada. Da "pauta do dia" no início da manhã aos avisos de refeições na mesa, passando por imagens enviadas da cobertura dos blocos de carnaval (que depois, em alguns casos, eram publicadas diretamente nas redes da Mídia Ninja), versões prévias de vídeos em edição, legendas de fotos a serem publicadas no *Medium* específico do projeto[245], tudo passava pelo chat "Vivência #OutrosCarnavais". Todos os integrantes da vivência lá estavam, assim como alguns moradores permanentes da Casa FdE SP.

A partir destas informações é possível considerar que a comunicação interna entre as diferentes pessoas, *softwares*, *docs* e *tags* se dá, principalmente, e nos momentos analisados, a partir do *Telegram*. É por ali que são organizados os diversos fluxos que percorrem as ações da Mídia Ninja, do Fora do Eixo e das casas coletivas onde os "Ninjas Originais" vivem. O *software*, então, torna-se um *ponto de passagem obrigatório*, designação usada na TAR que define um ponto específico em uma rede através do qual um número

245 Disponível em: https://medium.com/@otroscarnavales Acesso: 22 nov. 2016

significante de outros atores passam por ele (LATOUR, 2000; HEMMINGWAY, 2007, p.42). Por estar conectado com tudo, ele age tanto como um facilitador tecnológico, na medida em que une todos os actantes em um único espaço de mediação, quanto como um *gatekeeper, o* "porteiro" que recebe o que vai ser publicado (seja imagem, vídeo ou texto) e, em conjunto com outros atores em sua interface, define o que e onde esta informação vai ser veiculada.

Por conta da visibilidade de sua agência, são necessários alguns parágrafos para descrever seu funcionamento.



Figura 11: Interface do *Telegram*. Fonte: Site *Frandroid*[246]

Podemos caracterizar inicialmente o *Telegram* como uma aplicação multiplataforma de trocas de mensagens instantâneas. Mas se essa definição não diz nada, um pouco mais de detalhes ajuda: trata-se de um *software*, baseado em um protocolo de troca de mensagens

246 Endereço: http://www.frandroid.com/android/applications/330270_7-applications-messagerie instantanee Acesso em: 14. nov. 2016

chamado *MTProto* (Protocolo de transporte móvil), que suporta o tráfego de diferentes tipos de arquivos e é multiplataforma - ou seja, funciona em computadores *notebooks* e desktops e em *smartphones*. Este protocolo foi estabelecido pelo matemático russo Nikolai Durov, financiado por seu irmão Pavel Durov - ambos fundadores do VK[247], o maior site de rede social da Rússia - enquanto trabalhavam secretamente para a *startup* dos Estados Unidos *Digital Fortress*, que foi extinta. Depois de alguns meses de funcionamento privado, o *Telegram* foi lançado ao público geral em 14 de agosto de 2013, tendo, em fevereiro de 2016, 100 milhões de usuários[248].

Um serviço de troca de mensagens funciona da seguinte forma: um usuário escreve em um espaço em branco (um formulário) - seja na aplicação web, desktop ou *smartphone*; esse texto passa por diferentes computadores até chegar a um que hospeda o website (ou os dados do aplicativo), chamado servidor. Todos esses computadores são capazes de ler a informação enviada (seja texto, foto, vídeo), e para evitar que isso aconteça existe a criptografia, um modo de cifrar essas mensagens. A partir de 2013, com as revelações de Edward Snowden sobre a espionagem da NSA (sigla em inglês para Agência Nacional de Segurança) em diversas empresas e governos pelo mundo, intensificou-se um tipo de criptografia chamado ponta a ponta, que cifra as mensagens não apenas durante o tráfego entre os diversos computadores, mas também logo depois que a mensagem é remetida, antes de serem enviadas ao servidor[249].

O *Telegram* é uma das empresas que surgiram após 2013 desenvolvendo um mensageiro instantâneo que criptografasse as mensagens de ponta a ponta - a outra empresa é a *Text Secure*, que deu origem ao *Signal*, outra aplicação desse tipo[250]. Por permitir a troca de mensagens protegidas por criptografias que podem ser destruídas de

---

247 Site: https://vk.com/

248 Segundo dados do blog oficial da aplicação: https://telegram.org/blog/100-million Acesso em: 15 out. 2016

249 Com informações de http://motherboard.vice.com/pt_br/read/whatsapp-telegram-ou-signal-qual-e-o-app-de-mensagens-mais-seguro Acesso em: 23 nov. 2016

250 "Propriamente o *Textsecure* foi lançado em 2011 como aplicativo para Android de envio de SMS seguro, mas foi em março de 2014 que a empresa que o desenvolve, *Open WhisperSystems*, anunciou a possibilidade de envio de mensagens via web em seu aplicativo. Um ano depois, o *app* seria rebatizado de *Signal* depois de uma série de importantes mudanças: chamada de áudio criptografada em tempo real, versão para iOS e a remoção da possibilidade de comunicação via SMS" (Fonte: http://motherboard.vice.com/pt_br/read/whatsapp-telegram-ou-signal-qual-e-o-app-de-mensagens-mais-seguro). O *Signal* está disponível para sistemas iOS e Android e tem uma versão desktop, mas não funciona como aplicação web. Mais informações em: https://whispersystems.org/blog/signal/

acordo com o usuário, o *Telegram* teve seu uso inicial adotado por ativistas do *software* livre e da privacidade na rede, além daqueles que queriam usar um serviço que não fosse vinculado ao Facebook, caso do *WhatsApp*, a aplicação de troca de mensagens instantâneas mais utilizada no mundo, com cerca de 1 bilhão de usuários, segundo dados de fevereiro de 2016[251]. O *Telegram* está disponível para *download* oficial em dispositivos móveis nos sistemas *Android*, *iOS*, *Windows Phone* e *Firefox OS*, além de haver uma aplicação que pode ser baixada para computadores desktop (é o caso da que Beto usava) e uma aplicação web, que funciona em qualquer navegador de internet, bastando entrar em seu endereço (*http://web.telegram.org*) e cadastrar um número de celular e uma senha.

Outras diferenças do *Telegram* para aplicativos multiplataformas de trocas de mensagens instantâneas passam por seu protocolo *MTProto*, diferente do XMPP (em inglês, *Extensible Messaging and Presence Protocol*), que é o mais conhecido e utilizado para serviços de trocas de mensagens como o *WhatsApp*, o *Facebook Messenger* e o *Jabber*. Esse protocolo, por ser desenvolvido somente para o *Telegram*, é apontado como menos seguro do que o XMPP, que é o mais conhecido e utilizado para serviços de trocas de mensagens, tendo seu código aberto e documentado desde seu desenvolvimento, em 1998[252]. O *Telegram* também fornece maior armazenamento em sua nuvem[253], até o limite de 1,5 GB de tamanho, seja foto, vídeo ou texto; suporta diferentes formatos de arquivos, até compactados (em formatos *rar*), e exibe vídeos, imagens e *gifs* no próprio aplicativo, a partir de um *player* embutido, o que exime a necessidade de sair da aplicação para assistir um

---

251 Dados publicados no próprio blog do WhatsApp (https://blog.whatsapp.com/616/Um-bilh%C3%A3o?), a partir de um post no Facebook de Mark Zuckerberg, no dia 1 de fevereiro (http://bit.ly/2lVSBSC), reproduzido em matérias jornalísticas mundo afora, como no Brasil (http://glo.bo/1RFqOgn). Acesso em: 30 nov. 2016.

252 Em um teste de segurança realizado pela *Eletronic Frontier Foundation* em 2015*,* organização ativista que defende a liberdade e a privacidade na rede, dá nota 4, de no máximo 7, em seu índice de segurança de informação para o chat padrão do *Telegram.* Só a conversa criptografada que se auto destrói em um tempo determinado é que ganhou ganha nota 7. Como paralelo, o WhatsApp ganha nota 2 - isso antes deste aplicativo anunciar, em abril deste ano, que todas suas mensagens passaram a ser criptografadas de ponta a ponta. No *Telegram*, a aplicação que leva a mensagem do cliente ao servidor foi escrita em código aberto, o que significa que todos podem acessar o código-fonte, enquanto os servidores que armazenam as mensagens utilizam *softwares* fechados para armazenar os dados. Essa questão, somado a opções chamadas "pouco ortodoxas" na hora de criptografar as mensagens, faz com que muitos apontem que a criptografia do *Telegram* não é tão segura assim quanto parece, já que as escolhas pouco ortodoxas nos usos de primitivas criptográficas têm sido contestadas porque, quando se trata de segurança, é melhor usar o que foi suficientemente escrutinado pela comunidade e pela academia. Há uma longa controvérsia sobre esta questão; quem quiser adentrar a ela, sugiro começar por aqui: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160406_whatsapp_criptografia_cc Acesso: 30 nov. 2016

253 Nuvem está aqui colocada como a utilização da memória e da capacidade de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da internet.

vídeo enviado de uma manifestação, por exemplo - características não encontradas no *WhatsApp* ou no *Facebook Messenger*, por exemplo. Outra característica exclusiva do *Telegram* são os já citados grupos de até 200 pessoas, que funcionam sem moderadores - ou seja, sem uma pessoa a gerenciar quem entra e quem sai do grupo, por exemplo - e os supergrupos de até 5000 pessoas, enquanto o *WhatsApp* permite grupo de até 256 pessoas; a interação com *bots*, *softwares* programados para agir de acordo com os comandos enviados e que se comportam como usuários, buscando imagens, fazendo enquetes e respondendo questões em determinados grupos. Havia, ainda, a percepção por parte de muitos usuários, inclusive os integrantes da Mídia Ninja, de que *Telegram* envia mensagens de maneira mais rápida do que outros aplicativos semelhantes, embora não haja testes conclusivos sobre essa percepção[254].

Antes que esse trecho da tese possa parecer uma propaganda de um aplicativo ou uma mera descrição de suas funções e diferenças em relação a outros semelhantes, cabe voltar a análise e perguntar: como actante, o que o *Telegram* faz fazer na Mídia Ninja? Como um ponto obrigatório de passagem, qual diferença ele exerce no processo de produção de informação? Responder essas perguntas é o objetivo do próximo tópico.

7.5. Uma redação na nuvem

Uma pista para buscar respostas às perguntas anteriores nos chega a partir da entrevista realizada depois do trabalho de campo com Cláudia Schulz, integrante da rede Fora do Eixo desde 2008 e hoje ativa na rede e na Mídia Ninja a partir do Rio de Janeiro. Cláudia fez parte da Casa Fora do Eixo Sul, com sede em Porto Alegre, espaço que foi ativo na cobertura das manifestações em junho de 2013. Quando perguntada sobre como funciona o fluxo de comunicação da Ninja em um local sem uma Casa FdE, caso de Porto Alegre em 2016, ela respondeu:

---

254 Há ainda outras diferenças, como os *stickers*, espécie de *emoticons* mais elaborados, feitos a partir de imagens quaisquer (memes, filmes, personalidades públicas ou qualquer pessoa); a possibilidade de adicionar um contato sem precisar do número de telefone, bastando saber o nome de usuário; e a de criar canais unidirecionais, em que uma mídia divulga informações, caso do próprio criado pela Mídia Ninja em meados de 2014 e que, em dezembro de 2016, tinha 4878 membros (disponível em http://telegram.org/midianinja). Para mais informações, https://pt.wikipedia.org/wiki/Telegram_%28aplicativo%29 Acesso: 30 nov. 2016

> Hoje em dia já não existe mais a necessidade de um espaço físico. *Estamos na nuvem*. Um chat de *Telegram* basta para qualquer articulação. Atualmente temos um chat de *Telegram* com 49 pessoas, sendo elas de diversas cidades do RS, Paraná e Santa Catarina + equipe nacional que pode estar em qualquer lugar do país operando postagens e acompanhando o fluxo de produção de conteúdo e cobertura. Logicamente que há uma curadoria do material que é publicado, um cuidado com as informações, tratamento de fotos (quando possível). Essa equipe no chat já é uma equipe orgânica, começaram como colaboradores e hoje, pela sua caminhada e comprometimento, dedicação, estão legitimados no processo todo (SCHULZ, 2016).

A partir de Schulz, podemos dizer que a primeira diferença produzida é a da não-necessidade de existência de um espaço físico para se produzir relatos de acontecimentos pela Mídia Ninja. Tendo o FdE se espalhado em diversos lugares do Brasil, e a Ninja se estabelecido como uma rede própria - ainda que dependente do Fora do Eixo - a partir de 2013, o *status* em 2016 é que um *chat* de *Telegram* em uma determinada região já é suficiente para manter a cobertura de acontecimentos nesse local. Nele, colaboradores enviam fotos, textos e vídeos, conversam sobre a cobertura, e a partir daí alguns publicam nos sites de redes sociais da Mídia Ninja - em geral, são os Ninjas Originais que fazem isso mas não só - ou replicam informações em suas próprias redes.

A questão aqui, vale esclarecer, não é necessariamente a aplicação em si criada pelos irmãos Durov, que, embora tenha suas especificidades, pode vir a ser substituído em outro momento por algum outro actante que possa ser mais efetivo para o que a Mídia Ninja se propõe, como já aconteceu anteriormente com outros aplicativos de troca de mensagens, como *WhatsApp* e o *Facebook Messenger*, suplantados pelo *Telegram* e ainda usados em menor escala[255]. A questão é o que ele *faz fazer*, as diversas relações e movimentos que o *Telegram*, com suas características, põe em caixa-preta - a existência de um espaço físico para jornalistas e fotógrafos se encontrarem, trocarem e informações e se conhecerem; uma outra página web para subir os materiais e enviá-los para a publicação em sites de redes sociais; um *preview* daquilo que foi publicado em outras redes sem precisar sair da mesma aplicação, o que faz diferença quando se está em coberturas de intensa movimentação e confronto como as de manifestações nas ruas. Todas essas ações simultâneas são *encaixapretadas* por um único elemento, que assim sai fortalecido como ator imprescindível no momento datado desta investigação. Lembremos de Callon e Latour: quanto mais

255 Fala de Beto registrada no diário de campo: "No interior tá muito forte o *WhatsApp* ainda, o facebook menos. Semana passada fui ao Pará (pauta sobre os Mundacurús, tribo indígena no sul do Pará) pra estruturar a comunicação lá, e 100% tinha *Whatsapp* e 80% Facebook, então foi tudo pelo *WhatsApp*" (DC, 29/5/2016).

elementos alguém coloca em caixas-pretas - modos de pensamento, hábitos, forças e objetos - mais ampla a construção pode se tornar" (CALLON & LATOUR, 1981, p.285).

Um outro movimento que precisamos fazer aqui, simultâneo ao de apontar as diferenças, é o de situar o *Telegram* como parte de uma rede, concatenado com outros actantes que também *fazem fazer*, para fugir do discurso materialista de que ele possa, sozinho, fazer alguma coisa. Como aponta Lemos, mesmos sites de redes sociais como o Facebook e o Twitter "não podem ser explicados por um enquadramento genérico, mas apenas pela dinâmica das associações geradas em determinados momentos" (LEMOS, 2013, p.57)". Não podemos dizer que, por exemplo, o Twitter, por ter sido um elemento importante de mobilização na Primavera Árabe, terá necessariamente a mesma função política em outro contexto (LEMOS, 2013, p.57).

Assim se passa com o *Telegram*: não podemos dizer que ele, necessariamente, põe em caixa-preta diversos elementos e é um facilitador tecnológico que basta para uma cobertura de acontecimentos em qualquer lugar, por qualquer pessoa ou coletivo. Podemos dizer, sim, que isso acontece com o *Telegram* na Mídia Ninja, na composição formada pela aplicação aliada a diversos outros actantes - "Ninjas Originais", "Ninjas Colaboradores", sites de redes sociais, *softwares* de edição de fotografia, documentos de escritas colaborativas (*Docs*). Em conjunto com outros atores em situações diferentes da aqui descrita, ele pode não ser um mediador, mas um intermediário que não modifica nada; só investigando-o nesses outros contextos para saber.

Uma última questão sobre esta composição pode ser, por fim, formulada. Se assim como vimos em Latour (1994b), a Mídia Ninja se torna diferente com o uso do *Telegram*, e o *Telegram* se torna diferente com a Mídia Ninja, como podemos chamar esse novo conjunto de actantes mobilizados na ação do coletivo? Que nome dar a essa rede formada por ambos? Aqui, podemos evocar a imaginação e usar uma metáfora para retornarmos ao jornalismo: esta rede de actantes é como uma *redação na nuvem*. Nela, ocorre o que acontece em uma redação jornalística física, onde jornalistas, fotógrafos e editores trocam informações, registram acontecimentos em textos, fotos e vídeos, em um lugar específico na nuvem, aqui entendida como o lugar comum acessado por diferentes meios, seja uma aplicação web, um aplicativo de *smartphone* ou um programa instalado em um computador. A

redação na nuvem é o espaço coletivo de decisão, de informação, de conhecimento - uns dos outros e do que vai ser publicado - de articulação, de ver e mostrar coisas, tudo ao mesmo tempo agora.

7.6. Considerações finais do capítulo

Como é possível perceber, a Mídia Ninja é uma rede que se liga a diversas outras redes, por sua vez relacionadas principalmente ao Fora do Eixo, rede que deu origem e que ainda é aquela que dá sustentação aos integrantes mais ativos do coletivo, os "Ninjas Originais", que vivem nas casas da rede espalhadas pelo Brasil, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Por conta disso foi necessário dizer, nas páginas anteriores, mesmo que brevemente, como estas outras redes se constituem, estabelecidas a partir das quatro frentes citadas (universidade, banco, partido, mídia), cujos fluxos de trabalho se cruzam em diversos momentos, especialmente no dia-a-dia das casas coletivas. A proposta deste capítulo, ressaltada desde o início, foi o de conhecer melhor a rede constituída em torno da Mídia Ninja, seus espaços de produção e alguns de seus actantes, o que espero ter cumprido até aqui.

Sistematizo as considerações finais neste capítulo a partir de duas características principais do fluxo de comunicação da Mídia Ninja. A organização meio fixa, meio volátil de trabalho do coletivo é um primeiro ponto. As bases, espalhadas pelas casas do FdE Brasil afora, são grupos de pessoas e objetos aliados no objetivo da produzir informação sobre acontecimentos em diversas partes do Brasil. Os "Ninjas Originais" são os que mais têm envolvimento nas ações do dia a dia da Mídia Ninja, organizando coberturas, produzindo postagens em sites de redes sociais e nos diferentes sítios web do coletivo, sendo, assim, os com maior poder de decisão sobre o que é publicado ou não. Por sua vez, esses ninjas estão alocados nas casas coletivas do Fora do Eixo e, portanto, também têm responsabilidades com esta outra rede, o que faz com que suas ações se dividam em diversas outras (de formação, articulação política, gestão). Uma das expressões que Pablo Capilé utiliza para explicar o Fora do Eixo demonstra bem como estas redes se cruzam e entrecruzam a todo momento: "all in", tudo dentro". Outra expressão eloquente usada por ele é "fazer o 360 da babilônia". Esta, por sua vez, como explica Savazoni (2014) significa dar a volta completa em

todas as estruturas vigentes, empresas, universidades, ONGs, movimentos sociais, partidos, etc" (SAVAZONI, 2014, p.114).

Já a parte volátil da organização da Mídia Ninja é estabelecida a partir do que se chamou aqui de "Ninjas Colaboradores", pessoas com diferentes graus de envolvimento com o coletivo, que podem variar entre aqueles que realizam imagens e vídeos de apenas uma manifestação na rua até de vários eventos e durante um largo período de tempo. Nesse aspecto, a aliança com actantes como o *Telegram* é fundamental para que esta organização funcione e a "redação na nuvem" se estabeleça, de forma a conectar os colaboradores com os integrantes que vivem nas casas FdE - ser, em suma, um *ponto de passagem obrigatório* para a veiculação de informações nas diversas redes sociais e portais da Ninja.

As consequências desse arranjo da Mídia Ninja para a comunicação e o jornalismo são trabalhadas nas considerações finais dessa tese, quando me proponho fazer um movimento de saída da rede para, então, ver o que ela traz de importante para estas áreas.

8. PARTE III: SAINDO DA REDE

> *A mim parece curioso, para não dizer obsceno e plenamente aterrador, que possa ocorrer a uma associação de seres humanos reunidos pela necessidade e pelo acaso, e pelo lucro, em uma companhia, um órgão de jornalismo, sondar intimamente as vidas de um grupo de seres humanos indefesos e assustadoramente feridos, uma família rural ignorante e desamparada, com o objetivo de fazer desfilar a nudez, o desfavorecimento e a humilhação dessas vidas diante de um outro grupo de seres humanos, em nome da ciência, do 'jornalismo honesto' (seja o que for que esse paradoxo signifique), da humanidade, do destemor social, por dinheiro e uma reputação de cruzados e de observadores objetivos que, quando especificada com suficiente habilidade, em qualquer banco se troca por dinheiro (...), e que essas pessoas possam ser capazes de considerar essa perspectiva sem a mais ligeira dúvida de sua qualificação para realizar uma obra 'honesta', e com a consciência mais que tranquila, e com a virtual certeza de quase unânime aprovação pública* (James Agee e Walker Evans, Elogiemos os Homens ilustres, 2009, p.25-26).

Nos últimos dois capítulos, estive a acompanhar o traçado da rede da Mídia Ninja em alguns momentos de 2013 a 2015, observados no trabalho de campo e a partir de documentação e entrevistas realizadas. O objetivo foi o de descrever rotinas e prestar atenção a alguns elementos do dia-a-dia, o que incluiu alguns objetos que fizeram outros *fazerem coisas* e, em alguns casos, foram esquecidos e convertidos em *caixas-pretas.* Foi possível perceber que o *TwitCasting*, por exemplo, determinou certas características ao tipo de cobertura realizada naquele momento, sintetizadas na expressão "alta fidelidade, baixa resolução" usada pelo coletivo como *slogan* de seu trabalho naquele período. Notei também que o arranjo informal, instável e fluído que a Mídia Ninja se institui possui alguns elementos mais fixos do que outros, os Ninjas Originais em relação aos Ninjas Colaboradores, e da aliança desses dois com objetos, como o *Telegram*, resultou em uma organização híbrida, sem divisões estabelecidas por profissão, e que eliminam a necessidade de existência de um espaço físico. Estabelece-se, como escrevi no capítulo anterior, uma "redação na nuvem" - uma nuvem coletiva, composta de diversos actantes, mediadores e intermediários, flexível e reticular como as redes sociais e a própria internet.

Nesta última parte da tese, proponho então um movimento de saída desta rede para ver o que dela se leva para as redes acadêmicas do jornalismo e da comunicação. Organizo esse deslocamento em três pontos: o **primeiro** trata de sistematizar algumas características da Mídia Ninja e descrever o que ocorreu desde que saí da vivência cotidiana com a Mídia

Ninja, em fevereiro de 2016. O objeto dessa pesquisa movimentou-se consideravelmente em 2016, como de resto todo o espectro político-partidário institucional e econômico brasileiro, de modo que é inevitável tentar aqui, mesmo que brevemente, contar um pouco do que passou nesse ano turbulento. O **segundo** procura rever as hipóteses apresentadas na introdução desta tese e ver se elas se confirmaram ou não. Interessa principalmente notar como elas foram refutadas ou afirmadas, e o que isso pode trazer para a pesquisa acadêmica nas áreas citadas. Por fim, o **terceiro** movimento consiste em organizar cenários futuros para continuidades de investigação. Busco apontar caminhos a partir do que aqui foi trabalhado e pincelar alguns temas que não puderam ser discutidos aqui com a profundidade que requerem, como é o caso da questão da objetividade, tema fundamental para a pesquisa científica de qualquer época.

8.1. Tudo se transforma: 2016, e depois?

Os meses que se seguiram ao trabalho de campo que realizei com a Mídia Ninja foram dos mais cheios de ações de grande repercussão popular das últimas décadas no Brasil: foi, sobretudo, um ano de *impeachment*. Março teve, no dia 4, o caso da condução coercitiva do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, um procedimento jurídico polêmico que obrigou o chefe do governo brasileiro entre 2003 e 2011 a prestar depoimento no âmbito da 24º fase da operação Lava Jato, comandada pelo juiz Sérgio Moro - e pôs Lula na capa dos jornais e como destaque em todas as redes de televisão[256]. Nove dias depois, o domingo 13 de março seria palco para as maiores manifestações do ano a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff no ano, exagerada por jornais como O Estado de São Paulo como a "maior da história do país"[257]. Na sexta-feira seguinte, 18, milhares de pessoas saem às ruas, nas cinco regiões brasileiras, para defender a ex-presidente e se manifestar contra o

256 Sobre o papel dos veículos jornalísticos tradicionais neste período, ver este texto do coletivo Intervozes: http://bit.ly/2kxDr96 Acesso: 14 dez. 2016

257 Fonte: O Estado De S. Paulo (http://bit.ly/1TLiKkE). A Revista Época (http://glo.bo/22b49Uu) contabiliza 3,3 milhões de pessoas, em cerca de 250 cidades das cinco regiões do país, que foram as ruas de verde-amarelo para pedir a saída da agora ex-presidenta. Dado a apoio dessas publicações e da Polícia Militar (que faz a contagem de pessoas) às manifestações, fica difícil saber se estes dados estão corretos. Acesso: 14 dez. 2016

impeachment, em uma manifestação menor que a do dia 13[258]. Ambos os eventos tiveram ampla divulgação e disputa, nas ruas e nas redes, e serviram de preparativos para o histórico domingo, 17 de abril, em que a Câmara dos Deputados aprovou a abertura do processo de impedimento contra a presidente eleita, em um dia em que milhões de brasileiros acompanharam a votação ao vivo pela televisão, inclusive nos canais abertos.

Em um cenário de disputa acirrada contra e a favor do impeachment (ou golpe, para alguns[259]), a Mídia Ninja apareceu com destaque fazendo aquilo que a popularizou: cobertura de manifestações nas ruas. Com a experiência acumulada desde 2013 até então, trouxe informações sobre os acontecimentos em boa parte das cidades brasileiras, valendo-se da organização já estabelecida entre Ninjas Originais e Ninjas Colaboradores para publicar relatos em textos, fotos, vídeos, ao vivo, nas redes sociais, em seu portal e em outros sites de colaboradores. Como nas eleições de 2014, o coletivo assumiu seu lado a favor do governo da então presidente Dilma, e deste ponto de vista tornou-se, ao lado dos Jornalistas Livres, a principal rede de divulgação de informação sobre as manifestações contrárias ao impeachment, com centenas de postagens diárias[260] em seu perfil nos sites Facebook e Twitter.

Em conversas informais ao longo de 2016, percebi que para muitas pessoas que não acompanhavam diretamente o trabalho da Mídia Ninja como eu, março de 2016 foi o período em que o coletivo "voltou ao jogo", ganhando destaque igual ou maior que em junho e julho de 2013. Uma semana depois da confirmação da retirada da presidente Dilma Rousseff do cargo em votação no Senado, no dia 29 de agosto, a própria Mídia Ninja publica, em seu portal, uma notícia que efetiva essa percepção: "Mídia NINJA ultrapassa Veja, Folha, Estadão e O Globo em engajamento no Facebook[261]". Mesmo tendo, no total, menor número de "curtidas" total do que os veículos acima citados, 1,1 milhão da Ninja para 6,7 milhões da Veja, 5,7 milhões da Folha e 4,89 milhões de O Globo, na prática a Mídia Ninja teve mais interação com as pessoas - o engajamento aqui se refere a soma das curtidas, dos

---

258 Fonte: http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/18/manifestacoes-pro-governo-acontecem-em-24-estados-e-distrito-federal.htm Acesso: 16 dez. 2016

259 Uma discussão que invadiu a conversa de milhões no Brasil. Para uma análise político-jurídica da situação, ver este texto da professora de Ester Rizzi: http://bit.ly/2ls3PAU Acesso em: 10 dez. 2016

260 Acompanhei as postagens de um dia da Mídia Ninja no Facebook, 31 de março: foram 198 publicaçẽos, entre imagens, vídeos, textos e "ao vivo" de manifestações contra o Impeachment no Brasil e em diversos lugares do mundo, como Lisboa, Paris e Berlim.

261 Disponível em: https://ninja.oximity.com/article/M%C3%ADdia-NINJA-ultrapassa-Veja-Folha-1 Acesso em: 15 out. 2016

comentários e dos compartilhamentos dos usuários na rede social, para ficar em uma definição do próprio Facebook[262].

O coletivo atribuiu o amplo engajamento da página a sua maneira de se organizar, descrita nos capítulos anteriores desta tese:

> A mídia NINJA é formada por centenas de comunicadores espalhados por todo país: ativistas da mídia independente (também conhecidos como midialivristas) que se dedicam, com diferentes níveis de conhecimento, a produzir e distribuir informações de forma livre para o público. Fotógrafos, videomakers, designers, social medias, estudantes, jornalistas, militantes e cidadãos comuns. As “redações” ou bases nas principais cidades do Brasil se organizam em casas coletivas, onde parte desses comunicadores vivem e trabalham – em um modelo organizativo que se afasta da formalidade fria e asséptica das grandes empresas. São as Casas Fora do Eixo, formadas a partir de meados de 2005 e marcadas inicialmente por uma ação focada na cultura, hoje configuram verdadeiros *bunkers* de ativismo e comunicação independente no país (MÍDIA NINJA, 2016, *online*).

Apesar de todas as ações desse (in) tenso 2016, até dezembro as atividades na Mídia Ninja continuavam de modo semelhante ao descrito neste trabalho: muitas postagens por dia nas redes sociais - Twitter, Facebook e Instagram -, um maior uso do portal para veiculação de textos desenvolvidos dentro do coletivo, ou compartilhamento de textos de outros lugares. Em 15 de dezembro, a divulgação de uma chamada[263] para um Edital de Vivências em 2017 (Redes Sociais, Redação/Jornalismo, Audiovisual, Fotografia e Design) nas casas do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília dava conta de que a rede continua a se movimentar, e neste movimento se transformar em alguma coisa que, por ora, não há como saber.

8.2. Objetos atuam, às vezes são mediadores

A primeira hipótese proposta nesta tese foi feita a partir da ideia de que a ação humana – portanto, também a ação comunicativa - não pode ser compreendida sem levar em conta as materialidades e as tecnologias. Formulei-a no tópico 1, "Procurando uma Entrada", assim: "os objetos técnicos são constitutivos da ação da Mídia Ninja, e, portanto, devem ser levados

262 O engajamento é uma métrica bastante utilizada para plataformas digitais medir a reação das pessoas a seus conteúdos e serviços. Alguns elementos que o compõe são descritos pela empresa criadora da rede social neste texto: http://bit.ly/2lrXW67 Acesso: 11. dez. 2016. A discussão sobre o modo como é construído a ideia de engajamento no Facebook renderia outra tese. Que de fato foi feita, no mesmo período desta, por meu colega de doutorado no PPGCOM Willian Fernandes Araújo, que aponta o engajamento como um programa de ação, nos termos da TAR, do Facebook e faz uma crítica à racionalidade prescrita nessa noção.

263 Disponível em: http://unicult.org/VivenciaNINJA2017/ Acesso em: 16 dez. 2016

em conta no processo de investigação das múltiplas mediações que ocorrem na sua ação de produção de informações". Para confirmá-la, procurei me ater à descrição dos actantes mobilizados na ação nos momentos listados, e dentre os actantes alguns objetos que consegui mapear e detalhar. Levei em consideração o fato de que há muitos objetos que rodeiam os locais onde se produzem as postagens com fotos, vídeos e textos elaborados pelo coletivo, e que não há como identificar a ação de todos eles, mas a de alguns *mediadores* que deixaram rastros suficientes para serem retraçados.

Na parte II da tese, o *TwitCasting* foi o primeiro mediador técnico identificado. A partir da descrição do funcionamento e de um breve histórico dos serviços de transmissão ao vivo pela internet, foi possível perceber a sua ação na rede de transmissão ao vivo da Mídia Ninja em 17 de junho e 22 de julho de 2013. Uma ação que, somada a de outros actantes como os integrantes do coletivo, os *smartphones* com o *software* e os sites de redes sociais, determinou as características da produção de imagens que circularam pelo Brasil e tiveram papel importante na libertação da prisão de dois ninjas e de um ativista, no caso do dia 22 de julho. Esses actantes em ação formaram uma rede que produziu *diferença*, fizeram outros fazerem coisas, e dessa combinação resultou também a grande visibilidade da cobertura da Mídia Ninja dos acontecimentos daquele período em comparação a outras pessoas, coletivos e empresas que também estiveram nos mesmos acontecimentos.

Se algum dos elementos citados não estivessem enredados, as ações descritas seriam diferentes? É certo que sim, mas de que maneira teriam se dado é algo que só exercitando a imaginação para saber. A Mídia Ninja teria o alcance que teve caso empregasse uma aplicação diferente do *TwitCasting*? Também a resposta pode ser positiva, caso a rede de internet tivesse velocidade o suficiente para a circulação de dados por outros *softwares* que funcionassem com maior resolução de imagem e som. Será que a crítica que muitos autores fizeram à TAR, apresentada brevemente na primeira parte desta tese, sobre sua limitação em captar de modo adequado as relações de poder, em especial as nuances do papel dos agentes humanos, poderia ser aplicada aqui também, dizendo que mais do que o objeto, quem importou nas ações descritas em junho de 2013 e julho de 2013 foram os ninjas? Ou então, fez *mais* diferença o modo de se organizar, a partir da rede do Fora do Eixo, das casas coletivas, das gambiarras, xepas e do modo de vida que não divide trabalho e profissão, o que em alguns momentos podem ser interpretados como uma certa forma de

exploração, como nas críticas ao FdE que se seguiram após o programa Roda Viva? É, por fim, viável dizer que a TAR, embora seja uma boa lente para trazer os agentes não-humanos ao palco da ação nas mediações ocorridas no mundo, falha em descrever as agências humanas e buscar entender a continuidade à longo prazo das redes de poder estabelecidas nas análises de mídia, como aponta Couldry (2008)?

A partir desta investigação, busco responder as questões a partir de dois aspectos. O primeiro é dizer "sim" a todas as perguntas: com isso,procuro esclarecer que talvez a forma com que a TAR tenha sido performada por mim, enquanto teoria e referencial metodológico, tenha falhado em captar as nuances da agência humana na Mídia Ninja. Falhado em perceber, por exemplo, como a organização das casas coletivas, a disciplina com que os integrantes do coletivo exercem suas funções (na Mídia Ninja e no Fora do Eixo) e o modo de vida coletivo podem ter sido os principais responsáveis pelo tamanho que a rede adquiriu no Brasil e na América Latina de 2013 para cá. Talvez por esse caminho conseguiria responder como a Mídia Ninja e o Fora do Eixo sobreviverão em um cenário bastante diferente daquele em que se consolidaram: saem as políticas culturais de valorização da diversidade e dos pequenos atores (os anos das presidências de Lula e Dilma, 2002 - 2016) como os Pontos de Cultura, os prêmios de Mídia Livre e de realização de festivais de música, entram o corte de despesas e ações que, a julgar pelo 2º semestre de 2016, prometem menos investimento governamental em políticas culturais.

O segundo aspecto para responder às perguntas feitas acima diz respeito à afirmação da TAR enquanto teoria e método válido para os estudos de jornalismo e comunicação. No processo de entender como se deram as mediações e os papéis de cada um dos actantes nas ações da Mídia Ninja, foi possível repensar a natureza de certas tecnologias e reconhecer como elas *não são* neutras: nem determinam por si só ações humanas, nem estão somente à serviço dessas. São dotadas de agência que, em alguns momentos, podem aparecer e transformar a ação, e em outros podem apenas transportar sem mudar nada, sendo intermediários tão somente. O mesmo vale também para os humanos, que tanto podem reproduzir de forma acrítica aquilo que ouvem, no caso específico do trabalho realizado por jornalistas, quanto podem provocar deslocamentos no processo de tradução da realidade. Ter em conta essa noção de simetria aplicada a ambos é um elemento importante

a se considerar em análises em uma área que, mesmo tomada por *híbridos* como a comunicação, ainda encara muitos atores e práticas como "naturais", sem abrir suas caixas-pretas a partir de investigações empíricas. Sobra, então, recorrer a estruturas prontas e pré-encaixadas que, modeladas, podem gerar qualquer explicação.

No caso do *Telegram*, descrito no Capítulo Sete, é possível perceber sua ação quando ele põe em caixa-preta diversos elementos - de um canal específico de conversa e troca de arquivos até a própria necessidade de um espaço próprio físico para encontros. Aliado a rede Ninja espalhado por diversos lugares do Brasil, vivendo nas casas coletivas ou sendo um ponto da rede apenas durante a cobertura de um determinado evento, o aplicativo é suficiente para uma *articulação* da Mídia Ninja, como relatado por Schulz (2016). Ainda que não tenha conseguido abrir essa caixa-preta em todas as suas partes, o que talvez possa ser realizado em um trabalho posterior, creio que a descrição produzida conseguiu dar conta de, ao menos, mostrar a importância do *Telegram* como *ponto de passagem obrigatório*, elemento sem o qual a Mídia Ninja não realizaria suas ações conforme fez nos momentos analisados - ou as faria de uma forma diferente.

Para além das consequências específicas para os atores envolvidos na ação, a partir desta análise creio ser possível mais uma vez endossar os argumentos apresentados por Lemos (2013), de que sites de redes sociais e aplicativos, por si só, não determinam nada. Como relatei no Capítulo Três, o programa de ação do *TwitCasting* se estabilizou como um conjunto de prescrições que interfeririram em outros actantes, como os integrantes da Mídia Ninja, nos momentos avaliados, mas isso não significa que vão, necessariamente, continuar com essa interferência. Pelo contrário: a partir de março de 2016, o *TwiCasting* praticamente deixaria de ser usado pelo coletivo em prol do *Facebook Live*, que foi (e continua sendo) importante para as narrativas ao vivo das manifestações contrárias ao impeachment da ex-presidente Dilma Roussef, por um lado, e das diversas ações realizadas contra o governo de Michel Temer. A presença do Facebook como cada vez mais o principal (em muitos casos o único) espaço onde as narrativas produzidas pela Ninja são difundidas e ganham repercussão denotam a importância da plataforma, em 2016, para a circulação de informações no mundo contemporâneo. Estudar o Facebook, portanto, continua sendo de fundamental importância para entender como o social está se movimentando hoje, como ele

está emergindo das mais diversas mediações entre humanos e não-humanos (LATOUR, 2012).

8.3. Jornalismo *acontece*, não é dado de partida

A ideia de um jornalista como, *necessariamente*, um mediador privilegiado, que produzirá um relato mais equilibrado de uma dada realidade por estar a trabalhar em um veículo jornalístico tido como profissional ou ter uma formação universitária na área, é fruto de uma concepção de mediação tipicamente moderna. Uma concepção que vê o jornalismo como a síntese do espírito moderno, "a razão (a verdade, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie (MARCONDES FILHO, 2009, p. 17). Ou, como diz Latour: "A leitura diária do jornal é a reza do homem moderno" (LATOUR, 1994a, p.8).

A mediação jornalística derivada dessa perspectiva consiste em produzir notícias o mais próximo possível do fato narrado. Como aponta Benedeti (2009), é um modelo de mediação que emana do papel que a atividade jornalística assume nas sociedades democráticas, traduzido de três formas:

> 1) mediar como distar, no sentido de assumir posição independente do que aborda jornalisticamente; 2) mediar no sentido de repartir em partes iguais, ou seja, não favorecer uma das partes envolvidas; 3) mediar no sentido de transcorrer por dois momentos: do acontecimento para o conhecimento público" (BENEDETI, 2009, p.23).

Nessa concepção, o jornalista, agora começando a ser profissionalizado e treinado nos cursos de ensino superior, torna-se mediador privilegiado, que seleciona aquilo que deve ou não virar notícia, como no caso da abordagem do *gatekeeping*, uma das primeiras tentativas de compreender o processo produtivo e a prática jornalística na literatura acadêmica (TRAQUINA, 2005), proposta inicialmente por David Manning White. Outra abordagem acadêmica sobre o jornalismo dessa época, a dos constrangimentos organizacionais, proposta por Warren Breed, amplia a perspectiva dessa mediação privilegiada para as organizações jornalísticas, ao dizer que elas constrangem e moldam os profissionais à

política editorial da instituição mais do que as crenças pessoais que o jornalista tivesse trazido consigo (TRAQUINA, 2005).

Na segunda metade do século XX, diferentes abordagens sobre mediação jornalística foram trabalhadas no âmbito acadêmico. Desenvolvida a partir das ideias de Berger e Luckmann (2008), a teoria construcionista, por exemplo, perceberá as notícias não como espelhos da realidade, mas construídas em um movimento de reflexividade que reconhece a existência de diferentes mediações no processo jornalístico. Sob essa perspectiva, a mídia em geral, e o jornalismo em particular, construiriam a própria realidade que relatam, sendo perceptível a distinção entre a realidade do acontecimento narrado e o que as empresas jornalísticas relatam como realidade.

Já as teorias interacionistas, propostas por Tuchman (1978) e Moloch e Lester (1974), entre outros, vão complexificar a compreensão da mediação jornalística ao dizer que as notícias resultam de "processos de percepção, seleção e transformação de acontecimentos por profissionais relativamente autônomos, orientados por uma cultura comum, mas sob forte pressão do fator tempo" (ARCE, ALZAMORA e SALGADO, 2014). Aqui, porém, Moloch e Lester (1993) afirmarão que há três tipos de sujeitos em interação (promotores de notícias, jornalistas e consumidores de notícia), sem citar os objetos e a tecnologia como fator de influência na mediação realizada na prática jornalística. Ainda que as abordagens construcionistas e interacionistas reconheçam a existência de diversos elementos na produção da notícia, da linguagem às estruturas organizacionais das empresas jornalísticas, percebe-se como predominante "a posição central do 'eu jornalismo medeio', institucional e deontológico, que instaura até mesmo a forma de o cidadão estar no mundo" (ARCE, ALZAMORA e SALGADO, 2014).

Vale observar aqui que o contexto em que esses estudos citados se desenvolveram, durante a primeira e a segunda metade do século XX, foi o de desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. É um período em que havia enorme dificuldade técnica e financeira para um cidadão comum fazer circular qualquer tipo de informação para um grupo de centenas ou milhares de pessoas. Assim como afirma Benedeti (2009), a mediação jornalística, impulsionada pela posse dos meios tecnológicos de produção, era necessária para dar visibilidade à pluralidade de pontos de vista (BENEDETI, 2009, p.23) .

Com o desenvolvimento e a popularização da internet na década de 1990, esse contexto se altera. A liberação do polo emissor da informação provoca o cruzamento - e o posterior questionamento - da mediação jornalística com outras formas de mediação, no que alguns autores chamam de midiatização[264]. Nesse cenário, passa-se a ter mais condições de questionamento da ideia de mediação tipicamente moderna e purificadora, abrindo caminho para considerar a mediação como um processo híbrido, instável e constituído de diversos elementos estabelecidos em uma rede de significados (LATOUR, 1994b), entendimento que trouxe como a segunda hipótese apresentada no tópico "Procurando uma Entrada" desta tese.

A ação da Mídia Ninja nos momentos analisados nessa investigação me permite endossar a hipótese das mediações múltiplas, híbridas e instáveis em um mundo cada vez mais digital e conectado pela internet. Em 22 de julho de 2013, por exemplo, ao trazer informações do meio da multidão que ajudaram a inocentar um ativista, a Mídia Ninja deu visibilidade a uma pluralidade de pontos de vista, o que outrora era quase exclusividade do jornalismo dito tradicional. Neste momento, ativistas e objetos técnicos formaram uma rede que *performou* uma realidade forte o suficiente para se contrapor à oficial, da Polícia Militar do Rio de Janeiro e inicialmente veiculada no jornalismo dito tradicional, o que agregou aliados diversos e, depois, penetrou as notícias produzidas por alguns desses veículos tradicionais. A narrativa construída foi, em suma, mediadora, fez outros fazerem coisas, produziu diferenças, e mostrou que uma rede (no sentido latouriano) articulada entre pessoas e objetos técnicos, como *smartphones*, *softwares* e a internet, podem vir a produzir *relatos mediadores* da realidade sem necessariamente seus actantes serem jornalistas formados em uma universidade ou trabalharem para veículo dito jornalístico.

Em outros momentos, no entanto, as narrativa da Mídia Ninja foram mais intermediárias que mediadoras, apenas reproduzindo ideias de outros, praticamente não produzindo diferenças que pudessem ser rastreadas. A partir dessas diferenças, acredito não ser possível saber de antemão quem vai ter papel de mediador (ou intermediário) na produção de uma narrativa jornalística. Ocorre que o processo de tradução da realidade a qual o

---

264 A midiatização (FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2012; ARCE, ALZAMORA e SALGADO, 2014) refere-se ao processo de aceleração do atravessamento dos vários campos sociais pelo campo midiático em função do desenvolvimento dos dispositivos tecnológicos.

jornalista se propõe com sua narrativa é um trabalho coletivo, que não pode ser compreendido em sua totalidade sem desconsiderar os outros atores em ação - entre eles, como venho afirmando aqui, os objetos. Nem o jornalista é exterior ao fato que relata, nem o social está dado de antemão, como dizem Arce, Alzamora e Salgado (2014), e somente da análise de cada momento é que podemos perceber os atores agindo, existindo e produzindo diferenças. Jornalismo existe apenas enquanto acontece, e não como uma essência transcendente; *acontece*, não é a dado a priori, como afirmam Primo e Zago (2015). A questão é descobrir quem está importando em dada situação: se a ação decisiva (mediadora) é dos jornalistas, dos objetos técnicos - *softwares* de transmissão como o *TwitCasting* ou plataformas de redes sociais como o Facebook, por exemplo - ou de instituições, como empresas jornalísticas. Jornalista não é (mais) um mediador privilegiado, se é que algum dia o foi.

8.4. A Mídia Ninja é muitas coisas, entre elas jornalismo

A partir desse entendimento, gostaria de enfatizar uma característica das ações da Mídia Ninja e do Fora do Eixo percebida no fluxo de comunicação descrito durante o trabalho: o movimento constante entre diversas ações, objetos, pessoas e identificações no coletivo, e a sua existência a partir desta ação. Para ilustrar essa característica, trago aqui uma situação ocorrida no trabalho de campo, uma saída para a cobertura de uma pauta no Morro dos Prazeres, região central do Rio de Janeiro.

Na manhã do sábado 30 de maio de 2015, Beto havia conversado por telefone com algum morador da comunidade de Santo Amaro, uma das que habitam o Morro dos Prazeres, e estava em frente à Casa Coletiva conversando com Artur sobre a pauta. Eu, Joana e Artur esperávamos no Corsa utilizado como veículo principal na Casa, enquanto Beto subiu na garupa de um mototaxista e pediu para Artur seguir a moto. Fomos atrás, andando a cerca de 60 Km/h nas ladeiras e ruas estreitas de Santa Tereza. "No banco de trás, perguntei para Joana quais os detalhes da pauta; 'nem sei direito', disse ela, enquanto organizava algo na câmera que carregava, junto com uma mochila e um tripé" (DC, 30/05/2015).

Chegamos no Morro dos Prazeres e estacionamos na entrada da comunidade. A partir dali não havia espaço para circulação de carros. Indo na frente, Beto pagou o mototaxista, cumprimentou o que parecia ser um morador da comunidade e o seguiu pelas estreitas vielas de Santo Amaro, típicas de uma favela. Enquanto caminhava, Beto falava rapidamente para mim e Joana que a pauta era um encontro de líderes de comunidades do Rio de Janeiro - Santa Marta, Vidigal, Maré, Rocinha, além de Santo Amaro. Depois de cerca de 10 minutos de caminhada entre ruas estreitas e escadas, chegamos a uma ladeira onde, lá embaixo, em um campo de terra, se enxergavam cerca de 30 moradores sentados em cadeiras de plástico vermelha, organizados em forma de um círculo. Crianças ao redor brincavam e corriam pelo campo. Após a grade que o margeava, a uma altura de cerca de 50 metros, viam-se prédios do centro histórico da cidade.

Ficamos esperando alguns minutos enquanto Joana posicionava a câmera no alto da ladeira e fazia fotos do lugar. Descemos e entramos no campinho, devagar, enquanto a reunião acontecia e muitas pessoas falavam. Atrás do círculo de cadeiras, pendurados em uma grade que dá para o penhasco, havia uma faixa em que se lia "União comunitária". Beto abaixou-se para falar ao ouvido de um dos homens sentados nas cadeiras, líder comunitário de Santo Amaro, enquanto eu e Joana ficamos fora da roda, observando. Beto se juntou a nós e passou a dar instruções de pauta para Joana: "pega esse depoimento aí", disse quando uma líder comunitária, uma "senhora aparentando 60 anos, branca, vestida com calça social, blusa e óculos escuros, de tipo físico diferente do resto da comunidade, em sua maioria negra e vestindo bermuda ou calça jeans, chinelos e camisetas e blusas coloridas" (DC, 30/05/2015), falava sobre outras reuniões em comunidade que havia participado.

A partir da nossa chegada, o homem com o qual Beto falou ao chegar na reunião pediu que todos fizessem uma rodada de apresentação para serem gravados pela câmera de Joana. Ela ajeitou a câmera no tripé e começou a registrar, enquanto Beto, abaixado, posicionava o gravador de áudio no chão, próximo a cada pessoa que se apresentava. Depois da quarta pessoa falando, Joana parou de gravar, e uma menina negra, de cerca cinco anos de idade, se posicionou na frente da câmera perguntando: "tira uma foto minha?", enquanto fazia pose e biquinho para ser fotografada. Joana, atenta à câmera para voltar a pegar os depoimentos, sorriu e disse "depois eu tiro".

Após a rodada de apresentação, os moradores se organizaram para a gravação de outro vídeo, desta vez com um resumo das pautas da reunião para ser mostrado ao prefeito do Rio de Janeiro. Enquanto isso, Joana posicionava a câmera em uma das cadeiras, ladeada pelos demais participantes e tendo como fundo a grade com a faixa "União Comunitária". Ela ligou a câmera e o líder da Santo Amaro começou a falar, dirigindo-se diretamente ao prefeito, sobre a desatenção da prefeitura para algumas demandas das comunidades ali representadas e as promessas não cumpridas de obras, entre elas a do campo onde estávamos, ainda em construção, com tijolos, cercas e areia espalhados na volta. Após a gravação, os adultos que estavam sentados pediram para que as crianças se preparassem para gravar um outro vídeo, conforme haviam ensaiado antes de chegarmos. As crianças se posicionaram ao lado de uma das traves e Joana preparou a câmera com cerca de 40 metros de distância, de modo a mostrar todo o campo. Então as crianças repetiram o que haviam ensaiado, agora voltadas para a câmera de Joana: "Alô prefeito, alô governador, campo zero, cadê a obra?" - o zero indicado como um sinal negativo apontado para baixo.

Depois de gravado o vídeo, um grupo de crianças, com idades de seis a dez anos, chegou para falar com Joana. "Vai passar onde, moça?" Uma delas perguntou - um menino branco, de cabelo descolorido (amarelo), raspado nos lados e mais alto em cima, um visual comum entre várias crianças do grupo, sem camisa, bermuda branca com listras cinza. Joana responde: "Na Mídia Ninja e na Casa Coletiva. Você tem Facebook?", perguntou ela, no que ele respondeu afirmativamente com a cabeça. "Então, procura lá nos nossos canais, também vai estar na página da União Comunitária". Eles confirmaram com a cabeça e correram pelo campinho de terra. Saímos da grade que separava o campo da escada pela qual se descia a ladeira até chegar ali. Ficamos escorados no muro que dá para o penhasco, eu e Joana conversamos rapidamente sobre a bonita vista do local. Alguns minutos depois, Beto chegou. Comentou que estava falando com um dos líderes de comunidade, virou pra mim e disse: "Essa é a nossa diferença, Leo, não é só observação, é ação também, o ação que tá no nome da Ninja" (DC, 30/05/2015). Ele comentava sobre o fato do grupo chegar na comunidade e, além de documentar a reunião e produzir um relato sobre o fato, agir e articular politicamente com a comunidade. Falou também que vão disponibilizar o vídeo para os grupos presentes na reunião compartilharem em suas redes, seja enviando através de e-mail, Facebook ou enviando o link do *YouTube* do vídeo já editado. "Vai ser um vídeo rápido,

um minuto, imagens da comunidade, as falas dos líderes, das crianças, e outros *takes* da reunião, edição rápida[265]" (DC, 30/05/2015).

Esse relato ilustra a ideia de que a Mídia Ninja, principalmente o trabalho dos "Ninjas Originais", relacionados ao Fora do Eixo, não pode ser definido *a priori* como jornalismo, ativismo, articulação política, ensino: tudo vai depender da situação percebida, do movimento realizado. A dificuldade encontrada por muitas pessoas em enquadrar a Mídia Ninja, especialmente a partir de junho de 2013, denota a dificuldade que é de estabelecer qualquer definição prévia sem prestar atenção ao movimento que a rede Ninja está fazendo em determinado momento, sem ver qual a ação realizada e o que nela está importando, pois tudo é misturado e *performado* de acordo com a situação envolvida.

8.5. Mosaico de parcialidades, saberes localizados

Por fim, gostaria de apenas pincelar um aspecto que não tive como me deter durante a realização dessa tese, mas que lanço também como uma proposta de continuidade de pesquisa do trabalho da Mídia Ninja, seja por mim ou por qualquer outro pesquisador. Uma característica determinada pelo conjunto de actantes mobilizados na mediação dos acontecimentos descritos aqui, em especial os de 22 de julho de 2013, é a da não imparcialidade. É visível que a cobertura realizada está ao lado de quem está manifestando e, portanto, é contrária a quem reprime essa ação - em junho e julho de 2013 sobretudo a Polícia Militar. Neste aspecto, a Mídia Ninja segue uma tradição dentro dos estudos de mídia alternativa (HECKETT & GURLEYEN, 2005; ATTON, 2009) que é a de negar a imparcialidade e desafiar o regime de objetividade jornalística, tanto nos seus sentidos normativos quanto epistemológicos (ATTON, 2009, p.272). Como comenta Torturra:

> Todo mundo que estava envolvido nisso, exceto eu, não vem de um background de jornalismo, mas essencialmente de ativismo. Nascemos, antes de mais nada, de um ponto de vista militante. Sempre tivemos consciência disto: não tentar ver a militância como uma antítese da objetividade, e sempre deixando claro, para nós mesmos e para quem vê nosso material, que o nosso posicionamento precisa ser claro e

265 Conforme Beto comentou e me mostrou dois dias depois, o vídeo foi editado e passado diretamente para um grupo no aplicativo *WhatsApp* que reunia integrantes da União Comunitária. Posteriormente, foi publicado na página do grupo no Facebook.

> honesto. A melhor forma da nossa militância não significar uma perda de qualidade jornalística é o fato de que a gente não esconde nada do que aconteceu, mesmo que isso não seja bom para a nossa causa. A não edição, o tempo real, o streaming jogam muito a nosso favor, e o fato de não disfarçarmos [a posição tomada]. (TORTURRA apud LORENZETTI, 2014, *online*)

A prática da Mídia Ninja nos momentos analisados aqui se aproxima da ideia de objetividade encontrada no texto de Donna Haraway, "Saberes Localizados" (1995). A partir de uma perspectiva feminista, que se contrapõe ao ponto de vista masculinista dominante no paradigma moderno de sociedade, ela propõe a ideia de *objetividade localizada*, que diz respeito à corporificação específica e particular e não como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades.

> A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado em torno das imagens da visão, é como se organiza boa parte do discurso científico e filosófico ocidental. Posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitoras (HARAWAY, 1995, p.27).

A concepção de Haraway dialoga com uma fala de Filipe Peçanha logo depois de sua prisão, em 22 de julho de 2013: "A subjetividade assumida cria um amplo leque de possibilidades, de um mosaico de parcialidades que podem ser conectadas em rede para potencializar as interpretações e conclusões dos fatos" (PEÇANHA, 2013d, *online*). Acredito que a atuação da Mídia Ninja, especialmente nas manifestações de junho e julho de 2013, mostrou a possibilidade de um exercício de uma prática que expressa a perspectiva de uma *objetividade localizada*, que se reconhecia como mais um *mosaico de parcialidades*, ao invés de expressar uma única visão que "promete transcendência de todos os limites e responsabilidades" (HARAWAY, 1995, p.27) como a cobertura de veículos jornalísticos tradicionais procurou estabelecer naquela situação. O que resultará desta ideia para o futuro da comunicação e do jornalismo é algo que ainda não temos como saber.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADNEWS. **10 frases do grupo Mídia Ninja no Roda** Viva, 6 de agosto de 2013. Disponível em: http://adnews.com.br/midia/10-frases-do-pessoal-do-midia-ninja-no-roda-viva.html Acesso em: 23 out. 2016

AGEE, James. EVANS, Walker. **Elogiemos os homens ilustres**. São Paulo; Companhia das Letras, 2009.

AGÊNCIA PÚBLICA. **O mapa do jornalismo independente**.2016.Disponível em: http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/#_ Acesso em: 13 mar. 2016

AGUIAR, Dríade. [comentário pessoal] Facebook. 13 de junho de 2013(a). Disponível em: https://www.facebook.com/driade.aguiar/posts/633926706619618 Acesso em: 15 set. 2016

______________. [comentário pessoal] Facebook. 23 de julho de 2013(b). Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=651546558190966&set=a.102851043060523.6148.100000068822427&type=3&theater Acesso em: 15 nov. 2016

______________. [comentário pessoal] Facebook. 13 de agosto de 2013(c). Disponível em: https://www.facebook.com/driade.aguiar/posts/663393210339634 Acesso em: 15 nov. 2016

ALENCAR, Atílio. **Sobre o FdE: "Eu prefiro o viés que disputa essas novas organizações pela esquerda"**. Revista Fórum, 2013. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2013/08/11/sobre-o-fde-eu-prefiro-o-vies-que-disputa-essas-novas-organizacoes-pela-esquerda/ Acesso em: 16 nov. 2016

ALMEIDA, Thiago D'angelo Ribeiro; PAIVA, Claudio Cardoso de. **Midiativismo, redes e espaço público autônomo: as novas mídias na redefinição das relações de poder**. In: BARRETO, Emilia [et al.] Mídia, tecnologia e linguagem jornalística. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014. Disponível em: http://pt.slideshare.net/bimestre/mdia-tecnologia-e-linguagem-jornalstica Acesso em: 15 jun. 2016

ARCE, Tacyana; ALZAMORA, Geane; SALGADO, Thiago Barcelos Pereira. **Mediar, verbo defectivo: contribuições da teoria ator-rede para a conjugação da mediação jornalísticas**. In: Revista Contemporânea, v.12, nº03, set-dez 2014, p.495-511.

ANDERSON, Christopher W. **Breaking journalism down: Work, authority, and networking local news, 1997-2009. 2009**. 328 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Columbia University, Nova York, 2009.

____________________________. BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo pós-industrial:**

adaptação aos novos tempos. Revista de Jornalismo ESPM, n.5, abr./jun. 2013.

______________________; DE MEYER, Juliette. **Objects of journalism and the news**. Journalism, vol. 16 (1), p. 3-9, 2015.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante** (trad. José Fonseca). Porto Alegre; Artmed, 2009.

ARAÚJO, Willian. PIRES DE SÁ, Fernanda. **Facebook's Algorithms and its opaque design of transparency: how followers of the most popular brazilian Tv show perceive their news feed**. Interface Politics: 1st International Conference 2016. Barcelona; Gredits, 2016.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. 3º ed. Buenos Aires; Paidós, 2005.

ATTON, Chris. **Alternative media**. London: SAGE, 2005.

____________. HAMILTON, James F. **Alternative Journalism**. London; Sage, 2008.

____________. **Alternative and citizen journalism** (p.265-282). IN: WAHL-JORGENSEN, Karin. HANITZSCH, Thomas. The Handbook of Journalism Studies. Nova York; Routledge, 2009.

____________. **The routledge companion to alternative and community media**. Nova York; Routledge, 2015.

BELLINI, Taís. [comentário pessoal] Facebook. 8 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.facebook.com/lcbellini/posts/702021409824865 Acesso em: 15 out. 2016

BENEDETI, Carina. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática**. Florianópolis; Insular, 2009.

BENNET, Jane. **Vibrant Matter: a Political Ecology of Things**. Durham: Duke University Press, 2010.

BENTES, Ivana. **Mídia-multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro; Mauad, 2015.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 28.ed. Petrópolis; Vozes, 2008.

BEY, Hakim. **TAZ - Zona Autônoma Temporária**. São Paulo; Conrad (coleção Baderna), 2002.

BRESSANE, Ronaldo. **Guerra dos Memes**. Revista Piauí, ed. 82, julho de 2013. Disponível em: http://piaui.folha.uol.com.br/materia/guerra-dos-memes/ Acesso em: 10 jun.

2015

BRUNS, Axel. **Blogs, Wikipedia, Second Life and Beyond: From Production to Produsage**. New York; Peter Lang, 2008.

CAPILÉ, Pablo. [comentário pessoal] Facebook. 17 junho 2013 (a). Disponível em: https://www.facebook.com/pablocapile/posts/516256611762404 Acesso em: 10 mai. 2016

______________. [comentário pessoal] Facebook. 17 junho 2013 (b). Disponível em: https://www.facebook.com/pablocapile/posts/516261071761958 Acesso em: 10 mai. 2016

______________. [comentário pessoal] Facebook. 23 de junho (c). Disponível em: https://www.facebook.com/pablocapile/posts/518802914841107 Acesso em: 10 mai. de 2016.

CALLON, Michel. **Struggles and Negotiations to define what is Problematic and what is not: the Sociology of Translation**. In: KNORR, K. KROHN, R. WHITLEY, D. (orgs.) The Social Process of Scientific Investigation: Sociology of the Sciences Yearbook. Dordrecht and Boston: Reidel, p. 197-219, 1980.

______________. **Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen of Saint Brieuc Bay**. In LAW, John (org.) Power, Action and Belief: a new Sociology of Knowledge? Sociological Review Monograph. London, Routledge e Kegan Paul, p.196-233, 1986.

_______________. **Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos**. Sociologias no.19 Porto Alegre Jan./Jun 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222008000100013&script=sci_arttext#end02 Acesso em: 18 fev. 2014

_______________.LATOUR, Bruno. **Unscrewing the Big Leviathan: how actors macrostructure reality and how sociologists help them to do so**. In KNORR, K. CICOUREL, A. (orgs.) Advances in Social Theory and Methodology: Toward an Integration of Micro- and Macro-Sociologies. Boston; Routledge e Kegan Paul, p.277-303, 1981.

______________________________. **Don't throw the baby out with the Bath school! A reply to Collins and Yearley**. In PICKERING, A. (ed.) Science as Practice and Culture. The University of Chicago Press, Chicago, Ill., pp.343–68, 1992. Disponível em: http://www.bruno-latour.fr/node/259 Acesso em: 13 jul. 2016

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 12º reimpressão. São Paulo; Paz e Terra, 2009.

CAPILÉ, Pablo. **Uma entrevista com Pablo Capilé do Fora do Eixo**. 2013d. Entrevista concedida a André Forastieri. Disponível em: http://noticias.r7.com/blogs/andre-

forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo/ Acesso em: 8 jul. 2016

CAPRIGILIONE, Laura. **Uma jornalista livre num Brasil em transe**. Entrevista concedida à Carta Maior. 2015. Disponível em: http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Laura-Capriglione-uma-jornalista-livre-num-Brasil-em-transe/12/35113 Acesso em: 14. nov. 2016

CLINIO, Anne. **Mídias táticas no Brasil: dinâmicas de informação e comunicação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2011.

COLEMAN, Gabriella. **Coding freedom: the ethics and aesthetics of hacking**. Woodstock: Princeton University Press, 2013. Disponível em: http://codingfreedom.com/buy_download.html Acesso em: 15 jul. 2013

COULDRY, Nick. **Actor Network Theory and Media: Do They Connect and on What Terms?** In: Connectivity, Networks and Flows: Conceptualizing Contemporary Communications, edited by A. Hepp, F. Krotz, S. Moores, and C. Winter, 93–111. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2008.

CURI, Luciano Marcos. SANTOS, Roberto Carlos dos. **Resenha de Gênese e Desenvolvimento de um fato científico**. Revista Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 287-294, 2011.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnógrafo ou Como ter anthropological blues**. In: Boletim do Museu Nacional, n. 27, Rio de Janeiro: Nova série, 1978, p. 1-12.

DOMÈNECH, M. TIRADO, F. X. **Claves para la lectura te textos simétricos**. In: DOMÈNECH, M. & TIRADO, F. X. (orgs.). Sociología simétrica: ensayos sobre ciencia, tecnologia y sociedad. Barcelona: Gedisa, p.13-50, 1998.

DOWBOR, Ladislau. **Redes Culturais: Desafio à Velha Indústria da Cultura**. 2013. Disponível em: http://dowbor.org/2013/09/ladislau-dowbor-redes-culturais-desafio-a-velha-industria-da-cultura-setembro-20136p.html/ Acesso em: 11 dez. 2016

DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo; Senac Editora, 2002.

FELINTO, Erick. **Meio, Mediação, Agência: a descoberta dos objetos em Walter Benjamin e Bruno Latour**. E-Compós, Brasília, v. 16, p. 1-15, 2013.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro; Francisco Alves Editora, 1977.

FIRMINO DA SILVA, Fernando. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. Tese de

doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e culturas contemporâneas). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2013.

________________________; RODRIGUES, Adriana Alves. **Jornalismo em mobilidade: redes sociais e cobertura de protestos "ao vivo" e da rua**. In: BARRETO, Emilia [et al.]. Mídia, tecnologia e linguagem jornalística. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014.

FRANCISCATTO, Carlos. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Aracaju; Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte; Fabrefactum, 2010.

FOLETTO, Leonardo. **O blog jornalístico: definição e características na blogosfera brasileira**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.

_______________. **Midia tática e cultura hacker: aproximações no contexto brasileiro**. Anais do II Congresso Internacional de Net-Ativismo, São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.netactivism.net/anais2015/GT3/Foletto-Midia-Tatica-CulturaHacker.pdf Acesso em: 13 dez. 2016

FONSECA, André. **VIDA FORA DO EIXO**: Uma visão crítica sem rancores ou deslumbres da rede de coletivos por trás do Grito Rock e da Mídia Ninja. Disponível em: http://depredando.tumblr.com/post/57933221869 Acesso em: 15 jun. 2016

FORA DO EIXO. **Glossário Fora do Eixês** (2011a). Disponível em: http://foradoeixo.org.br/glossario-fora-do-eixes/. Acesso em: 15 set. 2016

_________________. **Universidade** (2011b). Disponível em: http://foradoeixo.org.br/simulacros/universidade/ Acesso em: 12 set. 2016

_________________. **Aberto o ano letivo da Universidade Livre do Fora do Eixo**. 2014. Disponível em: http://foradoeixo.org.br/2014/03/10/aberto-o-ano-letivo-da-universidade-livre-fora-do-eixo/ Acesso em: 12. out. 2016

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987

GILLMOR, Dan. **We the Media**: Grassroots Journalism: By the People for the People. Sebastopol; O'Reilly Press, 2004.

GUIMARÃES, Lara. **Uma Invenção de Jornalismo: ninjas, xamãs e outras**

perspectivas. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro) UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. PFEIFFER, Karl Ludwig. **Materialities of Communication**. Stanford; Stanford University Press, 1994.

HACKETT, Robert A; GURLEYEN, Pinar. **Beyond the binaries? Alternative media and objective journalism** (p.54 - 66). IN: ATTON, Chris (org.). The Routledge Companion to Alternative and Community Media. Nova York; Routledge, 2015.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. trad. Mariza Côrrea. IN: *Cadernos Pagu (5),* 1995, p. 07-41.

HEMMINGWAY, Emma. **Into the Newsroom: Exploring the Digital Production of Regional Television News**. London: Routledge, 2007.

HIMANEN, Pekka. **La ética del hacker y el espírito de la era de la información**. Tradução de Ferran Meler Ortí. Barcelona: Destino, 2002.

HOLANDA, André. **Traduzindo o jornalismo para tablets com a Teoria Ator-Rede**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e culturas contemporâneas). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2014.

_______________. **Glossário de Teoria Ator-Rede**. 2016. Disponível em: https://andreholanda.wordpress.com/2016/09/26/glossario-de-teoria-ator-rede/ Acesso em: 10 nov. 2016

KENIX, Linda J. **Commercialism and the deconstruction of alternative and mainstream media** . IN: ATTON, Chris (org.) The routledge companion to alternative and community media. Nova York; Routledge, 2015.

KITCHIN, R.; DODGE, M. **Code/space: software and everyday life**. Cambridge, MA: MITPress, 2011.

KUCINSKY, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. São Paulo; EDUSP, 2003.

KUHN,Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo; Perspectiva, 2013.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2004.

LANGLOIS, A. DUBOIS, F. **Autonomous Media: Activating Resistance and Dissent**. Montreal; Cumulus Press, 2005.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro;

Editora 34, 1994(a).

_____________. **On Technical Mediation**. Common Knowledge, Vol. 3 n. 2, p. 29-64, 1994(b).

_____________; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

_____________. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo; Editora UNESP, 2000.

_____________. **Um coletivo de humanos e não-humanos. No Labirinto de Dédalo** (p.201- 246. IN: LATOUR, Bruno. A esperança de Pandora. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru; EDUSC, 2001.

_____________. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru; Edufba/Edusc, 2012.

LAW, John. **On the Methods of Long Distance Control: Vessels, Navigation and the Portuguese Route to India**. In J. Law (Ed.) Power, Action and Belief: a new Sociology of Knowledge? Sociological Review Monograph. London, Routledge e Kegan Paul. 32: 234-263, 1986.

__________. **Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. Systems Practice, 5, 379-93, 1992. Disponível em: http://heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf Acesso em: 10 jun. 2016

___________. **After ANT: Topology, Naming and Complexity**. In: LAW, John. HASSARD, John. (orgs.) Actor Network Theory and After. Oxford; Blackwell e the Sociological Review: 1-14, 1999.

__________. **After Method: mess in social science research**. New York: Routledge, 2004.

LE CAM, Florence. **Photographs of newsrooms: From the printing house to open space offices**. Analyzing the transformation of workspaces and information production. Journalism, vol. 16 (1), p. 134-152, 2015.

LEMOS, André. **Ciber-Cultura Remix** (2005). Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf Acesso em: 10 jun. 2016

________________. **A comunicação das coisas: Teoria Ator-Rede e Cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

________________. **A crítica da crítica essencialista da cibercultura**. Matrizes, v.9, nº1; São Paulo, jan/jun 2015.

________________. **Contra a crítica abstrata**. Tréplica a Francisco Rüdiger. Matrizes, v.10, nº1; São Paulo, jan/jun 2016.

LENZA, Lenissa. **Grupo cria moeda alternativa para a cultura** (2008). Entrevista concedida a Iuri Rubim. Disponível em: http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2008/03/25/grupo-cria-moeda-alternativa-para-a-cultura/ Acesso em: 15 jun. 2016

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo; Editora 34, 1999.

LEVY, Steven. ***Hackers: Heroes of the computer revolution***. New York, Penguin Books, 2001.

LIPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis; Vozes, 2012.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Jornalismo Século XXI: O modelo #MídiaNINJA**. E-book; E-Galaxia, 2014, *online*.

LOVINK, Geert. GARCIA, David. **O ABC da Mídia Tática**. Trad. Ricardo Rosas (2003). Disponível em: http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/03/249849.shtml. Acesso em: 15 ago. 2016

LOWREY, Wilson. **Mapping the journalism-blogging relationship**. In: Journalism, vol. 7 no4, 2006. Disponível em: http://jou.sagepub.com/cgi/reprint/7/4/477 Acesso em: 3 dez. 2015

LUDD, Nedd (org). **Urgência das Ruas: Black blocs, Reclaim The Streets e os dias de Ação Global**. São Paulo; Conrad (coleção Baderna), 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MACHADO, Elias. **La Estructura de la noticia em las redes digitales**. Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo. Tese (Doutorado em Jornalismo. Departamento de Periodismo y Ciencias de la Comunicación de la Univesidad Autónoma de Barcelona, 2000.

______________. **As transformações do Jornalismo como instituição nas sociedades complexas no capitalismo contemporâneo**. Anais do II Simpósio Internacional de de Jornalismo em ambientes multiplataformas, ESPM, Sâo Paulo, 2016.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

______________. **Software Takes Command**. 2008. Disponível em:

http://softwarestudies.com/softbook/manovich_softbook_11_20_2008.pdf Acesso em: 3. Jun. 2015

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo; Paulus, 2009.

MEDISTSCH, Eduardo. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis; Editora da UFSC, 1992.

MICÓ, Josep Luis; MASIP, Pere; DOMINGO, David. **To wish impossible things: Convergence as a process of diffusion of innovations in an actor-network**. International Communication Gazette 75: p.118–137. 2013.

MÍDIA NINJA. **Facebook**. 27 de março de 2013 (a). Disponível em: https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/164308703727283/?type=3 Acesso em: 8 mai. 2016

_____________. **Facebook**. 17 junho de 2013 (b). Disponível em: https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/194770867347733 Acesso em: 8 mai. 2016

_____________. **Facebook**. 17 junho de 2013 (c). Disponível em: https://www.facebook.com/MidiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/194793694012117/?type=3&theater Acesso em: 8 mai. 2016

_____________. **Facebook**. 17 junho de 2013 (d). Disponível em: https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/194824604009026/?type=3&theater Acesso em: 7 mai. 2016

_____________. **Facebook**. 23 junho de 2013 (e). Disponível em: https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/196688297155990 Acesso em: 7 mai. 2016

_____________. **Facebook**. 22 junho de 2013 (f). Disponível em: https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/206292599528893 Acesso em: 7 mai. 2016

_____________. **Transmissão ao vivo 22 de julho de 2013: Vídeo 1** (g). Disponível em: http://twitcasting.tv/midianinja/movie/15934893 Acesso em: 13 de jun. 2015

_____________. **Transmissão ao vivo 22 de julho de 2013: Vídeo 7** (h). Disponível em: http://twitcasting.tv/midianinja/movie/15934893 Acesso em: 13 de jun. 2015

______________. **Quem somos**. 2014 (a). Disponível em: https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about Acesso em: 15 jan. 2015

______________. **Perguntas Frequentes**. 2014 (b). Disponível em https://ninja.oximity.com/partner/ninja/faq Acesso em: 15 fev. 2016

______________. **Mídia NINJA ultrapassa Veja, Folha, Estadão e O Globo em engajamento no Facebook**. 2016. Disponível em: https://ninja.oximity.com/article/M%C3%ADdia-NINJA-ultrapassa-Veja-Folha-1 Acesso em: 14. set. 2016

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 244 p. Tese de outorado (Programa de Comunicação e Culturas Contemporâneas). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MILAN, Stefania. **When algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting**. In: Social Media + Society, v.2 jul. a dez. 2015. Londres; Sage, 2015.

_______________. **Social movements and their echnologies**. Wiring Social Change. London; Palgrave MacMillan, 2013. Disponível em: https://stefaniamilan.net/book Acesso em: 8 nov. 2016.

MOBILIZA CULTURA. **Reunião do Mobiliza Cultura** (2011). Disponível em: http://pontosdecultura.org.br/noticias/reuniao-do--mobiliza-cultura/ Acesso em 15. jun. 2015

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**. In: TRAQUINA, Nelson (org.) Jornalismo: Questões, teorias, estórias. Lisboa; Vega, 1993.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Porto; Porto Editora, 2015.

OSÓRIO, Moreno. **Jornalismo e Teoria Ator-Rede: possibilidades e limites do princípio da simetria a partir da verificação digital**. IN: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **D@niel na cova dos leões: Mídia Ninja no programa Roda Viva**. In: BARRETO, Emilia [et al.]. Mídia, tecnologia e linguagem jornalística. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8415431/Jornalismo_em_mobilidade_redes_sociais_e_cobertura_de_protestos_ao_vivo_e_da_rua Acesso em: 10. jun. 2016

PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias. **O Ensino de Jornalismo em Redes de Alta Velocidade**. Metodologias e Softwares. 1a. ed. Salvador; EDUFBA, 2007

PARK, Robert E. **A notícia como uma forma de conhecimento**. IN: STEINBERG, Charles. Meios de Comunicação de Massa. São Paulo; Cultrix, 1972.

PASSA PALAVRA. **Oximity e NINJA: quando 'mídia independente' vira negócio**. 2014. Disponível em: http://www.passapalavra.info/2014/11/100916 Acesso em: 15. nov. 2016

PATERSON, Chris. DOMINGO, David (orgs.). **Making Online News - the ethnography of**

new media production. New York: Peter Lang, 2008.

PEÇANHA, Felipe. [comentário pessoal] Facebook. 13 de fevereiro de 2013 (a). Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=423798817698023&set=a.189956864415554.46621.100002037248022&type=3&theater Acesso em: 10 jun. 2016

_______________. [comentário pessoal] Facebook. 3 de setembro de 2013 (b) Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=508605215884049&set=a.189956864415554.46621.100002037248022&type=3 Acesso em: 23 jun. 2016

PLESNER, Ursula. **An Actor-Network Perspective on Changing Work Practices: Communication Technologies as Actants in Newswork**. Journalism 10 (5): 604–626, 2009.

PRADO, Cláudio. **Mídia Ninja: o jornalismo de ideia na cabeça e câmera na mão**. Entrevista concedida ao Jornal do Comércio, 4/8/2013. Disponível em: http://bit.ly/2kxEJAV Acesso: 3 de nov. 2016

PRIMO, Alex. ZAGO, Gabriela. **Who and what do journalism? An actor-network perspective**. In: Digital Journalism, 2015; vol.3, nº1, p.38-52. London; Routledge, 2015.

RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**. São Paulo; Publisher, 2012.

REGINATTO, Gisele. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

RODGERS, Scott. **Foreign objects? Web content mangament systems, journalistic cultures and the ontology of software**. Journalism, vol. 16 (1), p. 10-26, 2015.

RODRIGUEZ, Clemencia. **Fissures in the mediascape: An international study of citizens' media**. Cresskill, New York: Hampton Press, 2000.

ROSEN, Jay. **The People Formerly Known as the Audience**. 2006. Disponível em http://archive.pressthink.org/2006/06/27/ppl_frmr.html Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

SAVAZONI, Rodrigo. O**s Novos Bárbaros - a aventura política do Fora do Eixo**. Rio de Janeiro; Aeroplano, 2014.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. Basic Books, 1978.

SCHEFFER, Lothar. SCHNELLE, Thomas. **Fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência**. IN: FLECK, Ludwik. Gênese e desenvolvimento de um fato científico. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte; Fabrefactum, 2010.

SCHENEIDER, Nathália. **Nas redes e nas ruas: vida coletiva, o Fora do Eixo e a Mídia Ninja**. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015.

SECCO, Lincoln. **As Jornadas de Junho**. IN: Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil. São Paulo; Boitempo, 2013.

SEIGNER, Beatriz. [comentário pessoal] Facebook. 7 de agosto de 2013. Disponível em https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254 Acesso em: 15 out. 2016

SERRES, Michel. **La Traducción** (Hermès III) (1980). Madrid; Debate, 1980.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. In: Revista da Universidade de São Paulo. Dossiê Cibercultura. (p.14 – 27) Jun./jul./ago. 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são** - vol.1 Florianópolis; Insular, 2005.

TRÄSEL, Marcelo. **Toda Resistência é Fútil: o jornalismo, da Inteligência coletiva à inteligência artificial**. IN: PRIMO, Alex (org.) Interações em rede. Porto Alegre; Sulina, 2013 .

TORTURRA, Bruno. **Ministério da cultura**. Revista Trip, maio de 2011. Disponível em: http://revistatrip.uol.com.br/trip/ministerio-da-cultura Acesso em: 10 dez. 2015

________________. [comentário pessoal] Facebook. 10 junho 2013 (a). Disponível em: https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201209388702558 Acesso em: 12 fev. 2016

________________. [comentário pessoal] Facebook. 17 junho 2013 (b). Disponível em: https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201260471779603 Acesso em: 10 mai. 2016

________________. [comentário pessoal] Facebook. 18 junho 2013 (c). Disponível em: https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201267724240910 Acesso em: 8 mai. 2016

________________. [comentário pessoal] Facebook. 18 junho 2013 (d). Disponível em: https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201271218048253 Acesso em: 9 mai. 2016

________________. ***O Ficaralho***. 2013 (e). Disponível em: http://desacato.info/leitura-

critica/o-ficaralho/ Acesso em: 4 ago. 2015

_______________. **Olho da Rua**. Revista Piauí, ed. 87, dezembro de 2013 (f). Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/olho-da-rua/ Acesso em: 14. fev. 2014

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la notícia: estudio sobre la construcción de la realidad**. México: Ediciones G. Gili S. A., 1983. [Título original: Making news – a study in the construction of reality, 1978].

TURNER, Fred. **Actor-networking the news**. Social Epistemology 19(4): 321–324, 2005. Disponível em: http://web.stanford.edu/~fturner/Turner%20Actor%20Networking%20The%20News.pdf Acesso em: 10 jun. 2015

VELOSO, Caetano. **Slogans**. O Globo, 21 de julho de 2013. Disponível em: http://oglobo.globo.com/cultura/slogans-9110915 Acesso em: 23 jun. 2015

VENTURINI, Tommaso. **Diving in Magma: How to Explore controversies with Actor-Network Theory**. Public Understading of Science. V. 19 (3), 2009. Disponível em: http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2011/08/DivingInMagma.pdf Acesso em: 13. jan. 2015

___________________. **Building on faults: how to represent controversies with digital methods**. Public Understanding of Science, V. 20 (1). 2010. Disponível em http://www.medialab.sciences-po.fr/publications/Venturini-Building_on_Faults.pdf Acesso em: 13 jan. 2015

VILELA, Rafael. [comentário pessoal] Facebook. 8 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.facebook.com/piravilela/posts/684090298272627 Acesso em: 15 out. 2016

____________. [comentário pessoal] Facebook. 9 de março de 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1017254281622892&set=a.191221387559523.57058.100000149907392&type=3 Acesso em: 30 de nov. 2016

WEISS, Amy. DOMINGO, David. **Innovation processes in online newsrooms as actor-networks and communities of practice**. New Media & Society 12(7): p.1156–1171, 2010.

ZANETTI, Daniela. **As imagens da mobilidade: o streaming e a estética da transmissão ao vivo pela Internet**. Anais do II Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), Curitiba, 2013. Disponível em: http://docplayer.com.br/6173266-As-imagens-da-mobilidade-o-streaming-e-a-estetica-da-transmissao-ao-vivo-pela-internet-1.html Acesso em: 13 jun. 2016

ZAMIN, Angela. **Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão**. Revista Famecos, v. 21, nº3, 2014.

Entrevistas

AZEVEDO, Agatha S. Entrevista concedida à Leonardo Foletto, 16 de setembro de 2016.

DEZAN, Thiago. Entrevista concedida à Leonardo Foletto, 24 de agosto de 2016.

GALVÃO, Raíssa. Entrevista concedida à Leonardo Foletto, 15 de setembro de 2016.

SCHULZ, Cláudia. Entrevista concedida à Leonardo Foletto, 15 de agosto de 2016.

TORTURRA, Bruno. Entrevista concedida à Leonardo Foletto, 15 de fevereiro de 2016.

VILELA, Rafael. Entrevista concedida à Leonardo Foletto, 16 de fevereiro de 2016.

10. ANEXO 1: TERMOS DE CONSENTIMENTOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - 1º etapa

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre a relação da tecnologia com a mídia alternativa e o jornalismo, a partir das práticas e da convivência dos participantes da Mídia Ninja. As atividades de pesquisa ocorrerão através da observação participante do pesquisador, no cotidiano do grupo e em atividades externas, entre maio e junho de 2015.

Mediante seu consentimento e autorização, o pesquisador observará as práticas coletivas e individuais de trabalho relacionado a Mídia Ninja, bem como a relação com os objetos técnicos, *softwares* e o trabalho de cobertura de acontecimentos e eventos e organização interna dos fluxos de trabalho da rede a qual Mídia Ninja faz parte. Haverá registros via fotografias e anotações e também entrevistas informais, no cotidiano dos encontros. Todas as informações coletadas serão utilizadas apenas para fins científicos e sua identidade será preservada. Sua participação é voluntária, você poderá interrompê-la a qualquer momento ou não aceitá-la.

O pesquisador do projeto é o doutorando Leonardo Feltrin Foletto, estudante do doutorado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM), da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que está sob orientação da prof. Dra Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca.

Eu, ____ , aceito participar da pesquisa sobre a relação da tecnologia com a mídia alternativa e o jornalismo no âmbito da Mídia Ninja.

____

Assinatura

Data: __/____/____

____

Assinatura do pesquisador

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - 2º etapa

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre a relação da tecnologia com o midiativismo e o jornalismo, a partir das práticas e da convivência dos participantes da Mídia Ninja. As atividades de pesquisa ocorrerão através da observação participante do pesquisador, no cotidiano do grupo e em atividades externas, em fevereiro de 2016.

Mediante seu consentimento e autorização, o pesquisador observará as práticas coletivas e individuais de trabalho relacionado a Mídia Ninja, bem como a relação com os objetos técnicos, *softwares* e o trabalho de cobertura de acontecimentos e eventos e organização interna dos fluxos de trabalho da rede a qual Mídia Ninja faz parte. Haverá registros via fotografias e anotações e também entrevistas informais, no cotidiano dos encontros. Todas as informações coletadas serão utilizadas apenas para fins científicos e sua identidade será preservada. Sua participação é voluntária, você poderá interrompê-la a qualquer momento ou não aceitá-la.

O pesquisador do projeto é o doutorando Leonardo Feltrin Foletto, estudante do doutorado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM), da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que está sob orientação da prof. Dra Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca.

Eu, ____ , aceito participar da pesquisa sobre a relação da tecnologia com a mídia alternativa e o jornalismo no âmbito da Mídia Ninja.

____
Assinatura

Data: __/____/____

____

Assinatura do pesquisador